

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
PUC-SP**

**Marta Reyes Gil Passos**

**POVO, MASSAS E MULTIDÕES NOS CONTRATOS  
DE COMUNICAÇÃO DO JORNAL *ÚLTIMA HORA***

**DOUTORADO EM COMUNICAÇÃO E  
SEMIÓTICA**

**SÃO PAULO**

**2009**

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO**

**PUC-SP**

**Setor de Pós-Graduação**

**Marta Reyes Gil Passos**

**POVO, MASSAS E MULTIDÕES NOS CONTRATOS  
DE COMUNICAÇÃO DO JORNAL *ÚLTIMA HORA***

**DOUTORADO EM COMUNICAÇÃO E  
SEMIÓTICA**

Tese apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Doutor em Comunicação e Semiótica, sob a orientação do Prof. Doutor José Luiz Aidar Prado.

**SÃO PAULO**

**2009**

**Banca Examinadora**

---

---

---

---

---

A meu querido marido Hildo Corti Passos, cujo apoio foi fundamental durante toda minha trajetória.

## Agradecimentos

A meu orientador, Prof. Dr. José Luiz Aidar Prado, pela paciência e dedicação.

Aos professores doutores do COS (PUC-SP) Ana Claudia Mei Alves de Oliveira, Arlindo Machado, Cecilia Almeida Salles, José Amálio de Branco Pinheiro, José Luiz Aidar Prado, Lucrécia D'Alessio Ferrara, Oscar Angel Cesarotto que me proporcionaram subsídios, ampliando meu conhecimento.

Aos funcionários do programa de Pós-Graduação, especialmente a Cida, que muito me auxiliaram nas questões burocráticas.

À PUC-SP, que me proporcionou as condições necessárias para que meu projeto se concretizasse.

Ao Arquivo do Estado e seus funcionários, especialmente Aparecido Oliveira da Silva, que facilitaram o levantamento de dados para minha pesquisa.

À Biblioteca Mario de Andrade e ao Banco de Dados de São Paulo Ltda. (Empresa do Grupo *Folha*), que proporcionaram muitos subsídios para a realização desta pesquisa.

A todos aqueles que, direta ou indiretamente, colaboraram para que este trabalho se tornasse realidade.

**Marta Reyes Gil Passos**

**POVO, MASSAS E MULTIDÕES NOS CONTRATOS DE COMUNICAÇÃO DO  
JORNAL *ÚLTIMA HORA***

**RESUMO**

Esta pesquisa examina o projeto figurativo e temático do jornal *Última Hora* no início da década de 1950, circunscrito à construção da visibilidade do povo, das massas e das multidões na espacialidade visual/verbal e ao funcionamento do contrato de comunicação entre enunciador e enunciatário. No periódico foram examinadas edições contendo fatos que reuniram multidões, como a greve dos 300 mil em São Paulo, a seção *Tendinha de Reclamações* e as edições dos dias posteriores ao suicídio de Getúlio Vargas, com a finalidade de entender o contrato de comunicação no ambiente do governo populista. A metodologia analítica envolve análise discursiva de textos. O jornal *Última Hora* constituiu um marco na história da imprensa brasileira; outros jornais analisados a título de comparação, como os do grupo *Folhas* e *O Estado de S. Paulo*, adotavam outros modos de construção destes temas em um contrato de comunicação que privilegiava um enunciatário mais interessado nas questões internacionais e menos nas reivindicações operárias nacionais. Formulamos, em decorrência dos temas examinados, a seguinte problemática: como e em que grau o jornal *Última Hora*, ao construir outra visualidade das massas, propôs novos contratos de comunicação diferenciados dos jornais da época? O *corpus* é constituído pelo jornal *Última Hora*, sucursal de São Paulo, envolvendo especialmente as capas das diversas seções e páginas ou contra-capas com temáticas específicas, recortadas temporalmente entre 1952, ano de fundação da sucursal, e 1955. Foi selecionado este percurso temporal porque, especialmente de 1952 a 1954, as mobilizações populares estiveram bastante presentes no jornal. Para esta pesquisa, tomamos os seguintes procedimentos metodológicos: levantamento de amostragens de páginas dos jornais propostos, pesquisa bibliográfica e eletrônica, exame das reportagens, fundamentando o estudo em autores da comunicação e da historiografia sociológica, como Patrick Charaudeau, Elias Canetti, Boris Fausto, Octavio Ianni, Jorge Ferreira, Maria Celina D'Araujo, entre outros. Esta pesquisa busca compreender os processos de conexão entre ambiência política, o poder público e o povo através da comunicação em veículos midiáticos. Palavras-chave: *Última Hora*, populismo, multidões, contrato de comunicação, jornais dos anos 50, análise de discurso.

Marta Reyes Gil Passos

PEOPLE, CROWDS AND MULTITUDES IN THE COMMUNICATION  
CONTRACTS OF *ÚLTIMA HORA* NEWSPAPER

*ABSTRACT*

This research examines the figurative and thematic project of *Última Hora* newspaper in the early 1950s, circumscribed to the construction of the people's, crowds' and multitudes' visibility within the visual/verbal spaciality and to the operation of the communication contract between enunciator and enunciatee. In this newspaper, we examined editions containing facts that gathered multitudes, such as the 300 thousand strike in São Paulo, the section called *Tendinha de Reclamações* (Stand for complaints) and the editions after Getulio Vargas' suicide with a view to understanding the communication contract in the context of a populist government. The analytical methodology involves discursive analysis of visual and written texts. *Última Hora* newspaper became a landmark in the Brazilian press history; other newspapers analysed for comparison, such as the ones that belong to the *Folhas* corporation and *O Estado de S. Paulo*, adopted other ways to construct such themes in a communication contract which prioritized an enunciatee more interested in international issues rather than Brazilian workers' claims. In view of the themes examined, we stated the following problem: how and to what extent *Última Hora* newspaper, while constructing another visuality for the crowds, proposed new communication contracts different from the newspapers at the time? The subject is *Última Hora* newspaper, São Paulo branch, especially involving the covers of several sections, as well as pages or backcovers with specific topics, time-limited between 1952, the year of the branch foundation, and 1955. Such period of time was selected because, mainly from 1952 to 1954, the mass manifestations were very much present in the newspaper contents. For this research, we used the following methodological procedures: a survey on the pages of the proposed newspapers, bibliographical and internet research, detailed examination of news reports, founding the study on authors from the communication and social history areas, such as Patrick Charaudeau, Elias Canetti, Boris Fausto, Octavio Ianni, Jorge Ferreira, Maria Celina D'Araujo, among others. This research seeks to understand the connecting processes between the political context, the public power and the people by means of the communication on media vehicles.

Key words: *Última Hora*, populism, multitudes, communication contract, newspapers of the 1950s, analysis of discourse.



## SUMÁRIO

	Página
Introdução	9
Capítulo 1 – Povo e Massa na Era Vargas	34
1.1 As massas no primeiro governo Vargas	35
1.2 O populismo na política brasileira	58
Capítulo 2 – Povo, Massa e Multidões na <i>Última Hora</i>	70
Capítulo 3 – <i>Tendinha de Reclamações</i>	112
3.1 Contrato de Comunicação	116
3.2 <i>Tendinha de Reclamações</i> - Análises	119
Capítulo 4 – Da <i>Tendinha</i> ao Suicídio	154
5. Considerações finais	197
6. Referências bibliográficas	207
6.1 Fontes primárias	207
6.2 Bibliografia	207
6.3 Páginas da <i>Web</i>	214
6.4 Fontes das imagens	218
7. Anexo	223
7.1 A visualidade dos jornais <i>Última Hora</i> , <i>Folha da Noite</i> , <i>Folha da Tarde</i> , <i>Folha da Manhã</i> e <i>O Estado de S. Paulo</i>	223
7.1.1 <i>Última Hora</i>	223
7.1.2 <i>Folha da Noite</i>	224
7.1.3 <i>Folha da Tarde</i>	231
7.1.4 <i>Folha da Manhã</i>	235
7.1.5 <i>O Estado de S. Paulo</i>	237
7.2 Síntese das figuras e temas presentes nos jornais <i>Última Hora</i> , <i>Folha da Noite</i> , <i>Folha da Tarde</i> , <i>Folha da Manhã</i> e <i>O Estado de S. Paulo</i>	240

## INTRODUÇÃO

A relevância do estudo do jornal *Última Hora* está na consideração desse periódico como marco das muitas mudanças temáticas e figurativas que seriam introduzidas no jornalismo a partir dos anos 1950 e que se consolidaram desde então no quadro da mídia impressa em nosso país.

A história da *Última Hora*<sup>1</sup> praticamente iniciou quando Samuel Wainer, que trabalhava para os *Diários Associados*, de Assis Chateaubriand, recebeu a incumbência, no início de 1949, de providenciar uma reportagem sobre o trigo no Rio Grande do Sul. Wainer decidiu, por conta própria, entrevistar Getúlio Vargas em sua fazenda em São Borja, em seu aparente ostracismo político. Suas declarações na reportagem de 3 de março de 1949, "O Debate da sucessão Presidencial Não Poderá Ser Mais Contido", publicada em *O Jornal*, dos *Diários Associados*, repercutiram amplamente nas diversas camadas da população brasileira, e lançaram as bases para decolagem da candidatura que culminaria com sua eleição em 1950. A seguir, alguns trechos da reportagem<sup>2</sup>:

O Sr. Getúlio Vargas estará de volta ao Rio dentro de dois ou no máximo três meses. Assumirá então - em face do problema da sucessão presidencial e outros problemas nacionais - a posição que lhe impõe sua indiscutível liderança de um dos três maiores partidos legais brasileiros. (...) Com efeito, ao apertar pela última vez as mãos do seu inesperado visitante jornalístico, o Sr. Getúlio Vargas, respondendo a uma de suas perguntas mais insistentes, disse textualmente: "Pode publicar que voltarei para o Rio em abril, ou no máximo em maio próximo." (...) Disse-lhe o quanto aparentemente havia crescido seu prestígio popular no País e a esse propósito recordei uma recente declaração do Sr. Paulo Bitencourt, diretor do *Correio da Manhã*, na qual dissera que "as candidaturas do Brigadeiro, assim como a do Sr. Getúlio Vargas, estavam acima das contingências partidárias, eram imposições da opinião pública". O Sr. Vargas deteve-se alguns minutos em profunda meditação e respondeu: "Sim, com efeito, ele tem razão. Eu não sou propriamente um líder político. Sou, isto sim, um líder de massas." (...) "Infelizmente o povo se desacostumou de acreditar nos políticos. Os trabalhadores do Brasil acreditam em mim porque procurei lhes fazer justiça quando não precisava deles para fins políticos, porque sempre estive a seu lado." (BRANDÃO, 1973, p. 133-140)

Getúlio Vargas, esse auto-pronunciado líder de massas, foi eleito com 3.849.040 votos, o que correspondia a 48,7% do total; o Brigadeiro Eduardo Gomes ficou com

<sup>1</sup> Nesta tese, certas expressões consagradas pelo uso foram mantidas. Por exemplo, "a *Última Hora*" em lugar de "o (jornal) *Última Hora*".

<sup>2</sup> Mantivemos a ortografia, a acentuação e a pontuação originais nas citações e nas reproduções de textos verbais dos periódicos.

29,6%, Cristiano Machado com 21,5%, e João Mangabeira teve menos de 10.000 votos (RIBEIRO, 2001A, p.58).

O isolamento imposto ao governo Vargas pela grande imprensa e os embates das oposições, como veremos mais demoradamente nos próximos capítulos, ficaram explícitos desde o dia de sua posse. Segundo a tradição, os presidentes eleitos subiam a serra para Petrópolis e acomodavam-se, durante o verão, no Palácio Rio Negro. Samuel Wainer (2001) relata o isolamento que a imprensa decidira provocar na primeira reunião do ministério do novo governo Getúlio Vargas, no dia 2 de fevereiro de 1951:

Ao chegar ao Palácio, constatei, espantado, que além de mim só um repórter da Agência Nacional subira a serra. Percebi que a imprensa decidira fechar o cerco a Getúlio Vargas através da conspiração do silêncio (WAINER, 2001, p. 126).

O presidente eleito Getúlio Vargas, percebendo que não era contemplado pela parte majoritária da imprensa da época, especialmente no Rio de Janeiro e São Paulo, sugeriu a Wainer que fundasse um jornal com características populares:

- Por que tu não fazes um jornal?  
 Respondi que aquele era o sonho de um repórter com o meu passado. Ponderei que não seria difícil articular a montagem de uma publicação que defendesse o pensamento de um presidente que, como era o seu caso, tinha o perfil de um autêntico líder popular.  
 - Então, faça – determinou Getúlio (WAINER, 2001, p. 127).

Em seu livro de memórias, enquanto Wainer (2001) relata o processo de criação do jornal, identificando suas temáticas preponderantes:

Estava evidente que *Última Hora* seria um jornal marcadamente político e favorável a Getúlio, embora sempre pronto a criticar membros do governo. Decidi que teríamos muitos colunistas e abordaríamos assuntos habitualmente desprezados pela imprensa – esporte e polícia, por exemplo. Mas não havia uma receita definida com clareza. Teríamos de descobrir com o tempo – pouco tempo – qual era o caminho do sucesso. (...) Minha chegada ao clube [da imprensa], afinal, representava a queda de vários tabus – a começar pela minha origem de menino pobre do Bom Retiro. Outro tabu era que, no Brasil, ao contrário do que ocorre em países civilizados, o jornal era a voz do seu dono. Sempre foi assim, é assim ainda. (...) No começo dos anos 50, essa distorção era ainda mais acentuada. Trata-se, por sinal, de uma distorção que ocorre com mais frequência e nitidez nos países sem tradição de partidos fortes. Nos Estados Unidos, por exemplo, um leitor do *New York Times* sabe que o jornal em geral se alinha com as teses do Partido Democrata, da mesma forma que um leitor inglês tem consciência de que determinadas publicações refletem os pontos de vista do Partido Trabalhista ou do Partido Conservador. (...) No Brasil é diferente. Por trás da aparente independência que ostentam, já que não são ligados a partidos, os jornais são o que seus donos desejam que sejam. A *Última Hora* representaria uma exceção a essa regra, na medida em que pretendia transformar-se na

expressão do getulismo. Evidentemente, eu influiria na linha do jornal, mas ele não obedeceria exclusivamente a meus interesses, impulsos, ódios e amores, como acontecia, por exemplo, com o *Correio da Manhã*. (WAINER, 2001, p. 135-136).

A *Última Hora* do Rio de Janeiro foi fundada em 12 de junho de 1951, e a sucursal de São Paulo, *corpus* de nosso estudo, em 18 de março de 1952. As reportagens e as fotos eram mais impactantes se comparadas a outros jornais da época. Hildo Passos, um dos repórteres fotográficos contratados pela *Última Hora* no início das atividades da sucursal de São Paulo, em 1952, explica em seu depoimento para minha pesquisa:

A orientação recebida pelos repórteres fotográficos, após o treinamento com os novos equipamentos, era de que todas as reportagens deveriam ser ilustradas com fotos de forte comunicação visual. No caso das entrevistas, os ângulos selecionados não deveriam ser lugares-comuns da altura dos olhos, o repórter entrevistador deveria aparecer de maneira discreta para não comprometer a movimentação visual do entrevistado. Nas fotos de agitação social, tais como greves, quebra-quebra, os repórteres fotográficos deveriam se dividir, uns ficariam nas tomadas globais e outros misturados com a multidão para fotos expressivas dos atores do evento, a quantidade de filmes utilizada não era previamente limitada, como em outros jornais onde trabalhei, o bom senso do profissional devia prevalecer. Em reportagens com muito destaque local ou nacional, a foto de maior repercussão visual e que fosse indicada para ilustrar a principal manchete do dia, resultava em um prêmio em dinheiro para o repórter fotográfico que a capturasse (informação pessoal)<sup>3</sup>.

Segundo o *Anuário Brasileiro da Imprensa*, publicado na revista *Publicidade e Negócios* de 1953/1954, do Rio de Janeiro, a *Última Hora* do Rio de Janeiro, em 1951, ano de sua fundação, contava com uma tiragem de 92 mil exemplares, e sua sucursal de São Paulo, em 1952, punha em circulação cerca de 100 mil às segundas-feiras. No mesmo ano, a *Folha da Manhã* vendia 104.427 exemplares e *O Estado de S. Paulo* 125.000 aos domingos (LAURENZA, 1998, p. 52). Segundo Laurenza, na época, não havia institutos que confirmassem a circulação divulgada pelos próprios jornais. Entretanto, em nossas pesquisas, em vários momentos, autores se referem à *Última Hora* como um forte concorrente dos demais. John W. F. Dulles (1992), autor de extensa biografia de Carlos Lacerda, que se tornou inimigo incondicional de Wainer, comenta a criação da *Última Hora*:

Wainer, pagando aos jornalistas um salário mais alto do que podiam conseguir em outro jornal, formou uma equipe talentosa, tendo alguns deles, como o editor-chefe Otávio Malta, o secretário Paulo Silveira, e Francisco de

---

<sup>3</sup> Depoimento à autora em 18 de março de 2005.

Assis Barbosa, trabalhado em Diretrizes. Otávio Malta, autor dos editoriais, tornou-se braço direito de Wainer, assim como o criativo superintendente João Etcheverry. Edmar Morel e Nelson Rodrigues entraram para a equipe de reportagem, juntamente com Medeiros Lima, rompido com Carlos. Wainer descobriu um excepcional diagramador de página em André Guevara, paraguaio que havia trabalhado na Argentina, e talentosos caricaturistas políticos em Augusto Rodrigues e Lanfranco Vaelli, da Itália, que assinava LAN (DULLES, 1992, p. 142-3).

Com a sede no antigo Estado da Guanabara, atual cidade do Rio de Janeiro, a *Última Hora* defendia um nacionalismo pró-Vargas. O jornal expandiu-se para vários Estados: Rio de Janeiro<sup>4</sup>, São Paulo, Pernambuco, Paraná, Minas Gerais, Rio Grande do Sul.

Vários fatores contribuíram para uma situação econômica deficitária do jornal: o processo (CPI) contra o jornal *Última Hora* e contra Wainer, cuja nacionalidade brasileira era contestada, bem como sua prisão; a campanha de seus inimigos jornalistas Carlos Lacerda da União Democrática Nacional (UDN), proprietário do jornal *Tribuna da Imprensa* e Assis Chateaubriand dos *Diários Associados*; o suicídio de Getúlio Vargas, após o atentado contra Carlos Lacerda em 5 de agosto de 1954; e a ascensão de Café Filho à presidência da República. Entretanto, a *Última Hora* recuperou-se após a eleição de Juscelino Kubitschek. Durante o governo Jânio Quadros, apoiado pela UDN, o jornal foi novamente enfraquecido, mas retomou seu prestígio com a posse conturbada do vice João Goulart. Após o golpe militar de 1964, foi iniciado um processo de desarticulação do periódico, quando Samuel Wainer se exilou no Chile:

A *Última Hora* efetivamente mostrou-se preparada para suportar a tormenta. Em outros Estados, contudo, meus jornais sofreram já no dia 31 de março golpes que se revelariam fatais. Em São Paulo, por exemplo, problemas pessoais impediram que Jorge Cunha Lima, o chefe da redação paulista, comparecesse ao prédio do jornal na noite do dia 31 para defendê-lo, e a *Última Hora* ficou acéfala num momento crucial de sua história. O general Amaury Krueel, então comandante do II Exército, mantinha relações de amizade comigo e me prometera, dias antes, proteger o jornal de eventuais ataques direitistas. Desencadeado o golpe ao qual aderira dois dias depois, Krueel colocou soldados na porta do prédio. Sem comando, o jornal deixou de circular durante longos 21 dias. Quando voltou às bancas, perdera definitivamente a força de outros tempos, vergando-se à anemia que precipitaria sua venda e, mais tarde, sua morte (WAINER, 2001, P. 261).

Em 1965, a representação de São Paulo foi vendida para o grupo *Folhas*, que a manteve ativa até 1979. Outras sucursais também desapareceram, algumas invadidas

---

<sup>4</sup> A sede do jornal estava localizada no antigo Estado da Guanabara, e a sucursal no então Estado do Rio de Janeiro. Em 1974, os dois estados se fundiram transformando-se em único, cuja capital passou a ser a cidade do Rio de Janeiro, tendo como área geográfica o antigo Estado da Guanabara.

pelos militares no poder, restando a sede no Rio de Janeiro. O periódico carioca foi vendido em 1971 para um grupo empresarial pertencente aos "irmãos Maurício e Marcelo de Alencar, empreiteiros de obras da Cia. Metropolitana, que, tempos antes, tinham arrendado o *Correio da Manhã*" (TASCHNER, 1992, p. 143). Ari de Carvalho, que já havia adquirido a *Última Hora* de Porto Alegre, comprou a sucursal do Rio alguns anos mais tarde. Embora seu título tivesse permanecido até 1979, sua linha editorial tradicionalmente anticonservadora (embora pró-Vargas até agosto de 1954, apresentava-se compartilhando os problemas e anseios dos trabalhadores) estava terminada, ora com predominância de variedades, ora de eventos policiais, perdendo sua antiga identidade.

As páginas do jornal *Última Hora*, especialmente a sucursal de São Paulo, espetacularizavam os temas e as figuras em relações sincréticas visuais/verbais, diversamente dos estilos figurativos e temáticos padronizados dos periódicos da grande imprensa paulista na época.

### ***Temas e Figuras***

Nossa análise discursiva estará centrada no exame de temas e figuras, e do contrato de comunicação. Conceituemos os termos. Figura é o elemento do mundo “natural” representado no discurso sincrético jornalístico verbal/visual:

(...) a figura é todo o conteúdo de qualquer língua natural ou de qualquer sistema de representação que tem um correspondente perceptível no mundo natural (FIORIN, 2005 B, p. 91).

O tema é a unidade semântica abstrata que compõe o discurso, “é um investimento semântico, de natureza puramente conceptual, que não remete ao mundo natural” (FIORIN, 2005 B, p. 91). Este pode ser recoberto, com menor ou maior frequência, por figuras, produzindo o chamado *texto de figuração esparsa* ou *texto figurativo*. O contrato de comunicação estabelecido entre enunciador e enunciatário possibilita o grau de fazer-creer do primeiro e o do aceitar tais proposições pelo segundo. Com base na definição estabelecida por Patrick Charaudeau (2007), o contrato de comunicação constitui um tipo de acordo entre enunciador e enunciatário, em que aquele propõe a configuração de uma mensagem prevendo que será aceita na instância da recepção, após supor que “conhece” o perfil de seu enunciatário. Este, por sua vez, aceitará ou rejeitará o contrato, segundo suas expectativas. Na base do contrato, é

necessário que os códigos do quadro de referência sejam compreensíveis por ambos. Por exemplo, uma piada criada por um enunciador alemão poderá não terá o efeito desejado se for emitida para um enunciatário japonês, porque os dois falam linguagens diferentes. No terceiro capítulo, retomaremos o conceito do contrato comunicativo, analisando seu funcionamento na prática.

### Figura 1

Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo



Na Figura 1, quarta-feira, 20 de junho de 1953, as fontes das manchetes estão cromatizadas em preto e azul, sobre fundo branco ou vermelho. A cor vermelha no fundo da notícia *Crânio humano na macabra encomenda ao juiz de Direito* remete ao sangue do fato macabro. O círculo vermelho, que conota tragédia, sangue, terror, destaca as figuras do juiz Fausto Whitacker que recebeu a “peça macabra” e o delegado Celso Braga, que está tratando do caso, como informam as legendas. O logotipo da *Última Hora* em letras vazadas sobre a cor azul destaca-se na área central. Na manchete principal,

*Eletrocutado o Casal Rosenberg*, as fontes que invadem a fotografia estão vazadas para não prejudicar a visualidade da imagem. Além desta última manchete, nos títulos “*Organizar uma equipe que assegure a unidade da ação administrativa*” e *Cresce a Fila dos Navios Parados no Cais de Santos*, o verbo está invertido, não sendo o sujeito a iniciar a frase com a finalidade de privilegiar a ação. As “figuras” podem ser encontradas nas imagens e no texto verbal. Nas fotos, constituem figuras: todos os homens e mulheres (como o casal Rosenberg ou o juiz), a porta da prisão, o crânio e a

mesa, o busto esculpido em barro, entre outros. No texto verbal, são figuras: “casal Rosenberg”, “navios”, “noiva”, “juiz de direito”, “muros”, etc. Como o “mundo natural” pode constituir-se dos planos de expressão e de conteúdo (BERTRAND, 2003, p. 160), também encontramos “figuras” nos elementos que compõem a visualidade gráfica desta página (o plano de expressão), como a tipologia das fontes, a configuração cromática, o círculo vermelho e os *boxes* circunscritos em tarjas.

Quanto aos “temas”, veremos alguns exemplos nas áreas visuais e verbais: “transações criminosas”, eletrocução dos réus e o envio de um crânio para um juiz (temas policiais), o movimento grevista dos funcionários do Loids e da Companhia Costeira, os desdobramentos da CPI da *Última Hora* (“depoimento de Samuel Wainer”), possibilidade de cassação de mandato (tema político), entre outros. Como afirma Bertrand (2003, p. 159):

Ver não é apenas identificar objetos do mundo, é simultaneamente apreender relações entre tais objetos, para construir significações. As percepções fazem sentido na medida em que os objetos percebidos se inserem em cadeias inferenciais que os solidarizam, como se infere o fogo a partir da fumaça (BERTRAND, 2003, p. 159).

Assim, o estabelecimento das relações figurativas e temáticas é fundamental para a produção de sentidos dos textos visuais e verbais das páginas de um jornal. Os temas fundamentam e textualizam as figuras, conferindo-lhes determinados sentidos e valores (BERTRAND, 2003, p. 213).

Passaremos neste momento a um exemplo de um contrato de comunicação na mesma capa (Figura 1), para o qual selecionamos a notícia sobre o casamento do cineasta Lima Barreto e Araçari. Uma foto de tamanho médio mostra a noiva se preparando para a cerimônia com a legenda: “PREPARATIVOS FINAIS: o vestido alvo, que só de renda tem oito metros.” O título *Última Hora viu a noiva antes de todo mundo* e a imagem da noiva, que tem o valor documental de veracidade, demonstram para o enunciatário-leitor que o enunciador *Última Hora* conseguia publicar as notícias na dianteira, antes da concorrência, demonstrando habilidade e competência na investigação dos fatos para informar seu leitor em primeiro lugar. Neste caso, o contrato de comunicação é constituído por um enunciador que, com a relação sincrética icônico-verbal, quer *fazer crer* a seu leitor que é mais eficaz do que os outros na busca da notícia. O enunciatário pode ou não aceitar os termos do contrato: em caso positivo, continuará a ler este jornal, permanecendo-lhe fiel – é o chamado contrato fiduciário (de



fidúcia, ou fidelidade); se o rejeitar, o enunciatório provavelmente procurará outro jornal que satisfaça suas expectativas no contrato comunicativo.

### **O jornal *Última Hora***

O suporte temático getulista-nacionalista da *Última Hora* ampliou a abrangência de seus leitores, incluindo, além das camadas sociais mais elevadas, as classes assalariadas de baixo poder aquisitivo, destacando como tema do noticiário as injustiças sociais, os direitos dos trabalhadores e, ao mesmo tempo, mostrando as ações do governo federal para resolver tais questões. Em seu livro de memórias, Wainer (2001) afirmou que um dos trunfos do sucesso de seu jornal residia no fato de que este “tinha estreitas vinculações com o povo”. (WAINER, 2001, p. 162). Este era o contrato comunicativo que o proprietário da *Última Hora* propôs na construção da relação figurativo-temática do jornal.

O periódico apresentava, entre outros temas, seções e reportagens de caráter populista sobre o proletariado, o sindicalismo, a cultura e os movimentos populares urbanos, concorrendo para divulgar a política de massas de Getúlio Vargas (IANNI, 1978, p. 206). Populismo foi uma forma de governo que se estruturou a partir do governo de Getúlio Vargas e adquiriu, com a mudança de governos, novos desígnios, segundo os políticos envolvidos, dando origem a getulismo, ademarismo, trabalhismo, janguismo, etc. Com o crescimento da força de trabalho urbano-industrial, crescia a formação das massas reivindicadoras. À medida que o governo contemplava os operários com legislações que os favoreciam e estes passavam a participar, ainda que indiretamente, da estrutura de poder, formou-se uma “política de massas” relacionada com o “consumo de massas” ((IANNI, 1978, p. 206). Baseava-se em um “pacto” entre o governo e as massas, em que o primeiro atendia uma parcela das reivindicações de trabalhadores e estes o retribuía com prestígio, apoio e o voto, para manutenção do político no poder ou, em outros casos, para a conquista desse poder. O político precisava estar sempre “alimentando” seus votantes com medidas que os favoreciam para impedir que em algum momento se afastassem e transferissem seu apoio a um político rival.

Em função da grande circulação do jornal *Última Hora* e conseqüente incremento na venda de anúncios publicitários, normalmente nas páginas internas (as

principais fontes de renda para a sobrevivência dos jornais), ampliou, com os concorrentes, a quantidade de inimigos.

*Última Hora* serviu para Samuel Wainer realizar seu sonho de jornalista: ser proprietário de um jornal (WAINER, 2001, p. 127); e, para Getúlio Vargas, alavancar duas funções primordiais: apoiar as ações do governo federal e mediar as relações com o povo brasileiro, especialmente as camadas populares, pouco privilegiadas na imprensa da época. O historiador Lauro Ávila Pereira (1996) ratifica o grau de relevância deste jornal para Getúlio Vargas naquele momento:

Os instrumentos de comunicação do governo, além de terem um tom oficial, eram insuficientes para as suas necessidades. Deveria ser um jornal que tivesse uma forma acessível e atraente, além de um conteúdo que incorporasse questões do cotidiano de seus leitores e, simultaneamente, traduzisse os interesses do governo. Não poderia apenas divulgar os discursos do presidente ou noticiar as atividades oficiais. A linguagem utilizada deveria estabelecer uma identificação entre leitor e jornal, deixando claro que este estava ao lado de Vargas, que, por sua vez, apareceria nas páginas do periódico como defensor do povo e promotor das mudanças necessárias para que o país se modernizasse através da industrialização. (...) A análise do conteúdo da *Última Hora*, de suas estratégias promocionais e da estrutura gráfica, revela técnicas jornalísticas que, além de serem voltadas para a valorização da mercadoria, também expressavam a preocupação em atrair principalmente um tipo específico de leitor, aquele vindo das camadas urbanas, o mesmo segmento social que constituía a principal base de apoio para a política getulista de industrialização (PEREIRA, 1996, p. 32).

Na *Última Hora*, trabalharam profissionais especializados e de renome, entre eles, Andrés Guevara, da equipe do jornal portenho *La Crítica*, que introduziu novas técnicas diagramáticas de paginação, e o chargista Augusto Rodrigues. Também colaboraram com a *Última Hora*, sucursal de São Paulo, até meados da década de 1950: os ilustradores LAN, Edgard Koetz, Otavio, entre outros; os jornalistas Nelson Rodrigues, Mauro Contador, Gurgel do Amaral, Mario Paiva, Salvio Correa, Clovis Moura, Emilio Perina, Mattos Pacheco, Freitas Nobre, Orlando Jurca, Correa Neves, Homero Paiva, Wilson do Nascimento, Toledo Machado, Rogaciano Leite, Afonso Schmidt, entre outros; os repórteres fotográficos Luis Mamprin, Hildo Passos, Costa Pinto, Wilson Santos, Norberto Esteves, Domicio Pinheiro, Camilo da Silva, Rui Costa, entre outros. Roberto Maia, conhecido repórter fotográfico dos *Diários Associados*, ficou responsável pela contratação das equipes de repórteres fotográficos para a *Última Hora* do Rio de Janeiro e, mais tarde, para a sucursal de São Paulo.

Outros jornais brasileiros, como os do grupo *Folhas* e do grupo *Estado*, tradicionalmente caracterizados por sua planaridade de suporte, simetria no *design*,

multiplicidade de conteúdo verbal, adensado na espacialidade da página e poucas imagens em suas capas, modificaram, em menor ou maior grau, a construção de sua visualidade a partir da década de 1950, aparentemente em função do sucesso do jornal *Última Hora*, e passaram, aos poucos, a aumentar a área fotográfica e ilustrativa, a diminuir a área de texto verbal e a alterar a relação verbal/visual. Este processo de transformação visual foi detalhado no Anexo desta tese. José Ferreira Jr. (2003) comenta os periódicos paulistas:

A experiência bem-sucedida da *Última Hora* no Rio de Janeiro se repetiu em São Paulo, no periódico com o mesmo nome (e proprietário), que alcançou uma súbita liderança nas vendas em banca. (...) Como consequência de vários fatores que já delineavam o crescimento das atividades industriais no Brasil (não apenas pela presença de um concorrente de peso como a *Última Hora*, muito embora isso também tenha influenciado), os jornais paulistas começaram processos de reforma. Na *Folha de S. Paulo*, isso ocorreu com Nabantino Ramos, que assumira sua direção no pós-guerra, depois de o jornal ter sido vendido por um grupo ruralista a um aglomerado político-industrial. Em *O Estado de S. Paulo*, as mudanças começaram com Giannini Carta, jornalista italiano com larga experiência e que introduziu as primeiras reformas estruturais no jornal da família Mesquita, tendo dirigido a seção Exterior (a mais importante do jornal, na época). Em seguida, com Cláudio Abramo chefiando a redação, haveria a consolidação do processo de reformas (FERREIRA Jr., José, 2003, p. 69).

Na tabela a seguir, foram quantificados vários itens noticiosos, fotos e ilustrações que também são analisados pelo viés da visualidade no Anexo desta tese. As notícias envolvendo o Brasil de topologia estrangeira foram consideradas por nós como internacionais.

	Total de notícias	Notícias Internacionais	Notícias Nacionais	Ilustrações e desenhos	Fotos	Categorias										
<b>PÁGINAS DE JORNAIS</b> <b>Figuras e Temas</b>																
						Policiais	Sinistros e desastres de avião, carro, etc.	Economia	Política Internacional	Política nacional	Questões trabalhistas nacionais	Celebridades, cinema, teatro, moda, música, outros	Reclamações, reivindicações e movimentos populares	Greves	Denúncias	Publicidade
<i>UH - 22/10/1952</i> (Figura 2)	16	3	13	0	7	2	1	1	3	4	2	1	0	1	1	0
<i>UH - 24/02/1953</i> (Figura 3)	12	0	12	1	7	3	0	0	0	2	1	0	4	0	2	0
<i>UH - 23/03/1953</i> (Figura 4)	12	1	11	0	11	3	0	0	1	6	0	1	1	0	0	0
<i>UH - 06/01/1955</i> (Figura 5)	8	0	9	0	8	0	1	0	0	2	0	1	2	0	3	0
<i>Folha da Noite - 05/01/1955</i> (Figura 6)	10	0	10	2	6	0	4	1	0	5	0	0	0	0	0	4
<i>Folha da Tarde - 10/01/1955</i> (Figura 7)	25	16	9	0	8	7	4	0	2	3	0	8	1	0	0	4
<i>Folha da Manhã -- 04/02/1955</i> (Figura 8)	10	7	3	1	2	2	0	0	6	2	0	0	0	0	0	3
<i>OESP - 06/01/1955</i> (Figura 9)	20	19	1	0	4	0	0	0	19	1	0	0	0	0	0	10
<b>Seção Cinema / Teatro</b>																
<i>UH - 16/02/1955</i> (Figura 10)	9	2	7	5	9	0	0	0	0	0	0	9	0	0	0	0
<i>Folha da Noite - 14/01/1955</i> (Figura 11)	10	8	2	4	6	0	0	0	0	0	0	10	0	0	0	0

Figura 2

Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo



Figura 4

Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo



Figura 3

Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo



Figura 5

Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo



Figura 6

Fonte: Banco de Dados de São Paulo Ltda., Empresa do Grupo Folha



Figura 8

Fonte: Banco de Dados de São Paulo Ltda., Empresa do Grupo Folha



Figura 7

Fonte: Banco de Dados de São Paulo Ltda., Empresa do Grupo Folha



Figura 9

Fonte: Biblioteca Mario de Andrade



Figura 10

Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo



Figura 11

Fonte: Banco de Dados de São Paulo Ltda., Empresa do Grupo Folha



Na relação temas/figuras, em uma primeira análise das páginas apresentadas, as primeiras capas da *Última Hora*, da *Folha da Tarde* e da *Folha da Noite* podem ser considerados, em maior ou menor grau, como “textos figurativos”. Por outro lado, as capas de *O Estado de S. Paulo* e da *Folha da Manhã*, em sua construção, são identificadas como “textos de figuração esparsa”.

Como observamos nos dados acima e nas páginas dos jornais apresentados, a *Folha da Manhã* e *O Estado de S. Paulo* pouco se preocupavam em modificar seu padrão visual e temático. As capas destes dois periódicos ocupavam-se em noticiar acontecimentos do exterior. Não tematizavam fatos nacionais, que, em sua maioria, eram inseridos nas páginas internas. Para os leitores desses jornais, das classes menos populares, as notícias de outros países apresentadas nas capas eram mais interessantes. Por outro lado, pouco importava aos brasileiros da classe trabalhadora se o convite do Conselho de Segurança da ONU havia sido rejeitado por Pequim, ou se estavam sendo estudados os problemas do sudeste asiático na conferência da *Commonwealth*, mas

esses leitores precisavam entender os motivos da carestia e as providências do governo nacional para melhorar suas condições de renda.

Se, por um lado, os enunciadores destes periódicos pretendia, com seu padrão de configuração visual e temático na primeira página, estabelecer um contrato comunicativo com os enunciatários-leitores das camadas elitizadas, forneciam subsídios, em suas seções de classificados, para que a população das demais classes adquirissem o jornal, por exemplo, na busca de emprego, lembrando que questões nacionais importantes eram geralmente noticiadas nas contracapas ou páginas internas.

No jornal *Última Hora* predominavam os temas nacionais, embora alguns fatos internacionais de relevância também fossem abordados, incluindo questões trabalhistas, reivindicações e denúncias, questões que afligiam a grande massa da população. A inclusão de outras temáticas, como aquelas ligadas aos horizontes internacionais e políticos, procuravam atingir uma camada de brasileiros mais elitizados.

Antes de junho de 1951, havia em São Paulo periódicos para todas as classes sociais, inclusive as populares, como os jornais *A Hora* e *O Dia*. O primeiro, pertencente a Denner Médici, era voltado para notícias sobre crimes hediondos e acidentes, como corpos esfacelados, brigas de malandros ou assassinatos passionais. Apoiou Jânio Quadros desde sua entrada na política e fazia reportagens sobre as visitas deste político a bairros de periferia, publicando suas propostas e demandas na Câmara Municipal e na Assembleia Legislativa (DUARTE, FONTES, 2008, disponível em [www1.lanic.utexas.edu/project/etext/llilas/vrp/fontes.pdf](http://www1.lanic.utexas.edu/project/etext/llilas/vrp/fontes.pdf), p. 15). O jornal concorrente *O Dia*, de propriedade de Ademar de Barros, também publicava fatos policiais sensacionalistas. Faltava um veículo que desse mais ênfase aos problemas e reivindicações que envolviam os trabalhadores. A *Última Hora* cumpriu esta função, justamente porque ancorava a política de Getúlio Vargas e era seu meio de comunicação. Diferenciava-se de outros periódicos da época porque, conforme argumentado na introdução deste trabalho, pretendia ser um instrumento de divulgação das políticas de governo, não somente as que envolviam trabalhadores, mas também os empresários e intelectuais, como relata o historiador Hélio Silva (2004) sobre os desdobramentos necessários para a criação do jornal:

Daí por diante, os acontecimentos se precipitaram em avalanche. Wainer sabia que dentro de meses, provavelmente a partir de junho, algumas medidas populares, nacionalistas e antiinflacionárias, deveriam ser anunciadas por Getúlio. Era o momento propício para o lançamento do jornal. Uma aventura perigosa numa capital como o Rio, onde só os jornais de oposição conseguiam obter regular circulação. Mas Wainer anunciava que iria quebrar



esse tabu, pois o seu jornal iria apoiar um presidente, e não seu governo. E o presidente era o maior líder de oposição que as classes dirigentes do País já haviam conhecido. Não lhe será difícil, assim, conseguir aquilo que tantos outros fracassaram: criar um jornal popular, não popularesco, mas que seria indispensável não só ao trabalhador mais esclarecido como ao empresário e ao intelectual, que não poderiam ignorar a experiência que representava para o País a volta de um ex-ditador ao poder, mas agora democraticamente eleito (SILVA, 2004, p. 182).

Para atingir tais objetivos, teria de ser um jornal diferente dos existentes na época, em que a nova visualidade deveria chamar a atenção dos leitores. Dava apoio aos movimentos reivindicatórios trabalhistas, sustentando-se também nos sindicatos operários, e enunciava os reclamos da população carente, de baixa renda, as injustiças sociais a que esta estava submetida, como é o caso da seção *Tendinha de Reclamações*, da sucursal de São Paulo, que analisaremos em detalhe no Capítulo 3. Ao mesmo tempo, procurava atender a todas as camadas sociais, o que explica a criação, para enunciatários específicos, de seções e colunas sobre assuntos políticos, do cotidiano, femininos, esportivos, do turfe, HQ's e literatura.

Na *Folha da Tarde*, observamos que há predominância de fatos internacionais, que se referem menos a questões políticas e mais a casos de polícia e variedades, identificando-a tematicamente mais com um público da classe média que aprecia sensacionalismo e variedades, demonstrado, pelo viés visual, no paralelismo das colunas de largura homogênea, e, pelo viés temático, nas notícias selecionadas. Os fatos internacionais (o engenho de destruição da Inglaterra, o filme em que Marilyn Monroe quer atuar e o rapaz que matou os próprios pais) e os de cunho nacional (o “pavoroso” desastre na rampa do Cristo, a prisão do falso médico e o incêndio que quase destruiu um quarteirão) foram escolhidos para impactar os leitores apreciadores de assuntos policiais, de cinema, teatro e televisão. Segundo Mota e Capelato (apud TASCHNER, 1992, p. 76), em sua obra *História da Folha de S. Paulo*, o grupo *Folhas* definia-se como “jornais da classe média para a classe média”. Entretanto, como dissemos anteriormente, a configuração da *Folha da Manhã* era direcionada para um enunciatário das classes mais endinheiradas.

Embora a *Folha da Noite*, nesta fase, diversamente de anos anteriores à *Última Hora*, em que as questões internacionais prevaleciam, presentificasse a grande maioria de temas nacionais, parecia identificar-se mais com o interesse dos destinadores empresários do que com os pontos de vista dos trabalhadores. Levando em conta as figuras e temas postos em disjunção ou conjunção e a iteração (repetição) de tais

ocorrências produzindo sentidos, é necessário abordar as análises, ora recorrendo à figurativização e, de modo mais amplo, à visualidade, ora à tematização, ou relacionando as duas ao mesmo tempo.

O jornal *Última Hora* diferenciou-se da imprensa nacional pelo alto grau de técnica e criatividade em seu visual. Samuel Wainer afirmou que foi “fundado para ser uma espécie de Volta Redonda do jornalismo brasileiro” (SILVA, 2004, p. 178). Lembramos que a cidade de Volta Redonda, no Rio de Janeiro, à qual se referiu o jornalista, teve um desenvolvimento vertiginoso e incomum a partir do momento que foram iniciadas as obras para a edificação da usina, em 1941.

A produção de uma diagramação diferenciada no periódico estava vinculada à necessidade de angariar um grande número de leitores de suas reportagens, especialmente aquelas que divulgavam as ações do presidente eleito. Por este motivo, julgamos importante analisar também de que modo o periódico apresentava os temas, na relação visual/verbal, bem como o contrato comunicativo com o enunciatário-leitor. O periódico nasceu num momento de euforia popular, com muita expectativa de melhoria das condições sociais, especialmente para as camadas de menor renda, que seriam concretizadas pelo “pai dos pobres”. Samuel Wainer fala, em depoimento ao historiador Hélio Silva (2004), em 18 de junho de 1978, da extensão do prestígio de Vargas perante o povo brasileiro:

A minha afinidade com o novo Getúlio, líder popular, o maior que o Brasil já tivera, líder nacionalista que abriu as vias do desenvolvimento do País, líder trabalhista que pela primeira vez, mesmo paternalmente, incluía a justiça social como um dos pontos básicos do seu programa, foram elementos que me fizeram mergulhar de vez na campanha pelo retorno de Getúlio. (...) Mas o que mais me empolgara nele foi sua vinculação com as massas populares do País. À medida que cortávamos o Brasil de ponta a ponta, vi Getúlio recebido por multidões, cujo êxtase lembrava as multidões que seguiram Ghandi na sua campanha pela libertação da Índia (SILVA, 2004, p. 180).

Além disso, Vargas, durante seu primeiro e longo governo, teve à disposição os meios de comunicação coordenados pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) que, não somente lhe davam apoio no contrato de comunicação com o povo, como também instrumentalizavam a sedimentação de um sentimento nacionalista, instituindo uma democracia populista, um governo fundado no sistema de substituição das importações. Estes e outros fatos levaram-nos a aprofundar a investigação sobre as questões que envolvem as massas e o populismo, sob o ponto de vista dos comandantes e dos comandados, estudando o papel do jornal *Última Hora* nesta mediação.

O jornal *Última Hora*, embora tivesse intencionalmente um cunho popular, abarcava um policlassismo de seu enunciatório: o seccionamento do jornal por temas como o cinema/teatro, turfe e política internacional (para as classes mais abastadas), o esporte, política nacional, questões trabalhistas, casos de polícia, e a *Tendinha de Reclamações* com reivindicações da população local (para a classe média e baixa). Recordamos que o segundo governo getulista, logo ancorado pela *Última Hora*, pretendia contemplar todas as camadas sociais, como observa Pedro Cezar Dutra Fonseca (1999), ao comentar o último discurso de Vargas para a campanha à presidência:

Eu seu último pronunciamento da campanha presidencial, Vargas dirigiu mensagem “ao povo brasileiro”, a 30 de setembro de 1950, diretamente de São Borja. Nela prometeu voltar-se ao atendimento de *todas as classes* [grifos do autor], se eleito, e, logo a seguir, seus compromissos com o povo: “Juntos governaremos o Brasil” (FONSECA, 1999, p. 352).

Observamos também que outros jornais de ampla circulação, como a *Folha da Noite* e a *Folha da Tarde*, após a fundação da *Última Hora* no Rio de Janeiro, em 1951, adquiriram novos modelos para sua visualidade, provavelmente buscando ampliar as categorias de leitores. Entretanto, em nossa pesquisa também notamos que a visibilidade das massas na *Última Hora* e nos jornais de grande circulação, como *O Estado de São Paulo* e os do grupo *Folhas*, era muito diferente. Além disso, a seção *Tendinha das Reclamações* na sucursal paulista da *Última Hora* nos chamou a atenção pela forma como tratava dos assuntos reivindicatórios das comunidades periféricas. O suicídio de Vargas foi outro momento em que as multidões constituem enunciatórios participantes de contratos de comunicação diversos, dependendo dos interesses de seu enunciador.

Estas observações permitiram a formulação de algumas perguntas. A nova sintaxe visual e a construção do agendamento temático do jornal *Última Hora* foram configuradas a partir do quadro político e social do segundo governo Getúlio Vargas. Como, a partir das coberturas de greves, da presença das massas, todas essas figuras são construídas no jornal, em particular a *Tendinha*? Nessa seção, a equipe de reportagem visitava um bairro, montava literalmente uma “tendinha” para que as pessoas dela se aproximassem, os repórteres escutavam as demandas sociais e as publicavam no jornal. Finalmente, de que maneira o contrato de comunicação foi construído com as multidões apresentadas na *Última Hora* nos dias posteriores ao suicídio de Vargas? E como estas figuras foram apresentadas nos jornais *O Estado de São Paulo* e do grupo *Folhas*?

Kevin G. Barnhurst e John C. Nerone<sup>5</sup> realizaram uma pesquisa publicada no artigo *Design Changes in U.S. Front Pages, 1885-1985*, no ano de 1991, com os resultados apresentados na convenção *International Communication Association*, em Sydney, na Austrália, para verificar a quantidade de ocorrências de vários itens, como ilustrações, artigos, colunas, linhas por página, palavras por linha, estilos de tipografia e de manchetes, fios separadores, anúncios, entre outros, nas primeiras páginas de alguns jornais selecionados entre 1885 e 1985. A tabela a seguir mostra alguns resultados comparando o ano, a quantidade de itens (inclui elementos diversos como reportagens, ilustrações, anúncios), de artigos, e de palavras, em média, por página estudada:

ANO	ITENS	ARTIGOS	PALAVRAS
1885	49,5	24,6	12.000
1895	30,1	20,5	7.900
1905	34,1	21,5	7.500
1915	22,1	13,6	7.900
1925	27,4	17,3	6.600
1935	26,8	21,8	6.600
1945	23,3	17,6	6.300
1955	23,3	16,3	6.300
1965	15,3	10,3	5.500
1975	11,2	7,4	6.000
1985	9,4	5,7	4.400

FONTE: BARNHURST, Kevin G., NERONE, John C. 1991. *Design Changes in U.S. Front Pages, 1885-1985*. Disponível em <[tiger.uic.edu/~kgbcomm/longnews/pdf/3Bar&Ner.pdf](http://tiger.uic.edu/~kgbcomm/longnews/pdf/3Bar&Ner.pdf)>

Como mostra a tabela, a quantidade de itens e artigos foi expressivamente reduzida. O mesmo aconteceu com o número de colunas, que passou de nove para cinco ou seis, com o número de linhas e, conseqüentemente, com o volume de texto verbal, que deu lugar a imagens. As manchetes cresceram em tamanho, abarcando maior número de colunas. A porcentagem de artigos que incluem ilustrações varia de 5,7 em 1895 para 21,5 em 1985, incluindo um aumento considerável em itens como mapas, gráficos, tabelas, desenhos (ou, como se diria hoje, infografias). Em todo o jornal, a porcentagem de fotografias diretamente relacionadas com o artigo diminuiu de 90,5%,

<sup>5</sup> BARNHURST, Kevin G., NERONE, John C. 1991. *Design Changes in U.S. Front Pages, 1885-1985*. Capturado em 20/07/04 às 19:46. Disponível em <[tiger.uic.edu/~kgbcomm/longnews/pdf/3Bar&Ner.pdf](http://tiger.uic.edu/~kgbcomm/longnews/pdf/3Bar&Ner.pdf)>

em 1895, para 66,7%, em 1985. A grande maioria das fotografias passou a ser apresentada na primeira página dos jornais. Em consequência, os pesquisadores observaram que, enquanto a quantidade de fotos na primeira página aumentou com o passar dos anos, o número total de itens diminuiu.

Embora os avanços tecnológicos tivessem contribuído e facilitado as mudanças no *design* de jornais, o desenvolvimento tecnológico não pode ser considerado a principal causa desse novo formato nos periódicos. No sistema anterior ao computador, com a tipografia e o linotipo, era perfeitamente possível criar novos projetos gráficos, apesar de mais demorado o processo.

Num primeiro momento, isolamos os elementos ou figuras visuais, como o logotipo do jornal e cabeçalhos, a cabeça de página, as manchetes, as chamadas, os chapéus, olhos, intertítulos, sutiãs, títulos, vazados, colunas, *boxes*, entrelinhamentos, fios, tarjas, vinhetas, tabelas, fotos e fotomontagens, ilustrações, legendas, recorridos, sangramento, entre outros. Foram estudadas as relações entre estas figuras, investigamos de que modo as imagens e os textos verbais se comunicavam e como suas espacialidades foram construídas na página. Foi também necessário estabelecer as categorias cromáticas e suas relações, de tal modo que, a partir da configuração da página do jornal, investigássemos como o enunciador produziu a enunciação para o enunciatário. Em outras palavras, a partir das relações figurativas e temáticas no plano do conteúdo e visual-verbal no plano de expressão, como se constrói o contrato comunicativo com o enunciatário-leitor? Como se apresenta na configuração dos textos (texto verbal ou não-verbal entendido como a unidade mínima com sentido completo) de suas páginas a relação enunciador-enunciatário, mais circunscrita à visibilidade das camadas pobres e/ou trabalhadoras?

Num segundo momento, com base num estudo dos elementos mencionados, destas relações na *Última Hora* e em outros periódicos da época, examinaremos como se configura o contrato de leitura a partir da análise discursiva dos textos, especialmente na apresentação das massas. Procuramos identificar também quais temas são recorrentes nas páginas destes jornais, que tipos de figuras e temas apareciam e como se realizava a semântica de suas relações.

Num terceiro momento, procuraremos mostrar qual é o significado desta nova visualidade e da agenda temática na construção das páginas de jornais que se instala no quadro da imprensa brasileira, no contexto político, social e cultural após a Segunda Guerra Mundial, num percurso que abrange o governo Vargas e alguns períodos que o

antecederam. A pergunta nesse caso é: até que ponto a ambiência política e social contribuiu para os novos contratos de leitura da imprensa jornalística?

A formulação do problema nos levou a propor algumas hipóteses:

1) A estética iconográfica do jornal *Última Hora* foi resultado das novas tendências mundiais de fotojornalismo, tais como os movimentos *straight photography* (divulgado pela revista *Camera Work*), a chamada *candid photography* (por volta de 1915, em que as pessoas não posavam para as fotos), *Neue Sachlichkeit* – nova objetividade – (iniciado em uma exposição do mesmo nome na Alemanha, em 1925) e a fotomontagem (bastante divulgada na década de 1930), que contribuiu para um direcionamento ideológico da fotografia, entre outros;

2) A visualidade da *Última Hora*, especialmente no tratamento das massas, foi construída para marcar um novo contexto político-social brasileiro. Fazia parte da renovação das mensagens jornalísticas e da nova face do poder. O governo populista de Vargas, apoiado especialmente pelas massas de baixa renda, apostou na ideia de que um jornal de cunho popular que proporcionasse mais notícias nacionais e leitura acessível transformar-se-ia numa relação comunicativa fundamental entre o governo e o povo.

A *Última Hora*, como suporte midiático do novo governo Vargas, deveria principalmente aproximar-se da população de mais baixa renda, apropriando-se das estratégias populistas, e, para isso, chamar a atenção com uma visualidade diferenciada, que ajudasse os menos letrados a compreenderem as notícias através das imagens e textos verbais mais reduzidos.

Muitos trabalhos foram realizados sobre o jornal *Última Hora*, mas em nenhum deles encontrei uma análise mais detalhada sobre as massas e multidões, nem especificamente sobre o funcionamento do contrato de comunicação entre o enunciador jornal e o enunciatário-leitor/massas. O livro *Do Jornalismo Político à Indústria Cultural* (1987), de Gisela Taschner Goldenstein, realiza um estudo comparativo entre os jornais *Última Hora* e *Notícias Populares*, passando pelos elementos sócio-históricos em relação à imprensa da época, focalizando especialmente a constituição da indústria cultural brasileira.

Ana Maria de Abreu Laurenza, em seu livro *Lacerda X Wainer - O corvo e o Bessarabiano* (1998), relata um histórico, social e econômico do Brasil na época da criação da *Última Hora*, de Samuel Wainer, e da *Tribuna da Imprensa*, de Carlos Lacerda, concentrando seu foco no embate entre os dois jornalistas em relação ao contexto brasileiro da época.

*Última Hora - Populismo nacionalista nas páginas de um jornal*, de Antonio Hohlfeldt e Carolina Buckup (2002), retrata a história do jornal do ponto de vista da sucursal gaúcha. Nesta obra, o autor faz uma análise dos editoriais de cunho populista, de sua linha política, examinando como era construída a noticiabilidade, fazendo também uma pesquisa sobre os principais profissionais (com depoimentos) que integraram a equipe da sucursal do Rio Grande do Sul.

José Ferreira Junior, em seu livro *Capas de Jornal* (2003), apresenta as confluências latino-americanas, explica a generalização dos meios massivos, os ambientes de culturas híbridas, e, na última parte do volume, refere-se à composição gráfica dos jornais concentrando-se no *Jornal do Brasil* e no *Jornal da Tarde*.

Outras dissertações e teses estudaram a *Última Hora* e outros jornais da época, com abordagens diferenciadas. A dissertação de Sônia Jóia Bezerra (1994), *O jornal Última Hora nas eleições de 1955 – um estado-maior intelectual*, mostra a atuação do periódico na campanha para as eleições de 1954 para presidência da República. Fátima Cristina Gonçalves Campos (1996), na dissertação *Visões e Vozes – o governo Goulart nas páginas da imprensa e Última Hora*, compara as reportagens políticas da *Tribuna da Imprensa* e da *Última Hora* durante a presidência de João Goulart. A dissertação de mestrado *Imprensa e populismo: Última Hora no segundo governo Vargas 1951-1954*, de Lauro Ávila Pereira (1996), privilegia as questões históricas, abordando o populismo e as estratégias para atrair as camadas trabalhadoras, mas não traz uma análise específica de como estas massas se configuram, não examina o contrato de comunicação, nem faz comparações com outros jornais da época. Christiane Jalles de Paula (1999), em sua dissertação *Nacionalismo e Radicalização no Brasil (1961-1964)*, compara os jornais *O Estado de São Paulo*, *Correio da Manhã* e *Última Hora* a partir da renúncia do presidente Jânio Quadros em agosto de 1961. A tese de Aloysio Henrique Castelo de Carvalho (2000), *A opinião pública e a CPI da Última Hora – o governo Vargas (1951-1954)*, examina o conceito da opinião pública apresentado nos jornais cariocas *Tribuna da Imprensa*, *O Globo*, *O Jornal* e *Última Hora*, durante o segundo governo Vargas, especialmente em torno da CPI contra a *Última Hora*. A dissertação *Democracia e desenvolvimento: os políticos do Jornal a Última Hora no governo Kubitschek (1957-1960)*, de Jefferson José Queler (2004), analisa os debates políticos apresentados em editoriais e colunas na imprensa durante o governo Kubitschek.

Quanto aos artigos em torno de nosso *corpus*, localizamos o trabalho *O sensacional, o popular e o populismo nos jornais Última Hora, O Dia e Luta Democrática, no segundo governo Vargas (1951-1954)*, de Carla Siqueira, apresentado no XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação, na cidade de Belo Horizonte, de 2 a 6 de setembro de 2003. Este artigo compara a atuação dos três periódicos do Rio de Janeiro, como intermediários entre o povo e o governo, abordando os temas de modo generalizado. Outro artigo de Antonio Hohfeldt (2005) apresenta a história da sucursal gaúcha da *Última Hora*.

Examinando o estado da arte, sustento a ideia de que nosso trabalho possui abordagem inédita nos recortes de nossa proposta. O tema desta tese despertou-me especial atenção por tratar-se de um periódico diferenciado e um elo em minha vida particular: meu marido trabalhou no jornal *Última Hora* por cerca de três anos, na década de 1950, o que me permitiu, através de depoimentos, reunir informações importantes sobre a orientação temática e figurativa na construção do jornal.

O *corpus* deste trabalho é constituído pelas páginas do jornal *Última Hora*, sucursal de São Paulo, desde a fundação, em 1952, até 1955. Terminamos a pesquisa nesta data, por dois motivos: 1) queríamos verificar como o periódico, que mediava o contrato comunicativo entre o destinador Getúlio Vargas e o destinatário povo, foi configurado após o suicídio do presidente; 2) deveríamos marcar um recorte temporal e, a partir de 1955, foi-nos difícil conseguir, em acervos, exemplares do jornal em papel impresso. Em alguns momentos de nossa pesquisa, estabelecemos uma comparação com páginas de *O Estado de S. Paulo*, *Folha da Manhã*, *Folha da Tarde* e *Folha da Noite*, do mesmo período, limitando-nos aos temas pesquisados.

Elegemos o projeto do periódico paulista especialmente por três motivos: 1) apresentou a seção *Tendinha de Reclamações* antes da sucursal do Rio, garantindo-lhe a experiência da novidade; 2) as eleições à prefeitura paulistana e a greve dos 300 mil foram obviamente mais bem noticiados nesta sucursal; 2) embora qualquer material da década de 1950 seja normalmente mais difícil de conseguir, tivemos acesso a mais exemplares da *Última Hora* paulista por estarmos localizados em São Paulo.

Para resgatar e interpretar as relações da forma visual e temática da *Última Hora* face a outros periódicos, examinando os dados a partir do contexto histórico, político e social, adotamos os procedimentos metodológicos explicados a seguir. Num primeiro momento, fotografamos uma amostragem de páginas do jornal *Última Hora*, e de outros jornais do mesmo período: *Folha da Manhã*, *Folha da Tarde*, *Folha da Noite* e *O*



*Estado de S. Paulo*, para um estudo comparativo. Num segundo momento, realizamos um levantamento bibliográfico e eletrônico, para registrar informações e selecionar as leituras, a fim de resgatar as teorias de referência para fundamentar as análises com as fontes disponíveis.

Para as análises visuais e temáticas, utilizamos a metodologia da análise discursiva de textos, especialmente com base nos estudos de Patrick Charaudeau, Denis Bertrand e José Luiz Fiorin. Para a área da história social, nos apropriamos das teorias de Boris Fausto, Octavio Ianni, Francisco Weffort, Jorge Ferreira, Maria Celina D'Araujo, José Murilo de Carvalho, Hélio Silva, Caio Prado Jr., Gisela Taschner, entre outros. Pedro Cezar Dutra Fonseca apresentou a trajetória política de Getúlio Vargas sob o viés econômico. Samuel Wainer, Nelson Werneck Sodré, Felipe Pena, Isaac Antonio Camargo, entre outros, forneceram subsídios para a área jornalística. Os pensadores Gabriel Tarde, Elias Canetti e Antonio Negri fundamentaram as análises sobre as multidões.

No primeiro capítulo, apresentamos os fatos históricos e sociais a partir da Revolução de 1930, as questões implícitas na operacionalidade do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), as principais constatações populares e das ações políticas oposicionistas, bem como o desenvolvimento das estratégias populistas do governo Vargas.

No segundo capítulo, ao abordarmos a caracterização das multidões no período do segundo governo Vargas, observamos uma amostragem de páginas do jornal *Última Hora* do período anterior e durante a greve dos 300 mil em São Paulo, apropriando-nos dos conceitos dos pensadores Gabriel Tarde (2005), Elias Canetti (1995) e Antonio Negri (2003), com suas obras escritas em 1901, 1960 e 2003, respectivamente. As capas foram selecionadas em razão do aparecimento do tema das massas, multidões, povo e públicos em período próximo às eleições para a prefeitura paulistana de 1953 e a greve dos 300 mil em março do mesmo ano, em São Paulo. Estudamos, nas capas da *Última Hora*, a visibilidade dos movimentos e das massas, e também investigamos como foram mostradas as relações entre governantes e movimentos populares que buscavam sua cidadania. Verificamos também como o periódico construía a interlocução entre governo e massa nos dois eventos mencionados.

No terceiro capítulo, apresentamos uma seleção da seção *Tendinha de Reclamações*, à qual nos referimos anteriormente, mostrando de que modo o enunciador

*Última Hora* operou o contrato comunicativo com seu enunciatário ao noticiar temática e figurativamente as camadas populares em aglomerações.

No quarto capítulo, fizemos uma análise de páginas da *Última Hora*, da *Folha da Noite*, *Folha da Tarde*, *Folha da Manhã* e de *O Estado de S. Paulo* logo após o suicídio de Getúlio Vargas para, em termos de comparação, verificar o tipo de contrato comunicativo efetuado entre o enunciador jornal e enunciatário-leitor, bem como a caracterização das multimedialidades apresentadas verbal ou visualmente e em que grau estavam presentes. Nas considerações finais, realizamos um balanço dos resultados da pesquisa.

No Anexo, comparamos a visualidade gráfica dos jornais *O Estado de S. Paulo* e do grupo *Folhas* após a fundação da *Última Hora* no Rio de Janeiro. A seguir, comentamos, priorizando o viés visual, uma seleção de páginas da *Última Hora* e dos outros periódicos mencionados.

## CAPÍTULO 1 – POVO E MASSA NA ERA VARGAS

Como já dissemos na introdução desta pesquisa, o jornal *Última Hora* revolucionou nos planos de expressão e de conteúdo. É preciso agora circunscrever o contexto político e social e indagar até que ponto ele contribuiu para que um periódico nesses moldes se consolidasse junto ao público leitor. Analisando a visualidade de algumas páginas do periódico de nosso *corpus* e de outros da mesma década (ver Anexo) verificamos que havia uma relação entre a nova figuratividade e construção visual do jornal de Wainer e seus temas sociopolíticos, com a intencionalidade de despertar no leitor maior interesse nas reportagens.

Seguindo pelo viés temático, abordaremos neste capítulo fatos históricos mais circunscritos às relações entre os dominantes e seus subjugados brasileiros, desde a Revolução de 1930, e as reações de várias frentes contestadoras, que, entre outras consequências, possibilitaram a emergência de um tipo de populismo, em alguma medida caracterizada por uma passividade compulsória de parte do operariado (em função dos atos repressivos do governo ditatorial) no início da ditadura de Getúlio Vargas (1930 – 1945) e uma democracia populista (IANNI, 1978, p. 9) com maior liberdade de participação a partir de 1945. A política de massas, alicerce da democracia populista, permite a “formação dos movimentos de massa, como estruturas políticas e ideológicas de sustentação do poder político” (IANNI, 1978, p. 35), proporcionando aos trabalhadores uma participação nas decisões do governo:

A combinação dos interesses econômicos e políticos do proletariado, classe média e burguesia industrial é um elemento importante do getuliano. Essa combinação efetiva e tática de interesses destina-se a favorecer a criação e expansão do setor industrial, tanto quanto do setor de serviços. Em concomitância, criam-se instituições democráticas, destinadas a garantir o acesso dos assalariados a uma parcela do poder. Na verdade, criam-se as condições de luta para uma participação maior no produto. Em plano mais largo, trata-se de uma combinação de forças destinada a ampliar e acelerar os rompimentos com a ‘sociedade tradicional’ e os setores externos predominantes. Em verdade, foi com base no nacionalismo desenvolvimentista, como núcleo ideológico da política de massas – em que se envolvem civis e militares, liberais e esquerdistas, assalariados e estudantes universitários – que se verifica a interiorização de alguns centros de decisão importantes para a formulação e execução da política econômica (IANNI, 1978, p. 55-6).

Vejamos neste momento as relações de fatos histórico-sociais brasileiros com a formação de massas.

## 1.1 AS MASSAS NO PRIMEIRO GOVERNO VARGAS

Até a revolução de 1930, o momento em que prevaleceu o sentimento mais intenso de brasilidade na grande massa do povo brasileiro foi durante a guerra contra o Paraguai, de 11 de novembro de 1864 a 1º de março de 1870, constituindo o primeiro evento com intenso envolvimento nacional contra um inimigo externo ao país:

A forma mais intensa de envolvimento, no entanto, foi a que se deu durante a guerra contra o Paraguai. As guerras são fatores importantes na criação de identidades nacionais. A do Paraguai teve sem dúvida este efeito. Para muitos brasileiros, a idéia de pátria não tinha materialidade, mesmo após a independência. Vimos que existiam no máximo identidades regionais. A guerra veio alterar a situação. De repente havia um estrangeiro inimigo que, por oposição, gerava o sentimento de identidade brasileira. São abundantes as indicações do surgimento desta nova identidade, mesmo que ainda em esboço. Podem-se mencionar a apresentação de milhares de voluntários no início da guerra, a valorização do hino e da bandeira, as canções e poesias populares. Caso marcante foi o de Jovita Feitosa, mulher que se vestiu de homem para ir à guerra a fim de vingar as mulheres brasileiras injuriadas pelos paraguaios. Foi exaltada como a Joana D'Arc nacional. Lutaram no Paraguai cerca de 135 mil brasileiros, muitos deles negros, inclusive libertos (CARVALHO, J. M., 2006, p. 38).

Observamos que os movimentos sociais que se desenvolveram até esta data partiram, em sua maioria, da importante participação de líderes estrangeiros, ou pertencentes a setores específicos, como a categoria dos militares. Os trabalhadores faziam reivindicações que mostravam uma conscientização identitária também específica de categorias profissionais, como os gráficos, os sapateiros, ou até mesmo de todo o operariado, porém, não encontramos características que indiquem a consolidação do envolvimento nas questões da “pátria”, nem do “orgulho de ser brasileiro”, *slogan* bastante divulgado hoje por uma grande empresa nacional. Também com relação à cidadania houve poucos avanços: as mulheres eram proibidas de votar; a redução da jornada de trabalho, em virtude das greves, foi estratificada e específica para cada categoria; o Conselho Nacional do Trabalho, criado em 1923, esteve inativo; o direito de férias, regulamentado em 1926, não era de fato observado; os ferroviários conseguiram uma Caixa de Aposentadoria e Pensão em 1923; os funcionários da União receberam um instituto de previdência em 1926 (CARVALHO, J. M., 2006, p. 63). Excetuando-se setores privilegiados da sociedade, que manipulavam as questões políticas segundo seus interesses, a maioria do povo brasileiro não tinha possibilidade

de participar na política e ainda não estava suficientemente organizado como nação integrada, desprovido de um sentimento nacionalista. Seus protestos geralmente tinham um caráter mais individual. Também parecia não haver interesse dos governantes em conclamar o povo para participar das questões políticas, sociais ou trabalhistas. O jogo político do populismo, que definiremos mais adiante, inexistia.

Quando o então presidente Washington Luís (1926-1930) insistiu na candidatura do paulista Júlio Prestes, na época governador de São Paulo, para sua sucessão – pelo acordo do esquema “café com leite”, deveria ser a vez de um mineiro –, Minas Gerais aliou-se ao Rio Grande do Sul e apresentaram, na chapa da oposição, Getúlio Vargas para presidente e João Pessoa para vice. A coligação foi denominada Aliança Liberal, em torno da qual seria realizada a campanha. Nas eleições do dia 1º de março de 1930, Júlio Prestes foi o mais votado. Para a oposição, houve fraude. Em 26 de julho do mesmo ano, João Pessoa, o vice da Aliança Liberal, então governador eleito do Estado da Paraíba, foi assassinado. Atribuindo o crime a questões políticas, a Aliança Liberal carregou o corpo para a Capital da República, onde uma grande massa popular estava presente. O fato forneceu a justificativa para que a Aliança Liberal retomasse sua luta contra o poder central, recorrendo ao apoio dos tenentes da Revolução de 1922. O capitão Luís Carlos Prestes recusou-se a participar do levante. Acreditava que se tratava de um movimento burguês, não de uma revolução socialista. Naquele momento, Prestes já havia aderido ao comunismo. Washington Luís foi deposto no dia 24 de outubro de 1930 pela Junta Provisória composta pelos generais Augusto Tasso Fragoso, João de Deus Menna Barreto e pelo almirante José Isaías de Noronha, que impediram Júlio Prestes de tomar posse e passaram o Governo Provisório para Getúlio Dornelles Vargas, no dia 3 de novembro de 1930.

Ao contrário do que aconteceu na Proclamação da República em 1889, quando a população em geral mal percebeu a troca de governo (CARVALHO, J. M., 1990, p. 52), na Revolução de 1930, houve mobilização popular. A ideia da revolução provocou nos brasileiros um sentimento de comoção nacional, iniciado pela repercussão do assassinato de João Pessoa. Em várias regiões brasileiras, o povo foi às ruas – Minas Gerais, Rio Grande do Sul, São Paulo, Rio de Janeiro e também no Nordeste (FAUSTO, 1996, p. 324).

Desde o início de seu primeiro governo, Getúlio Vargas adotou, de maneira geral, como solução para os conflitos entre operariado e empresários, guardadas as diferenças inerentes a cada país, o modelo doutrinário corporativista (D’ARAÚJO,

2007, p. 217), aplicado pelos governos autoritários de Portugal, Itália e Alemanha. O “Corporativismo”, palavra originada do latim “corpus”, que significa “corpo”, foi inspirado nas formações de corporações durante a Idade Média, que pretendiam conciliar as diferenças religiosas e sociais com o Estado. Reativado durante a Revolução Industrial no início do século XX e, mais tarde, na década de 1930, tinha por finalidade evitar conflitos entre trabalhadores e empresários, como greves, de um lado, e arbitrariedade ou insensibilidade às injustiças sociais, de outro.

Em Portugal, o governo do Estado Novo, de Antonio Oliveira de Salazar e Marcelo Caetano (1933-1974), tentou organizar os trabalhadores e empresários em corporações, uma para cada profissão, controladas pelo poder central, para dirimir questões conflituosas, evitar a agitação social, com o objetivo maior de promover a unidade do país em torno de sua trilogia “Deus, Pátria e Família” (MENÉNDEZ, 2007, disponível em [www.revistaveredas.ufjf.br/volumes/veredas\\_portugal/artigo11.pdf](http://www.revistaveredas.ufjf.br/volumes/veredas_portugal/artigo11.pdf)). Somente os Sindicatos Nacionais, constituídos pelo Estado Novo salazarista, tiveram permissão para funcionar, os demais foram dissolvidos (MARÔPO, 2008, disponível em [lasics.uminho.pt/ojs/index.php/5sopcom/article/viewFile/40/41](http://lasics.uminho.pt/ojs/index.php/5sopcom/article/viewFile/40/41)). Citaremos alguns dos itens do *Decálogo do Estado Novo* parcialmente reproduzidos por Francesco Ricciu (1968, p. 1709):

(...) “no Estado Novo, todas as classes estão subordinadas e harmonizadas ao supremo interesse da nação”; (...) o indivíduo não existe senão como parte dos grupos naturais (família), profissionais (sindicatos e corporações) e territoriais (municípios); (...) no Estado Novo, a representação nacional “não se apóia em criações fictícias ou em grupos efêmeros, mas sobre as realidades permanentes da vida nacional: famílias, corporações, associações, municípios”; (...) os inimigos do Estado Novo “são os inimigos da nação”. No interesse da nação “é lícito e mesmo obrigatório empregar a força como instrumento da legítima defesa da pátria” (RICCIU, 1968, p. 1709).

Riccio (1968, p. 1709) relata que Marcelo Caetano, que assumiu o cargo de Primeiro Ministro em 1968, em função da má saúde de Salazar, deu uma declaração afirmando que o Decálogo “correspondia exatamente, por natureza, estrutura e finalidade, à Carta do Trabalho fascista”.

Com a mesma intencionalidade de evitar conflitos entre empregadores e empregados, Mussolini (1922-1945) criou suas corporações. A palavra “fascismo” vem de “fasci” que, em italiano, significa “feixe”. Originalmente, esta palavra foi utilizada para designar os grupos de combate que criou a partir de 1919, transmitindo a ideia de que um galho sozinho pode ser quebrado, mas não um feixe de galhos. Em sua doutrina

corporativa, explícita na *Carta del Lavoro* (Carta do Trabalho) de 1927, pretendia alcançar o desenvolvimento econômico, proibindo a luta de classes, dando autonomia à iniciativa privada e associando empresas e empregados como uma força unida. Entre as disposições da *Carta del Lavoro*, de Mussolini, destacamos: embora a formação de sindicato ou agrupamento profissional seja livre, somente os reconhecidos e controlados pelo Estado podem representar e defender os direitos dos empregadores e dos empregados; é instituído o Tribunal do Trabalho, no qual o poder central intervém para dirimir conflitos trabalhistas; as associações profissionais devem garantir a “igualdade jurídica” entre empresários e trabalhadores e resolver controvérsias, antes que a disputa seja levada para a ação judiciária; o contrato coletivo de trabalho é determinado pelas associações profissionais de primeiro grau; o nível salarial é decidido por categoria, pelo sindicato, os órgãos corporativos conciliadores e aprovado pelo Tribunal do Trabalho; o salário precisa cobrir as necessidades do cotidiano e ser compatível com as possibilidades da produção; o trabalho noturno deve ser pago a um índice mais alto e o trabalhador tem direito de repouso aos domingos e férias remuneradas anuais; indenização para o empregado, caso seja despedido; ao ser contratado pela empresa, o trabalhador passará por um período de experiência durante o qual ambas as partes tem o direito de rescindir o contrato; as agências de emprego devem dar preferência aos pertencentes ao Sindicatos e ao Partido fascista; o empregado e o empregador são obrigados a contribuir para o sistema da previdência, com a finalidade de prover o seguro maternidade, contra acidentes de trabalho, doenças, entre outros; as associações profissionais devem cuidar da administração e parte jurídica do seguro social e contra acidentes no trabalho; o último artigo dispõe sobre a obrigatoriedade das associações na instrução e educação para a iniciação profissional e em outras ações educativas (FÓRUM SINDICAL DOS TRABALHADORES, extraído de “História Sindicalista”, de Jeferson Barbosa da Silva, 2001, disponível em [www.arquivos.fir.br/disciplinas/001TRA8\\_cartalavoro.pdf](http://www.arquivos.fir.br/disciplinas/001TRA8_cartalavoro.pdf)).

O ditador nazista Hitler (1933-1945), como Salazar e Mussolini, cada um a seu modo, também estabeleceu leis trabalhistas. Desde o início de sua gestão, implantou férias pagas, que aumentavam de acordo com a idade e o tempo na empresa. Estabeleceu o limite máximo de oito horas diárias trabalhadas e as horas extras teriam que ser pagas usando um índice mais elevado. As empresas foram obrigadas a ampliar para duas horas a interrupção para descanso diário. Três órgãos principais foram criados, constituindo a Frente de Trabalho Alemã (*Deutsche Arbeitsfront*). O primeiro,

um Conselho de Confiança (*Vertrauensrat*) que toda empresa era obrigada a manter, composto de representantes selecionados pelo diretor da empresa, que também participava das deliberações. O segundo era uma Comissão de Trabalhadores (*Reichstreuhänder der Arbeit*) com a função principal de conciliar e arbitrar conflitos entre empregados e empresários. O terceiro, o chamado Tribunal da Honra Social (*Ehrengerichte*), julgava, entre outros, as demissões de funcionários. A empresa, segundo as novas leis trabalhistas, era obrigada a dar um aviso prévio ao empregado de quatro semanas. Este tinha dois meses para recorrer da decisão e o caso era encaminhado ao Tribunal da Honra Social (DEGRELLE, *Journal of Historical Review*, disponível em [www.library.frawlesslogic.com/soc\\_rev2.htm](http://www.library.frawlesslogic.com/soc_rev2.htm)). Em 7 de abril de 1933, criou uma nova Lei do Funcionalismo Público “dedicada eufemisticamente à ‘restauração da carreira de funcionário público’, concebida para a expurgar os judeus desses serviços, bem como todos os indivíduos politicamente indesejáveis. Instituiu o carreirismo, as inimizades pessoais e a delação.” (BRACHER, 1968, p. 1428). Estava em curso o terror das perseguições e assassinatos de judeus, comunistas e opositores ao regime nazista.

No fascismo em Portugal e na Itália e no nazismo na Alemanha, a ideia principal fingia mostrar que as controvérsias deviam ser resolvidas em equipe, apesar das perdas das classes assalariadas pela proibição do direito de greve, das lutas reivindicatórias, com ameaças de prisão, e de outras restrições impostas pelos regimes autoritários (AQUARONE, 1968, p. 1179). Entretanto, era obrigatório que nenhuma resolução podia impedir o desenvolvimento produtivo e econômico do país que, ideologicamente, estava acima de qualquer questão. Ao mesmo tempo, a finalidade das deliberações em conjunto era reduzir os conflitos entre as camadas sociais e beneficiar, em boa medida, as camadas operárias. O corporativismo arbitrário com as novas diretrizes, que proibia e reprimia as manifestações de luta de classes, conseguiu que seus dirigentes, no decorrer da gestão e em graus diferentes, levando em conta o terror da repressão para os que não lhes oferecessem apoio, tivessem aceitação de grande parte das massas (BULLOCK, 1968, p. 1515).

No Brasil, Getúlio Vargas, que tinha seu olhar voltado para a Europa, especialmente para a Alemanha e a Itália, como está sinalizado em alguns de seus discursos, adotou o modelo corporativista e estratégias semelhantes na legislação trabalhista, não sem a pressão reivindicadora do operariado brasileiro, organizado basicamente pelas esquerdas. Com este modelo de governo, conciliando conflitos de classes e implementando benefícios aos trabalhadores, Getúlio provavelmente se



inspirou em tais modelos para ganhar o apoio de grande parte da população brasileira, a exemplo dos países europeus mencionados:

De fato, sob seu governo o país deu um salto qualitativo em termos da legislação trabalhista, mas isso foi feito simultaneamente à maior restrição das liberdades políticas que o país conheceu. Partidos e Congresso foram proscritos e greves proibidas. Todo o esforço de Vargas em prol de uma legislação protetora para o trabalhador sempre foi anunciada pela propaganda oficial como produto da visão pioneira do “chefe” Getúlio Vargas. Uma rápida olhada pelo mundo nos mostra que, nessa mesma época, o tema vinha sendo tratado em vários países e recebendo a atenção dos poderes públicos (D’ARAUJO, 2007, p. 236).

Alguns exemplos de sua legislação evidenciam este direcionamento. Assim como a *Carta del Lavoro* italiana, de 1927, instituiu um Tribunal do Trabalho para resolver situações conflitantes entre empregados e empregadores para evitar as greves, Vargas criou formalmente, em 1934, a Justiça do Trabalho em moldes semelhantes. Paralelamente, as juntas de conciliação e julgamento, com três representantes dos empresários, três dos funcionários e um bacharel em direito, em funcionamento desde 1932, já deliberavam e julgavam questões trabalhistas individuais e de dissídio com as mesmas finalidades (D’ARAUJO, 2007, p. 232). A Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) de 01/05/1943, sistematiza o modelo corporativo controlador das relações trabalhistas:

A CLT evita na prática, e de várias maneiras, a solidariedade de classe. Uma delas estabelecendo que um sindicato responda apenas por uma categoria profissional, isto é, proibindo uma articulação horizontal dos trabalhadores. Proibia também que sindicatos pudessem se unir em alguma reivindicação. E, para facilitar essa política de isolar as profissões entre si, foram criadas datase base distintas para cada categoria. Com isso procuravam-se evitar a articulação intersindical e limitar o diálogo do sindicato apenas ao patronato e ao governo. Era, nos dizeres da propaganda estado-novista, uma forma de evitar a luta de classes, dando voz ao trabalhador dentro do próprio Estado (D’ARAUJO, 2007, p. 226).

Como vimos, apesar de se diferenciar da legislação implementada por Getúlio Vargas em algumas questões, especialmente as políticas, as quatro legislações, a salazarista, a de Mussolini, a nazista e a getulista são arbitrárias, exigem o controle do Estado, reprimem violentamente as reações de grupos de contestação e de esquerda, buscando soluções corporativas conciliadoras entre as hostes conflitantes. O governo de Getúlio criou uma legislação que, na primeira década de seu governo, acreditamos ter sido inspirada na Carta de Mussolini e, posteriormente, na legislação trabalhista nazista: vinculação dos sindicatos ao poder central através do Ministério do Trabalho, as manifestações de cunho ideológico ou político vedadas (D’ARAUJO, 2007, p. 223), a

criação das Juntas de Conciliação e Julgamento, da Justiça do Trabalho, a adoção do salário mínimo em 1940, a configuração da CLT, os Institutos de Aposentadoria e Pensão para diversas categorias profissionais, entre outros:

O governo não admitia semelhança com os regimes nazi-fascistas, procurando enfatizar a originalidade do Estado Novo. Mas compartilhava muitas das idéias postas em prática nesses regimes: legislação social, propaganda política, representação corporativista, e até mesmo o anti-semitismo se fez presente em certas esferas, sobretudo na política de imigração (CAPELATO, 2007, p. 135).

Em sua vasta experiência política, Vargas percebeu que as massas populares daqueles países pareciam dar apoio maciço a seus governantes. A pergunta que ficava era por que os discursos destes governos, alemão e italiano, tinham a presença de grandes massas populares? (JANSSEN, 1968, p. 1429). Getúlio, ele próprio também ditador, anteviu a possibilidade de convocar para si a população, especialmente os operários, muitos já organizados em sindicatos e associações em que o PCB tinha um papel ativo, para desviá-los das forças de esquerda, que Vargas denominava “as forças do mal”, e congregá-los em sindicatos sob seu controle (FONSECA, 1999, p. 170).

No livro de memórias de Samuel Wainer (2001), o autor deixa claro para qual lado Vargas pendia durante a Segunda Guerra Mundial:

O nazismo e o fascismo encontraram defensores nas Forças Armadas e no governo brasileiro, mas jamais se fixaram junto à população, tampouco conquistaram muitos adeptos entre as classes dirigentes, até porque a cultura germânica nunca teve, no processo da formação cultural brasileira, a influência da cultura inglesa ou francesa. Além do mais, o Brasil foi durante muito tempo, na prática, uma colônia britânica. Graças a esses fatores, a linha antifascista e antinazista de Diretrizes era vista com simpatia. O brasileiro médio não nos considerava comunistas; para ele, a revista defendia causas justas, democráticas. A situação se agravou em junho de 1940, quando Getúlio Vargas, a bordo do couraçado Minas Gerais, fez o histórico discurso com o qual praticamente formalizava a adesão do Brasil ao bloco liderado pela Alemanha. O discurso continha a frase que ficaria famosa: “Novas forças se erguem no mundo ocidental.” O texto era elíptico, mas deixou evidente de que lado se encontrava o ditador (WAINER, 2001, p. 57).

O populismo (conceito que desenvolveremos ainda neste capítulo), com seu início atribuído a Getúlio Vargas durante o período ditatorial, em que parte dos trabalhadores aceitava as regras sem contestação, em virtude das grandes restrições nas liberdades políticas e ideológicas (CARVALHO, J. M., 2006, p. 126), não pode ser definido como um período sem lutas nem movimentos oposicionistas por parte dos trabalhadores e adversários políticos, como afirma Maria Helena Capelato (2007):

A propaganda, fortemente inspirada no modelo instituído na Alemanha pelo ministro Joseph Goebbels, tinha como objetivo conquistar corações e mentes para a nova política e a polícia exercia repressão aos opositores do regime, tendo como tarefa garantir a nova ordem. Houve repressão forte – prisões, tortura, exílios, censura – , que atingiu tanto os considerados subversivos (comunistas, socialistas, anarquistas) como os opositores liberais. (...) Nas masmorras do Estado Novo muitos permaneceram presos e muitos foram torturados. Os revolucionários de 1935 foram torturados e receberam penas altas. Muitos foram espancados, tiveram os corpos queimados. A mulher do líder comunista Luís Carlos Prestes, Olga Benário, foi entregue aos alemães e acabou morrendo num campo de concentração (CAPELATO, 2007, p. 131).

De 1930 a 1937, a agitação social no Brasil foi intensa: o número de sindicatos e associações de classe se ampliou; os partidos políticos se diversificaram; e houve movimentos sociais de grande envergadura, como a Revolução Constitucionalista de 1932 em São Paulo.

Ao assumir o Governo Provisório, Vargas extinguiu o Congresso Nacional, os legislativos estaduais e municipais e nomeou interventores, muitos deles militares, para substituir todos os demais governadores dos Estados depostos, excetuando-se o de Minas Gerais, recentemente eleito. O Código dos Interventores, criado em 1931, dispunha sobre as normas de subordinação ao poder central a que estes interventores estavam subordinados, e permaneceriam em seus cargos até que fosse promulgada a nova Constituição. Getúlio estreitou as relações com a Igreja Católica. Esta promoveu campanhas para convencer a massa católica a apoiar o golpe e, em troca, o governo federal decretou medidas que a beneficiaram, entre elas permitindo que a religião fizesse parte do currículo nas escolas públicas (FAUSTO, 1996, p. 333). Vargas criou em novembro de 1930 o Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio – mais tarde, somente Ministério do Trabalho - e, em 1931, o Departamento Nacional do Trabalho, que trataria das questões trabalhistas. O Decreto 19.770, de 19 de março de 1931, enquadrou os sindicatos de operários e patronais, que deveriam ter o papel de órgão consultivo e de colaborador com o poder público.

A política sindical foi modificada. De modo semelhante à Carta del Lavoro, haveria somente um sindicato para cada categoria de trabalhadores, controlado pelo governo central através do Ministério do Trabalho, criado em novembro de 1930 também com este propósito (D'ARAÚJO, 2007, p. 223). Os sindicatos precisavam ser reconhecidos pelo Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio, transformaram-se em colaboradores do Estado (D'ARAÚJO, 2007, p. 223) e não podiam manifestar-se ideologicamente. Não havia obrigatoriedade de sindicalização por parte dos trabalhadores. A nova legislação sindical foi a mais inovadora no governo Vargas, “mas

essas inovações não foram impostas sem resistência do trabalhador e de seus sindicatos. O governo correspondeu à contestação operária com repressão e violência policial (...).”(D’ARAÚJO, 2007, p. 224).

Como consequência da quebra da Bolsa de Valores nos Estados Unidos, em 1929, o preço internacional do café passou a sofrer desvalorizações. Em 1931, no Estado de São Paulo, os estoques de café não encontravam mercado na exportação, os problemas cafeeiros estavam prejudicando as finanças do país, e tudo isto criou um grande descontentamento, especialmente porque havia rumores de que o Ministro da Fazenda, José Maria Whitaker, tomava medidas que favoreciam os bancos, não os produtores (FAUSTO, 1996, p. 334). Para piorar a situação, o interventor de São Paulo, o tenente João Alberto, nomeado por Vargas em 24 de novembro de 1930, era pernambucano, contrariando a elite paulista (FAUSTO, 1996, p. 342), que exigia um interventor civil do Partido Democrático (PD) e nascido em São Paulo. Vargas, para apaziguar os ânimos, nomeou o civil paulista Pedro de Toledo. Também os oficiais superiores militares estavam descontentes com o governo central que distribuía cargos públicos aos tenentes, implicando uma valorização dos militares de baixa patente (CARVALHO, J. M., 2006, p. 100).

Em clima de preparativos para uma revolução, durante uma greve de grandes proporções, quatro estudantes, Miragaia, Marcondes, Dráusio e Camargo, quando tentaram invadir um jornal tenentista, foram assassinados a tiros, resultando na sigla MMDC, que passou a simbolizar a revolução. Os revoltosos buscavam instaurar uma nova Constituição, mas estavam divididos entre os que queriam o retorno ao modelo oligárquico e os que almejavam uma democracia liberal (FAUSTO, 1996, p. 350). A chamada Revolução Constitucionalista eclodiu em 9 de julho de 1932 e se alastrou até 1º de outubro do mesmo ano, quando foi derrotada. Embora tivesse a participação da elite paulista e das classes dominantes, como os produtores do café, militares e políticos da oposição, reunindo os que queriam o retorno às oligarquias e igualmente os que buscavam um sistema democrático, a revolta constituiu-se numa verdadeira guerra mobilizando toda a população. Poderia ter se estendido a outros Estados e assumir um caráter nacional, se o Rio Grande do Sul e Minas Gerais não tivessem recusado seu apoio militar. Foi uma demonstração da força de uma identidade coletiva circunscrita ao Estado de São Paulo, imbuída de exaltação cívica:

Apesar de seu conteúdo conservador, a revolta paulista foi uma impressionante demonstração de entusiasmo cívico. Bloqueado por terra e mar, o estado contou apenas com as próprias forças para a luta. Houve mobilização geral. Milhares de voluntários se apresentaram para lutar; as indústrias se adaptaram ao esforço de guerra produzindo armamentos, fardas, alimentos; mulheres ofereciam suas jóias para custear o esforço bélico. Tentou-se reforçar a identidade paulista, ameaçada pela grande presença de imigrantes europeus, em torno do bandeirante mitificado. Não faltaram mesmo manifestações de separatismo, embora este não fosse um tema central da pregação rebelde. Em um país com tão pouca participação popular, a guerra paulista foi uma exceção. Não favorecia a identidade brasileira, mas revelou e reforçou um forte sentimento de identidade paulista (CARVALHO, J. M., 2006, p. 100).

Até o golpe do Estado Novo instaurado por Getúlio Vargas em 1937, houve outros movimentos que envolveram a massa do povo brasileiro. No dia 18 de abril de 1932, a primeira greve de bancários no Brasil foi deflagrada no Banco do Estado de São Paulo, sucursal da cidade de Santos (JUNCKES, 2008, disponível em [www.revistas.uepg.br/index.php?journal=rhr&page=article&op=viewFile&path%5B%5D=353&path%5B%5D=266;](http://www.revistas.uepg.br/index.php?journal=rhr&page=article&op=viewFile&path%5B%5D=353&path%5B%5D=266;)), reivindicando, entre outros, aumento de salário, índice mais elevado no pagamento das horas extras, fim das demissões de funcionários que retornavam de licença médica e ainda não estavam em plenas condições de saúde. O impasse gerou problemas aos cafeicultores que dependiam do banco para as operações financeiras de um dos principais produtos do país. No dia seguinte, todas as demandas foram aceitas (FETEC-CUT, 2007, disponível em [www.feteccn.com.br/index.php?option=com\\_content&task=view&id=2532&Itemid=0](http://www.feteccn.com.br/index.php?option=com_content&task=view&id=2532&Itemid=0); GIL, 2003, disponível em [www.piratininga.org.br/novapagina/boletim\\_show.asp?boletim\\_num=27](http://www.piratininga.org.br/novapagina/boletim_show.asp?boletim_num=27)). No mesmo ano, foi fundado o Sindicato dos Ferroviários da São Paulo Railway e, no dia 1º de maio do mesmo ano, decidiu-se iniciar uma greve da categoria, que durou cerca de doze dias, por aumento de salário, cumprimento da lei de férias, 48 horas semanais de trabalho e outros benefícios. Muitas demandas foram conseguidas (STEFSP, disponível em [www.stefsp.org.br/diretoria/diretoria.html#sindicato](http://www.stefsp.org.br/diretoria/diretoria.html#sindicato)).

Na madrugada de 11 de maio de 1932, os tecelões de São Paulo decidiram entrar em greve. Segundo o artigo publicado no *Banco de Dados Folha* (disponível em [almanaque.folha.uol.com.br/cotidiano\\_11mai1932.htm](http://almanaque.folha.uol.com.br/cotidiano_11mai1932.htm)), o movimento chegou a envolver cerca de 90.000 trabalhadores da categoria, por aumento salarial, melhores condições de higiene, regulamentação do trabalho das mulheres e de menores. Neste mesmo dia 11, a Federação Operária de São Paulo determinou que os trabalhadores a ela vinculados se solidarizassem com as outras entidades também em greve naquele momento: sapateiros, vidreiros, ferroviários da São Paulo Railway, e outras categorias. Os

empregados em cafeterias também se reuniram em assembleia neste dia para decidir as ações a tomar com relação à sua categoria (*Banco de Dados Folha*, disponível em [almanaque.folha.uol.com.br/cotidiano\\_11mai1932.htm](http://almanaque.folha.uol.com.br/cotidiano_11mai1932.htm)).

Em fevereiro de 1932, o decreto que cria o Código Eleitoral deu às mulheres o direito ao voto. Foram determinados salários iguais para os dois gêneros na mesma função e foi proibido o trabalho noturno para elas. No mesmo ano, em maio, decretou-se a jornada de oito horas para o comércio e a indústria, e a licença maternidade de doze semanas. Ainda neste ano, foram criadas Comissões de Juntas de Conciliação e Julgamento, e a carteira do trabalho, documento profissional identificatório para auxiliar nas disputas entre patrão e empregado. O trabalho do menor, definido em lei anterior, foi neste ano de fato regulamentado (CARVALHO, J. M., 2006, p. 112).

Nos dias 5, 6 e 7 de julho de 1934, os bancários se mobilizaram em âmbito nacional. Dois dias depois, o governo edita o Decreto-Lei 24.615 de 9 de julho, criando o Instituto de Aposentadoria e Pensão dos Bancários (IAPB), que regulamenta as aposentadorias e pensões dos bancários, dando-lhes direito à pensão alimentícia para a família. Segundo a revista *Bancário*, de 30/06/67, citado por Ana Lúcia Oliveira (1999, disponível em <http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/pdf/238/23801311.pdf>), os dirigentes sindicais afirmam que o decreto foi criado em função da greve: “O nosso Instituto IAPB não foi dádiva, foi conquista da greve de 1934 que o arrancou do governo (...)”. Os Institutos de Aposentadoria e Pensão para cada categoria profissional, geridos pelo governo central, foram criados entre 1933 e 1936. O primeiro instituto, para os marítimos (IAPM), foi fundado em junho de 1933 (CARVALHO, J. M., 2006, p. 114).

Em seu regime de força, Getúlio Vargas pendia para o ideário da ditadura, que ele qualificava como “salvadora” (FONSECA, 1999, p. 170), a exemplo dos modelos autoritários europeus. Em 1932, quando as pressões para o retorno do regime democrático assumiam grandes proporções, especialmente em São Paulo, Minas Gerais e Rio Grande do Sul, num discurso no dia 14 de maio, proferiu que não era contrário a tal mudança, mas naquele momento necessitava atender os “sentimentos do povo brasileiro”:

Entretanto, tinha ele, Getúlio, como “missão primordial, auscultar os sentimentos do povo brasileiro.” Em seu entender, o povo defendia a ditadura por saber os benefícios que ela lhe vinha trazendo; era, pois, uma *ditadura salvadora*: “O período ditatorial tem sido útil, permitindo a realização de certas medidas salvadoras, de difícil ou tardia execução, dentro da órbita legal”. Prosseguiu Getúlio em seu discurso argumentando que a agilidade na tomada de decisões era indispensável no mundo moderno, principalmente diante da crise econômica: “Em período de restauração financeira, a exigir,

sem protelações, o emprego de medidas extremas, de efeito rápido, fazia-se necessário um governo armado de poderes especiais, para realizá-la” (FONSECA, 1999, p. 170).

Em outro discurso, no início de 1936, Vargas citado por Fonseca (1999, p. 170) concentrou a agenda temática no comunismo, definindo-o como “as forças do mal e do ódio que campearam sobre a nacionalidade (...) o mais perigoso inimigo da civilização cristã”. No dia 10 de maio do mesmo ano, proferiu outro pronunciamento em que era imprescindível e um dever reprimir o comunismo (FONSECA, 1999, p. 170).

A nova Constituição foi finalmente promulgada em 14 de julho de 1934. Estabelecia uma República Federativa, inspirada, segundo Boris Fausto (1996), no modelo da Constituição de Weimar na Alemanha, entre o término da Primeira Grande Guerra e a ascensão do regime nazista (FAUSTO, 1996, p. 351). Previa a proteção de produtos básicos à defesa econômica ou militar do país, como minas, jazidas e quedas d’água, garantia os sindicatos como plurais e autônomos, e questões trabalhistas, como salários iguais independente de sexo, idade, nacionalidade, estado civil, garantiu a fixação do salário mínimo, descanso semanal, férias remuneradas, indenização na demissão sem justa causa, regulamentou o trabalho feminino e infantil. Quanto à educação, o ensino primário seria gratuito com obrigatoriedade na frequência, e o ensino religioso seria opcional nas escolas públicas, mas não estava circunscrito à religião católica. O tema da segurança nacional surgiu pela primeira vez na Constituição. Cabia ao Conselho Superior de Segurança Nacional avaliar todas as questões referentes a este assunto. Dispunha também sobre o serviço militar obrigatório. No dia 17 de julho, Vargas foi eleito Presidente da República pelo voto indireto da Assembleia Nacional Constituinte. Segundo a nova Constituição, as eleições seguintes deveriam ser diretas.

Os comunistas brasileiros, para deter o crescimento do movimento pró-fascista Ação Integralista Brasileira (AIB) liderado por Plínio Salgado, no dia 23 de agosto de 1934, realizaram o 1º Congresso contra a Guerra, a Reação e o Fascismo, no teatro João Caetano, Rio de Janeiro, congregando cerca de dez mil pessoas. O evento foi reprimido pela polícia a tiros, com 4 mortos e 20 feridos, segundo relatado no jornal *Correio da Manhã*, no dia seguinte. O fato, repudiado por vários setores, deflagrou movimentos grevistas pelo país (PRESTES, 2005, disponível em [br.geocities.com/mcrosst07/20050909a\\_70\\_anos\\_da\\_alianca\\_nacional\\_libertadora.htm#\\_ednref2](http://br.geocities.com/mcrosst07/20050909a_70_anos_da_alianca_nacional_libertadora.htm#_ednref2)). Em uma tarde de domingo do dia 7 de outubro do mesmo ano, um grupo de integralistas (os chamados “camisas verdes”), liderados por Plínio Salgado, e outro grupo do Partido

Comunista Brasileiro (PCB) se confrontaram na praça da Sé, em São Paulo. O PCB organizou duas colunas: uma de mobilização popular e outra militar, liderada pelo tenente João Cabanas, Roberto Sisson e Euclides Krebs. Sabedores da manifestação integralista, pró-fascismo, reuniram-se para contra-atacar. Em cada ponto da praça por onde passariam os camisas verdes, haveria um grupo do PCB, composto de comunistas, anarquistas, trotskistas e socialistas, aguardando por eles. As tropas do governo protegeram os fascistas na caminhada pela av. Brig. Luis Antonio, cerca de dois quilômetros, até a praça da Sé. No local, travou-se uma guerra de rajadas de tiros entre os integralistas, as forças de segurança do governo, a eles aliados, e a esquerda. Enquanto se dispersavam em grupos, proferiam discursos em vários cantos da praça. A maior parte dos integralistas fugiu logo após o início do combate, restando um grupo que, com o apoio policial, resistiu a quatro horas de tiroteio pesado. O acontecimento teve grande repercussão (BUONICORE, 2007, disponível em [www.midiaindependente.org/pt/blue/2007/10/400252.shtml](http://www.midiaindependente.org/pt/blue/2007/10/400252.shtml)).

No dia 24 de dezembro de 1934, os Correios e Telégrafos, em São Paulo e no Rio de Janeiro paralisaram suas atividades pela primeira vez. No final de março de 1935, foi fundada a Aliança Nacional Libertadora (ANL) pelo PCB, com a trilogia “Terra, Pão e Liberdade”. Com a justificativa de que a direita e a esquerda estavam radicalizando suas mobilizações reivindicatórias, em 4 de abril de 1935, foi aprovada a Lei de Segurança Nacional, que dispunha o seguinte:

(...) os crimes contra a ordem política e social, incluindo entre eles: a greve de funcionários públicos; a provocação de animosidade nas classes armadas; a incitação de ódio entre as classes sociais; a propaganda subversiva; a organização de associações ou partidos com o objetivo de subverter a ordem política ou social, por meios não permitidos por lei (FAUSTO, 1996, p. 359)

No dia 9 de junho de 1935, os membros da ANL realizaram um grande comício na cidade de Petrópolis, localizado praticamente em frente à sede da Ação Integralista Brasileira (AIB), o que provocou mais um confronto armado (VIANNA, 2007, p. 85). No dia 5 de julho, a entidade promoveu manifestações celebrando o aniversário das revoltas tenentistas de 1922 e 1924 e, em seu manifesto, Luís Carlos Prestes exige “Todo o poder à ANL”, contra o fascismo e o imperialismo, propondo derrubar o governo (PRESTES, 2005, disponível em [br.geocities.com/mcrost07/20050909a\\_70\\_anos\\_da\\_alianca\\_nacional\\_libertadora.htm#\\_ednref28](http://br.geocities.com/mcrost07/20050909a_70_anos_da_alianca_nacional_libertadora.htm#_ednref28)). O manifesto serviu de pretexto para colocar a ANL na ilegalidade, o que se concretiza seis dias depois, tendo como suporte legal a nova Lei de Segurança Nacional.



No dia 13 de julho, a polícia invadiu as sedes da ANL e da União Feminina do Brasil (UFB), efetuando várias prisões (FAUSTO, 1996, p, 360).

Entre outras greves deflagradas neste período, no dia 11 de novembro de 1935, a greve dos ferroviários da *Great Western* (VIANNA, 2007, p. 87) paralisou o transporte ferroviário de Alagoas ao Rio Grande do Norte.

A chamada “Intentona Comunista” eclodiu em Natal no dia 27 de novembro de 1935, em nome da ANL, que, com apoio popular, conseguiu dominar a cidade durante quatro dias. Em Recife e no Rio de Janeiro eclodiram novos levantes, mas a falta de articulação – a unidade do Rio de Janeiro não tinha uma posição exata do que acontecia no Nordeste – possibilitou ao governo controlar a situação sem dificuldade, desencadeando uma série de atos repressivos contra seus membros (VIANNA, 2007, p. 88-94). O governo central decretou estado de sítio no país por dois meses, substituindo-o por estado de guerra, que foi prorrogado ininterruptamente até junho de 1937. Em janeiro de 1936, foram criados novos órgãos de repressão, como a Comissão Nacional de Repressão ao Comunismo, ampliando o poder da polícia federal e do antigo tenente Filinto Müller<sup>6</sup>. Em março deste ano, a nova legislação permitiu a prisão de cinco parlamentares que, segundo o governo, simpatizavam com a ANL. No final de outubro do mesmo ano, foi criado o Tribunal de Segurança Nacional, que seguiu suas operações durante todo o Estado Novo, com o propósito de julgar os presos políticos (FAUSTO, 1996, p. 361-2).

Como vimos, a participação popular em vários episódios foi intensa por todo o Brasil e os atos de repressão se multiplicaram. Não se pode negar que houve avanços na legislação trabalhista, mas muitos casos foram o resultado de pressões da mobilização social de setores vários.

Em setembro de 1937, surgiu um pretexto para justificar um novo golpe, o Plano Cohen, que, para alguns autores, ainda não parece totalmente esclarecido. O capitão Olímpio Mourão Filho, oficial integralista, teria sido pego em flagrante datilografando um plano (que pretendia uma revolução comunista) para ser publicado num boletim da AIB. O documento a ser copiado estava assinado por alguém chamado “Cohen” (FAUSTO, 1996, p. 363). Farsa ou não, o fato foi amplamente divulgado no programa radiofônico “Hora do Brasil” e publicado em vários jornais, justificando a aprovação do estado de guerra e suspendendo por noventa dias as garantias constitucionais. O

---

<sup>6</sup> Filinto Müller participou da Coluna Prestes e, acusado de desonestidade financeira, foi expulso.

governador de Minas Gerais, Benedito Valadares, escreveu uma carta em nome de Vargas, afirmando que aquele não era o momento apropriado para realizar eleições. A carta foi encaminhada a vários governadores com a finalidade de pedir apoio ao golpe. No dia 10 de novembro de 1937, Getúlio Vargas anunciou, pelo rádio, o Estado Novo para toda a nação. Entrou em vigor uma nova Carta constitucional, que seria a legislação a partir de então (FAUSTO, 1996, p. 364). O levante de 1935 dos movimentos populares e de esquerda já haviam sido reprimidos.

O arbitrário sistema de repressão, através do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), que abordaremos mais adiante, e de outros órgãos de segurança, praticamente impossibilitou que houvesse qualquer manifestação popular de protesto contra o golpe estadonovense. O mandato dos governadores eleitos teria de ser confirmado pelo governo central. Caso contrário, seria nomeado um interventor. Haveria um plebiscito nacional para aprovar a Carta, dissolveu-se todo o legislativo e as eleições para o novo Parlamento aconteceriam após o plebiscito. Nem um nem outro se efetivaram durante todo o Estado Novo. A Carta dava poder ao presidente de governar através dos decretos-leis que julgasse necessários. Como havia estado de emergência no país, todas as liberdades civis garantidas pelo documento foram suspensas. Funcionários civis e militares poderiam ser aposentados, se fosse da conveniência do regime (FAUSTO, 1996, p. 365).

O governo Vargas foi promovido oficialmente através de órgãos que divulgaram seus feitos políticos e sua imagem. A primeira instituição criada para divulgar a política federal em 2 de julho de 1931, após a revolução de outubro de 1930, foi o Departamento Oficial de Publicidade (DOP), vinculado ao Ministério da Justiça e Negócios Interiores, que concentrava a divulgação na radiodifusão, além de fornecer informações governamentais à imprensa. Com a finalidade de ampliar a propaganda oficial para outros veículos de comunicação (ARAÚJO, CPDOC-FGV, disponível em [www.cpdoc.fgv.br/dhbb/verbetes\\_htm/7791\\_1.asp](http://www.cpdoc.fgv.br/dhbb/verbetes_htm/7791_1.asp)), foi fundado, em 10 de julho do mesmo ano, o Departamento de Propaganda e Difusão Cultural (DPDC), sob o comando de Lourival Fontes, jornalista e escritor admirador de Mussolini, com o Decreto-Lei nº 24.651, substituindo o DOP. A abrangência do DPDC era a Imprensa Nacional (que possuía gestão própria), a radiodifusão, cultura e cinema, incentivando, com benefícios fiscais e prêmios, a realização de filmes educativos. Após 10 de novembro de 1937, data do golpe do Estado Novo e da extinção do Parlamento, das Assembleias Estaduais e das Câmaras Municipais, a nova Carta transformou a imprensa

em serviço de utilidade pública, limitando sua atuação. O DPDC transformou-se, em 1938, ainda sob a direção de Lourival Fontes e vinculado ao Ministério da Justiça, no Departamento Nacional de Propaganda (DNP), “passando a atuar em todos os campos relacionados com o que se denominava ‘educação nacional’ e a exercer a censura e o controle de todos os meios de comunicação” (ARAÚJO, CPDOC-FGV, disponível em [www.cpdoc.fgv.br/dhbb/verbetes\\_htm/7791\\_1.asp](http://www.cpdoc.fgv.br/dhbb/verbetes_htm/7791_1.asp)). O novo órgão deveria promover o Brasil em outros países, utilizando a divulgação de jornalistas e escritores nacionais em periódicos do exterior. Editou e distribuiu o *Boletim de Informações*, impresso em quatro idiomas, em hotéis, embaixadas e outros pontos de trânsito turístico. O DNP iniciou, em 1938 (ano de sua fundação), a transmissão diária obrigatória do programa radiofônico “Hora do Brasil”, durante uma hora em todas as emissoras, com a finalidade de divulgar os acontecimentos nacionais, visando três objetivos: informativo, cultural e cívico:

Além de informar detalhadamente sobre os atos do presidente da República e as realizações do Estado, “Hora do Brasil” incluía uma programação cultural que pretendia incentivar o gosto pela “boa música” através da audição de autores considerados célebres. A música brasileira era privilegiada, já que 70% do acervo eram de compositores nacionais. Comentários sobre a arte popular, em suas mais variadas expressões regionais, e descrições dos pontos turísticos do país também eram incluídos na programação. Quanto à parte cívica, era composta de “recordações do passado”, em que se exaltavam os feitos da nacionalidade. Nas peças de radioteatro, para as quais eram convidados os mais destacados dramaturgos da época, como Joraci Camargo, invocavam-se dramas históricos como a retirada da Laguna, a abolição de escravidão e a proclamação da República (CPDOC – Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS, disponível em [www.cpdoc.fgv.br/nav\\_historia/htm/anos37-45/ev\\_ecp\\_horabrasil.htm](http://www.cpdoc.fgv.br/nav_historia/htm/anos37-45/ev_ecp_horabrasil.htm)).

Com o intuito de fomentar entre o povo o sentimento patriótico, todas as transmissões radiofônicas no território nacional, em língua estrangeira, foram proibidas pelo órgão a partir de 7 de fevereiro de 1938, o que também valia para a importação e venda de periódicos provenientes de outros países, na época uma fatia mercadológica significativa. No final daquele mês, o Decreto-Lei nº 300 dispunha que os proprietários de jornais e revistas podiam beneficiar-se da isenção dos impostos na importação de papel desde que solicitassem autorização ao Ministério da Justiça, que, por sua vez, exigia o cumprimento de muitas exigências. Foi a maneira encontrada para manter controle do conteúdo dos periódicos e recompensar com a isenção os que obedecessem a orientação federal.

O Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) foi criado pelo Decreto-Lei nº 1.915 de 27 de dezembro de 1939, com a finalidade de ampliar as atividades do DNP, extinto pelo mesmo decreto, e para divulgar a ideologia do Estado Novo a todas as camadas, especialmente as populares:

O governo procurou ampliar a base de apoio através da propaganda política, arma muito importante num regime que se volta para as massas. É preciso lembrar que o regime nazista transformou-a num dos pilares do poder. O ministro Joseph Goebbels criou uma máquina de propaganda que serviu de modelo a vários governos em busca do apoio das massas como base de sustentação de suas políticas (CAPELATO, 2007, p. 122).

Ainda sob a direção de Lourival Fontes, que ficou no cargo até agosto de 1942, e como porta-voz autorizado do governo, o DIP coordenava as homenagens ao chefe de governo, constituiu o principal meio de promoção pessoal de Vargas, de sua família, de seus aliados e das realizações do regime autoritário. A fotografia oficial do ditador era distribuída tanto em empresas públicas como em estabelecimentos comerciais, repartições, escolas, estações ferroviárias, entre outros. O DIP foi eficaz na construção e divulgação de imagens e no culto à personalidade de Getúlio Vargas, tendo criado a expressão "pai dos pobres":

O culto à personalidade e a construção de imagens idealizadas de Getúlio Vargas veiculadas pelo DIP – como, por exemplo, a de “pai dos pobres” – ajudaram a consolidar em pouco tempo o poder do ditador. O DIP promoveu concursos de monografias, garantindo às obras premiadas, nitidamente de caráter apologético, publicação e divulgação por todo o país. Inúmeros folhetos explicativos do novo regime e que divulgavam a obra do governo, principalmente no campo da legislação trabalhista, marcaram a atuação doutrinária do órgão (ARAÚJO, CPDOC-FGV, disponível em [www.cpdoc.fgv.br/nav\\_fatos\\_imagens/htm/fatos/dip.htm](http://www.cpdoc.fgv.br/nav_fatos_imagens/htm/fatos/dip.htm)).

Constituído pelas divisões de rádio, teatro e cinema, turismo, imprensa, e divulgação, centralizava e controlava a propaganda interna e externa, censurava todos os meios de comunicação e de entretenimento, organizava, pelo viés patriótico, manifestações cívicas, festas, conferências, exposições sobre a atuação do governo, colaborava com a imprensa do exterior a fim de impedir que anunciassem informações inconvenientes ao país e produzia o programa "Hora do Brasil".

O órgão organizava concursos de monografias, reportagens e filmes educativos que versavam sobre assuntos nacionais, oferecendo prêmios. Num dos concursos de música popular, *Aquarela do Brasil* (1939) de Ari Barroso, venceu o primeiro prêmio (CAPELATO, 2007, p. 128). Outras ações doutrinárias do DIP consistiam na distribuição de folhetos explicativos do regime e das obras federais, especialmente com

relação aos benefícios dos trabalhadores. O discurso de Getúlio Vargas na cidade de Belém, em 1940, ratifica o contrato de comunicação pretendido com os trabalhadores:

“(...) No longo período de sete anos muito fizemos, vós proletários e o governo, que vos ampara numa troca contínua de colaboração e de esforços: a lei dos dois terços assegurou a predominância do trabalhador nacional, até então esquecido nas fábricas cujos proprietários não lhe reconheciam esse direito; a lei de sindicalização conferiu aos trabalhadores a representação social e a colaboração através de seus órgãos representativos nos altos conselhos do governo; a lei de oito horas de trabalho e a lei de estabilidade nas funções evitaram que o proletário continuasse vítima do arbítrio e da prepotência; as caixas de aposentadorias e pensões deram aos operários a garantia e a segurança de uma velhice tranqüila e, também, o amparo às suas mulheres e aos seus filhos, na viuvez e na orfandade; a lei do salário mínimo assegurou ao proletário o direito de viver com decência e conforto; a Justiça do Trabalho deu-lhe a forma de garantir, prática e seguramente, o reconhecimento de seus direitos”. (NPB, VIII, p. 63) Belém, 8-10-1940 (SILVA, H., 2004 A, p. 134).

Na divisão da imprensa, além da censura, o DIP organizou um arquivo de jornais, revistas e todas as espécies de publicações do Brasil e do Exterior, criando um sistema de controle da mídia impressa; coordenava um serviço de distribuição de clichês e fotografias à imprensa, e um serviço de autorização prévia para edições periódicas de jornais, revistas, entre outros. Tinha o apoio do Conselho Nacional da Imprensa (CNI), criado em 30 de dezembro de 1939 pelo Decreto-Lei nº 1.949, “composto por seis membros, sendo três deles nomeados pelo presidente da República e os demais eleitos, como delegados, em assembleias gerais, convocadas para este fim pela Associação Brasileira de Imprensa (ABI) e pelo Sindicato de Proprietários de Jornais e Revistas do Rio de Janeiro” (ARAÚJO, CPDOC-FGV, disponível em [www.cpdoc.fgv.br/dhbb/verbetes\\_htm/7791\\_2.asp](http://www.cpdoc.fgv.br/dhbb/verbetes_htm/7791_2.asp)). A Agência Nacional, com uma equipe vasta e de qualidade, encarregava-se de angariar as notícias, uniformizando-as e distribuindo-as através do DIP, de forma gratuita ou como matéria subvencionada, monopolizando o mercado noticioso. As agências de notícias particulares tiveram seu trabalho prejudicado, em função da difícil concorrência com uma entidade que fornecia matéria sem custo aos jornais e revistas. O jornalista Joel Silveira, repórter e secretário da revista *Diretrizes*, dirigida por Samuel Wainer, em depoimento ao repórter Gilberto Negreiros da *Folha de S. Paulo*, em 9 de janeiro de 1979, comenta a relação da mídia impressa com o DIP:

“O mercado de trabalho era limitadíssimo, porque os jornais tinham tudo pronto da Agência Nacional. Vinha tudo mastigado. As redações tinham quatro ou cinco pessoas que faziam o jornal todo. Vinha tudo pronto, com ordem, inclusive, de publicar em tal página, com tal destaque. O DIP chegava ao ponto de dizer que tipo devia ser usado: negrito, corpo 9, à esquerda. Entendeu? E qualquer sinal de rebeldia cortavam o papel e a publicidade. A

publicidade o governo controlava, vamos dizer, 60% e ao mesmo tempo intimidava as empresas privadas. Ninguém queria ficar contra o Banco do Brasil. Sob o ponto de vista da censura, eu considero o Estado Novo mais tenebroso, porque não tinha saída. Hoje existe o recurso de você deixar o espaço em branco. Naquele tempo, se fizesse isso, fechavam o jornal.” (*Folha de S. Paulo*, 1979, disponível em [almanaque.folha.uol.com.br/memoria\\_5.htm](http://almanaque.folha.uol.com.br/memoria_5.htm)).

De 1930 a 1945, o presidente Vargas não teve um relacionamento de concórdia com a imprensa. Se, por um lado, conseguiu controlar a publicação das matérias, por outro, viu seu regime cada vez mais ser contestado por professores, estudantes e pela mídia impressa em geral, como consequência da violenta repressão à liberdade de expressão (CAPELATO, 2007, p. 132). Os jornais da grande imprensa no Rio de Janeiro e em São Paulo apoiaram a Aliança Liberal e a Revolução de 1930 no início, mas acabaram inclinando-se para a oposição. O jornal *Diário Carioca*, decepcionado com os rumos do Governo Provisório após a revolução, poucos meses depois passou a defender a democratização do governo. Em 1932, a sede do *Diário Carioca* foi destruída por membros do Clube 3 de Outubro (fundado por associados que haviam apoiado a revolução), gerando uma crise. Na ocasião, a grande maioria da imprensa era contra o governo federal. Em função disso, alguns "tenentes", que haviam participado do movimento de 1922 e colaborado com a revolução de 1930, auxiliaram na criação de alguns periódicos de apoio a Getúlio Vargas, como *O Radical*, em junho de 1932. Durante o Estado Novo, o banimento da liberdade de expressão pela Constituição de 1937 constituiu o motivo fundamental do descontentamento da imprensa em geral. E, considerados um serviço de utilidade pública, os jornais eram forçados, sob pena de prisão do diretor do jornal, a publicar as matérias comunicadas pelo governo. Entre outras exigências do DIP, os jornalistas e jornais tinham que ser cadastrados e estes últimos ainda eram obrigados a efetuar um registro anual no DIP para ter autorização para importar papel para a impressão. Uma grande quantidade de jornais não pôde mais circular e outros não obtiveram o registro.

Em 1940, o periódico *O Estado de S. Paulo* sofreu intervenção do governo (CAPELATO, 2007, p. 132). Júlio de Mesquita Filho, seu proprietário, já se encontrava exilado na Argentina<sup>7</sup>. O mesmo aconteceu neste ano com os jornais *A Noite* e *A*

---

<sup>7</sup> Em 1938, após a implementação do Estado Novo, Júlio de Mesquita Filho viajou para a França, depois para os Estados Unidos (tentar angariar apoio para combater Getúlio Vargas). Durante a desapropriação do periódico pelo governo estava morando em Buenos Aires (MESQUITA FILHO, Ruy, 2006, disponível em <[observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?cod=388AZL004](http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?cod=388AZL004)>).

*Manhã*. Este último, junto com a revista *Cultura Política*, foram os porta-vozes do governo Vargas na mídia impressa.

No ano de 1941, 2.966 pedidos de registro de jornais, revistas e outras publicações haviam sido solicitados ao DIP e julgados pelo Conselho Nacional de Imprensa, dos quais 412 negados e 508 foram mantidos sob investigação (ARAÚJO, CPDOC-FGV, disponível em [www.cpdoc.fgv.br/dhbb/verbetes\\_htm/7791\\_2.asp](http://www.cpdoc.fgv.br/dhbb/verbetes_htm/7791_2.asp)). Jornais clandestinos, como *Liberdade* (no Rio), *Folha Dobrada* e *Resistência* (em São Paulo) foram criados para denunciar a censura nos meios de comunicação.

O Ministro da Educação, Gustavo Capanema (1934–1945), assessorado por um grupo de intelectuais, entre os quais Carlos Drummond de Andrade e Mário de Andrade, contribuiu para divulgar uma política cultural sob a égide da ditadura. Este grupo montou um projeto de política cultural dirigida especialmente às “camadas populares”:

No DIP, sob a liderança de Lourival Fontes, iriam reunir-se os remanescentes do modernismo conservador representado pela corrente dos verde-amarelos. Foi esse grupo que traçou efetivamente as linhas mestras da política cultural do governo voltada para as camadas populares. Uma das metas fundamentais do projeto autoritário era obter o controle dos meios de comunicação, garantindo assim, tanto quanto possível, a homogeneidade cultural. A ideologia do regime era transmitida através das cartilhas infanto-juvenis e dos jornais nacionais, passando também pelo teatro, a música, o cinema, e marcando presença nos carnavais, festas cívicas e populares (CPDOC – Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS, disponível em [www.cpdoc.fgv.br/nav\\_historia/htm/anos37-45/ev\\_ecp001.htm](http://www.cpdoc.fgv.br/nav_historia/htm/anos37-45/ev_ecp001.htm)).

Os intelectuais atuavam como formadores da opinião pública e desempenhavam um papel importante na manutenção do novo regime, tentavam divulgar a voz do povo e deviam assumir o papel unificador entre a sociedade e o governo. O historiador Boris Fausto (1996) mostra a relevância dos intelectuais para o regime:

O Estado Novo perseguiu, prendeu, torturou, forçou ao exílio intelectuais e políticos, sobretudo de esquerda e alguns liberais. Mas não adotou uma atitude de perseguições indiscriminadas. Seus dirigentes perceberam a importância de atrair setores letrados a seu serviço: católicos, integralistas, autoritários, esquerdistas disfarçados ocuparam cargos e aceitaram as vantagens que o regime oferecia. Eram homens com histórias diversas, como Azevedo Amaral, jornalista e autor de livros significativos, *O Estado Autoritário e a Realidade Nacional*; Almir de Andrade, advogado e jornalista, diretor da revista *Cultura Política*; o poeta Cassiano Ricardo, ocupante de postos burocráticos; Oliveira Viana, importante sociólogo e consultor jurídico do Ministério do Trabalho (FAUSTO, 1996, p. 376).

Entre os colaboradores, além dos já citados, estavam Graciliano Ramos, Gilberto Freyre, Nelson Werneck Sodré, Francisco Campos e Lourival Fontes (CPDOC – Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS, disponível em [www.cpdoc.fgv.br/nav\\_historia/htm/anos37-45/ev\\_ecp001.htm](http://www.cpdoc.fgv.br/nav_historia/htm/anos37-45/ev_ecp001.htm)). Havia a intencionalidade de conectar a imagem do governo à dos intelectuais, fato ratificado quando Getúlio Vargas recebeu uma cadeira na Academia Brasileira de Letras no ano de 1943. Segundo Capelato (2007, p. 125), este modelo de divulgação cultural também foi inspirado nas experiências nazi-fascistas:

O regime varguista concebeu e organizou a cultura com os olhos voltados para as experiências européias nazi-fascistas. Na Alemanha e na Itália a cultura era entendida como suporte da política. No Estado Novo brasileiro essa concepção também orientou a política cultural, mas os resultados foram diferentes (CAPELATO, 2007, p. 125).

O porta-voz radiofônico era a emissora Rádio Nacional, que o governo encampou em 1940. Mantinha a melhor equipe na época, entre cantores, músicos, humoristas, radioatores, técnicos. Os padrões de comportamento pessoal, social e político, e os valores recomendados pelo ideário getulista eram transmitidos através dos programas. Procurava monopolizar a audiência das camadas populares criando concursos para que os ouvintes elegessem seus cantores preferidos. O resultado da apuração realizada no DIP era transmitida na "Hora do Brasil" (CPDOC – Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS, disponível em [www.cpdoc.fgv.br/nav\\_historia/htm/anos37-45/ev\\_ecp001.htm](http://www.cpdoc.fgv.br/nav_historia/htm/anos37-45/ev_ecp001.htm)).

Dirigida especificamente para os trabalhadores, foi inaugurada a Rádio Mauá, em 1944, com o *slogan* "a emissora do trabalhador". A emissora se reportava ao Ministério do Trabalho e sua finalidade era difundir às camadas populares a configuração de uma imagem “desejável” de Getúlio Vargas.

Com base no pensamento de que a massa popular era como uma matéria-prima e bruta que deveria ser lapidada pelas elites e intelectuais, o governo justificava a fiscalização de todas as manifestações culturais, inclusive a linguagem informal (BRANCO, disponível em [www.tempopresente.org/index.php?option=com\\_content&task=view&id=2390&Itemid=124](http://www.tempopresente.org/index.php?option=com_content&task=view&id=2390&Itemid=124)). Através de composições de sambas e outras modalidades musicais, o DIP incentivava a que se prestigiasse a atividade laboriosa e não a frequência a bares. Também queria que o comunismo fosse repudiado, apresentando-o nas canções como uma ameaça ao país (CPDOC – Centro de Pesquisa e Documentação de História



Contemporânea do Brasil. FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS, disponível em [www.cpdoc.fgv.br/nav\\_historia/htm/anos37-45/ev\\_ecp001.htm](http://www.cpdoc.fgv.br/nav_historia/htm/anos37-45/ev_ecp001.htm)). As composições de um padrão denominado "samba da legitimidade" tentavam transformar o conhecido malandro no modelo exemplar de um trabalhador de fábrica, como a letra do samba "Dever de um brasileiro" (1943), de Henricão e Rubens Campos, interpretado por Henricão, gravado pela *Victor* (FRANKLIN MARTINS, disponível em [www.franklinmartins.com.br/som\\_na\\_caixa\\_gravacao.php?titulo=dever-de-um-brasileiro](http://www.franklinmartins.com.br/som_na_caixa_gravacao.php?titulo=dever-de-um-brasileiro)):

*Deixei de ser sambista para ser soldado  
Troquei o violão por um bom fuzil  
Não esperei a pátria me chamar  
E o prazer é todo meu  
Em defender o meu Brasil (bis)  
E muitas vezes precisei da Pátria  
E a Pátria nunca precisou de mim  
Eu sei que tenho um dever a cumprir  
E todo brasileiro deve sempre ser assim*

Quando em 1936, por decreto, as escolas de samba foram obrigadas a elaborar enredos patrióticos, históricos e didáticos, Herivelto Martins e Darci de Oliveira compuseram o samba de protesto contra a censura nas escolas chamado "Se o morro não descer". Naquele ano, a escola vencedora foi a Unidos da Tijuca com o enredo "Natureza Bela do Meu Brasil":

A 30 de janeiro de 1936, com locução em alemão, foi produzido no Morro da Mangueira, um programa especial de A Voz do Brasil, transmitido diretamente para a Alemanha, com sua parte musical composta exclusivamente por sambas que, cantados por Cartola e pela Escola de Samba da Estação Primeira de Mangueira, com suas pastoras e instrumentistas, serviram para um projeto de aproximação entre o Brasil de Getúlio e a Alemanha nazista. O samba neste caso serviu inocentemente à política cultural do Estado (BRANCO, disponível em [www.tempopresente.org/index.php?option=com\\_content&task=view&id=2390&Itemid=124](http://www.tempopresente.org/index.php?option=com_content&task=view&id=2390&Itemid=124)).

Como vimos, o DIP foi um instrumento que, arbitrariamente, tentou configurar no brasileiro um sentimento de nacionalismo, de obediência e de submissão, que deve permanecer no aguardo das decisões do destinador “pai dos pobres” imbuído da competência e cognição para resolver todos os problemas. Uma postura “não subversiva”, que Vargas considerava “correta”, segundo os ideais conservadores da época:

Ao deixar o poder em 1945, Vargas se havia tornado o maior líder popular que o Brasil conheceu e era identificado pela propaganda oficial como o patrono das leis sociais. (...) Nesse ponto Getúlio acompanhou o sinal dos tempos e contou ainda com a eficácia com que impôs esses direitos sobre os empresários que relutavam em cumpri-los. Para isso, usava dos instrumentos que tinha como chefe de Estado e esses instrumentos não eram poucos. (D'ARAUJO, 2007, p. 236).

No segundo governo getulista, o jornal *Última Hora* foi o instrumento principal que desempenhou, em parte, o papel de divulgação das ações do poder central.

O tipo de *populismo*, ou *getulismo*, segundo alguns autores, instalado durante o primeiro governo de Getúlio Vargas, sob o jugo da ditadura, deu ao povo, especialmente aos trabalhadores, benefícios sociais e algum grau de cidadania, embora não permitisse que estes protestassem ou reivindicassem questões que lhes eram de direito. Estes movimentos, como as greves, severamente reprimidos com prisões e torturas, eram considerados ações “fomentadas pelos comunistas”, denominados por Vargas como “as forças do mal e do ódio”, conforme já mencionamos. José Murilo de Carvalho (2006) apresenta sua avaliação deste populismo getuliano de um primeiro momento, que parecia não ser ativo e reivindicatório, mas que o foi de fato em diversos momentos, como os bancários em greve (de 5 a 7 de julho de 1934), que conseguiram dois dias depois, entre outras reivindicações, o Instituto de Aposentadoria e Pensão dos Bancários (IAPB):

A ênfase nos direitos sociais encontrava terreno fértil na cultura política da população, sobretudo da população pobre dos centros urbanos. Essa população crescia rapidamente graças à migração dos campos para as cidades e do nordeste para o sul do país. O populismo era um fenômeno urbano e refletia este novo Brasil que surgia, ainda inseguro mas distinto do Brasil rural da Primeira República, que dominara a vida social e política até 1930. O populismo, no Brasil, na Argentina ou no Peru, implicava uma relação ambígua entre os cidadãos e o governo. Era avanço na cidadania, na medida em que trazia as massas para a política. Mas, em contrapartida, colocava os cidadãos em posição de dependência perante os líderes, aos quais votavam lealdade pessoal pelos benefícios que eles de fato ou supostamente lhes tinham distribuído. A antecipação dos direitos sociais fazia com que os direitos não fossem vistos como tais, como independentes da ação do governo, mas como um favor em troca do qual se deviam gratidão e lealdade. A cidadania que daí resultava era passiva e receptora antes que ativa e reivindicadora” (CARVALHO, J. M., 2006, p. 125-6).

No próximo bloco, discutiremos como o populismo se desenvolveu a partir de 1945, o movimento queremista, e de que forma o getulismo e o trabalhismo, com o apoio das esquerdas, convocaram as massas para a política.

## 1.2 O POPULISMO NA POLÍTICA BRASILEIRA

Tipicamente de predominância urbana, o *populismo*, como vínculo entre um líder e as massas, aparece no primeiro governo Vargas, então ditador, mais especificamente chamado de *getulismo* por Octavio Ianni (1978) e que, após a deposição de Vargas e a abertura política, transformar-se-ia na *democracia populista*. Os movimentos de massa em formação, como sustentação política e ideológica do líder político, excetuando-se as contestações das esquerdas, subjugavam-se às ações de seu ditador: eram passivos e não ativos ou reivindicatórios.

Após a derrubada de Vargas, o *populismo*, segundo Weffort (2003), ou *democracia populista*, segundo Ianni (1978), cresceu e desenvolveu-se até o golpe militar de 1964 (salvo durante o governo Dutra):

O populismo manifesta-se já no fim da ditadura e permanecerá uma constante no processo político até 1964. O que é o populismo? É curioso observar que a visão liberal oferece o conteúdo básico da noção usual sobre este fenômeno. Escrevendo sob o impacto do fracasso de seu partido nas eleições de 1945, um liberal anota os seguintes “conselhos” a quem pretenda êxito na política: “Evite por todos os meios obrigar o povo a refletir. A reflexão é um trabalho penoso a que o povo não está habituado. Dê-lhe sempre razão. Prometa-lhe tudo que ele pede e abrace-o quanto puder.”(WEFFORT, 2003, p. 23-24).

No populismo, portanto, existe um jogo político no qual, por um lado, em troca de possíveis benefícios sociais e melhores condições de vivência, as massas são convocadas a participar da política de um líder e este, ao atender as reivindicações, terá seu retorno em prestígio político e ascensão ou manutenção no poder pelos votos da massa que acredita dever-lhe fidelidade. O repórter-fotográfico Hildo Passos, que trabalhou com o então vereador Jânio Quadros em reportagens do jornal *A Hora*, reproduz o conselho que Jânio deu para o então vereador Cid Franco em certa ocasião: “Eu já disse ao Cid Franco que deve dizer ao povo tudo o que ele quer ouvir.”<sup>8</sup>

O crescimento urbano das grandes cidades com imigrantes estrangeiros e migrantes provenientes das áreas rurais atraídos pelos benefícios da legislação aos operários da indústria (leis que deixavam de fora em grande medida os trabalhadores do campo devido a seu alto nível de analfabetismo, excluídos por lei do processo eleitoral e dependentes dos proprietários das terras), proporcionou um campo fértil para que a grande massa de trabalhadores se disponibilizasse relativamente para a participação

---

<sup>8</sup> Depoimento de Hildo Passos à autora em outubro de 2008.

política, para um ou outro líder que surgisse a partir de alguma crise no âmbito do poder (WEFFORT, 2003, p. 158-9). No entanto, embora o processo populista envolva uma manipulação por parte do líder político, esta é relativa. Não seria possível esta manipulação no sentido de conseguir um contrato fiduciário do povo com o poder político se este não atendesse às reivindicações. Também é necessário destacar que estas mobilizações sociais constituíram um modo de expressar sua vontade política ou demandas:

Parece-nos, contudo, que embora a manipulação tenha sido uma das tônicas do populismo, seria demasiado sumário e abstrato caracterizar apenas como manipulação um estilo de liderança política e, em certo sentido, um tipo de regime político que, de qualquer modo, se confunde em muitos aspectos com a história do País nos últimos decênios.(...) O populismo foi, sem dúvida, manipulação de massas, mas a manipulação nunca foi absoluta (...). Ele [o populismo] foi um modo determinado e concreto de manipulação das classes populares, mas foi também um modo de expressão de suas insatisfações. (WEFFORT, 2003, p. 70-71).

A política de massas, como suporte e padrão político, que, segundo Ianni (1978, p. 9), simboliza a época de transição para uma economia brasileira baseada na indústria, constitui a essência da democracia populista:

Entre 1945 e 1964 entram em cena, em escala bem maior que antes, as massas assalariadas em geral. A partir do Golpe de Estado contra Getúlio Vargas e o Estado Novo, em 29 de outubro de 1945, o processo político brasileiro abrange amplamente os operários, os setores médios da sociedade e grupos de trabalhadores agrícolas. Isto significa que entram em jogo as aspirações de bem-estar social de um proletariado cada vez mais numeroso, ao lado de uma classe média numericamente crescente. Além disso, colocam-se de modo jamais conhecido antes as reivindicações dos trabalhadores agrícolas, em várias regiões do país. É ainda nesse período que se multiplicam os grupos políticos de esquerda; e a juventude universitária impõe-se ainda mais, como força política ativa e organizada. (IANNI, 1978, p. 17).

Esta relação populista entre as massas e um líder político, aqui na figura de Getúlio Vargas, manifestou-se em um movimento popular de grandes proporções chamado de “queremismo” (proveniente de “Queremos Getúlio”). Este movimento se alastrou desde o final de fevereiro até outubro de 1945, quando Vargas foi deposto. Como poderia um ex-ditador, extremamente repressivo no governo anterior, ser desejado como presidente eleito, e como é possível que Prestes, preso durante a ditadura Vargas, e o PCB se aliarem ao movimento queremista, contribuindo para seu engrandecimento?

Segundo Jorge Ferreira (2008 A, p. 18), toda a divulgação do DIP sobre as ações e a imagem do então ditador não seriam suficientes para provocar toda a movimentação popular em defesa da continuidade na presidência. Os benefícios das leis que proporcionaram mais qualidade de vida e amparo legal especialmente aos trabalhadores da indústria não foram esquecidas. Também havia o receio de que estas melhorias na legislação fossem revogadas ou modificadas pelo presidente que sucederia Vargas:

Nos textos dos sindicalistas, da pequena imprensa que apoiava o governo, a exemplo de *O Radical*, e, como veremos mais adiante, nas falas dos próprios trabalhadores, havia o temor de que, com a saída de Vargas da presidência, os benefícios da legislação social fossem suprimidos, além de suspeitas e desconfianças em relação ao grupo político que se preparava para assumir o poder (FERREIRA, Jorge, 2008 A, p. 18).

Após a entrevista de José Américo de Almeida<sup>9</sup> para Carlos Lacerda, que foi publicada em fevereiro no *Correio da Manhã*, exigindo eleições diretas e apoiando o brigadeiro Eduardo Gomes, uma série de comícios organizados pela oposição ao ditador foram realizados, mas eram interrompidos pelos protestos de centenas de pessoas aparentemente das camadas mais proletarizadas, que batiam em panelas e vaiavam os interlocutores dos comícios, gritando “Nós queremos Getúlio!” (FERREIRA, Jorge, 2008 A, p. 17). O receio da extinção da legislação vigente explica por que as reivindicações não eram econômicas, mas políticas. O movimento popular ampliou-se com a massa de trabalhadores e fazia frente à grande campanha movida especialmente pela UDN e pelos jornais da oposição em favor da candidatura do brigadeiro.

Os protestos da massa contra os que falavam mal de Getúlio estavam presentes por todo o país, porém ainda desorganizados. Com a criação do Comitê Pró-Candidatura Getúlio Vargas do Distrito Federal e com os cárceres abertos para os presos políticos e a legalização do PCB, em 23 de maio de 1945, as massas começaram a ser estruturadas e a campanha favorável à candidatura de Vargas foi sistematizada. Luís Carlos Prestes, comandante da coluna militar que levou seu nome e que, em 1924, lutou contra o governo de Artur Bernardes atravessando o Brasil do sul ao nordeste e, em 1945, líder do Partido Comunista, também é libertado.

Em 15 de agosto de 1945, Prestes enviou um telegrama a Vargas, que também tornou público, de que apoiaria sua candidatura sob a condição que fosse instalada uma Assembleia Constituinte antes das eleições daquele ano (FERREIRA, Jorge, 2008 A,

---

<sup>9</sup> José Américo de Almeida, advogado, foi candidato frustrado às eleições que se realizariam em 1938, suspensas pelo Estado Novo.

p.24). O mote criado pelo PCB, “Constituinte com Getúlio”, passou a ser defendido e amplamente propagado. No dia 20 de agosto foi realizado o primeiro comício queremista após uma grande campanha nacional de divulgação. Prestes, apesar de ter ficado preso durante o Estado Novo, preferiu ficar ao lado de Vargas com um regime democrático, levando em conta o que este último fez para os trabalhadores, e impedir que um brigadeiro ou um general (Dutra) assumissem o poder com a possibilidade de um regime arbitrário apoiado pelas elites conservadoras, como a UDN.

Embora o governo arbitrário de Vargas pendesse para o nazismo nos primeiros anos da Segunda Guerra Mundial, conforme já vimos, foi convencido a lutar com os aliados. O Brasil participou do conflito enviando soldados para o exterior e facilitando que aviões norte-americanos fossem aqui abastecidos antes de rumarem para seus alvos. A guerra era detalhada em todas suas operações e estratégias na imprensa e no rádio e a grande massa acompanhava com atenção. Além disso, o número de analfabetos diminuiu e a quantidade de enunciários-leitores se ampliou:

Considerando, por outro lado, a capacidade de leitura, e tomando-se como indicador a evolução da alfabetização, apesar de reconhecermos que não basta a alguém ser alfabetizado para se tornar um leitor de jornal, veremos que a taxa de analfabetismo entre pessoas de mais de 15 anos caiu, entre 1940 e 1960, de 56,17% para 39,35%. Levando-se em conta que a população brasileira dessa faixa etária passou de 23.639.769 para 40.187.590 no período assinalado, conclui-se que o número de alfabetizados aumentou não só em termos relativos como também absolutos. (TASCHNER, 1992, p. 84)

Quando aconteceu o combate na Itália, com muitas baixas de soldados brasileiros, houve uma comoção nacional. Conforme já mencionamos, as guerras contra inimigos estrangeiros possuem o grande poder de consolidar o sentimento de nacionalidade.

Terminou a Segunda Guerra Mundial em maio de 1945. As festas compensam a amarga realidade da perda de companheiros em combates fratricidas. A nação toda comemora o término desta terrível guerra. Desfiles patrióticos acontecem em todo o território nacional. Bandeiras brasileiras, estandartes com foice e martelo dos comunistas, estandartes amarelo e verde dos integralistas, dentre outros.

No dia 22 de agosto de 1945, os soldados brasileiros da FEB retornaram ao Brasil e foram recepcionados pelo ditador, primeiro no cais do porto e depois desfilaram pela Avenida Rio Branco, no Rio. A presença de Getúlio animou os soldados no cais,

que deram “vivas” a Getúlio, e, após o desfile, os populares romperam a barreira para saudar Vargas (FERREIRA, Jorge, 2008 A, p. 25):

A repercussão verdadeiramente impactante que as leis sociais causaram entre os assalariados dificilmente pode ser minimizada e permitiu que, na memória popular – embora possivelmente não em outras –, 1930 surgisse como um divisor de águas nas relações entre Estado e classe trabalhadora (FERREIRA, Jorge, 2008 A, p. 29).

Segundo Angela de Castro Gomes (apud FERREIRA, Jorge, 2008 A, p. 32), o governo getulista produziu mais do que uma troca de benefícios sociais pela submissão política: formulava “um discurso que tomava componentes simbólicos da identidade construída pelos próprios operários no período anterior a 1930, articulava demandas, valores e tradições da classe e os apresentava como seus – além de ressaltar os benefícios sociais como uma atitude generosa que exigia reconhecimento e, fundamentalmente, reciprocidade.”

Foram realizados outros comícios. Os do dia 3 e 13 de outubro tiveram ampla repercussão. Em outro comício na cidade de Belo Horizonte, Prestes exigiu, além da Constituinte, a renúncia do general Eurico Dutra e do brigadeiro Eduardo Gomes (FERREIRA, Jorge, 2008 A, p. 36 e 38).

O Partido Trabalhista Brasileiro, fundado em 15 de maio do mesmo ano por Getúlio Vargas, que, no início, apoiou oficialmente o candidato general Eurico Dutra, em função da grande mobilização pró-Getúlio, decidiu pender para o *queremismo*, articulando-se, por sua vez, para conseguir adeptos. Vargas, em seus comícios, recomendava que os trabalhadores se filiassem a seu partido. Segundo Jorge Ferreira em seu artigo *A democratização de 1945 e o movimento queremista* (2008 A, p. 39), o “trabalhismo” como plano político, o “getulismo” inspirado na pessoa do presidente e o “queremismo” como mobilização social, que eram intercambiáveis no início do movimento, convergeram depois para um só partido, o PTB.

As grandes proporções da movimentação popular assustaram as camadas conservadoras e, temendo uma repetição do que aconteceu na Argentina com a libertação de Perón em função da pressão popular, Vargas foi forçado a renunciar por um golpe militar em 29 de outubro de 1945. O presidente do Supremo Tribunal Federal, ministro José Linhares, assumiu a presidência do Brasil desde fins de outubro até o final de janeiro de 1946, enquanto se realizava a campanha para as eleições de 2 de dezembro até a posse do presidente eleito.

A deposição de Getúlio Vargas não terminou no esquecimento da população. Ficou demonstrado, com as extensas mobilizações, que o povo passou a ter “*vontade política*” (FERREIRA, Jorge, 2008 A, p. 43, grifo nosso). Isto ficou demonstrado na grande votação nos deputados e senadores do PTB e do PCB, bem como a derrota do brigadeiro Eduardo Gomes, nas eleições de 1945, sem falar que Getúlio Vargas se elegeu senador por dois Estados, Rio Grande do Sul (pelo PSD) e São Paulo (pelo PTB), e deputado pelo PTB em sete Estados: Rio Grande do Sul, São Paulo, Distrito Federal, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Bahia e Paraná. O Decreto-Lei 7.586 de 28/05/1945, criado para regulamentar o procedimento eleitoral disposto no Artigo 4º da Lei Constitucional nº 9 (uma espécie de emenda à Carta de 1937) permitia que o candidato se inscrevesse em vários Estados, visto que sua proibição não estava especificada na lei:

**Capítulo I – Do Registro dos Candidatos:** Art. 39. Sòmente podem concorrer às eleições candidatos registrados por partidos ou alianças de partidos; Art. 40. Faz-se o registro dos candidatos até 15 dias antes da eleição; § 1º O registro pode ser promovido por delegado de partido, autorizado em documento autêntico, inclusive telegrama de quem responda pela direção partidária, e com a assinatura reconhecida por tabelião; § 2º Tôda lista de candidatos será encimada pelo nome do Partido, que é a legenda partidária; Art. 41. Pode qualquer candidato, até 10 dias antes do pleito, requerer, em petição com firma reconhecida, o cancelamento do seu nome do registro; § 1º Dêsse fato, o Presidente do Tribunal dará ciência imediata ao partido, ou à aliança de partidos, que tenha feito a inscrição, ficando salvo ao partido, ou à aliança de partidos, dentro de 48 horas de recebida a comunicação, substituir por outro o nome cancelado; § 2º Considera-se não escrito na cédula o nome do candidato que haja pedido o cancelamento de sua inscrição; Art. 42. Não é permitido ao candidato figurar em mais de uma legenda, senão quando assim fôr requerido por dois ou mais partidos, em petição conjunta (Senado Federal - Subsecretaria de Informações - DECRETO-LEI nº 7.586 DE 28/05/1945, disponível em [www6.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=26767](http://www6.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=26767)).

A Constituição de 18 de setembro de 1946 incorporou o Decreto-Lei 7.586 com algumas modificações, entre as quais, em seu Artigo 11, Parágrafo 4º, proíbe concorrer por vários estados: “Não será permitida a inscrição do mesmo candidato por mais de um Estado.” (CONSTITUIÇÃO DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL, 18/09/1946, disponível em [www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/Constitui%C3%A7ao46.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/Constitui%C3%A7ao46.htm)).

Apesar da decepção da massa trabalhadora com o afastamento de Vargas, havia na população, especialmente na classe média, estudantes e intelectuais, a perspectiva de passar para um Estado democrático, com eleições, e uma nova constituição. Para uma grande parcela do povo brasileiro, era importante viver numa democracia com eleições



gerais. À exceção dos analfabetos impedidos pela lei, o povo votou com entusiasmo para Presidente da República e para a nova Assembleia Nacional Constituinte em 2 de dezembro de 1945:

As eleições de 1945 despertaram um grande interesse na população. Depois de anos de ditadura, a Justiça Eleitoral ainda não ajustara o processo de recepção e contagem de votos. Pacientemente, os brasileiros formaram longas filas para votar. Nas últimas eleições diretas à presidência da República, em março de 1930, tinham votado 1,9 milhão de eleitores, representando 5,7% da população total; em dezembro de 1945 votaram 6,2 milhões, representando 13,4% da população (FAUSTO, 1996, p. 398).

Os partidos nacionais sentiram a necessidade de criar uma rede de organizações partidárias em função dos resultados das eleições de 1945. Com estas novas configurações, os partidos ampliaram sua ação em diversos Estados promovendo alianças, como no caso do PSP. Segundo Gláucio A. D. Soares (2001), as relações entre a ideologia do partido e a infraestrutura socioeconômica dos eleitores são fundamentais para determinar os resultados nas urnas:

Um partido trabalhista tinha mais a ganhar eleitoralmente estabelecendo-se numa área urbano-industrial do que numa área rural: as diferentes células partidárias não davam o mesmo rendimento eleitoral. Seu estabelecimento em áreas "propícias", ainda não trabalhadas politicamente, trazia maiores benefícios eleitorais do que em áreas onde a composição de classes era pouco receptiva à ideologia do partido. O PCB parece ter levado esse raciocínio em consideração, pois seus esforços, entre 1945 e 1947, foram mais no sentido de solidificar suas bases em áreas propícias, nas quais já se encontrava instalado, do que de estender sua rede organizacional a áreas rurais, menos propícias. A tradicional rejeição que as áreas rurais tinham pela ideologia comunista fez com que as tentativas de organização partidária aí promovidas tivessem poucos benefícios eleitorais [grifo do autor] (SOARES, 2001, p. 69).

Em 1945, a UDN já tinha definido sua linha político-ideológica anti-getulista, embora não houvesse definição de uma ideologia própria. Se houve mudanças em resultados eleitorais foi em função das alterações sócioeconômicas do país, e, provavelmente não pelas poucas alterações que o partido sofreu (SOARES, 2001). A UDN e o PSD, entre 1945 e 1947, foram menos votados nas áreas urbanas. Ao contrário, o PCB, nas mesmas áreas, demonstrou estabilidade nas urnas.

O governo do general Eurico Gaspar Dutra, eleito com o apoio de Getúlio Vargas a quatro dias das eleições, resultou numa decepção para a maior parte da população. O presidente pouco se preocupou em incluir na sua agenda benefícios trabalhistas ou a resolução de questões reivindicatórias de organizações operárias:

Nos círculos conservadores, costuma-se associar o governo Dutra ao respeito à legalidade. É comum lembrar que, em caso de dúvida sobre alguma decisão, o general perguntava o que dizia o “livrinho” – a Constituição – e seguia o que estava ali escrito. Mas, quando se tratava dos comunistas e dos trabalhadores organizados, o legalismo era muitas vezes esquecido (FAUSTO, 1996, p. 401).

Embora o país tivesse alcançado um significativo crescimento econômico e industrial, a repressão ao sindicalismo e a inflação levaram a um achatamento salarial:

Tomando-se como base o ano de 1947, o PIB cresceu em média 8% ao ano, entre 1948 e 1950. Em contrapartida, a repressão do movimento sindical permitiu que se impusesse uma compressão de salários. Calcula-se que entre 1949 e 1951 o aumento do custo de vida foi de 15% em São Paulo e de 23% no Rio de Janeiro, enquanto o salário médio cresceu 10,5% em São Paulo e 12% no Rio de Janeiro (FAUSTO, 1996, p. 404).

A pouca preocupação do governo do general Dutra com as questões sociais e o restabelecimento da democracia permitiram que as greves se ampliassem. Em 24 de janeiro de 1946, os bancários realizaram uma greve de âmbito nacional com a duração de 19 dias, reivindicando reajuste salarial. Entre os dias 12 de janeiro e 3 de fevereiro, os metalúrgicos pararam em cerca de nove empresas na região do ABC. No dia 20 de fevereiro, cerca de 100 mil operários entraram em greve contra a carestia e dificuldades financeiras decorrentes do período de guerra.

A proliferação da agitação social foi a justificativa para que o presidente Dutra baixasse, em 15 de março de 1946, o Decreto-lei 9.070 que praticamente baniu o direito de greve. O decreto dispunha que não era permitida a greve nas atividades consideradas essenciais, que incluíam quase todos os setores profissionais, “uma verdadeira lei antigreve – e, mais que isso, uma verdadeira lei anti-sindicato e antitrabalho” (RIBEIRO, 2001 A, p. 294). Houve repressão às manifestações do PCB e, em 7 de maio de 1947, foi cassado o registro do partido. No ano seguinte, em janeiro de 1948, os mandatos de seus senadores, deputados e vereadores eleitos também foram cassados.

Apesar da proibição do direito de greve, no dia 1º de junho de 1946, durante os trabalhos da Constituinte, no Rio de Janeiro, houve uma paralisação geral dos trabalhadores da *Light* que parou o transporte da cidade. Dutra também suspendeu, até 1950, as eleições nos sindicatos, nomeando interventores da simpatia do patronato. Em 1950, para eleger o candidato à presidência do sindicato, era necessário apresentar um “atestado de ideologia”. Segundo Basbaum citado por Fausto (2007, p. 294), o governo

fez intervenções em cerca de 400 sindicatos com a justificativa de que havia neles a proliferação de comunistas.

Na Constituição promulgada em 18 de setembro de 1946, são restabelecidas as liberdades democráticas, inclusive o direito de greve, mas com a ressalva: “cujo exercício a lei regulará” (FAUSTO, 1996, p. 401), abrindo uma brecha para que continuassem a ser cumpridos os termos do Decreto-lei 9.070. No dia 2 de dezembro de 1947, uma greve de grandes proporções de ferroviários paralisou a Sorocabana em São Paulo.

Em 1950, aconteceu outro evento de vital importância que mobilizou a massa popular para um sentimento de nacionalidade: a Copa do Mundo de Futebol. O Brasil sediou a Copa naquele ano e a final foi no Estádio do Maracanã, Rio de Janeiro, entre a seleção brasileira e a uruguaia. A emoção tomou conta de toda a população. Todas as pessoas que vivenciaram o evento e prestaram depoimentos referem-se ao fato com profunda emoção. O Brasil perdeu por 1 a 2 e o Maracanã se calou. O povo reviveu sua identidade nacional. Tomaz Tadeu da Silva (2007 B, p. 74), doutor em educação pela Universidade de Stanford, Estados Unidos, define identidade relacionando-a com a diferença: somos brasileiros, mas os outros são italianos; somos mulheres, os outros são homens; somos bancários, os outros são metalúrgicos (identidade nacional, de gênero e profissional). Portanto, a identidade só tem sentido se existir uma alteridade que a ela se contraponha. Seu processo gerador supõe a classificação de um grupo de indivíduos com uma característica comum a todos. Para que uma identidade alcance poder, é necessário que um conjunto de pessoas se reúna e se associe para obter seu objetivo, como os metalúrgicos se reuniram em sindicatos e fizeram greves por melhores salários, menos horas trabalhadas, etc. Seguindo nesta linha, apresentaremos, no segundo capítulo, os principais movimentos populares nacionais que produziram agitação nas lutas contestatórias, de baixo para cima, e a decorrente configuração de identidades coletivas em algum grau (por exemplo, a união de trabalhadores em categorias profissionais), subvertendo o sistema anteriormente vigente. Kathryn Woodward (2007, p. 25), em seu artigo *Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual*, conclui:

As identidades em conflito estão localizadas no interior de mudanças sociais, políticas e econômicas, mudanças para as quais elas contribuem. (...) O que é importante para nossos propósitos aqui é reconhecer que a luta e a contestação estão concentradas na construção cultural de identidades,

tratando-se de um fenômeno que está ocorrendo em uma variedade de diferentes contextos (WOODWARD, 2007, p. 25).

Tais mobilizações geraram, no decorrer da história, identidades mais amplas, adquirindo um caráter nacional, em que os símbolos atuam para conectar afetivamente o indivíduo ao sentimento patriótico. Neste caso, as manifestações podem partir do povo, ou por iniciativa do governo:

Juntamente com a língua, é central a construção de símbolos nacionais: hinos, bandeiras, brasões. Entre esses símbolos, destacam-se os chamados “mitos fundadores”. Fundamentalmente, um mito fundador remete a um momento crucial do passado em que algum gesto, algum acontecimento, em geral heróico, épico, monumental, em geral iniciado ou executado por alguma figura “providencial”, inaugurou as bases de uma suposta identidade nacional. Pouco importa se os fatos assim narrados são “verdadeiros” ou não; o que importa é que a narrativa fundadora funciona para dar à identidade nacional a liga sentimental e afetiva que lhe garante uma certa estabilidade e fixação, sem as quais ela não teria a mesma e necessária eficácia (SILVA, T. T., 2007 B, p. 85).

Quanto à classificação tradicional de classes sociais, em que se leva em conta o *status* socioeconômico dos indivíduos, Lenski e Broom citados por Soares (2001, p. 211), em seu conceito sobre as “congruências ou incongruências das identificações”, afirmam existir variáveis dentro de um mesmo grupo, como renda, educação e ocupação profissional. Por exemplo, embora em uma categoria de pessoas com alto padrão educacional seja esperada alta faixa salarial ou de rendimentos, existem dados que ditam o contrário. Entretanto, os segmentos destas variáveis podem ser agrupados, apresentando relações que informam, inclusive, quanto à ideologia política:

Na década de 1950, descobriu-se que "arranjos" específicos entre ocupação, educação, renda e outros indicadores de posição social tinham conseqüências igualmente específicas, inclusive políticas. A direção das conseqüências variava, evidentemente, com o contexto político. Algumas, entretanto, foram encontradas em contextos muito diferentes. Por exemplo, alta educação e baixa renda favoreciam as ideologias de esquerda; alta renda e baixa educação favoreciam as de direita (SOARES, 2001, p. 212).

Estes resultados podem explicar um panorama dos segmentos ideológicos e políticos da sociedade naquela década. Portanto, quando, em época próxima às eleições de 1950, aventou-se a possibilidade, bastante divulgada pela imprensa, da volta de Getúlio Vargas ao poder, desta vez como candidato, a população reanimou-se, como já dissemos, em função do decepcionante desempenho com relação às questões

trabalhistas do primeiro presidente eleito, Dutra, após a ressaca do Estado Novo: “De fato, o governo Dutra praticou desde o início, embora seu ministro do Trabalho fosse Octacílio Negrão de Lima, do PTB, uma política de repressão salarial e sindical.” (RIBEIRO, 2001 A, p. 294).

A industrialização no Brasil de 1951, sob o mandato de Getúlio Vargas, já apresentava uma sólida base para o modelo desenvolvimentista do país. O petróleo como fonte de energia importada acarretava problemas sérios na balança comercial. A necessidade de combustível com o crescimento industrial tornaria o governo brasileiro cada vez mais dependente do exterior. O monopólio estatal do petróleo, defendido pela população brasileira mais consciente política e ideologicamente constituiu um dos objetivos do governo getulista. A criação do CNP (Conselho Nacional do Petróleo) pelo Decreto-Lei nº 395 de 29 de abril de 1938 foi um ato decisivo para que as instituições governamentais e empresariais chegassem a um acordo na controvertida questão da regularização da exploração do petróleo no Brasil desde a década de 1920 (COHN, 1968, p. 2427, 2431). A solução nacionalista chegou em outubro de 1953, quando o governo Vargas, através da Lei 2.004, implantou o monopólio estatal do petróleo, criando a Petrobrás. Esta posição nacional-desenvolvimentista enfrentou forte reação de parte da oficialidade do Clube Militar, assim como da UDN (União Democrática Nacional) de Carlos Lacerda, proprietário do jornal carioca *Tribuna da Imprensa* e sempre aspirante à Presidência da República. A lembrança dos benefícios sociais e econômicos aumentou a popularidade de Vargas e a possibilidade do seu retorno divulgado na mídia impressa, anunciada na reportagem de Samuel Wainer em *O Jornal*, causou uma comoção popular, especialmente entre os que foram beneficiados por seu governo anterior (BRANDÃO, 1973, p. 131).

Nas eleições de 3 de outubro de 1950, Getúlio Vargas foi eleito. Vargas, seguiu com sua política populista, agora na direção da abertura democrática, promovendo, inclusive, a nacionalização do petróleo, bandeira dos partidos de esquerda (“O Petróleo é Nosso”) durante o período estadonovense, razão pela qual muitos foram presos. A lei que garantia o direito de greve na Constituição de 1946 ainda não estava devidamente regulamentada; ainda vigorava, portanto, o decreto de Dutra que dispunha sobre a greve.

Em 1950, a cidade de São Paulo possuía 2.227.512 habitantes. No recenseamento de 1949, 72% eram brasileiros e 28% estrangeiros imigrantes. O número de trabalhadores na indústria de São Paulo chegava perto de 300.000, que correspondia

a cerca de 25% dos empregados industriais no Brasil, indiciando a importância que este segmento possuía na época (PRADO Jr, 1998). Como consequência, a diferença entre as forças produtivas e as relações sociais de produção era muito grande, o que confirma a hipótese de que a política radical de esquerda encontrou ótimas condições para angariar adeptos num contexto como aquele (SOARES, 2001). Na cidade de São Paulo, nesta década, os principais sindicatos, com maior força política, eram o sindicato dos trabalhadores têxteis, o dos trabalhadores metalúrgicos, o dos gráficos (incluindo os trabalhadores da imprensa), e o dos marceneiros.

Nas comemorações de 1º de Maio de 1951, Vargas aboliu a exigência do “atestado de ideologia” para os candidatos a cargos eletivos nos sindicatos, divulgado em seu comício no campo do Clube de Regatas Vasco da Gama, no Rio de Janeiro, conclamando os trabalhadores, ao mesmo tempo, que se organizassem nos sindicatos de sua classe profissional. Entre as greves do período, destacamos: a grande greve dos bancários em todo o Estado de São Paulo, iniciada em 28 de agosto de 1951, que paralisou o setor por 69 dias; no dia 14 de dezembro de 1952, tem início a greve dos têxteis, no Rio de Janeiro; em 26 de março de 1953, aproximadamente 60 mil têxteis partem para uma greve geral em São Paulo, a paralisação envolve outras categorias e chega a cerca de 300 mil paredistas (FAUSTO, 2007, p. 639), durante quase um mês. Detalharemos esta última mobilização quando analisarmos as páginas do jornal *Última Hora* a seguir. Em 16 de junho de 1953, foi deflagrada a greve geral dos marítimos, que teve a intermediação do Ministro do Trabalho, João Goulart, nomeado no dia anterior (FAUSTO, 1996, p. 414).

As mobilizações reivindicavam, além de questões salariais, o pleno exercício do direito de greve, desafiando o Decreto 9.070, que, como já dissemos, apesar do item que permitia o direito de greve expresso na Carta de 1946, ainda estava sendo aplicado (FAUSTO, 1996, p. 412).

A seguir, estudaremos de que modo a *Última Hora* configurou figurativa e tematicamente as massas de brasileiros que buscavam seus direitos em celebrações, reivindicações e protestos, como a greve dos 300 mil em São Paulo. Enquanto a *Última Hora* deu destaque à luta dos grevistas na primeira página em dias sucessivos durante o período em que houve a paralisação e os conflitos, em outros periódicos, como *O Estado de S. Paulo*, a notícia, divulgada em poucas edições, recebeu texto verbal resumido e na contra-capá de um dos cadernos.

## CAPÍTULO 2 – POVO, MASSA E MULTIDÕES NA ÚLTIMA HORA

Em vários momentos da história, diversos pensadores se dedicaram a pesquisar e entender as aglomerações de indivíduos e a definir os termos multidão, massa, povo e/ou classe social. A maioria destes trabalhos contempla a problemática social que se funda nos movimentos populares urbanos ou rurais. Os objetivos destes agrupamentos podem ser de ordem financeira (por uma reivindicação salarial, por exemplo), política (derrubada ou indicação de algum prefeito, governador ou presidente), educacional (por melhores condições no ensino), religiosa (ritos, procissões), entre outros. Segundo Ianni (1988, p. 23), alguns sociólogos produzem verdadeiras “metamorfoses” ao caracterizar tais agrupamentos para “compreender, explicar, orientar, controlar ou expressar” seus significados:

Cada corrente de pensamento sociológico parece oferecer uma solução própria para o surgimento, as transformações e as tendências da multidão. Procuram dar uma solução teórica e prática para um fenômeno que impressiona, desafia, assusta ou entusiasma.” (IANNI, 1988, p. 23).

Ianni (1988, p. 23-4) nos diz que existem três correntes da Sociologia, cada uma privilegiando o conceito na massa, no povo ou na classe social. O primeiro conceito, a massa, formada pelos trabalhadores em geral, empregados ou não, é volumosa e forte, mas depende de uma “elite” dirigente para se organizar. O segundo, o povo, um conjunto de “cidadãos”, podem originar-se de uma multidão “organizada em movimentos sociais e partidos políticos que a expressam, organizam, educam.” (IANNI, 1988, p. 24). O terceiro, a classe social, é categorizada levando em conta a renda desigual, as injustiças sociais, etc. que originam as greves e protestos. A análise das relações, nas páginas da *Última Hora*, entre o governo do Presidente Getúlio Vargas, especialmente seu segundo mandato, e os brasileiros da época, caracteriza alguns momentos em que a congregação de indivíduos se apresenta como multidões, massa, público e povo. Mostraremos como os termos multidão, público, massa e povo são abordados conceitualmente pelos pensadores Gabriel Tarde, Elias Canetti e Antonio Negri, fundamentando nossas reflexões, respectivamente, em suas obras *A Opinião e as Massas* (2005) publicado pela primeira vez em 1901, *Massa e Poder* (1995) publicado inicialmente em 1960 e *Cinco Lições sobre Império* (2003) com primeira edição em 2003. Selecionamos estes três autores pelo fato de pertencerem a três momentos

históricos diferentes: modernidade, transição para o pós-moderno e pós-modernidade. Pretendemos com isso, avaliar, em que medida os conceitos dos dois primeiros pensadores, com base em contextos sociais diferenciados, podem ser aplicados ao estudo analítico da coletividade no jornal e, no sentido inverso, em que medida os movimentos coletivos mostrados na *Última Hora* correspondem às teorias apresentadas. A teoria de Antonio Negri servirá para compreendermos como as multidões organizadas funcionam na atualidade e, a partir disso, contribuir para entender melhor a constituição e a operacionalidade das multidões na década de 1950. Por fim, faremos uma abordagem crítica relacional dos conceitos teóricos dos autores estudados com as figuras e temas do jornal *Última Hora*.

As páginas a analisar foram selecionadas pela agenda temática, em momentos durante o segundo mandato de Getúlio Vargas em que houve manifestações coletivas, antes e durante a campanha para as eleições à prefeitura paulistana e no decorrer da greve dos 300 mil em São Paulo, iniciada em 25 de março de 1953 (*Última Hora* de 25/03/1953, segunda edição) e que terminou em 18 de abril do mesmo ano.

Passaremos neste momento a comentar as teorias de Tarde, Canetti e Negri, estabelecendo comparações de seus conceitos para definir as aglomerações de pessoas. O sociólogo e juiz criminologista francês, Gabriel Tarde (1843-1904), em sua obra *Opinião e as Massas* (2005), publicada pela primeira vez em 1901, estabelece a diferença entre “multidão” e “público”. Criticando outros autores de sua época que definiram “multidão” como qualquer associação de pessoas, esclarece que a multidão apresenta um significado diferenciado de “público”:

[...] a psicologia do público, entendido nesse segundo sentido, isto é, como uma coletividade puramente espiritual, como uma disseminação de indivíduos fisicamente separados e cuja coesão é inteiramente mental (TARDE, 2005, p. 5).

Portanto, a multidão, para Tarde (2005), é um agrupamento de pessoas que assistem a uma peça de teatro ou a uma conferência. Quando estimulada e conduzida por um ou mais líderes pode tornar-se violenta, irracional, ou uma reunião pacífica ou exaltada para discutir assuntos de política. Um indivíduo não pode fazer parte de mais de uma multidão, pois é necessária sua presença física. Por outro lado, pode pertencer a diversos públicos: dos assuntos políticos de um ou mais jornais, da literatura de certo escritor, de várias corporações. Vejamos o que diz o autor:



A multidão é o grupo social do passado; depois da família, é o mais antigo de todos os grupos sociais. Ela é incapaz, sob todas as formas, de pé ou sentada, imóvel ou em marcha, de estender-se além de um pequeno raio; quando seus líderes cessam de tê-la *in manu* [grifo do autor], quando ela deixa de ouvir a voz deles, a multidão desaparece (TARDE, 2005, p. 13).

Após a criação dos jornais, surgiram os públicos, que são os leitores separados fisicamente em suas casas, mas unidos mentalmente pelos eventos anunciados na mídia impressa. Segundo Tarde (2005), o que, na era moderna, Le Bon (1895) denomina “época das multidões” deveria ser chamado de “época dos públicos”. No período que antecedeu a Revolução Francesa, os jornais desempenharam um papel fundamental para que seus públicos tomassem conhecimento das injustiças sociais e ações repudiadas provenientes da monarquia, auxiliando a desencadear as violentas erupções de multidões, que teriam se originado nos públicos da imprensa cada vez mais presentes na época:

Contudo, o que mais caracteriza 1789, o que o passado jamais havia visto, é esse pulular de jornais, avidamente devorados, que eclodem na época. Se muitos deles abortaram, alguns oferecem o espetáculo de uma difusão inusitada. Cada um destes grandes e odiosos publicistas - Marat, Desmoulins, Duchesne - tinha *seu* público, e podemos considerar as multidões incendiárias, saqueadoras, assassinas, canibais, que assolaram então a França de norte a sul, de leste a oeste, como excrescências, erupções malignas desses públicos [...]. Não que as sublevações fossem compostas exclusivamente de leitores de jornais, mesmo em Paris, com mais forte razão na província e nos campos; mas estes eram sempre o fermento, quando não a massa (TARDE, 2005, p. 12, grifos do autor).

Para Tarde (2005), na multidão (moderna) o indivíduo é arrastado sem qualquer pressão contrária. Um público excessivamente agitado pode se transformar em uma multidão fanática destruidora, altamente perigosa, mas, ainda assim, o autor acredita que as multidões originadas nos públicos frequentemente são menos brutais. As forças da natureza influenciam no sucesso da multidão, que prefere dias ensolarados, que facilitam a movimentação. Ao contrário dos públicos, que independem das condições atmosféricas, pois podem permanecer separados, cada um em sua casa, como os leitores de um jornal, a multidão é normalmente composta de pessoas com semelhanças reforçadas na coletividade, com características individuais atenuadas; seu líder comanda com sua ação particular, mas sofre a influência recíproca de seus comandados. No

público, a influência do publicista<sup>10</sup> é menos intensa de momento, porém poderosa e duradoura:

Ora, a influência que o publicista exerce sobre seu público, embora muito menos intensa num instante dado, é bem mais poderosa, por sua continuidade, que o impulso breve e passageiro transmitido à multidão por seu condutor; (TARDE, 2005, p. 17).

O leitor de um jornal, que constitui seu público, possui liberdade no sentido de mudar de periódico se este contiver opiniões rejeitadas por ele. O jornalista, por outro lado, tentará convencê-lo à fidelidade, incluindo matérias que acredita serem mais interessantes:

O público, portanto, reage às vezes sobre o jornalista, mas este age continuamente sobre seu público. Após alguns tenteios, o leitor escolheu seu jornal, o jornal selecionou seus leitores, houve uma seleção mútua, portanto uma adaptação mútua (TARDE, 2005, p. 18).

Neste sentido, há muito menos homogeneidade na multidão do que no público. O jornal traz uma grande variedade de artigos, mas

No fundo, apesar da miscelânea de artigos, cada folha tem sua cor própria, sua especialidade, seja pornográfica, seja difamatória, seja política ou outra qualquer, à qual o restante é sacrificado e sobre a qual o público se lança avidamente. Pegando-o por meio dessa isca, o jornalista o leva aonde quiser (TARDE, 2005, p. 19).

O público pode ser comparado a uma "clientela comercial". Determina um vínculo social entre seus indivíduos e criam-se afinidades acentuadas por este vínculo. Neste caso, "há apenas uma comunhão de ideias sugeridas e a consciência dessa comunhão - mas não dessa sugestão, que no entanto é manifesta." (TARDE, 2005, p. 20).

Do mesmo modo que há clientes fixos e flutuantes, o público também pode ser classificado em estável, consolidado, ou instável, flutuante. Segundo Tarde (2005), existe uma tendência para que o público tradicional e estável desapareça, dando lugar a um público mais móvel, sobre o qual o talento do jornalista é fundamental. São os grandes publicistas os formadores de opinião e "condutores do mundo":

---

<sup>10</sup> Uma das definições de publicista é a de uma pessoa que escreve para um público sobre diversos assuntos, como no caso do jornalista.

A imprensa mobiliza tudo o que ela toca e vivifica, e não há aparentemente igreja tão imutável que, a partir do momento em que se submete à moda da publicação sem interrupção, não dê sinais visíveis de mutações interiores impossíveis de dissimular. Para nos convenceremos dessa eficácia ao mesmo tempo dissolvente e regeneradora inerente ao jornal, basta comparar os partidos políticos de antes do jornalismo com os partidos políticos do presente (TARDE, 2005, p. 24).

Para Gabriel Tarde (2005), multidão e público assemelham-se pelo fato de que seus elementos similares, inatos ou adquiridos, se intercalam e se dissolvem em um “unísono” poderoso, mais forte no público, em que as ideias e sentimentos permitem flexibilidade nas características distintas dos indivíduos (TARDE, 2005, p. 29). O autor segmenta os públicos, bem como as multidões em: 1) femininos e masculinos; 2) juvenis e senis (estes possuem pouca influência em suas associações, preocupam-se mais com seus negócios); 3) crentes ou desejosos (quanto à natureza de seu objetivo).

Gabriel Tarde (1995) compara as multidões rurais, as religiosas e as políticas. As multidões rurais demoram a se constituir, mas quando o fazem são normalmente violentas, ao contrário das religiosas, frequentemente inofensivas. As multidões políticas, geralmente urbanas, possuem uma atitude mais apaixonante, e as econômicas ou industriais são mais homogêneas e persistentes em seus objetivos, porém menos violentas. As multidões estéticas, provenientes de alguma escola literária ou de artes, mostram-se mais intolerantes, arbitrarias na difusão de suas ideias.

Tarde (2005) também classifica os públicos e as multidões em: expectantes (aquelas que aguardam um grande acontecimento, como a chegada da rainha); atentas (que ficam aglomeradas em volta de um pregador religioso, por exemplo); manifestantes (aquelas que em passeatas manifestam sua convicção, possuem grande simbologia, mas pobreza de expressão, repetindo as mesmas frases várias vezes, como numa procissão); e atuantes (estas são tanto produtoras quanto destruidoras, multidões de amor e multidões de ódio).

Nosso segundo autor selecionado, o escritor e pensador belga (inglês naturalizado), Elias Canetti (1905-1994), prêmio Nobel de Literatura em 1981, em sua obra *Massa e Poder* (1995), publicada inicialmente em 1960, denomina toda e qualquer aglomeração de “massa”, classificando-a sob diversas modalidades a partir de suas características, como velocidade, objetivo, etc. como veremos a seguir. Segundo o autor, o maior temor do ser humano é o contato com o que ele desconhece. O medo do ladrão é menos pelo ato de roubar, e mais pelo temor de seu toque proveniente do escuro:

O medo do ladrão não se deve unicamente a seu propósito de roubar, mas é também um temor ante seu toque súbito, inesperado, saído da escuridão. A mão transformada em garra é o símbolo que sempre se emprega para representar esse medo (CANETTI, 1995, p. 13).

Para Canetti, o contrário somente acontece quando se aprecia a pessoa e, neste caso, nós mesmos tomamos a iniciativa de nos aproximarmos para tentar o toque. Entretanto, na “massa”, especialmente na massa densa, todos são iguais, o homem liberta-se deste temor de contato, a massa torna-se um único corpo e tudo acontece dentro dela. Quanto mais densa, menor o medo. A massa pode ser “aberta” ou “fechada”. A primeira é a natural, espontânea, um aglomerado de pessoas que cresce rapidamente, até o infinito, mas pode desintegrar-se com a mesma facilidade, sua duração é efêmera. A segunda limita suas fronteiras, não permite o aumento desordenado de indivíduos, fixa-se em determinado local fechado, e o número de associados não ultrapassa uma quantidade pré-estabelecida. A transformação de uma massa fechada em aberta é um fenômeno denominado “erupção”:

Em geral, seu aspecto é o de uma massa transbordando de um espaço no qual se encontrava bem protegida para a praça e para as ruas de uma cidade, onde, atraindo todos para si e exposta a tudo, ela se movimenta livremente. Mais importante, porém, do que esse processo é o fenômeno exterior correspondente: a insatisfação com o caráter limitado do número de participantes; a vontade súbita de *atrair*, a firme e apaixonada disposição de atingir a *todos*. (CANETTI, 1995, p. 21, grifos do autor).

Canetti (1995) denomina “cristais de massa”, grupos pequenos e delimitados de homens, que constituem unidades duradouras, resistentes, cuja função é desencadear as grandes massas. “Descarga” é o momento em que todos os indivíduos do grupo sentem-se iguais, sem distanciamentos ou hierarquias na posição social, propriedade ou categoria profissional (CANETTI, 1996, p. 16). A união de todos é a única forma de libertar-se do peso da distância social; trata-se, portanto, de um momento de felicidade, de euforia:

Nessa sua concentração, onde quase não há espaço entre as pessoas, onde os corpos se comprimem uns contra os outros, cada um encontra-se tão próximo do outro quanto de si mesmo. Enorme é o alívio que isso provoca (CANETTI, 1995, p. 17).

Para Canetti (1995), a massa pode ser destruidora: as pessoas nela inserida sentem que ultrapassam as fronteiras individuais, são tomadas por um forte desejo de “destruição”, especialmente imóveis e objetos, gostam de sentir o ruído de coisas quebradiças como vidro, porcelana, espelho; até sentem prazer ao ouvir o espatifar-se de objetos frágeis, apreciam o efeito do fogo, que as atrai por ser visível a distância e por destruir tudo irrevogavelmente. A massa sente-se invencível quando queima carros, faz grandes fogueiras na cidade (CANETTI, 1995, p. 17).

Uma das características da massa, segundo Canetti (1995) é o “sentimento de perseguição”, “uma particular e irada suscetibilidade e irritabilidade em relação àqueles que ela caracteriza definitivamente como inimigos.” (CANETTI, 1995, p. 21). O receio é que seus inimigos tentem limitar seu crescimento. É um sentimento de ameaça dupla: do “mundo exterior”, de quem a massa tenta se proteger e para isso estreita suas fronteiras, e de seu “interior”, progressivamente minado de pequenos traidores, que podem ser encontrados acompanhando os que recentemente aderiram a ela:

A cidade se enche mais e mais de combatentes, mas cada um deles traz consigo seu pequeno e invisível traidor, que depressa se mete em algum porão. O sítio consiste no fato de se procurar interceptar os recém-chegados. Para os inimigos, do lado de fora, os muros são mais importantes do que os sitiados em seu interior. São os sitiadores que os constroem e elevam continuamente. Buscam subornar os recém-chegados e, quando já não podem mais detê-los, cuidam para que o pequeno traidor que os acompanha seja munido de suficiente hostilidade em seu caminho rumo à cidade (CANETTI, 1995, p. 22).

Segundo Canetti (1995), o “pânico” pode ser um elemento “desagregador da massa”, como o grito de “fogo” durante uma sessão de cinema. O desespero impossibilita que todos se movimentem em conjunto e racionalmente. Há poucas portas de saída, estreitas para o grande volume da massa, as pessoas lutam, pisoteiam umas às outras, querem separar-se do coletivo.

Canetti (1995) define a massa segundo suas quatro propriedades: 1) Seu desejo contínuo de crescimento; 2) A igualdade dos indivíduos dentro da massa (é o momento de descarga: todos sentem-se iguais, com propósitos comuns); 3) Quanto mais densa, mais a massa se sente realizada; 4) É necessário que haja uma direção, um objetivo determinado (CANETTI, 1995, p. 28). A massa também é classificada segundo sua movimentação: “estanque” e “lenta”. Quando as pessoas aguardam coletiva e pacientemente por um acontecimento, como a passagem de uma celebridade em carro aberto, ocorre a “massa estanque” (CANETTI, 1995, p. 33). Quando a coletividade se

movimenta lentamente constitui a chamada “massa lenta”, como num cortejo (CANETTI, 1995, p. 38). Esta característica tem a ver com a grande distância para atingir seu objetivo. Enquanto seus participantes acreditarem que conseguirão o almejado, como por exemplo no caso do povo judeu em busca da “Terra Prometida”, apesar das dificuldades durante o percurso, pacientemente insistem em sua peregrinação.

Elias Canetti (1995) classifica as massas também em função de seu conteúdo, segundo o “afeto dominante”, que ele caracteriza como o grau de emoção ou paixão:

1) “Massa de acossamento” – massa disfórica. Seu objetivo, que é matar, pode ser alcançado rapidamente (CANETTI, 1995, p. 47). A partir do momento em que o nome daquele que deve ser morto é divulgado, esta massa é constituída, como no caso de linchamento de criminosos. O carrasco é a massa, não seus componentes.

2) “Massa de fuga” – massa disfórica, quando uma ameaça se estabelece e todos decidem evadir-se, em pânico, como no caso de malfeitores que anunciam a invasão de uma cidade ou vila (CANETTI, 1995, p. 51).

3) “Massa de proibição” – massa eufórica, quando um grupo de indivíduos cria uma resistência e deseja não continuar fazendo o que realizavam individualmente até aquele momento, como no caso de uma greve em que a maioria decide parar o trabalho (CANETTI, 1995, p. 54).

4) “Massa de inversão” – massa eufórica. Como na Revolução Francesa, aqueles que durante longo tempo eram indefesos, explorados, obedientes, repentinamente invertem a situação, sublevam-se contra os dominadores. Na coletividade, sentem-se seguros. Para que aconteça este tipo de massa, é necessário que a sociedade seja estratificada, em que as diferenças sociais e de poder sejam de alto grau (CANETTI, 1995, p. 57).

Nosso terceiro filósofo, o italiano Antonio Negri (1933 – ), em sua obra *Cinco Lições sobre Império* (2003), publicada originalmente em 2003, estabelece a distinção entre “multidão”, “povo” e “massa”. O autor define a “multidão” como uma “multiplicidade” ou “conjunto” de “singularidades”, em que conjunto significa um agrupamento de “diferenças e lá onde as singularidades são concebidas como produção de diferença.” (NEGRI, 2003, p. 148). A multidão é mestiçada, pode produzir um trabalho imaterial e intelectual e tem um grande poder para agir livremente. O autor entende que, na base das semelhanças e distinções entre os componentes da multidão, há a possibilidade de existir um elemento “comum” que a congrega, na forma de

“proliferação de atividades criativas” distintas, mas associando-se ou relacionando-se (NEGRI, 2003, p. 148). Por exemplo, na multidão, podemos encontrar uma coletividade de pessoas com profissões, faixa etária ou nível educacional diversos, porém unidos por um ou dois objetivos principais, como é o caso de uma greve que reivindica aumento salarial.

Além da propriedade de unir singularidades, Negri (2003) acrescenta que a multidão é uma “classe social não-operária”, no sentido em que, nos dias atuais, deixa de constituir uma classe de trabalhadores da linha de produção de uma fábrica, como no *fordismo*. Na era pós-moderna, o trabalho em série foi substituído pelas máquinas robotizadas, e os operários da atualidade realizam na maioria das vezes serviços que utilizam o cérebro, o intelecto. Em geral, passamos do sistema de trabalho material para o imaterial (NEGRI, 2003, p. 145). Como consequência, a multidão possui um poder político peculiar, como “conceito de classe”, atuando como “sujeito de produção” e “objeto de exploração. Assim, a dimensão corpórea está presente: os corpos migram, produzem e se mobilizam (NEGRI, 2003, p. 170). Uma terceira propriedade é que a “multiplicidade” das diferenças não é dissolvida na massa, ao contrário, tem a possibilidade de desenvolver uma autonomia independente e intelectual (NEGRI, 2003, p. 146). Portanto, a multidão (pós-moderna) é dinâmica, constitutiva e “biopolítica”, no sentido que abrange todos os aspectos da vida (NEGRI, 2003, p. 210). Segundo Negri (2003):

Na fase pós-moderna, o conceito de multidão se liga à existência de singularidades definidas por sua capacidade de expressar trabalho imaterial e pela potência de reapropriar-se da produção através do trabalho imaterial (através da atividade). Podemos dizer que a *força-trabalho pós-moderna ocorre na forma da multidão (...)*” (NEGRI, 2003, p. 145, grifos do autor).

De acordo com Negri (2003), as propriedades da multidão, como um conjunto de singularidades, como conceito de classe e conceito de uma potência, podem ser resumidas como segue:

- 1) Não pode ser representada em função de sua grandiosidade – é imensurável.
- 2) É conceituada como uma “multiplicidade singular” e concreta.
- 3) Não pode ser um corpo social, “porque a multidão é a carne da vida” (NEGRI, 2003, p. 166).
- 4) Constitui uma multiplicidade ativa, um agente social atuante.
- 5) Embora não seja uma unidade como o povo, é organizada.

6) O conceito de multidão proposto por Negri (2003) derruba o “medo das massas” e sua “tirania” como era caracterizada pelos pensadores da era moderna.

7) O material de sustentação da multidão é a “carne”, a “substância viva comum na qual o corpo e o intelecto coincidem e são indiferenciados.” (NEGRI, 2003, p. 167, grifos do autor). Consequentemente, é formada por uma multidão de “corpos”.

8) O conceito de Negri (2003) para multidão sinaliza que está acontecendo uma revolução no mundo, que será totalmente renovado.

A multidão, como uma forma de contestação aos segmentos dominantes e exploradores, que o filósofo Negri denomina “Império”, configura-se como um “antipoder”, composto por três elementos: “resistência”, “insurreição” e “poder constituinte” (NEGRI, 2003, p. 132). A resistência pode se transformar em uma “arma política poderosa” para modificar os sistemas dominantes, desde que seja realizada por uma multidão, as ações individualizadas não produzem resultados (NEGRI, 2007, p. 132).

Para Negri (2003), a insurreição e o poder constituinte não estão sendo aplicados em nossos dias (NEGRI, 2003, p. 132). A insurreição, segundo o autor, definida como revolta coletiva, não pode mais se realizar na forma de guerra civil, mas sim como uma guerra de explorados contra exploradores, porém em âmbito global ilimitado, dentro da estrutura social de um “Império” (no sentido da gestão que domina e controla o mundo todo):

(...) o Império é um sujeito soberano único, que compreende em sua lógica todas as três formas clássicas ou níveis de governo: a monarquia, a aristocracia e a democracia. O Império, em outras palavras, é uma forma particular de soberania por sua capacidade de incluir e administrar diferenças dentro de sua constituição. (NEGRI, 2003, p. 117).

O terceiro elemento, o poder constituinte, como uma nova constituição social e política da “democracia absoluta” almejada por Negri (2003) ainda está para ser criado:

Enfim, devemos pensar a resistência, a insurreição e o poder constituinte como processo indivisível, três elementos forjados juntos num pleno antipoder e, em suma, numa nova formação social alternativa. (...) Nesse contexto, é claro que os três elementos do antipoder – resistência, insurreição e poder constituinte – emergem *juntos* de cada singularidade e de cada movimento dos corpos que constituem a multidão. Atos de resistência, gestos coletivos de revolta e invenção comum de uma nova constituição social e política passam juntos através de inúmeros círculos micropolíticos – e assim na carne da multidão está inscrito um novo poder, um antipoder, uma coisa viva que é contra o Império. (NEGRI, 2003, p. 133, 135).



Antonio Negri (2003) também explica seu conceito de “povo” e “massa”. O conceito de “povo”, uma representação da população como uma “unidade”, diferentemente da multidão, como já vimos (2003, p. 118), é caracterizado por pelo menos três elementos: constitui uma entidade única, não é possível fazer a soma de seus elementos ou tirar a média numérica; torna-se uma “representação, a identidade da “multiplicidade empírica” da comunidade é dada pelo “representar”; e seu espaço é delimitado, já que “pode ser representada por uma unidade” (NEGRI, 2003, p. 118), ao contrário da multidão, que não pode ser mensurável, é ilimitada, portanto não é possível que seja representada. O povo é um corpo social, ou seja, segundo Negri (2003):

Em suma, o povo não é uma identidade nem imediata nem eterna, mas é o resultado de um processo complexo que é próprio de uma formação social e de um período histórico específicos. (...) Ele [o povo], já vimos, é um produto da representação. Com grande força, na teoria política moderna, o povo é representado como o produto do ato contratual constitutivo da sociedade burguesa, como explicam todos os filósofos liberais modernos, de Hobbes a Rawls. O contrato faz da população um corpo social único. Esse ato contratual, todavia, é inexistente, mistificador e superado (NEGRI, 2003, p. 119, 124).

A “massa”, diferentemente de multidão e povo, de acordo com Negri (2003), foi frequentemente caracterizada como “uma força social irracional e passiva, perigosa e violenta, justamente porque ela era facilmente manipulável.” (NEGRI, 2003, p. 166). A massa é um aglomerado de pessoas, manipulado com facilidade, contrastando com a multidão que constitui um “agente social ativo” (NEGRI, 2003, p. 126).

Após apresentarmos as teorias de Tarde, Canetti e Negri, comentaremos estes conceitos à medida que analisarmos como as aglomerações de pessoas aparecem na seleção de páginas do jornal *Última Hora*, o que será feito a seguir. Neste momento, o estudo será circunscrito apenas ao periódico de nosso *corpus* para não nos estendermos demais. No capítulo 4, por ocasião do suicídio do presidente Getúlio Vargas, as análises das páginas da *Última Hora* serão comparadas com as do grupo *Folhas* e do jornal *O Estado de S. Paulo* do mesmo período.

**Figura 12**

Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo



Na página da edição de segunda-feira, 16/03/1953 (Figura 12), a manchete *Cardoso e Nobre Aclamados Pelos Motoristas de Praça* acompanha a foto com a seguinte legenda:

AO ALTO, o Sr. Ademar de Barros, com um boné de motorista, quando se dirigia aos profissionais do volante que, concentrados ontem na praça fronteira ao Pacaembu, manifestaram apoio incondicional aos candidatos Cardoso e Nobre Filho. Embaixo, parte da verdadeira multidão de motoristas que compareceu à reunião.

Francisco Antonio Cardoso, então secretário da Saúde do governador de São Paulo, Lucas

Nogueira Garcez, do PSP (Partido Social Progressista), foi lançado por este último como candidato a prefeito, completando a chapa com o vice indicado pelo PTB (Partido Trabalhista Brasileiro), Fernando Nobre Filho, portanto, com o apoio do governador Lucas Nogueira Garcez (PSP) e do presidente Getúlio Vargas (PTB). Neste comício, Ademar de Barros Filho, líder do PSP, acompanhou e prestigiou os dois candidatos da coligação até o Palácio dos Campos Elíseos, onde o governador Lucas Nogueira Garcez, do mesmo partido de Ademar, os recebeu. É interessante observar que Ademar de Barros vestiu um “boné de motorista”, na tentativa de transformar-se em um “igual” aos motoristas de praça, uma atitude própria dos políticos populistas, como Ademar e Jânio. Jânio, em suas aparições perante os trabalhadores, usava roupas simples e sujas, com o propósito de ser identificado como proveniente das classes humildes (DUARTE e FONTES, 2007, p. 15, disponível em [www1.lanic.utexas.edu/project/etext/llilil/vrp/fontes.pdf](http://www1.lanic.utexas.edu/project/etext/llilil/vrp/fontes.pdf)).

A parte inferior da foto apresenta uma densa multidão estendendo-se para o extra-quadro. Os léxicos no texto da legenda ("verdadeira multidão", em que o adjetivo "verdadeira" amplia, multiplica o sentido numérico de multidão), e na notícia ("coalharam", "numerosos", "prorromperam vivas salvas de palmas", "comitiva monstro"), constituem elementos modalizadores de um discurso que evidencia a intencionalidade do enunciador repórter-jornal, que claramente apoia os candidatos mencionados pertencentes a uma coligação interpartidária, entre os quais, o PTB, o partido do Presidente da República. Segue o texto da notícia:

Mais de mil motoristas de praça, cujos automóveis coalharam a praça fronteiriça ao Estádio do Pacaembu, prestaram entusiástica manifestação de apoio aos candidatos coligados. Estiveram presentes à concentração os deputados Ulisses Guimarães e Narciso Pieroni: o cel. Vicente Saguas, o vereador Domingues Ruiz e alguns líderes da classe, entre eles os Srs. José Guido, Luis Paiva e numerosos outros.

À chegada do sr. Ademar de Barros, os motoristas prorromperam vivas salvas de palmas, e o presidente nacional do PSP foi conduzido ao palanque carregado pelos profissionais que ali se achavam. Após terem usado da palavra, o deputado Ulisses Guimarães, o vereador Domingues Ruiz e diversos líderes da classe, o prof. Francisco Antonio Cardoso, dirigiu-se aos presentes afirmando, inicialmente, ser um velho motorista e, como tal, se eleito, seria na Prefeitura um amigo dos choferes. Esclareceu que, na chegada do Executivo, promoverá a transferência do Serviço de Trânsito para a municipalidade, não apenas com o propósito de obter a fiscalização mas, principalmente, criar uma instituição de amparo social e econômico aos motoristas. Um dos itens fundamentais de seu programa será a organização do Banco do Município de São Paulo, cuja existência se destinará a proporcionar financiamento aos motoristas, para a compra de veículos e respectivos acessórios. Após vibrante manifestação, o ex-governador Ademar de Barros manteve uma palestra com os motoristas, durante a qual narrou o que se passa no Brasil, em todos os setores de atividade. O sr. Ademar de Barros conclamou os motoristas a votar em Cardoso e Nobre Filho.

Ao término do comício os motoristas acompanharam, formando uma comitiva monstro, os srs. Francisco Antonio Cardoso, Fernando Nobre Filho e Ademar de Barros, até o Palácio dos Campos Elísios, onde foram recebidos pelo governador Lucas Nogueira Garcez. No clichê, flagrantes durante o encontro dos motoristas de praça com os candidatos coligados, na praça do Estádio do Pacaembu.

Esta imagem, seccionada na horizontal, mostra os políticos, na parte superior, olhando para a esquerda e os motoristas, na parte inferior, voltados para a direita, sinalizando a intenção de compor uma interatividade entre os dois conjuntos. Além disso, os candidatos e Ademar de Barros no alto da foto e em tamanho hiperbolizado, se comparados à dimensão das pessoas do público, remetem a um valor de poder, em detrimento da multidão, no conceito de Negri (2003) que os escuta. A multidão que compareceu a este comício, segundo a teoria de Canetti (1995), é uma massa aberta, densa, pacífica e eufórica, congregada por um fator externo, que é a expectativa do

discurso dos candidatos da aliança PSP-PTB, com a presença de Ademar de Barros, que dividia com Jânio sua popularidade entre os trabalhadores. De acordo com Negri (2003), o aglomerado de pessoas é uma multidão pró-ativa que, com seu voto, tem a pretensão de mudar as condições sociais a seu favor.

### Figura 13

Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo



Na edição de segunda-feira, 16/03/1953 (Figura 13), a manchete *Grande Multidão Aplaudiu o Programa de Cardoso Para a Zona Norte da Cidade* está acompanhada do olho: “Pronto Socorro, parques infantis, postos de puericultura e grupos escolares anunciados pelos candidatos da coligação interpartidária no comício realizado sábado no Tucuruvi”. A imagem fotográfica e a manchete constituem recorrências que confirmam que o enunciador *Última Hora* tem preferência pelos candidatos Cardoso e Nobre Filho para prefeito e vice, da

aliança PSD-PTB, já que o periódico de nosso *corpus* foi criado especialmente para divulgar ao público, as ações do governo Vargas. Na legenda que acompanha a imagem,

ASPECTOS do comício-monstro realizado sábado último, no Tucuruvi. À esquerda, parte da multidão, que, tomando literalmente a praça total, aplaudiu entusiasticamente os candidatos coligados. À direita, o sr. Francisco Cardoso quando proferiu brilhante improviso, tendo a seu lado o candidato a vice-prefeito, sr. Fernando Nobre Filho.

os léxicos “comício-monstro”, “parte da multidão...aplaudiu”, “entusiasticamente”, “brilhante improviso” hiperbolizam o evento e confirmam que o objetivo da equipe de edição do jornal é mostrar os candidatos Cardoso e Nobre Filho como a melhor alternativa. No contrato de comunicação da *Última Hora* com o leitor

pró-Getúlio, que por isso lhe proporciona fidelidade, o enunciador jornal manipula a preferência do eleitor. Vejamos um trecho da notícia:

Perante numerosa multidão de moradores do Tucuruvi e de bairros adjacentes, o candidato da coligação interpartidária, sr. Francisco Antonio Cardoso, anunciou sábado à noite, vários melhoramentos e obras públicas que constam de seu programa de ação para aquela zona da capital paulista. Dentre os numerosos planos de obras que muito beneficiarão o referido bairro e vilas adjacentes, destaca-se a supressão dos trens da Cantareira. Ao invés desse antigo sistema de comunicação, anunciou o candidato interpartidário, será construída, em todo o trecho de circulação daqueles trens, uma grande avenida e por ela trafegarão modernos ônibus elétricos, o que permitirá solucionar o problema do transporte para aqueles bairros paulistanos. Esse empreendimento se completará - continuou o sr. Francisco - com a grande construção da avenida Radial Norte, a qual, partindo do Anhangabaú, pela rua Voluntários da Pátria, atingirá a rua Dr. Cesar, no bairro de Santana, onde se bifurcará, beneficiando todos os bairros próximos de Santana, no que se refere ao transporte coletivo.

No corpo da notícia, são apresentados em detalhes os programas de melhorias para a Zona Norte de São Paulo, o Tucuruvi, com diversos léxicos intensificadores: "Perante numerosa multidão de moradores", "numerosos planos de obras", "beneficiando todos os bairros próximos de Santana". Convidaram para o comício o grande jogador de futebol Leonidas da Silva, que apresentou solidariedade em nome dos esportistas veteranos de São Paulo, numa tentativa clara de mostrar que os candidatos têm maior intimidade com as classes populares. Com esta estratégia populista, de tentar uma aproximação com os economicamente menos favorecidos, os candidatos procuram um prolongamento das táticas Getúlio-Ademar-Jânio com a finalidade de angariar votos.

Segundo a teoria de Tarde (2005), temos na imagem uma multidão (de moradores do Tucuruvi) "pacífica" e "estável". Para Canetti (1995), constitui-se em massa "aberta", "densa", "espontânea", cujo momento de "descarga" é traduzido no interesse coletivo pelo programa de benefícios locais. No entanto, não é uma multidão contestatória que oferece resistência.

Abaixo à direita, uma foto do presidente Getúlio Vargas acompanhado dos candidatos Cardoso e Nobre Filho apresenta uma legenda que constitui uma mensagem para o trabalhador da cidade de São Paulo, lembrando o vínculo populista entre o presidente e as "camadas exploradas", demonstrando a importância do resultado das urnas nesta cidade para Vargas e sua equipe:

TRABALHADOR – ATENÇÃO! – Não se deixe enganar: o PTB de Getúlio só tem dois candidatos: CARDOSO e NOBRE FILHO. Getúlio – chefe supremo – os apoia; Jango Goulart – presidente nacional do PTB afirmou; (...)

Recordamos que “chefe supremo” era o título para Getúlio Vargas comumente usado desde a Revolução de 1930.

**Figura 14**

Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo



A edição da *Última Hora* de quinta-feira, 19/03/1953 (Figura 14), apresenta a manchete principal *Govorno e povo empenhados na luta contra a carestia* e uma imagem mostrando uma imensa aglomeração de pessoas acompanhada da legenda *Manifestação-monstro dos operários paulistas*. Junto à manchete e à foto ao lado, uma chamada oferece uma explicação parcial do ocorrido:

*Milhares de trabalhadores dirigiram-se ao governador Lucas Garcez - Paralisadas as fábricas do Brás - Urgentes medidas para o elevado custo de vida - Solidário Garcez com o movimento - O memorial (Leia na 2ª. página)*

A multidão de operários em protesto preconiza a greve dos 300 mil que, como já dissemos, se iniciou em 25 de março de 1953 e terminou em 18 de abril do mesmo ano. Trabalhadores revoltados com o alto custo de vida dirigiram-se ao governador Lucas

Nogueira Garcez, no Palácio Campos Elíseos, a fim de conseguir promessas para que a subida de preços fosse refreada. Na foto deste movimento de milhares de pessoas, ruas foram bloqueadas, vemos carros parados no meio da massa de trabalhadores e um cartaz com os dizeres “Abaixo os Tubarões”. Portanto, a massa que compõe esta multidão (atuante, organizada, poderosa, com objetivos claros contra a carestia, um agente social) inclui os operários explorados que oferecem “resistência” e representam o “antipoder”. Estes são mulheres, homens, profissionais de várias faixas etárias, mas em sua base existe “um elemento comum” que os reúne, que, neste caso, é a luta contra o aumento de preços. O adjetivo “monstro” na legenda e o ângulo de tomada da foto com um adensamento de pessoas ao infinito hiperboliza a dimensão do protesto e constrói um discurso em que o enunciador governador Lucas Nogueira Garcez, ao admitir o grande número de manifestantes, declara solidarizar-se com o movimento. Entretanto, nas páginas da *Última Hora* que serão estudadas a seguir, observamos a extrema violência policial sobre os manifestantes, provavelmente por ordem do mesmo governo estadual, levando em conta que o recém-eleito prefeito Jânio Quadros apoiou o movimento (FAUSTO, 2007, p. 641). Na chamada para a notícia, o governador paulista Garcez pretende mostrar que compreende os reclamos dos operários e não os antagoniza, lembrando que Garcez pertence ao PSP, aliado ao PTB, partido do presidente. O discurso contido na manchete “Governo e povo empenhados na luta contra a carestia” constitui uma recorrência da confirmação de que o governo está solidário com os trabalhadores em relação aos preços elevados. Da mesma forma, o jornal enunciador, ao anunciar esta solidariedade, marca uma posição política na defesa do governador, para impedir o desgaste do aliado presidente da República. Igualmente, ao dar destaque à penúria da população de baixa renda, o enunciador demonstra que se preocupa com seu público leitor, reforçando seu contrato comunicativo baseado na fidelidade. Ao mesmo tempo, esta pretensa relação poder central-trabalhador reforça o jogo populista de “mão dupla”, e sinaliza uma forma de corporativismo.

Figura 15

Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo



A edição de terça-feira, 24/03/1953 (Figura 15) traz como manchete principal *Primeiro pronunciamento de Garcez: Ao candidato eleito o governo dará condições para governar*, que não contém léxicos intensificadores nem adjetivos hiperbolizantes. Assim como na chamada,

"O povo já falou", disse o governador - "Nós, que tudo fizemos para a vitória de Cardoso, tudo faremos para que o candidato eleito tenha as indispensáveis condições para bem administrar - Tranquilo e sorridente o chefe do Executivo - Expediente normal nos Campos Elísios (Leia na 3ª. página).

a notícia da vitória de Jânio Quadros foi apresentada objetivamente. Parece-nos que o enunciador *Última Hora* colocou-se em campo neutro diante da reação popular à vitória de Jânio Quadros. Isto ficou evidente com a hierarquização dos dois títulos principais da página: o "Primeiro pronunciamento de Garcez", da aliança PSP-PTB (partido de Vargas), foi impresso em destaque, fontes bem dimensionadas, na cor preta para conseguir maior destaque; e o título *O povo comemorou nas ruas a vitória de Jânio Quadros*, rival dos candidatos Cardoso e Nobre Filho, do mesmo partido do governador paulista e do Presidente da República, ficou relegado ao centro da página, com fontes pequenas, em itálico. Apesar disso, a imagem da multidão comemorando nas ruas a eleição de Jânio Quadros teve algum destaque na primeira página: o enunciador jornal deveria mostrar a celebração popular pelo candidato vencedor.

Na chamada sobre a comemoração da vitória pela população:

Pulos de contentamento na rua Augusta - Desolação no comitê Pró-Cardoso da Sete de Abril - Tabelas improvisadas e o mapa da vitória - Velas e



vassouras como símbolos - Passeatas simultâneas em vários pontos da cidade (Leia na 2<sup>a</sup>. página).

os sintagmas "pulos de contentamento", "passeatas simultâneas" e "desolação" constituem discursos de oposição que visualizam os dois partidos principais que concorreram às eleições: um vencedor e o outro perdedor.

Na legenda que acompanha as duas imagens,

ALTAS HORAS DA NOITE, ainda havia grupos de manifestantes percorrendo as ruas de São Paulo aos gritos de "Morra a caixinha". Em alguns lugares grupos de pessoas mais exaltadas chegaram a iniciar algumas arruaças. A polícia, todavia, esteve sempre atenta, acompanhando os cortejos "fúnebres" em seus trajetos. Nas fotos, flagrantes das manifestações dos partidários da "dobradinha".

as expressões "mais exaltadas" e "chegaram a iniciar algumas arruaças" sinalizam que o enunciador editor do jornal em alguma medida desvaloriza os eleitores que votaram em Jânio. A opção pelo pronome indefinido "algumas" que acompanha a palavra "arruaças", ao invés de um intensificador quantitativo (por exemplo, "muitas arruaças"), mostra o cuidado do enunciador para não melindrar, especialmente, o segmento de leitores que votou em Jânio. A massa eufórica, apresentada na imagem, e o discurso jornalístico do fato evidenciam a preocupação do enunciador equipe de edição em valorizar a aproximação deste veículo com as multidões de trabalhadores. A intencionalidade de não dar grande destaque ao novo prefeito é ratificada pelo pequeno *box* que contém suas primeiras declarações:

Primeiras declarações do candidato eleito:

"Agradeço a confiança do povo e espero nunca desmerecê-la".

"Estou realmente emocionado com a preferência do eleitorado - Disposto a enfrentar novas batalhas - (Por Correa Neves, exclusivo de *Última Hora* - Leia na 3<sup>a</sup>. página deste caderno)

Nas eleições realizadas no dia 22 de março de 1953, Jânio Quadros, candidato pelo PDC (Partido Democrata Cristão), conseguiu um total de 283.968 votos contra 114.434 para o segundo colocado, Francisco Antônio Cardoso do PSP (*Última Hora* de 27/03/1953). Foi a primeira campanha eleitoral para a Prefeitura de São Paulo desde a Revolução de 1930. Com seu mote "O tostão contra o milhão", mostrava aos eleitores a grande diferença entre os pouquíssimos recursos de que ele dispunha para sua campanha e as grandes somas oferecidas aos candidatos do partido da situação, com a máquina política a seu serviço, implicitamente denunciando o PSP e o PTB. Com a vassoura simbolizando sua campanha, metaforizando que faria uma grande limpeza nos cofres públicos e eliminaria a corrupção, foi ainda beneficiado pela crise interna no PSP entre

Ademar de Barros e Garcez. Desde 1951, o PSP, liderado por Ademar, posicionou-se radicalmente contrário ao PTB, pressionou o governador a romper a coligação interpartidária, o que não se efetivou. Ao contrário, para a campanha de 1953, o governador Lucas Nogueira Garcez, enquanto Ademar estava viajando, lançou seu secretário da Saúde, Francisco Antônio Cardoso (PSP), para prefeito e Fernando Nobre Filho, do PTB, como vice; Ademar queria uma chapa exclusiva do PSP. Ao retornar da viagem, Ademar de Barros decidiu apoiar Jânio Quadros, inclusive financeiramente, facilitando sua vitória eleitoral (MAYER e XAVIER, disponível em [www.cpdoc.fgv.br/dhbb/verbetes\\_htm/4387\\_1.asp](http://www.cpdoc.fgv.br/dhbb/verbetes_htm/4387_1.asp)).

**Figura 16**

Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo



Na edição de quarta-feira, 25/03/1953 (Figura 16), embora a manchete *Vargas alerta os políticos distanciados das massas: Medidas radicais em defesa do povo* seja a principal em função das fontes grandes sem serifa, na cor preta, o título em vermelho também chama a atenção: *Estão em greve 7 mil tecelões*. Na chamada,

Quatro fábricas paralisadas, no Belenzinho e Tatuapé - O movimento ameaça alastrar-se por 200 mil operários - Iniciada a "parede" sem a ordem do sindicato - De prontidão toda a polícia política - (Leia na 5ª. página)

a oração *Iniciada a "parede" sem a ordem do sindicato* e a legenda da foto, com os grevistas em pé, *Os trabalhadores têxteis, em frente às fábricas, fazem demonstrações pacíficas*. A *"parede" se iniciou sem a articulação sindical* são informadas pelo jornal como movimentos independentes, organizados pelos próprios trabalhadores. A foto com os grevistas enfileirados, os braços levantados em exaltação,

como se estivessem realmente formando uma “parede” (paredista é um termo sinônimo de grevista) indicia que o jornal procura valorizar, na medida do possível (a notícia sobre o “chefe” precisa ter maior destaque), estes movimentos sociais do operariado, como já vimos nas outras edições. Analisando esta aglomeração sob o conceito de Canetti (1995), trata-se de uma “massa aberta”, persistente, com um desejo contínuo de crescimento, em que os indivíduos sentem-se iguais por seu desejo comum, que o autor denomina de “descarga”. As duas fotos, complementadas pela legenda, apresentam duas “massas de proibição”, segundo Canetti (1995), e pacíficas. O primeiro objetivo dos grevistas é econômico, como diz a legenda da outra foto:

"Queremos 60% de aumento sobre os salários atuais", dizem ao repórter os grevistas, que decidiram iniciar hoje mesmo o movimento paredista.

Na ausência de um plano claro para melhorar a renda desigual entre os brasileiros (FONSECA, 1999, p. 442), Vargas tentou resolver o problema com a elevação do salário mínimo. O último aumento que ele próprio decretou, permanecendo o mesmo durante todo o governo Dutra, aconteceu em 1943. No dia 1º de janeiro de 1952, o presidente aumentou o salário mínimo de Cr\$ 380,00 para Cr\$ 1.200,00, mas esta diferença somente atualizou o valor real salarial (FONSECA, 1999, p. 442, 444), o que provocou a insatisfação cada vez maior dos trabalhadores. A vinculação sindical ao Estado, um dos fundamentos do “getulismo”, estava se tornando inviável com o crescimento das mobilizações grevistas operárias, com apoio dos esquerdistas, especialmente do PCB (FAUSTO, 1996, p. 413). Nesta página da *Última Hora*, o poder central, anuncia, através do jornal, que está enviando “soluções imediatas” para conter e reduzir o custo de vida:

Novas mensagens do governo ao Congresso Nacional, contendo soluções imediatas para o barateamento do custo de vida e eliminação total da especulação e açambarcamento - "Não podemos permanecer inertes", declara o presidente da República, abrindo mais uma oportunidade para que os partidos se identifiquem com as aspirações populares - Verdadeiro sentido da "revolução branca", em São Paulo.

Não era comum neste periódico publicar longos textos na capa da primeira seção. Porém, neste caso, as ações urgentes do presidente têm um destaque *sui generis*

em uma grande reportagem no centro da página, logo abaixo da manchete principal, *Medidas radicais em defesa do povo*, na altura privilegiada ao olhar do enunciário-leitor:

Rio, 25 (Sucursal) - O assunto predominante na audiência semanal que o presidente da República concede todas as terças-feiras a congressistas foi o resultado das eleições municipais em São Paulo, como o leitor poderá verificar na seção "O Dia do Presidente", na terceira página deste jornal.

A reportagem da *ÚLTIMA HORA* no Palácio Rio Negro colheu junto a diversos deputados e senadores, que debateram o problema diretamente com o Sr. Getúlio Vargas, a impressão de que o presidente da República não fora apanhado de surpresa. Sábado último, no almoço que o ministro Simões Filho ofereceu na "Vila Baiana", em Petrópolis, ao chefe do governo, este afirmara a um grupo de congressistas que não tinha mais dúvida quanto à vitória de Jânio Quadros, em vista dos rumos que tomara a campanha política em São Paulo.

Contudo, a mais importante revelação, que emanou da audiência parlamentar de ontem, foi-nos transmitida por um deputado intimamente ligado ao presidente Vargas. Repetindo que não se iludira com o resultado das eleições bandeirantes, e compreendendo, em toda a sua extensão, o verdadeiro sentido da "revolução branca", que dera a vitória aos candidatos populares, contra uma coligação de seis agremiações políticas, o chefe do governo julga indispensável um movimento que identifique melhor o Congresso e os partidos, com as aspirações das massas.

Com esse pensamento, prosseguiu o nosso informante - o sr. Getúlio Vargas comunicara a vários parlamentares que estava redigindo uma mensagem, a ser brevemente encaminhada ao Congresso, propondo soluções imediatas e radicais para o barateamento do custo de vida e eliminação total da especulação e açambarcamento, que enriquecem alguns em detrimento da grande maioria do povo brasileiro.

- "Não podemos permanecer inertes - declarou o presidente da República. Por isso mesmo, vou oferecer não só ao Congresso, como aos partidos, que constituem a base da democracia, mais esta oportunidade para que ressurgja no seio do povo a indispensável confiança nos seus órgãos representativos".

O sr. Getúlio Vargas não revelou nem a data nem o conteúdo das mensagens a que se referiu, mas pela reação que as suas palavras despertaram junto aos numerosos congressistas, que ontem compareceram ao Palácio Rio Negro em Petrópolis, e que dali só se retiraram depois das 21 horas, não é difícil deduzir que importantes acontecimentos estão por vir, dentro em pouco, trazendo uma nova emulação à vida política e parlamentar do país.

Diante do grande número de grevistas, Vargas, para evitar o enfraquecimento de sua relação com as massas trabalhadoras, na base de seu jogo populista, adianta-se com "medidas radicais", declarando que estas têm a finalidade de reduzir as diferenças de poder de capital, em "que enriquecem alguns em detrimento da grande maioria do povo brasileiro", numa tentativa de reconquistar a população obreira. Coloca a responsabilidade nos "políticos distanciados das massas", em explícita referência a seus opositores. O enunciador *Última Hora*, pela dimensão das letras e o posicionamento do texto verbal na capa, salientou, ou foi obrigado a salientar, esta notícia em detrimento

daquela sobre a greve, acompanhada de duas fotos médias, a dos paredistas e outra mostrando a assembleia de grevistas, e uma manchete em tipologia vermelha à direita e acima da página.

Os resultados da eleição para a prefeitura também são comentados na notícia. Acreditamos que a celebração da vitória do deputado estadual Jânio Quadros para prefeito paulistano com as demonstrações em praça pública sinalizaram movimentos de multidões de trabalhadores, em perspectiva de agitação popular, dentro de um contexto econômico de explorados pelo alto custo de vida, que incidia sobre a população obreira da cidade de São Paulo. No dia posterior a esta comemoração, 26 de março, estourou a greve com previsão da participação de várias categorias profissionais, que, conforme a notícia, “ameaça alastrar-se por 200 mil operários”. No texto da reportagem da *Última Hora*,

Repetindo que não se iludira com o resultado das eleições bandeirantes, e compreendendo, em toda a sua extensão, o verdadeiro sentido da "revolução branca", que dera a vitória aos candidatos populares, contra uma coligação de seis agremiações políticas, o chefe do governo julga indispensável um movimento que identifique melhor o Congresso e os partidos, com as aspirações das massas.

o presidente declara que a “revolução branca”<sup>11</sup> deu a “vitória aos candidatos populares”, referindo-se a Jânio, derrotando uma coligação de seis partidos, ou seja, um homem sozinho conseguiu “ler” as aspirações dos trabalhadores e venceu as eleições. Na verdade, o próprio presidente conhece esse jogo populista muito bem, porque ele já o adotava há muitos anos, mas critica o fato de “outro” ter conseguido fazer esta relação populista de “mão dupla”. Agora o chefe pede ao Congresso e aos partidos basicamente que “prestem atenção” às reivindicações operárias a fim de reverter a crise, que já era prevista, na relação entre estes e os políticos dos outros partidos. A dupla de candidatos apoiada por Vargas e Garcez, Francisco Cardoso e Nobre Filho, do PSP, tinham o apoio de outros seis partidos: PTB, UDN, PSD, PR, PRP e PRT.

---

<sup>11</sup> A expressão “revolução branca” metáforiza uma mudança política radical dentro da legalidade.

Figura 17

Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo



Na edição de quinta-feira, 26/03/1953 (Figura 17), o enunciador editor da *Última Hora* registra a ameaça da polícia política do Departamento de Ordem Política e Social (DOPS), criado durante o Estado Novo: *Recado do DOPS: Proibidas as manifestações*. Neste dia, as multidões operárias são apresentadas na manchete principal *180 Mil operários em greve a partir de hoje*, avisando que a greve foi ampliada para outras categorias, tecelões e

metalúrgicos, conforme explícito na chamada:

Pelo aumento dos salários e retorno aos preços do ano passado - Se a palavra de ordem for atendida cem mil tecelões e oitenta mil metalúrgicos não comparecerão ao trabalho - Concentração num campo de futebol - Lançamento de bônus nas ruas para a campanha de solidariedade - (Leia na 4.<sup>a</sup> página)

O governo da “democracia populista” informa que poderá acionar a polícia política para reprimir os paredistas, um lembrete às ações de violência pelo poder central no período estadonovista. As imagens apresentam os trabalhadores em assembleia, discutindo suas reivindicações pacificamente. Segundo Tarde (2005), estes operários que constituem uma multidão atuante, originada de um público estável (unido espiritualmente pela leitura de jornais, provavelmente a *Última Hora*), também são uma “massa de proibição” aberta e eufórica, na teoria de Canetti (1995), interrompendo seu

trabalho usual para protestar contra o baixo salário. Compreendem também uma multidão poderosa, no conceito de Negri (2003), atuante, imensurável (porque segue em crescimento), organizada, concreta e formada por uma multiplicidade de singularidades (tecelões, metalúrgicos, homens, mulheres, diversas idades, calmos ou mais exaltados).

Na legenda da foto à esquerda,

Depois que todos os oradores se pronunciaram e apenas um deles pediu que a greve somente fosse declarada sexta-feira, a fim de que todos os operários estivessem informados, a assembléia dos tecelões, levantando os braços, aprovou a recomendação oficial para todos abandonarem as fábricas a partir de hoje, e somente retornarem ao trabalho depois de atendidos no pedido de 60% e da garantia de que ninguém seja despedido ou preso.

os paredistas demonstram solidariedade ao condicionar seu retorno ao trabalho com a “garantia de que ninguém seja despedido ou preso”, em uma clara demonstração do conhecimento dos atos violentamente repressivos da polícia política. A equipe de edição do jornal não informa quem são os oradores. Parece que não tenciona mostrar que o sindicato está por trás do movimento. Entretanto, a legenda da foto à direita,

"Queremos 60% por enquanto e só voltaremos ao trabalho depois de totalmente atendidos", declara a tecelã Ramona Pastori, vendo-se na mesa Nelson Rustici, Antonio Chamorro e o representante da Delegacia do Trabalho.

menciona a presença de Nelson Rustici, presidente do sindicato dos tecelões, e Antonio Chamorro, líder comunista do PCB. As principais demandas operárias, aumento salarial de 60% e o congelamento dos preços no nível do ano anterior, são informadas por *Última Hora*, apresentando o discurso de uma forma justa, organizada e correta, visando reforçar a aproximação do jornal com as massas: “a fim de que todos os operários estivessem informados”, “levantando os braços”, “aprovou a recomendação oficial”.

Um *box* acima à esquerda, circunscrito em tarja azul, chama a atenção por seu conteúdo temático. Trata-se do “endereço mais procurado da cidade” de São Paulo, rua Sinimbu, 198, a residência de Jânio Quadros:

Como é a casa onde mora Jânio Quadros: Sala, Escritório, Dois Quartos, Banheiro, Cozinha – patos do mato no galinheiro – Dorotéia e Tomás ajudam Dona Eloá, que está precisando de uma empregada e não a encontra – A primeira dama da cidade oferece um cafezinho a *Última Hora* e fala sobre o marido, “um homem simples e caseiro”, que gosta de cinema e tem

admiração por Abraham Lincoln, Shakespeare, Prestes Maia e Marrey Junior (...)

Jânio, desde que era vereador, visitava os bairros pobres e tomava café na casa de seus prováveis eleitores, agora, após eleito como prefeito, recebia-os para que conhecessem sua casa simples, reforçando a ideia de ser “igual” às camadas exploradas e injustiçadas. Seguiu as estratégias do jogo populista, conversando com seus eleitores para conhecer suas insatisfações e depois divulgava os projetos apresentados e/ou aprovados. Estava traçando sua trajetória, no mesmo estilo, para galgar cargos políticos mais elevados.

**Figura 18**

Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo



Na edição de sexta-feira, 27/03/1953 (Figura 18), o chapéu *Novas Fábricas Aderem ao Movimento* prepara a manchete principal: *Aumenta o número de grevistas*. Na chamada, o jornal se apresenta em apoio ao movimento, trazendo em seu discurso de primeira página a violência da polícia, e publica a resposta dos grevistas, “violência com a violência”, como anunciado na chamada:

Predominam os tecelões - Mais atingidas as fábricas do Brás, Belenzinho e Ipiranga - Escaramuças entre grevistas e a Polícia - "Revidaremos a violência com a violência" - Prisões e espancamentos - (Na 3ª pg.)



Nesta edição, a greve paulista continua sendo a notícia líder. Entretanto, percebemos uma mudança no modo como a multidão se manifesta: "olho por olho e dente por dente", após espancamentos e ferimentos provocados pela polícia nos trabalhadores. A massa enfureceu-se, não é mais pacífica, procurou vingar-se contra seus inimigos, a polícia política, o governo estadual de Garcez e, por extensão, o poder federal. A imagem do rosto do operário deformado pelas pancadas e a mensagem verbal de um dos líderes do movimento, o comunista Antonio Chamorro, em destaque na espacialidade da página, indicia a solidariedade do jornal e/ou equipe de edição com os grevistas. Como já mencionamos, Jânio não teve seu prestígio abalado em função de seu apoio aos grevistas, "interessado em enfraquecer as posições de Garcez e de Vargas e penetrar numa área até então privativa do ademarismo, do PTB e do PCB" (MAYER e XAVIER, disponível em <[http://www.cpdoc.fgv.br/dhbb/verbetes\\_htm/4387\\_1.asp](http://www.cpdoc.fgv.br/dhbb/verbetes_htm/4387_1.asp)). Vejamos a legenda à direita da foto mostrando um tecelão ferido:

1 - JOAQUIM ANTONIO DE GODOI, o tecelão espancado por soldados da Polícia Marítima. Em consequência das bordoadas, apresenta ferimentos que lhe transformaram as feições.

Os léxicos “espancado” e “ferimentos que lhe transformaram as feições” discursivizam a preocupação da *Última Hora* pela massa de explorados que reivindicam justiça. Na legenda da foto que mostra o líder do PCB, Antonio Chamorro, orientando os grevistas,

2 - Cercado pelos companheiros, Antonio Chamorro, da comissão de salários declara ao repórter: "A nossa greve é pacífica. Mas, se for preciso, responderemos com violência a violência da Polícia. Será olho por olho e dente por dente".

o enunciador equipe de edição destaca que a greve é pacífica, ou seja, os paredistas não estão sendo apresentados como desordeiros; ao contrário, querem o diálogo. No entanto, revidarão a violência se necessário. O discurso jornalístico aqui implica um princípio de justiça, a “defesa própria”: perante os ataques policiais, serão obrigados a defender-se. Encontramos, neste caso, uma multidão que Negri (2003) define como um corpo social atuante, concreto, que oferece resistência e se tornou “uma arma política poderosa”.

A notícia sobre este evento, com o título *Compreensão e Boa Vontade*, apresenta um discurso de aproximação do jornal com as massas trabalhadoras, “massas de proibição” (CANETTI, 1995), na base do jogo populista em que o enunciador *Última Hora*, ao solidarizar-se com o operariado, consegue mais fidelidade desses leitores-enunciatários, seguindo a estratégia do populista Jânio Quadros, que deu apoio à greve. Veremos alguns trechos:

Premiados pela crise que hoje constitui o drama de todos os paulistanos, os operários têxteis e metalúrgicos de São Paulo abandonaram as fábricas e vieram às ruas, na reivindicação justa de um salário maior, com que possam enfrentar o custo de vida cada dia mais alto. O direito de greve, que lhes é assegurado, permite-lhes procurar dessa maneira a solução para os seus problemas, que são uma parcela do problema imenso e geral, representado pelos diversos fatores que determinaram a queda de produção e as suas consequências remotas e imediatas no panorama econômico do Estado. É lícito esperar-se, todavia, que este movimento reivindicatório, abrangendo uma classe tão numerosa e representativa, não se desvie das suas finalidades, em si perfeitamente legítimas. É necessário ter-se em conta – e a consciência dos operários há de refletir esta realidade – que os excessos e os desvios de qualquer natureza, numa ocasião como esta, em lugar de apressar a solução dos seus problemas poderá ocasionar consequências funestas, cujos reflexos serão sentidos em setores muito mais amplos. Que se procure, pois, entre grevistas e industriais, uma fórmula capaz de pôr término ao impasse agora surgido.

Nesta reportagem, portanto, a equipe do jornal legitima o direito de greve dos trabalhadores (embora este direito não estivesse sendo observado pela polícia, que não perguntava quem passava, simplesmente “descia o cassetete”), mas recomenda que não aconteçam “excessos e desvios”, em forma de um aconselhamento paternalista, ao estilo de Getúlio Vargas. Afirma que a possibilidade de conciliação, através de “uma fórmula capaz de pôr término ao impasse agora surgido”. Esta aproximação com as massas, como uma conversa de “pai para filho”, em que o “pai” *Última Hora* representa as aspirações do governo Vargas para este conflito, é como um acordo, um contrato comunicativo, do qual o jornal terá frutos: o aumento de sua tiragem.

Figura 19

Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo



Na edição de quinta-feira, 02/04/1953 (Figura 19), a greve já havia adquirido enormes proporções. O chapéu *Reunidos nos Campos Elísios, Líderes Patronais e Operários* sinaliza a manchete principal *Intervenção de Garcez para solucionar a greve*. Novamente, a *Última Hora* apresenta a ação do governo estadual do PSP, aliado do PTB de Vargas como a notícia predominante. Na chamada, o enunciador equipe da *Última Hora* afirma que o governo estadual de São Paulo, lembrando que é aliado de

Vargas, está “seguro da situação”, ou seja, sua equipe de governo não foi abalada, e completa com uma ameaça, apresentada com um tom de arbitrariedade:

"O governo está absolutamente seguro da situação e os que tentam desprestigiar o poder público serão chamados a responder por seus atos" - Não se ausentou um minuto sequer da Capital o governador - Desmentido categórico às falsas notícias de demissão do Secretariado - Lamentável a participação de parlamentares nos distúrbios - Declarações do secretariado da Segurança após a reunião de ontem - (Leia na terceira página deste caderno)

A notícia à direita, em fundo preto para dar-lhe algum destaque, é informada pelo jornal implicando denúncia. O olho *Ficaram no sindicato por prudência mas nem assim escaparam à violência*, abrindo a manchete *Provocação a notícia da passeata dos marceneiros* discursiviza a intolerância e o despotismo da polícia política, cabendo o ônus ao governo estadual. Vejamos os fatos principais da notícia:

A polícia invadiu a sede do sindicato, realizando prisões - O que de fato haviam acertado ontem os dirigentes sindicais era que os operários deveriam permanecer na sede de suas entidades para evitar que se registrassem novas violências contra o povo - O que disse à *ÚLTIMA HORA* o sr. Celgio Valvassore, presidente do sindicato dos marceneiros (Na 4ª. página)

Hildo Passos, repórter fotográfico do jornal *Última Hora*, em abril daquele ano de 1953, foi responsável por parte das fotos no jornal que registraram os dias da mobilização e conta-nos a situação no instante da invasão da sede do Sindicato dos Marceneiros, precedida pelo lançamento de bombas de gás lacrimogêneo, e o momento das prisões:

Os marceneiros, dentro de seu sindicato, discutiam se participariam ou não da greve dos tecelões, iniciada em 25 de março daquele ano, quando repentinamente explodiram, lançadas janelas adentro, bombas de gás lacrimogêneo. Houve correrias dos participantes do evento, inclusive dos repórteres dos jornais que lá estavam, para noticiar a aprovação ou não do apoio à greve dos tecelões. Na saída do sindicato, os militares batiam com cassetete nos trabalhadores que fugiam do sindicato. Todos nós, repórteres de jornais, acompanhando os trabalhadores na saída, com os flashes à frente, para indicar nossa condição de jornalistas, uns e outros saíram com alguma marca de agressão policial. As nossas fotos, publicadas na edição do dia seguinte, 2 de abril, mostra como foi o comportamento da polícia naquele dia de greve. Não tínhamos horário para descanso, acompanhávamos de perto os movimentos de protesto e de reivindicação dos trabalhadores. Nós, repórteres trabalhávamos em plantões dobrados, sempre com a câmera em alta velocidade para facilitar o registro de protestos populares, agressões policiais e prisões<sup>12</sup>.

O depoimento do repórter fotográfico Hildo Passos sobre a violência da polícia é confirmado na legenda da foto abaixo à direita:

O único meio encontrado pela polícia para fazer os grevistas abandonarem a Sede do Sindicato dos Marceneiros foi o uso de bombas de gás lacrimogenio. Neste sensacional flagrante, vemos um soldado da Força Pública ao assestar o lançador de bombas para as janelas dos salões onde se encontravam os "paredistas" (à esquerda).

Entretanto, o discurso do jornal apresenta os grevistas como “arruaceiros” ao dizer que “o único meio encontrado para fazer os grevistas abandonarem a Sede do Sindicato dos Marceneiros foi o uso de bombas de gás lacrimogenio”, o que não é verdade, pois, segundo o depoimento, a polícia não negociou a saída dos grevistas,

---

<sup>12</sup> Depoimento à autora em 10 de janeiro de 2009.

simplesmente invadiu o local. O “sensacional flagrante” parece estar prestigiando a entrada do “soldado da Força Pública”. Por outro lado, na legenda da foto ao lado,

DE QUALQUER MANEIRA, os soldados e os agentes policiais davam caça ao povo, que, ameaçado pelos golpes de cassetetes e pelos esguichos de água, procurou refúgio nas casas comerciais da praça João Mendes. Vemos aqui um militar invadindo a janela de um estabelecimento.

as expressões “davam caça ao povo”, “ameaçado pelos golpes de cassetetes”, “procurou refúgio” e o “militar invadindo” implicam a oposição “vítima-vilão”, em que o povo é representado como vítima e a polícia o vilão. Neste momento, o enunciador e equipe de edição pretende mostrar que se solidariza com os trabalhadores explorados.

Nesta página, os trabalhadores grevistas constituem multidões às vezes destruidoras, ou em fuga (da polícia). Neste caso, a “massa de fuga” de Canetti (1995), quando aparece uma ameaça e todos escapam, é o tipo que mais se aproxima desta situação. No entanto, segundo o conceito de Negri (2003), estamos diante de uma multidão de grevistas de várias categorias profissionais (conjunto de singularidades), atuante e poderosa com objetivos comuns de resistência à repressão policial e às injustiças sociais.

Na manchete *Profissionais da desordem no comando das arruaças*, no topo à direita, as letras vazadas, junto com o texto, foram inseridas sobre fundo vermelho, indiciando sangue. Vejamos o texto que a acompanha:

Voltou o centro da cidade a ser teatro de graves distúrbios na tarde de ontem - Fuzilaria e bombas de gás na Praça João Mendes - Invadida a sede do Comitê de Greve dos Marceneiros - Apedrejados pelos populares os carros e soldados da Polícia - Grande o número de prisões - Dezenas de feridos - Atentado contra o Delegado Costela do DOPS - Espancamentos a granel na Sé e Clovis Bevilaqua - (Reportagem de CELSO JARDIM - Fotos da equipe de *ÚLTIMA HORA*, na sexta página deste caderno)

A flecha que acompanha a manchete e o texto direciona para a foto de um policial com expressão de raiva perseguindo um operário fugindo assustado. Os léxicos e expressões “arruaças” (na manchete), “apedrejados pelos populares os carros e soldados da polícia”, apesar da leitura da foto que comentaremos a seguir, demonstram um direcionamento do discurso jornalístico defendendo a ação policial e considerando os trabalhadores arruaceiros. No entanto, a equipe do jornal, em sua tentativa de ao mesmo tempo não culpar os operários (para a manutenção do contrato comunicativo do jogo populista), apresenta “profissionais da desordem” como responsáveis pelos

“distúrbios”, isentando a maioria dos grevistas, considerados pelo enunciador jornal como “manipulados”. O conteúdo do *box* na metade inferior da página tenta confirmar esta justificativa:

Chapéu: É preciso acabar com os meios termos

Título: *Comunistas e ademaristas responsáveis pela masorca*

Os “pescadores de águas turvas” do secretário de justiça e os “interessados em desmoralizar o Poder constituído” do governador Garcez - O movimento grevista foi apenas um pretexto - Dividem-se os campos e definem-se as responsabilidades - (Por Josimar Moreira, na "Coluna de *ÚLTIMA HORA*" – Leia na terceira pag. deste caderno)

Por outro lado, os léxicos “fuzilaria e bombas de gás” e “invadida a sede...” transferem, no discurso da *Última Hora*, a culpa da violência para a polícia.

O flagrante da grande foto com a mensagem verbal "Ronda do Cassetete", mostrando um soldado da Força Pública perseguindo um operário, foi realizada na rua Quintino Bocaiúva, próximo à praça da Sé. A imagem registra a violência da polícia política do governador Lucas Nogueira Garcez. O homem que carrega uma marmita, com roupa simples, desgarrado da massa de seus companheiros, boca entreaberta, tem expressão de desespero de quem está prestes a ser espancado. Seu perseguidor, com expressão de raiva estampada no rosto<sup>13</sup>, mostra ódio pelo popular indefeso. A névoa ao fundo é resultado das bombas de gás lacrimogêneo. O repórter fotográfico Hildo Passos relata o que aconteceu naquele momento:

Mais ou menos às 15 horas, naquele dia, eu e o repórter e escritor Ibiapaba Martins, fomos encarregados de cobrir a greve na Praça da Sé, onde o movimento e agitação de trabalhadores era grande. Em dado momento, Ibiapaba Martins deu um berro: "Atrás de você!". Virei-me e, sem pensar ou focalizar a câmera, disparei o obturador e por sorte a imagem gravada mostrou como o cidadão modesto fugia da agressão policial. Pulei para o lado para não ser atropelado pelos dois. Este instante fotográfico de muita ação e enquadramento imagético só é possível ao profissional que já viveu situações semelhantes. Não há escolha, o disparador torna-se o prolongamento da mão que segura e dispara no momento.

Portanto, esta imagem configura uma denúncia de como a polícia militar foi agressiva com a população. Na legenda da foto à direita no meio da página,

Socos, golpes de cassetete e ponta-pés eram distribuídos, impiedosamente, pelos policiais contra aqueles que lhes caíssem nas mãos. Repetiu-se assim, muito fato deplorável verificado anteontem, quando vários cidadãos, sem

<sup>13</sup> Embora na fotografia, a expressão do policial não esteja tão clara, nos fundamentamos no depoimento do repórter fotográfico, Hildo Passos, autor da foto.

saber o que acontecia, foram espancados nas filas dos ônibus da Sé e outros pontos centrais.

o advérbio “impiedosamente”, os sintagmas “socos, golpes de cassetete eram distribuídos” e “vários cidadãos, sem saber o que acontecia, foram espancados” confirmam que, neste momento, a equipe do jornal se solidariza com a massa: a polícia representa a agressão descontrolada. Na legenda da outra foto à esquerda,

CORRERIAS, GRITOS DE PAVOR, tropelias e toda uma série de tumultos provocaram as ameaças de pancadaria por parte dos elementos da polícia. Durante mais de uma hora, transformou-se o largo da Sé em praça de guerra com espetáculos chocantes como este que a foto nos mostra.

os léxicos “gritos de pavor”, “praça de guerra” e “espetáculos chocantes” direcionam o discurso do jornal favorável aos grevistas. No entanto, a palavra “ameaças” ameniza as ações policiais, mostrando que parte do discurso no jornal tenta “defender” pelo menos um pouco o governo estadual Garcez, que, naturalmente é aliado de Getúlio. O *box*, ao pé da página à direita circunscrito por uma tarja azul, *Confiantes os Líderes na Mediação do Governador*, antecedido pelo chapéu *Devisate: “Encontrei boa vontade e compreensão”* confirma a preocupação do enunciador editor do jornal em mostrar a “compreensão” de Garcez quanto ao movimento e sua pretensão de solucionar o impasse. Na chamada,

Os operários nada têm a ver com a agitação das ruas - Falam Rustici, Fiorli e Valvassari - 23% possivelmente não satisfarão aos grevistas - Espectativa - (LEIA NA QUARTA PÁGINA DESTE CADERNO)

o discurso causa a impressão de que as questões são negociadas pacificamente.

Getúlio Vargas, em seu segundo governo, eleito democraticamente pelo voto em 1951, preocupou, por um lado, políticos oposicionistas vinculados às elites, como a UDN, que pensavam que o ex-ditador tentaria um novo regime ditatorial. Para outros, havia o receio de que a política da democracia populista possibilitasse a ascensão social e política da massa trabalhadora e dos operários atrelados a sindicatos. Criado para suprir o hiato político que Getúlio Vargas sofria pela grande imprensa do país, o jornal *Última Hora* manteve um contrato de comunicação especialmente voltado à massa trabalhadora e a todos os eventos que esta organizava, mas, quando os trabalhadores conflitavam com a política do poder central, o enunciador jornal contemporizava para não radicalizar, nem de um lado, nem de outro. Movimentos reivindicatórios de

aumento de salários, protestos contra o alto custo de vida, melhorias na distribuição de água potável, de energia elétrica, entre outros, eram, geralmente, prestigiados por *Última Hora*. Apesar de atingir, em sua cobertura jornalística, várias camadas sociais da sociedade brasileira com sua diversidade de agenda temática, a área trabalhista com suas reivindicações era a mais valorizada. A classe dos trabalhadores era um sustentáculo importante e estava na base do jogo populista do novo governo de Vargas. Aproveitando-se desse “gancho”, o jornal *Última Hora* também deu maior visibilidade às massas, com a finalidade de aproveitar esta estratégia populista para trazer as multidões para dentro da temática e figuratividade do periódico. Onde houvesse movimentos populares, o jornal estava presente para cobri-los.

Neste mesmo dia, 2 de abril de 1953, na capa da *Folha da Manhã* a manchete principal é uma reportagem de tema internacional, *A Rússia declara-se pronta a cooperar para a paz na Coréia*. A notícia sobre a greve dos 300 mil em São Paulo, na capa, não tem nenhuma foto, mas duas referências verbais: 1) um título acima que ocupa a largura da página, *Garcez intervem na greve como mediador entre empregados e empregadores*, mas com fontes menores, conferindo-lhe menor relevância, acompanhada de um pequeno *box*; 2) na área ao pé da página, uma pequena reportagem com o título *Apresenta o governador uma proposta de aumento para os trabalhadores em greve*, acompanhada do olho:

Bem acolhida a mediação do chefe do executivo – “Se depender de mim o movimento está encerrado”, declara o presidente do sindicato dos tecelões – os operários deverão dar sua resposta em assembléia marcada para hoje.

Os textos verbais apresentam o governador e os líderes sindicais na mesa de negociações em uma troca de diálogos pacífica e construtiva, mas as agressões policiais e a agitação operária nas ruas não aparecem na notícia. Em outras palavras, o jornal mostra o fato a partir da camada social dominante, e as multidões foram segregadas, classificadas como ingenuamente manipuladas por alguns elementos “perturbadores da ordem” e relegadas a segundo plano, como mostra o pequeno texto verbal acima e à esquerda:

Rigorosa repressão a qualquer tentativa de desprestígio do poder público – “Como advertência a elementos perturbadores da ordem, alheios à classe operária, a qual merece atenção especial do governador de São Paulo, posso dizer que serão reprimidas a altura todas e quaisquer tentativas de



desprestígio do poder público”, declarou ontem à reportagem o sr. Lucas Nogueira Garcez.

Apesar da violenta repressão policial aos grevistas, o governador Garcez afirma não culpar os operários, “que merecem atenção especial do governador de São Paulo”, mas sim uns “poucos elementos agitadores” que seriam responsáveis por incitar os trabalhadores paulistas. Diferentemente da *Última Hora* que em alguns momentos, apoia o movimento, a *Folha da Manhã*, neste evento, posiciona-se do lado das classes dominantes. As multidões estão neste caso configuradas como exaltadas, disfóricas e destruidoras. No final desta reportagem, segue-se uma nota sobre o apoio do prefeito eleito ao movimento, com o subtítulo *Jânio solidariza-se com os grevistas*:

O prefeito eleito da capital, sr. Jânio Quadros, que se encontra repousando no interior do Estado, enviou ontem o seguinte telegrama ao deputado Castro Neves: - “Nego haver anunciado qualquer proclamação pedindo aos trabalhadores a volta ao serviço. Somente os paredistas são juízes dessa conveniência. Com eles me solidarizo, desejando a vitória de suas justas reivindicações.”

O tema da greve foi expandido na página 3 desta edição, ainda privilegiando a ameaça do governador. No entanto, um texto assinado por Viegas Neto, afirma que, segundo um observador do ministro da Justiça, a resistência nas ruas “transcende à participação comunista” e operária, responsabilizando grupos políticos opositores pela organização e expansão das mobilizações, citando a presença nas ruas dos deputados do PSP, o mesmo partido do governador Garcez, fundado por Ademar de Barros: João Mendonça Falcão (futuro presidente da Federação Paulista de Futebol, de 1955 a 1970) e Juvenal Lino de Matos (que seria prefeito de São Paulo, de 1955 a 1956). Lembramos que, naquela época, Garcez estava se afastando de Ademar de Barros:

Seria um erro, a esse respeito, limitar o sentido das manifestações populares realizadas ontem e anteontem no centro da cidade à inspiração comunista, da mesma maneira que representava um erro atribuí-las aos grevistas. Elas podem ter sido aproveitadas e até preparadas pelos comunistas, mas não fora o clima de inquietação e de descontentamento que assalta o país, não teriam ressonância na alma do povo, nem o apoio que inegavelmente merece de largos setores da opinião pública. A presença de elementos sabidamente estranhos às atividades do P.C. no local das ocorrências – entre eles os deputados Lino de Matos e Mendonça Falcão – a sua interferência no movimento grevista, o corre-corre verificado em certos grupos políticos, tudo

isso vem provar que não apenas os comunistas tentam tirar partido da situação.

A resistência e expansão das mobilizações na greve dos 300 mil também pode ter tido o estopim nas manifestações de rua durante as celebrações da vitória de Jânio Quadros, na primeira eleição à prefeitura de São Paulo, desde a revolução de outubro de 1930. Os eleitores paulistanos mostraram a insatisfação com os rumos da política vigente do PSP de Garcez e de Getúlio Vargas, que não conseguiam vencer os problemas do custo de vida. O prefeito da cidade paulistana que antecedeu Jânio era Armando de Arruda Pereira, nomeado pelo governador do Estado. O jornalista Viegas Neto, na reportagem da *Folha da Manhã* mencionada acima, confirma a possibilidade de que a movimentação nas ruas pela celebração da vitória de Jânio Quadros, especialmente de pessoas das classes média e trabalhadoras, tivesse sido um estímulo para que os operários se mobilizassem para uma grande greve:

Estabelecem os observadores, a esse respeito, uma ponte entre o que aconteceu nos dois últimos dias e a eleição do sr. Jânio Quadros. Longe de nós acolher a hipótese de que o líder pedecista tenha qualquer coisa a ver com aquelas ocorrências, mas não se pode deixar de reconhecer que a sua investidura serviu de precioso estimulante para a agitação. De um momento para outro, descobriu o povo a sua importância no funcionamento da democracia. Da mesma maneira que comemorou a vitória do sr. Jânio Quadros, que teve, inegavelmente, um sentido de protesto, achou que poderia, por outras maneiras, prosseguir no seu movimento de protesto.

Na edição do jornal *O Estado de S. Paulo* deste mesmo dia, 2 de abril de 1953, a manchete principal da capa era *Molotov endossa as declarações de Chu En-lai*, e o tema predominante em toda a página são as questões internacionais envolvendo a guerra na Coreia. A greve dos 300 mil é abordada na contracapa desta edição, com três pequenas fotos e uma extensa reportagem. As ocorrências nacionais raramente apareciam nas capas deste periódico, demonstrando que este enunciador não se preocupava em produzir, na primeira página, um contrato comunicativo que envolvesse as camadas sociais de brasileiros das classes trabalhadoras. Nesta contracapa, a manchete principal *Recrudescer ontem o movimento dos trabalhadores repetindo-se os conflitos no centro da cidade*, está acompanhada do olho:

Novamente tumultuada a praça da Sé – Tiros na praça João Mendes – Protestam acadêmicos de Direito contra a ação da polícia – Comunicado dos Campos Elísios e do DOPS -, Declarações do Secretário da Segurança – Aderiram à parede os operários da Brahma

Apresentaremos alguns trechos da reportagem para nossos comentários:

Em virtude de ter a polícia impedido a realização da passeata que os trabalhadores em greve pretendiam promover anteontem, circularam rumores de que alguns perturbadores da ordem tentariam reproduzir ontem, às 15 horas, os tumultos verificados na véspera no largo da Sé. (...) Sentia-se entre os populares visível hostilidade à ação da polícia. Essa hostilidade culminou, cerca das 16 horas, com a agressão, por parte de populares, a um soldado da Força Pública, que transitava pelo local. (...) O comércio cerrou as portas e o pânico se estabeleceu com a chegada de um grupo de choque do Departamento de Ordem Política e Social, que dispersou a massa no tabuleiro inferior da praça da Sé, a golpes de borracha, desferidos indistintamente. (...) Jactos de água de carros-tanque da Força Pública e do Corpo de Bombeiros foram dirigidos contra a multidão, que corria desabaladamente. A reportagem teve a oportunidade de verificar que a maior parte se constituía de simples curiosos, que corriam da polícia ou da simples passagem de uma ambulância, rindo-se e vaiando. Entre os policiais houve elementos que se destacaram pelo excesso de zelo, descambando para a violência. (...) Depois de disparos de elementos não identificados, a polícia conseguiu invadir o prédio, usando bombas de gás lacrimogenio. Foram detidos os elementos que se encontravam no prédio, inclusive, segundo consta, o deputado federal Roberto Morena.

Algumas séries de léxicos como “Sentia-se entre os populares visível hostilidade à ação da polícia”, elementos da polícia “descambando para a violência” e “a golpes de borracha desferidos indistintamente” demonstra que a equipe do jornal está em disjunção com a ação policial sob o comando do governo paulista de Garcez. Isto poderia ser explicado pela oposição que os periódicos da grande imprensa normalmente faziam ao governo getulista, incentivado principalmente pela UDN de Carlos Lacerda. Ao mesmo tempo, a partir dos trechos selecionados acima, o enunciador apresenta as multidões como não organizadas, confusas, fugindo dos golpes de borracha, mas incentivadas e lideradas por “alguns perturbadores da ordem”. O deputado Roberto Morena, citado na notícia, eleito pelo Partido Republicano Trabalhista (PRT), filiado ao PCB desde 1924, teve uma atuação política intensa no Brasil e no exterior, lutou contra o ditador Franco na guerra civil espanhola e pelas causas sociais dos trabalhadores.

Na teoria de Gabriel Tarde (2005), multidões constituem a associação de pessoas fisicamente em um determinado local, que podem ser exaltadas, pacíficas, eufóricas ou disfóricas. Entre as notícias selecionadas do jornal *Última Hora*, temos como exemplo a multidão de motoristas de praça (Figura 12), o povo reunido do Tucuruvi (Figura 13), reuniões pacíficas e eufóricas. A manifestação dos operários paulistas (Figura 14), o povo paulista celebrando a vitória de Jânio Quadros (Figura 15), os operários em greve (Figuras 16 e 17) constituem congregações mais exaltadas, mas não destruidoras. As

semelhanças entre aqueles indivíduos não são necessariamente étnicas, como afirma Tarde (2005), mas por objetivos comuns, ou pelo mesmo fator externo, como a vitória de Jânio ou reivindicação salarial. O pensador tem razão quando afirma que seu líder pode ser influenciado por opiniões individuais no grupo: é o que acontece nas assembleias dos sindicatos, em que os trabalhadores também opinam e votam ou rejeitam decisões. A passeata da população paulista após os resultados das urnas para prefeito comemorando a vitória de seu candidato Jânio Quadros seria, segundo Tarde (2005), uma multidão manifestante, mas neste caso não acredito que possuam pobreza de expressão pelo fato de repetirem pequenas frases como "Morra a caixinha". Ao contrário, externalizam o motivo de sua alegria: a esperança de que termine a carestia e a corrupção nos meios públicos. Naquele momento, Jânio, para eles, era considerado o símbolo da retidão. Ainda segundo Tarde (2005), atuantes são as multidões que produzem resultados, como os grevistas paulistas que rejeitaram a primeira oferta de 23% de reajuste e continuaram a paralização, ampliando o movimento, até o momento em que o TRT ofereceu 32% de aumento. Os trabalhadores aceitaram esta última oferta, porém sob a condição que os presos fossem libertados, que não houvesse acordos em separado, que as demissões fossem suspensas e os dias parados pagos. A greve foi encerrada em 18 de abril (*Última Hora*, 18/04/1953), com quase um mês de paralisação. Envolveu tecelões, metalúrgicos, marceneiros, gráficos, vidreiros e operários da indústria de calçados (FAUSTO, 1996, p. 412).

Quando o pensador Tarde se refere ao público como um agrupamento de pessoas que, embora separadas fisicamente, unem-se mentalmente por algum evento comum, como os leitores de um jornal, em nossos exemplos, a *Última Hora*, concordamos com ele. Percebemos uma relação contratual entre enunciador e enunciatário, em que seu público pode adquirir fidelidade. O contrato de comunicação entre o jornal e o leitor prevê que o enunciador configure os temas e figuras de modo a contemplar o tipo de conteúdo de um público-alvo que deseje conquistar. Por exemplo, nas edições sobre a greve dos 300 mil, a *Última Hora*, como já dissemos, tenta sempre priorizar a visibilidade das multidões das camadas exploradas, mas tendo o cuidado de mostrar apoio ao governo de seu mentor, Vargas (e de Garcez, seu aliado), deste modo apropriando para si o sistema comunicacional populista: solidarizar-se com as camadas populares, quantitativamente significativas, concretiza a fidelização destes enunciatários, conseqüentemente, maior número de leitores. Se o comprador do

jornal ficar satisfeito com o periódico, adotará o hábito de adquirí-lo, assumindo uma relação de fidelidade. Tarde (2005) analisa a relação jornalista-leitor:

Objetar-se-á talvez que o leitor de um jornal dispõe bem mais de sua liberdade de espírito do que o indivíduo perdido e arrastado numa multidão. Ele pode refletir em silêncio sobre o que lê e, apesar de sua passividade habitual, poderá mudar de jornal, até encontrar o que lhe convém, ou que ele julga lhe convir. De outro lado, o jornalista procura agradá-lo e retê-lo. (...) O público, portanto, reage às vezes sobre o jornalista, mas este age continuamente sobre seu público. Após alguns tentes, o leitor escolheu seu jornal, o jornal selecionou seus leitores, houve uma seleção mútua, portanto uma adaptação mútua. Um submeteu-se a um jornal por sua conveniência, que adula seus preconceitos ou suas paixões, o outro a um leitor de seu agrado, dócil e crédulo, capaz de ser dirigido facilmente mediante algumas concessões a suas idéias análogas às precauções oratórias dos antigos oradores (TARDE, 2005, p. 18-19).

As reportagens da *Tendinha de Reclamações*, que veremos no próximo capítulo, também constituem um exemplo deste contrato de comunicação do jogo populista, como no caso das multidões inseridas nas páginas da *Última Hora*, conforme já discutimos. A população local, após a realização da reportagem e das fotos, aguardará ansiosamente pela publicação da seção, comprará o jornal para ler suas reivindicações e, mais tarde, para verificar a resposta de autoridades e políticos, que também compram a *Última Hora*, pois seus cargos dependem dos votos destas comunidades. Na série de edições sobre a greve dos 300 mil, quanto mais se amplia o movimento, mais os leitores se convencem da eficácia da manifestação, contribuindo para que um número maior de trabalhadores sejam agregados às multidões. De acordo com Tarde (2005), o talento do jornalista é o grande publicista formador de opiniões.

A multidão é conceituada por Canetti (1995) como “massa”, em que todos se sentem iguais. A massa aberta, espontânea, sempre em crescimento, é encontrada em todos os nossos exemplos. Quando a greve estava localizada entre os tecelões, numa massa supostamente fechada pela categoria, e ampliou-se incluindo os vidreiros, gráficos, produtores de sapatos, temos um caso de massa fechada transformando-se em aberta. A descarga, instante em que todos os componentes se sentem iguais, sem distanciamentos sociais, aparece claramente na ampliação do processo grevista, todos movidos por objetivos comuns, reajuste por volta de 60%, pagamento dos dias parados, libertação dos presos, desafio à lei de greve do governo Dutra, entre outros. Não acreditamos que exista sempre o sentimento de perseguição, como afirma Canetti (1995). Por exemplo, no caso dos trabalhadores grevistas, que o autor denomina de

“massa de proibição”, por recusarem-se a trabalhar, estes sentiram-se perseguidos, em pânico ou desespero, com muita razão, quando a polícia os atacou com cassetetes (Figura 19). Porém, quando foram chamados para negociar com o TRT discutiram sem temor suas demandas diante de seus opositores empresários, que não aceitavam suas condições.

As quatro propriedades da massa sugeridas pelo autor se encontram presentes em nossos exemplos: desejo de ampliar o número de integrantes, igualdade dos indivíduos na coletividade; quanto mais densa, mais segura em seus propósitos, movida por um objetivo determinado. Não temos exemplo de massa lenta. Entretanto, as massas de proibição (movimentos grevistas) transformam-se em massas em fuga (quando agredidas por policiais). Canetti (1995) denomina de “massa de inversão”, quando os explorados alcançam o poder e dominam os que eram exploradores, como no caso da Revolução Francesa. Não podemos literalmente encontrar situação semelhante em nossos exemplos, mas, se pensarmos nas condições de trabalho do início do século XX e observarmos o que foi conquistado até nossos dias, através de greves, movimentos feministas, manifestações contra racismo, a favor dos direitos humanos, evidenciamos que o discurso construído através dos tempos com as pressões reivindicatórias das multidões proporcionou uma resistência ou ascensão ao poder (por exemplo, quando líderes sindicais, em vários momentos de nossa história, foram convidados com cargos na equipe do governo central), em que os excluídos e as minorias de outrora conseguiram uma participação mais atuante em nossa sociedade.

A partir da década de 1970, surgiu uma nova fase de capitalismo, o *neoliberalismo*, fundamentado especialmente na “ditadura” do poder econômico sobre o poder político. Entre seus princípios básicos estavam: a mínima intervenção do governo na economia, abertura para o mercado internacional e para a entrada de multinacionais, bem como a diminuição do protecionismo econômico; o controle dos preços era realizado segundo a lei da oferta e da demanda; a economia era baseada nas empresas privadas e no fomento à globalização. À medida que os países tomaram medidas a fim de participar deste novo sistema capitalista para não ficarem excluídos, surgiram e se consolidaram cada vez mais duas categorias de oposição: os dominantes e os dominados. Os primeiros uniram-se para formar o que o filósofo Antonio Negri denomina “Império”, constituído pelos países desenvolvidos, com a retaguarda das elites privadas. No lado oposto, as multidões atuantes, poderosas, formadas por uma multiplicidade de singularidades, constituíram o antipoder que, segundo o autor, só

consegue oferecer resistência, pois ainda não desenvolve a insurreição e o poder constituinte, como explicamos anteriormente:

(..) capital e capitalismo são categorias de uma relação, de um relacionamento que compreende quem comanda e quem obedece, quem explora e é explorado, quem ordena e que é mandado, quem subordina e quem é subordinado (NEGRI, 2003, p. 49).

O autor pretende chamar a atenção das multidões para que resistam e reajam contra as desigualdades sociais e políticas, valorizando as possibilidades de atuação destas multidões com a finalidade de conseguir a igualdade social e econômica:

*O limite da soberania reside na própria relação entre quem comanda e quem obedece. O poder da multidão não consiste tanto na possibilidade de destruir essa relação, mas de esvaziá-la, de eliminá-la, de fazê-la desaparecer por meio de uma negação radical (NEGRI, 2003, p. 154, grifos do autor)*

Nas páginas do jornal *Última Hora* que estudamos, no contexto da década de 1950, temos vários exemplos da multidão organizada. Na edição sobre a celebração da vitória de Jânio Quadros à prefeitura paulistana, aquelas aglomerações nas ruas são constituídas de pessoas com diversas profissões, como comerciários, operários da indústria, trabalhadores de escritórios, estudantes, etc.; com variadas faixas etárias e camadas sociais, mas especialmente a população menos privilegiada. Jânio representava seu líder, que aprendeu como trabalhar sua ascensão política com base nas estratégias populistas. Acercava-se das comunidades mais pobres, vestia-se de modo simples, escutava seus problemas, fazia promessas. O retorno era o voto popular. O conceito da multiplicidade de singularidades também se aplica nas multidões reivindicatórias apresentadas na *Última Hora*. A greve começou com os operários da indústria têxtil e ampliou-se para várias categorias profissionais e ganhou poder.

Negri (2003) retomou a discussão sobre o conceito de multidões levando em conta que as formas produtivas do trabalho no capitalismo da era moderna sofreram mutações e os modos de organização do trabalho e da sociedade pós-modernas em que predomina o imaterial:

*Mas, para voltar ao conceito de multidão – na última fase da modernidade muitas vezes nos encontramos diante de outras definições de multidão. (...) Com o desenvolvimento do capitalismo e com a afirmação de uma sociedade complexa, fortemente articulada em classes, vem impondo-se a idéia de multidão como massa. Nesse caso, a multidão é descrita como um conjunto massificado, confuso e indistinto, todavia capaz de uma força de choque e/ou*

resistência. É indubitável que o conceito de massa assim definido apresenta algum elemento característico da multidão, sujeita ao desenvolvimento capitalista, nas formas produtivas da grande indústria; mas é também verdade que esse conceito de massa se presta a ser conjugado com o desenvolvimento da organização do trabalho, ou melhor, da força-trabalho, que se realiza no mesmo período. De fato, é no momento em que o conceito de multidão é confrontado com as novas formas de organização do trabalho e da sociedade, quando é analisado como forma da composição técnica e política de classe – é somente então que é possível reconstruir o conceito de multidão (...) (NEGRI, 2003, p. 144, grifos do autor).

O filósofo e político italiano Mario Tronti, em *Lenin na Inglaterra*, citado por Negri (2003, p. 209), considerado um dos fundadores principais do operaísmo teórico dos anos 1960, declarou: “O ponto fraco da corrente imperialista está lá onde a classe operária é mais forte.” Na década de 1950, embora as multidões tivessem maior força política e de barganha em função dos limites das relações mercadológicas, a definição de multidão exposta por Negri (2003), no sentido da ampliação de seu poder, imensurabilidade, organização, atuação e resistência, tem algum grau de pertinência nos exemplos apresentados da *Última Hora*. Porém, na era da globalização, a congregação das multidões fica cada vez mais difícil, mas o autor imagina a possibilidade da criação de uma “democracia absoluta” onde as desigualdades fossem eliminadas:

A única invenção que agora nos resta é a de uma nova democracia, uma democracia absoluta, sem limites, sem medida. Uma democracia de multidões poderosas, não somente de indivíduos iguais, mas de poderes igualmente abertos à cooperação, à comunicação, à criação (NEGRI, 2003, p. 137)

No próximo capítulo, veremos como a seção *Tendinha de Reclamações* no segundo caderno do jornal *Última Hora* apresenta uma configuração em que o tema do populismo está presente e de que modo funciona o contrato de comunicação entre o periódico e as comunidades periféricas.



### CAPÍTULO 3 - *TENDINHA DE RECLAMAÇÕES*

Na sucursal de São Paulo, o jornal *Última Hora* apresentou uma configuração diferenciada tematica e visualmente com a *Tendinha de Reclamações*, caracterizada por reportagens realizadas nos fins de semana em bairros periféricos da Grande São Paulo, publicadas na 2ª. Seção do periódico, às terças ou quartas-feiras, destinada principalmente às reclamações ou demandas da população das camadas trabalhadoras. Entre os principais reclamos da população local estavam:

- ruas com esgoto a céu aberto
- falta de água encanada que obriga os moradores a usarem água fornecida pela prefeitura em barris de lata
- asfalto que prefeito e vereadores prometeram nas eleições e pouco cumpriram
- falta de vagas na Santa Casa que não permitia bom atendimento às parturientes
- alto índice de mortalidade infantil
- custo de vida alto
- o salário mínimo que não era reajustado e
- desemprego.

Para Samuel Wainer, a *Tendinha de Reclamações* era um instrumento de divulgação do jornal especialmente junto à afastada população da periferia de São Paulo, que lhe proporcionava aumento na vendagem nestas regiões e, para Getúlio Vargas, um instrumento de aproximação com os trabalhadores que foram, em parte, beneficiados com suas leis trabalhistas durante seu primeiro governo, de 1930 a 1945.

A *Tendinha de Reclamações* começou na sucursal de São Paulo em 1952. Na *Última Hora* do Rio de Janeiro já havia uma seção com objetivos semelhantes, mas com outro formato, *Fala o Povo*, em que as pessoas enviavam suas reclamações para a redação. O texto era redigido com uma linguagem pretensamente coloquial, em tom humorístico, como se as próprias pessoas do bairro estivessem sendo entrevistadas. A partir de janeiro de 1953, a edição carioca incluiu a *Tendinha de Reclamações*, provavelmente, em razão do sucesso em São Paulo.

Na época, em plena democracia populista, Adhemar e Jânio, inimigos políticos, tinham suas estratégias com relação a seu eleitorado. Entretanto, o que tinham em comum, é que os dois visitavam as comunidades também da periferia repetidas vezes, entravam nas casas pobres, conversavam com as famílias. Adhemar, através do Partido Social Progressista (PSP) por ele fundado, construiu uma rede de subdelegados, cada qual com seus inspetores de quarteirão, mantendo o candidato em contato direto com as demandas da população. Adhemar entrava nas casas e tomava café com as famílias. Tinha até um quarto reservado em uma das residências para seu descanso sempre que passasse por lá. Essa era uma estratégia do populismo. Os pesquisadores Adriano Duarte e Paulo Fontes (2007, disponível em [www1.lanic.utexas.edu/project/etext/llilas/vrp/fontes.pdf](http://www1.lanic.utexas.edu/project/etext/llilas/vrp/fontes.pdf)) relatam alguns depoimentos de moradores visitados por Adhemar de Barros:

Nair Cechini, que *sempre foi adhemarista*, recorda-se que Adhemar ia muito a São Miguel, *ia na Vila Nitro Química, ia nas casas da gente. Vinha ele e a dona Leonor. Entravam na casa da e tomavam café junto.* Antônio Mendes Corrêa também lembra que *Adhemar chegou a ir na [sua]casa [...] em São Miguel.* (...) Augusto Ferreira Lima confirma a estima do presidente local do PSP: *na casa do Aurelino Soares de Andrade, na rua Maria Eva, tinha no segundo andar a cama do Adhemar de Barros [onde ele] vinha descansar* (DUARTE, FONTES, 2007, disponível em [www1.lanic.utexas.edu/project/etext/llilas/vrp/fontes.pdf](http://www1.lanic.utexas.edu/project/etext/llilas/vrp/fontes.pdf), p. 7-8, grifos do autor).

Jânio, com sua roupa simples, um capote preto e sujo, apresentava-se como “povão”, ia ao bar beber com seus prováveis eleitores. O depoimento de um morador de São Miguel Paulista, Artur Pinto de Oliveira, comenta sobre as visitas de Jânio ao bairro:

*Ele chegava em São Miguel e vinha com um capote preto, com um cabelo assim... comendo sanduíche, entrava no bar e bebia pinga com a turma.* (...) *Apesar de falar um português incorrigível, ele não vinha com arrogância de universitário, de doutor, de professor, não! Ele era povão, as roupas dele... ele tinha um capote ensebado, que a turma diz que eram as caspas do cabelo que caíam. Aquele capote era famoso, o capote do Jânio, um capote velho e sujo, horroroso! E... mas a voz dele, a maneira de falar.* (...) *Todo mundo apoiava ele.* (DUARTE, FONTES, 2007, disponível em [www1.lanic.utexas.edu/project/etext/llilas/vrp/fontes.pdf](http://www1.lanic.utexas.edu/project/etext/llilas/vrp/fontes.pdf), p. 15-16, grifos do autor).

No caso da *Tendinha da Reclamações*, que *ia até a população do bairro* para escutá-la e reproduzir suas reivindicações no jornal, diferente da primeira experiência da *Última Hora* carioca, *Fala o Povo*, em que o jornal ficava aguardando o envio das queixas

dos leitores, percebemos uma estratégia semelhante àquela de Adhemar e Jânio. Em depoimento a mim, Hildo Passos, que participou das edições da *Tendinha de Reclamações* da sucursal de São Paulo, contou sua experiência com Jânio Quadros no jornal *A Hora*, e como ingressou na *Última Hora*:

No ano de 1949, eu já tinha um relativo conhecimento de fotografia, fotografava e revelava em meu laboratório caseiro. Por indicação de um amigo de minha família, o jornalista Paulo Ferraz do jornal *A Hora*, no começo de 1949, iniciei minha profissão de reporter fotográfico. Este jornal, tamanho tabloide, considerado na época como sensacionalista, de propriedade de Denner Médici ligado a grupos de anarquistas em São Paulo, apoiava sua tiragem principalmente nas notícias e imagens de crimes que envolviam espetacularidades, morte de origem passional, briga de malandros na divisão de roubo, vítimas de veículos automotores e de bondes, explosões em pedreiras com corpos esfacelados, suicídios, escutas espirituais em riachos, etc. A chamada "reportagem de bairro" realizada numa semana e inserida no jornal dias depois, era acompanhada de intensa distribuição do periódico nos jornaleiros próximos da região. Na época de eleições principalmente as municipais, havia sempre um apoio dissimulado a algum candidato. Este fato aconteceu com o vereador Jânio Quadros que, mesmo não tendo número suficiente de votos para ser eleito vereador da cidade de São Paulo, conseguiu, com a cassação do Partido Comunista Brasileiro em todo território nacional, maioria na capital paulista, seu lugar no legislativo paulistano. Mais ou menos no início dos anos cinquenta, eu já tinha uma boa experiência na área de fotojornalismo inclusive nas reportagens de bairro. Num determinado dia, de que não sou agora capaz de citar a data correta, no início de 1950, o redator Remo Pangella, me apresentou na redação do jornal, o vereador Jânio Quadros até então por mim desconhecido, que me acompanharia e orientaria nas fotos da "reportagem de bairro". Fomos a um bairro da periferia na época, que poderia ser Vila Maria, Mooca, Cidade Ademar, etc. Este cidadão vereador que me acompanharia na nossa viagem em seu carro pequeno de duas portas, Renault ou Citroen, não me lembro bem, fez uma preleção de como seria a realização da reportagem. Eu deveria circular no bairro onde tivesse mais moradias, fotografaria as ruas sem calçamento, sem postes de luz, esgotos ao ar livre, crianças sujas brincando nas ruas, etc. e, ao mesmo tempo, anotaria os reclamos da população, no caso mais mulheres, seus nomes e endereços. Com todas estas informações, ele faria o texto da reportagem. Tudo bem, isto também poderia estar dentro do meu trabalho com os repórteres que normalmente me acompanhavam. Surpresa minha foi que na nossa chegada ao bairro já escolhido encontramos um improvisado palanque e umas pessoas ao redor. Fui avisado pelo vereador que eu não deveria fotografá-lo na palestra que faria com os moradores do bairro. Após mais ou menos uma hora e meia com os dados por mim recolhidos e fotos conforme a orientação de Jânio Quadros, retornei ao local do palanque onde o tinha deixado. O vereador estava num bar rodeado de pessoas bebendo e dizendo que a pinga era o "verdadeiro e o melhor uísque brasileiro"<sup>14</sup>.

Provavelmente Samuel Wainer, que morava em São Paulo, no bairro do Bom Retiro, teria tomado conhecimento destas reportagens do jornal *A Hora* e decidiu, com seus

---

<sup>14</sup> Depoimento dado à autora em 19 de outubro de 2008.

assessores, fazer algo parecido. Hildo Passos concluiu que sua contratação pela *Última Hora* poderia ter sido devido a sua experiência nestas reportagens de bairro:

Quando fui contratado pelo Jornal *Última Hora*, assim como outros repórteres-fotográficos de São Paulo, apresentei meu currículo profissional com minha experiência nas diversas áreas da comunicação jornalística. Ocasionalmente ou não, fui escolhido dentro da normalidade dos trabalhos fotográficos, para participar também nas reportagens da *Tendinha de Reclamações*<sup>15</sup>.

As edições da *Tendinha* apresentavam as colunas *Foram eles!* até maio de 1953 e *Rosário das Lamentações* enquanto durou a seção. No primeiro, são apontados os responsáveis pelos problemas que os bairros apresentavam, acompanhados de um texto em que eram explicados os temas negligenciados. Na segunda, uma síntese das queixas apresentadas pelos moradores, que será mais detalhada na 2ª página deste caderno.

Hildo Passos, que trabalhou como repórter fotográfico na sucursal de São Paulo desde sua fundação, participou das reportagens da *Tendinha* durante muito tempo e relata como eram estas incursões aos bairros da periferia:

Todos os domingos, um ou dois redatores e um repórter fotográfico percorriam nas primeiras horas da manhã um bairro da periferia de São Paulo e anunciavam pelo alto-falante da perua usada nas reportagens da *Tendinha de Reclamações*, conforme já havia sido informado ao bairro durante a semana pelo jornal, que lá estava a reportagem da *Última Hora* para junto da população local pesquisarem quais eram suas principais reivindicações. Ruas lamacentas quando chovia, esgoto ao ar livre, alta contínua nos preços dos alimentos básicos, tais como arroz, feijão, batata, pão, etc. Os baixos salários recebidos pelos trabalhadores das diversas profissões mal davam para pagar os aluguéis de suas moradias<sup>16</sup>.

Segundo Hildo Passos, a orientação que os repórteres recebiam da direção do jornal era de que deveriam transcrever e retratar os problemas mais sentidos pela população visitada<sup>17</sup>.

Nas *Tendinhas de Reclamações* observaremos também como funciona o “contrato de comunicação” entre o enunciador equipe editorial e os enunciatários projetados pelos textos, partindo da análise discursiva das notícias. Por conseguinte, faz-se necessário

---

<sup>15</sup> *Idem, ibidem.*

<sup>16</sup> *Idem, Ibidem.*

<sup>17</sup> Depoimento dado à autora em 30 de outubro de 2008

apresentar o conceito do contrato comunicativo. Para isso, selecionamos a obra *Discurso das Mídias* de Patrick Charaudeau (2007).

### 3.1 CONTRATO DE COMUNICAÇÃO

Todo o discurso é precedido por um quadro de referência com códigos próprios no qual ele acontece (Charaudeau, 2007, p. 67). Conseqüentemente, a comunicação entre a instância da produção e a instância da recepção somente contrói sentidos, a priori, quando levam em conta os elementos presentes na situação da comunicação, um lugar em que existem restrições de espaço, tempo, relações e valores. Em outras palavras, o destinador deve supor que seu destinatário consegue reconhecer sua situação comunicativa e o mesmo é válido no sentido inverso. A troca de discursos entre as duas instâncias prevê um tipo de acordo, chamado de “contrato de comunicação”, que envolve a ligação entre o enunciador e o enunciatário circunscritos a um contexto social específico:

O necessário reconhecimento recíproco das restrições da situação pelos parceiros da troca linguageira nos leva a dizer que estes estão ligados por uma espécie de acordo prévio sobre os dados desse quadro de referência. Eles se encontram na situação de dever subscrever, antes de qualquer intenção e estratégia particular, a um contrato de reconhecimento das condições de realização da troca linguageira em que estão envolvidos: um *contrato de comunicação* (CHARAUDEAU, 2007, p. 68, grifos do autor).

Segundo Charaudeau (2007, p. 68), este contrato é decorrência de uma composição de “dados externos” e “dados internos”. Os primeiros constituem as características específicas dos indivíduos que participam do contrato e da interação social na situação comunicacional, como o perfil do enunciador e do enunciatário, espaço, tempo, objetivo, entre outros. Os segundos são os elementos inerentes ao discurso, como figuras de linguagem, jargões e a seleção de palavras para se expressar.

O autor classifica os dados externos segundo vários tipos de condições: “condição de identidade”, “condição de finalidade”, “condição de propósito” e “condição de dispositivo” (CHARAUDEAU, 2007, p. 68). A definição das categorias é mais bem explicada pela resposta a uma determinada pergunta em cada caso. Na “condição de

identidade”, a resposta à pergunta “QUEM se comunica com QUEM?” revela as marcas pessoais e sociais dos envolvidos, como idade, gênero, camada social, nível educacional ou cultural. A “condição de finalidade” refere-se ao objetivo da comunicação, respondendo à pergunta “Estamos aqui para dizer o quê?” (CHARAUDEAU, 2007, p. 69). Ainda nesta categoria, o enunciador apresenta um contrato operando com a competência modal do “querer”, isto é, manipula o enunciatário para tentar persuadi-lo a aceitar o acordo proposto. Para isso, Charaudeau (2007, p. 69) distingue quatro tipos de situações: 1) “prescritiva” (querer fazer fazer), em que o enunciador deseja convencer o enunciatário a atuar de um determinado modo; 2) “informativa” (querer fazer saber), ao desejar transmitir um conhecimento para o interlocutor; 3) “incitativa” (querer fazer crer), em que o enunciador deseja que o outro acredite na veracidade de seu discurso; 4) “pathos” (querer fazer sentir), desejando provocar no interlocutor uma emoção, seja eufórica ou disfórica. A terceira categoria, a “condição de propósito”, é a resposta à pergunta “Qual é o assunto?”, e envolve o tema principal e seus subtemas. Por último, a “condição do dispositivo” refere-se ao contexto espacial e ao meio em que se estabelece a comunicação, através da pergunta “Em que lugar acontece a troca comunicacional e em qual meio de transmissão?” (Charaudeau, 2007, p. 70).

Os dados internos, segundo Charaudeau (2007, p. 70), respondem à pergunta “De que modo formularei a enunciação ou que palavras usar?”. Neste caso, a seleção de elementos textuais (verbais ou visuais) para operar a tentativa de persuasão da comunicação “constituem as restrições discursivas de todo ato de comunicação” (Charaudeau, 2007, p. 70). O autor agrupou os dados internos em três espaços: de “locução”, de “relação” e de “tematização”. No primeiro caso, o enunciador toma a iniciativa de falar ou comunicar o que pretende e, para isso, justifica sua atitude, apresentando seu valor ou representatividade como discursante, bem como constrói a identidade do enunciatário. Em suma, apropria-se de várias estratégias para assumir o discurso. Após a “tomada da palavra”, no espaço de “relação”, o enunciador determina as relações de poder ou de “aliança, de exclusão ou de inclusão, de agressão ou de convivência com o interlocutor” (Charaudeau, 2007, p. 71), através das escolhas verbais ou icônicas. No espaço da “tematização”, o falante discursa sobre o tema proposto no contrato e toma uma posição, aceitando-o, recusando-o ou apresentando outra solução. Por exemplo, o enunciador editor publica no jornal os

problemas decorrentes da carestia e pode tentar convencer seu leitor de que a situação não é tão grave. Para operacionalizar esta comunicação, de acordo com Charaudeau (2007, p. 71), o enunciador pode optar por um “modo de intervenção” (diretivo, de continuidade, de retomada, entre outros) e por um “modo de organização discursivo” (narrativo, argumentativo, descritivo), conforme orientado nas restrições situacionais do contrato comunicativo.

Na instância da recepção, o enunciatário apresenta uma série de características que o enunciador tenta levar em conta ao produzir uma mensagem. Charaudeau (2007, p. 78) classifica o destinatário em “alvo intelectual” e “alvo afetivo”. O primeiro é considerado pelo produtor da comunicação como detentor de conhecimento, de saber pensar. O enunciador ou instância midiática atribui a este indivíduo receptor critérios que lhe permitem julgar, avaliar a “credibilidade” do que está sendo veiculado. Igualmente importante é a “acessibilidade” à informação: o enunciador ou meio de comunicação atribui a seu enunciatário um menor ou maior grau de entendimento e clareza, de acordo com o perfil de seu pretense público-alvo. O “alvo afetivo” é caracterizado pelo enunciador como aquele que não julga a mensagem racionalmente, mas intuitivamente, predominando as reações emocionais. Neste caso, a mídia constrói possibilidades que despertam a instabilidade emotiva. Entretanto, nenhum dos dois casos, intelectual e afetivo, oferecem respostas absolutas, mas existe a predominância de um ou de outro no processo de construção da mensagem midiática (Charaudeau, 2007, p. 82).

### 3.2 TENDINHA DE RECLAMAÇÕES - ANÁLISES

**Figura 20**

Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo



Na edição de terça-feira, 21/10/1952 (Figura 20) da *Tendinha de Reclamações*, as imagens fotográficas mostram a receptividade da reportagem neste bairro. A foto no topo da página à esquerda apresenta parte dos moradores que apresentaram suas reivindicações, através do jornal *Última Hora*, ao poder público do município onde se encontra a reportagem. Abaixo do logotipo *Última Hora*, 2ª Seção, aparece a despedida dos moradores na praça Ademar de Barros aos jornalistas que participaram deste evento

organizado pelo jornal. As fotografias das mulheres que apresentaram suas queixas ao jornal foram feitas segundo as orientações que todos repórteres fotográficos deveriam seguir: as pessoas, ao serem entrevistadas, não deveriam estar olhando para a câmera fotográfica; deveriam ter seus movimentos flagrados no decorrer da sua fala com a dinâmica apropriada de quem protesta; não deveriam se sentir pressionadas, intimidadas ou preocupadas de aparecer ou não na reportagem. Segundo Hildo Passos<sup>18</sup>, o reporter fotográfico deveria aparecer na entrevista como um participante a mais do evento, sem mostrar ostensivamente sua câmera fotográfica. Para obtenção das fotos, como no caso das duas senhoras apresentadas no rodapé da página, era necessário ter em suas expressões faciais e movimentos dos braços as gesticulações de quem protesta com

<sup>18</sup> *Idem, ibidem.*



veemência em razão de seus direitos como morador daquela região. A câmera fotográfica deveria estar, dependendo do visual já escolhido ou pretendido pelo repórter fotográfico, no caso de entrevistas ao vivo, como um instrumento que caracteriza sua função jornalística e não como um receptor ostensivo de imagens, o que poderia inibir o entrevistado. O disparo do obturador para obtenção da foto deve ser o mais discreto possível. Este cuidado devia ser uma das principais preocupações dos repórteres fotográficos que trabalhavam para o periódico.

Nas duas fotos à esquerda, no centro da página, observa-se uma moradora retirando água de uma barrica de lata que semanalmente é reabastecida pela prefeitura sem o mínimo de higiene e uma ambulância socorrendo um morador. Estas tomadas fotográficas foram instantâneas, sem conhecimento de participação dos moradores.

No topo da página, destacado em letras vazadas e fundo azul, o título, *Alarme e desespero presenciado pela “Tendinha de Reclamações”* prepara o enunciatório para os problemas da comunidade que serão apresentados na página. Sobre a foto acima à esquerda, em tipologia azul, a principal manchete *Onda de desemprego varre Santo André* está acompanhada da legenda:

Calcula-se em milhares o número de trabalhadores demitidos em virtude da diminuição do volume das importações - Dispensa de cerca de 700 operários - Calamidade pública nas vésperas do quadricentenário da cidade de João Ramalho - São Bernardo disputa com Santo André a primazia nos festejos - As vilas operárias não entram nos planos urbanísticos da Prefeitura - Índice elevado de mortalidade infantil - Gripe e falta d'água - Superlotada a Santa Casa. Texto de MAURO CONTADOR, fotos de HILDO PASSOS (Leia na segunda página deste caderno).

As notícias na página estão dispostas no plano de expressão de maneira a valorizar a reportagem que, no entendimento do enunciador, produz um maior grau de efeito emocional no enunciatório. Charaudeau (2007) afirma que na mídia impressa o olhar do enunciatório-leitor percorre a página, interpretando as informações de modo hierarquicamente organizado:

(...) o leitor põe em funcionamento um tipo de compreensão mais discriminatória e organizadora que se baseia numa lógica “hierarquizada”: operações de conexão entre as diferentes partes de uma narrativa, de subordinação e de encaixe dos argumentos, de reconstrução dos diferentes tipos de raciocínio (em árvore, em contínuo, em paralelo, etc.) (CHARAUDEAU, 2007, p. 113).

Ao mesmo tempo, as fotografias funcionam como âncoras visuais que auxiliam na produção de sentido do conjunto. A foto no meio da página à direita tem a seguinte legenda:

A TENDINHA foi espetacularmente recepcionada na praça Ademar de Barros, onde centenas de trabalhadores se concentraram para protestos contra o despejo de que estão sendo vítimas.

Além de servir de autopublicidade, as palavras “espetacularmente” e “centenas de trabalhadores” dão o sentido de calorosa recepção à equipe do jornal e o objeto dos protestos com quais a *Última Hora* se mostra solidária. Esta conjunção de interesses evidencia a estratégia populista que o jornal utiliza em seu contrato de comunicação. O enunciador jornal, nesta seção, ao visitar os bairros pobres e carentes de toda sorte de melhorias, apresenta o conhecimento e a competência para seduzir as comunidades no sentido de protestarem e adquirirem visibilidade na *Tendinha de Reclamações*, também lida pelos políticos, especialmente por populistas, como Jânio Quadros, que em geral utilizam tais informações para planejar suas campanhas. Segundo Charaudeau (2007, p. 114), ocorrem dois processos na comunicação midiática jornalística. O primeiro, o de “transformação”, parte do fato bruto, que já está interpretado, modificando-o para o formato construído da notícia. O segundo, processo de “transação”, configura a reportagem segundo imagina o perfil de seu enunciatário:

(...) isso ocorre sob a dependência do processo de *transação*, que consiste, para a instância midiática, em construir a notícia em função de como ela imagina a instância receptora, a qual, por sua vez, reinterpreta a notícia à sua maneira (CHARAUDEAU, 2007, p. 114, grifos do autor).

Em *box*, circunscrito em tarja azul, o chapéu 310 *Famílias operárias procuram a “Tendinha de Reclamações”*, preparando a manchete *A Companhia Pagou Com o Despejo o Esforço dos Seus Trabalhadores*, além de mais uma autopublicidade do jornal, demonstra a força que a *Última Hora* tinha junto aos trabalhadores de bairros pobres. O número 310, que pode ser multiplicado pelos membros de cada unidade familiar, apresenta a amplitude de demandas, embora as pessoas não estivessem todas no local ao mesmo tempo (algumas deixavam a reportagem e voltavam para as residências mais cedo, outras apareciam mais

tarde na *Tendinha*), mas em termos de leitores e de prestígio para um único bairro era significativo. No contrato comunicativo entre o jornal e os moradores do bairro, existe uma passagem da esfera privada (as famílias operárias) para a esfera pública (a visibilidade no jornal para informar os políticos), como corrobora Charaudeau (2007, p. 117):

Quando as revistas populares começaram a aproveitar-se da vida privada das estrelas do *show business*, era para tornar público o privado; quando a televisão moderna mostra os políticos, com esposa e amigos em programas que tratam de problemas da vida cotidiana, ou mesmo íntima, é para tornar público um outro tipo de privado; quando se fazem programas com indivíduos anônimos que são transformados em heróis por um dia diante do público e das câmeras, como nos *reality shows*, trata-se ainda de tornar público o privado até então desconsiderado (CHARAUDEAU, 2007, p. 117).

Segundo Charaudeau (2007, p. 118), o “discurso circulante”, o conjunto de enunciações sobre a identidade dos seres, suas ações, comportamentos e julgamentos, constituem um discurso formado de jargões, expressões regionais próprias ou provérbios, que permitem o reconhecimento entre os membros de um grupo social. O autor reconhece três funções deste discurso: “instituição do poder/contra-poder”, “regulação do cotidiano social” e “dramatização”. A primeira função aplica-se à relação entre o enunciador jornal e o enunciatário população de Santo André. Vejamos o que diz Charaudeau:

- uma função de *instituição do poder/contra-poder* [grifos do autor]. Ela é assegurada por discursos que produzem uma “palavra de transcendência”, isto é, uma palavra que se impõe como autoridade, uma autoridade que procede de sua *posição de supremacia acima das massas* [grifos nossos], e que, por isso, confere sentido à ação social, a orienta, lhe serve de guia e fundamenta sua potência. Trata-se aqui do discurso do poder político, de tudo o que o encarna institucionalmente e particularmente do que aparece sob a figura do Estado. Entretanto, diante desses discursos de poder desenvolvem-se (onde é possível) outros discursos, de reivindicação, de contestação da ordem imposta, e cuja força depende ao mesmo tempo da organização do grupo que os produz, de suas possibilidades de mobilização e dos valores éticos emblematizados (CHARAUDEAU, 2007, p. 118).

A chamada para as notícias a seguir mostra a tentativa de “instituir o contra-poder” na visão de Charaudeau (2007): os operários irão ao palácio do Catete “pedir a solidariedade do presidente”, em outras palavras, reivindicar justiça. Com isto, o enunciador jornal mostra-se também como solidário ao dar visibilidade para os problemas que afligem a comunidade:

Os operários dirigir-se-ão ao Rio para pedir a solidariedade do Presidente da República - Não quis vender as casas para a indústria sucessora - Não respeitaram a dor da viúva que acaba de perder o esposo, e mandaram-lhe a intimação de despejo - Velhos trabalhadores, com 40 anos de casa, são no fim da vida privados de seu teto. Reportagem da equipe da TENDINHA DE RECLAMAÇÕES (Leia na segunda página deste caderno).

Percebemos, pela indumentária simples das pessoas fotografadas, que pertencem às camadas mais pobres. Nas manchetes e nas legendas, os léxicos "alarme e desespero", "onda de desespero varre", "milhares de trabalhadores demitidos", "calamidade pública", "As vilas operárias não entram nos planos urbanísticos da Prefeitura", são extremamente disfóricos, hiperbolizados, modalizando uma solidariedade do enunciador jornal/repórter com a população mais pobre, apresentada como explorada, injustiçada e incapaz de resolver seus próprios problemas. Porém, é a eles oferecida a oportunidade de, reunidos numa multidão, sentido-se fortalecidos pela coletividade, protestarem contra os exploradores e contra a Prefeitura, que não os atendia.

O modo como as figuras são fotografadas, em movimentos de protesto, expressões que produzem o sentido de revolta, no espaço público da cidade, amplia a dramatização dos moradores exposta na página. A função de "dramatização" do discurso circulante ao qual nos referimos antes, segundo Charaudeau (2007, p. 119),

é assegurada por discursos que relatam os problemas da vida dos homens, a maneira pela qual esses, em confronto com as forças do visível e do invisível, levam sua vida, por intermédio de imaginários, num combate sem tréguas entre as forças de seu próprio desejo e as forças do destino que se impõem como finalidade. Trata-se aqui das histórias, dos relatos ficcionais, mitos e outros discursos que registram o destino humano (CHARAUDEAU, 2007, p. 119).

O jornal anuncia que, segundo a população das "vilas operárias", os algozes de Santo André são: 1) a Prefeitura de Santo André "que está relegando em segundo plano as vilas operárias, preocupando-se mais com a zona central da cidade"; 2) as Empresas de Ônibus "que servem as vilas; 3) O Moinho Santista, que ameaça despejar "mais de novecentas pessoas"; 4) o Serviço de Assistência Médico Hospitalar, que não atende as "necessidades da cidade"; e a Delegacia Policial, "que não realiza um policiamento condigno nas vilas operárias". O jornal enfatiza as "vilas operárias", uma isotopia várias vezes recorrente, pretendendo mostrar uma preocupação com a classe trabalhadora. Quer,

com isso, trazer os trabalhadores para seu apoio. Observamos também que existe o cuidado de criticar as prefeituras, não o governo federal, representado por Getúlio Vargas.

Na chamada para o *Rosário das Lamentações*, o texto “as professoras que comem a comida que as crianças levam, e vendem ‘coca-cola’, guaraná e ‘toddy’ durante as aulas”, segundo a declaração de um operário na página 2, indica que as professoras pareciam não se preocupar com a educação das crianças:

As professoras do grupo vendem “coca-cola”, guaraná, “toddy” – declarou um operário. Aquilo virou bar – prosseguiu – imagine que elas inventam festas, fazem as crianças levar doces e comida, e depois mandam-nas embora. A festa é só para elas e o diretor. E o pior é que nos dias de pagamento elas dispensam a criançada e não dão aula.

O texto verbal “os vereadores banqueteiavam-se no Restaurante Anchieta com o dinheiro do povo” também mostra o descaso com a população sofrida. O enunciador jornal *Tendinha* coloca-se claramente *ao lado* das pessoas sofridas da periferia, os operários e suas famílias. Critica também o médico (que já deve ter bons honorários) que cobra do *operário* (que já vive com dificuldade) 50 cruzeiros por amostras de medicamentos – mais um contraste entre ricos e pobres, uma injustiça social frequentemente salientada na *Tendinha*.

Na foto das pessoas do bairro com a reportagem da *Tendinha* da *Última Hora*, instaura-se a proposição de um contrato entre enunciador jornal e enunciatário povo, em que ambos confluem para uma solidariedade comum. O periódico incentiva a população a apoiá-lo em função da publicação da matéria que despertará as autoridades para os problemas e, no sentido inverso, o público, seduzido, permanecerá fiel à aquisição do jornal. Trata-se de um contrato de comunicação em concomitância com um dos aspectos do populismo, uma “via de mão dupla”, em que o líder político convoca as massas para participarem do cenário político, e pede seu voto em troca de benefícios como emprego, melhoria do asfalto, etc. O povo confia nele e, por gratidão, permanece fiel, dando-lhe o voto.

**Figura 21**

Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo



A *Tendinha de Reclamações* de quarta-feira, 29/10/1952 (Figura 21) com a manchete principal *S. Caetano do Sul: Inferno com 60 mil almas penadas!* apresenta como tema principal as “acesas disputas políticas” para as eleições para prefeito, vice-prefeito e vereadores em 7 de dezembro daquele ano. A reportagem relata minuciosamente o ambiente de verdadeira guerra eleitoral existente na cidade. A coligação de dois grupos

políticos se degladiava para a conquista do poder municipal. Os três partidos coligados: Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), Partido Democrata Cristão (PDC) e Partido Trabalhista Nacional (PTN) defendem a candidatura a prefeito de Osvaldo Massei e a vice de Júlio Marcucci. Essa aliança de políticos e partidos representa a oposição que queria, segundo seus comícios em praça pública, mudanças radicais na administração da populosa cidade. O situacionismo representado pelos: Partido Social Progressista (PSP), União Democrática Nacional (UDN), Partido Social Democrático (PSD), Partido Republicano (PR) e outros partidos coligados apoiavam a candidatura do deputado estadual Anacleto Campanella para prefeito e de Jacob João Lorenzine para vice. Apesar da acirrada luta política que a reportagem da *Tendinha da Última Hora* encontrou em sua visita a este município, havia por parte da população muitas dúvidas quanto às melhorias prometidas por esses candidatos. Na reportagem da página 2 (2º caderno), o enunciador apresenta os políticos discursando com veemência e, por outro

lado, os comentários dos moradores, alguns apresentados como desinformados, outros como mais politizados:

Uma feliz coincidência levou-nos a encontrar reunidos os candidatos, podendo ouvi-los de modo global, sobre suas promessas.

Sobre os candidatos:

Os oradores falavam com vibração e entusiasmo vulcânico, com grandes gestos de mão e frases bombásticas. Um deles mesmo, com voz tonitroante e gesto dramático proclamou do alto da tribuna, entumescendo as veias de seu pescoço taurino: “Dai a César o que é de César!!”

Sobre os ouvintes:

Um popular a nosso lado indagou discretamente de seu vizinho: - Fulano, quem é esse tal de César? Ao que o outro respondeu com um pouco de malícia: - Acho que é aquele vendeiro “tubarão” que mora lá embaixo...(…) Vendo a presença de *Última Hora*, entre o povo, o candidato Campanella, polidamente, aproximou de si o candidato Massei, dando-lhe um vigoroso e fotogênico abraço. Norberto fez explodir a lâmpada, enquanto um popular assoprava no ouvido de um amigo: – Qual o quê! Isso é abraço de Tamanduá!

Ratificando seu contrato de comunicação com os enunciatários moradores de S. Caetano, o enunciador posicionou-se “entre o povo”, uma clara demonstração de que ali estava para defender a população menos favorecida. Mais adiante na mesma reportagem, o enunciador assume de que lado se encontra:

Assumimos então a posição que nos competia. Isto é, cobradores do povo, e exigir explicações. Tínhamos ouvido longamente as queixas da população na TENDINHA e desejávamos saber o que aqueles homens iriam realizar uma vez eleitos.

A foto no centro da página apresenta a *Tendinha de Reclamações* circundada por uma multidão de moradores do bairro, aguardando para apresentarem seus reclamos e demandas. O destaque da imagem, além de autopublicidade, evidencia o contrato comunicacional do enunciador com o enunciatário moradores de S. Caetano com a

finalidade “incitativa”, “informativa” e “patêmica”. A função patêmica (GREIMAS, COURTÉS, 1991, p. 190) ao “estado de alma” de um sujeito, em nosso caso o enunciatário. Esse agrupamento de pessoas em torno da *Tendinha*, praticamente encobrindo os redatores que se encontravam no local, mostra “desespero”, “aflição” e “ansiedade” para que se encontrem, principalmente através do jornal (que lá está para assumir este papel de enunciador atuante) uma saída para seus problemas de enfrentamento do bairro. Os moradores têm na *Tendinha* a “esperança” de poder denunciar as situações precárias em que vivem. Os estados de alma “desespero”, “aflição”, “ansiedade” e “esperança”, na superfície figurativa/temática da foto e do texto verbal, são hiperbolizados pelo enunciador e já eram de seu conhecimento pela práxis anterior. A manchete principal desta *Tendinha*, *S. Caetano do Sul: inferno com 60 mil almas penadas*, já preconiza a intencionalidade do enunciador em atingir o alvo afetivo com o léxico “almas”. Na reportagem da página 2, o jornal, apresentando os moradores como “vítimas de demagogia”, oferece seu papel de conselheiro, como veremos no trecho a seguir:

Mais de sessenta mil pessoas vivem à sombra de São Caetano do Sul, o município que ainda se engatinha a espera de conquistar uma real autonomia. Sim, São Caetano não é autônomo, senão no papel, pois a real autonomia só advirá de seu progresso, da execução de programa administrativo que liberte o município da dependência a São Paulo ou Santo André. Eis por que aqueles que amam São Caetano não são apenas os que FORAM autonomistas, mas aqueles que SÃO autonomistas, porque sabem que esta palavra não é um arroubo demagógico, mas um programa a se executar. VIDA PRÓPRIA – Os munícipes, que neste momento estão empolgados pela campanha eleitoral, devem exigir de seus candidatos – esse é o conselho da TENDINHA DE RECLAMAÇÕES – tornem S. Caetano um Município de vida própria, sem precisar de outros favores que não o de seu próprio povo.



**Figura 22**

Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo



A edição de quarta-feira, 12/11/1952 da *Tendinha de Reclamações* (Figura 22) mostra os problemas na cidade de Guarulhos com a manchete principal *Poços contaminados matam as crianças de Guarulhos*. Segundo a reportagem na página 2 dessa seção, a cidade histórica foi fundada pelo padre João Almeida em 1560, cujo nome lembrava os índios que habitavam no local, “guarulhos”, que significa “barrigudos” de acordo com o testemunho de determinados historiadores. Apesar de sua

fundação há quase 400 anos, ainda apresentava em vários bairros uma condição semelhante à da era colonial, atrasada, embora tivesse proximidade com São Paulo através da via Presidente Dutra, ligada por uma linha de auto-ônibus. O progresso aparecia apenas na área central da cidade onde se encontrava a igreja Nossa Senhora da Conceição, fundada em 1643. No dia em que foi visitada pela *Tendinha*, viviam na cidade aproximadamente 50 mil habitantes, principalmente trabalhadores fabris, devido ao grande número de indústrias na região. Levando em conta a época, a arrecadação de impostos neste município era elevada e não se justificava a falta de rede de águas e esgotos, de iluminação em grande parte da cidade e de calçamento nas ruas de muitos moradores. Os poços de água estavam contaminados e grande era o número de crianças doentes. A chamada para a reportagem interna informa: “No cemitério de Bom Sucesso, das novecentas sepulturas 700 são de crianças.” A reportagem também deu destaque ao perigo de atropelamentos causados pelos ônibus que transitam pela cidade e

para outras regiões próximas. A reportagem sob o título *O pai caiu de joelhos chorando como criança* está acompanhada de três fotos com as imagens do casal, das duas irmãs e da menina atropelada e morta. Diz uma das legendas:

Debruçada na cova rasa, a família acende velas conversando suavemente com a morta. O pai soluça olhando para a terra.

Um pedreiro, João Inacio de Araujo, durante as entrevistas de moradores à reportagem da *Tendinha* no bairro, insistiu, chorando, que no término dos trabalhos da reportagem, fizessem o favor de levá-lo até o cemitério local onde ele e sua esposa depositariam flores no túmulo da filha de 9 anos chamada Vanda, atropelada e morta por um ônibus que atendia a cidade. O repórter fotográfico Hildo Passos<sup>19</sup> que acompanhou o casal na perua da *Última Hora* lembra-se do pai dizendo que queria uma lembrança do local onde estava enterrada a querida filha e pediu à equipe de reportagem que o ajudasse a ir lá e levar flores. Vejamos um trecho da reportagem da página 2 (2º caderno):

Vandinha (é assim que seu pai a chama) tornou-se nossa conhecida através da TENDINHA DE RECLAMAÇÕES. O pai contou-nos sua história convidando-nos a visitar o Campo Santo. Comovemo-nos e fomos com ele, levando no furgão suas outras filhas, mãe e a avó da criança morta. (...) Deixamos João Inacio e sua família na casinha humilde em que vivem, após retornarmos do cemitério. Seu desejo de justiça, proclamado por ele na TENDINHA DE RECLAMAÇÕES, repercutiu fundo entre a equipe de reporteres presentes. É grande a indignação na cidade contra a empresa, que lava as mãos e não trata de amenizar a dor dessa família, reparando em parte, de modo ínfimo pelo menos, a catástrofe que se abateu sobre aquele lar de trabalhadores. É doloroso pensar-se que a empresa sente sua consciência tranquila dando apenas a mortalha e o caixão para o enterro de sua própria vítima! O povo de Guarulhos está indignado, e este relato verdadeiro foi-nos pedido por inúmeros populares.

O enunciador ratifica seu contrato de comunicação com o enunciatório povo de Guarulhos, que a ele recorre para reivindicar justiça, reparação, assunção de responsabilidade e cuidado por parte da empresa de ônibus. A seção da *Tendinha* coloca-se à disposição da população para chamar a atenção das autoridades responsáveis pelas péssimas condições em que vivem os moradores e estes respondem com a valorização do jornal, uma estratégia utilizada também pelos políticos populistas da época: Getúlio Vargas, Ademar de Barros, Jânio Quadros, entre outros.

---

<sup>19</sup> Depoimento à autora em dezembro de 2008.

**Figura 23**

Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo



Na edição de quarta-feira, 07/01/1953 (Figura 23), a seção *Tendinha de Reclamações*, quase um ano depois do lançamento do jornal *Última Hora* em São Paulo, como mostram as figuras das imagens fotográficas, ainda era recebida com manifestações de apoio pelos moradores dos bairros periféricos que percorria. Sua popularidade estimulava já uma maior participação de populares que faziam questão de tornar, às vezes, o evento num acontecimento inusitado. Nesta

reportagem da *Tendinha de Reclamações* realizada no bairro Nossa Senhora das Mercês, na região do Moimho Velho, é inconteste que a realização desta reportagem foi muito além da formal reportagem de bairro que os jornais sensacionalistas da época utilizavam para preenchimento de espaço quando faltavam notícias espetaculares. A importância da reportagem foi de tal significação que um morador conhecido na região como Jatobá, quis ele mesmo convocar a população local para que apresentassem suas reivindicações através do enunciador *Última Hora*. O recorte fotográfico arredondado no alto da página mostra um detalhe da multidão das pessoas que participaram com suas queixas. Como diz a legenda, trata-se da tomada de “Momentos do comício improvisado pelo povo de N. S. das Mercês para receber a *Tendinha*, vendo-se o popular Jatobá quando falava.”

As mulheres da região, quando a reportagem aparentemente já tinha tomado o caráter de comício, acorreram à praça para dar seu posicionamento diante da calamitosa

situação em que viviam: indignadas, preocupadas, enojadas, etc. Fizeram uma assembleia de mulheres junto à equipe de jornalistas da *Última Hora*. A chamada *Assembleia de mulheres na Tendinha de Reclamações* valoriza um segmento minoritário da população, cujas opiniões eram pouco levadas em conta na época. Nesta seção, as mulheres não estavam circunscritas à sua beleza ou às questões de moda e culinária, desempenhando o papel de liderança nas reivindicações para melhoria de sua qualidade de vida. A legenda complementa o percurso gerativo de sentido: “As mulheres compareceram em massa na *Tendinha* para proclamar sua indignação diante do alto custo de vida. A expressão de seus rostos diz tudo.” Cada rosto está qualificado verbalmente por um adjetivo. Segundo Isaac Camargo (2001, p. 243), a legenda pode ter um valor descritivo (quando o texto verbal é redundante, repetindo o que vemos na imagem) ou informativo (quando a imagem é explicada ou complementada pelo texto verbal). Nas imagens das senhoras desta página, os adjetivos eufóricos (otimista, profética, superior) e os disfóricos (indignada, preocupada, enojada, chorosa, desanimada, ameaçadora, inocente) foram designados pelo enunciador segundo sua interpretação dos movimentos faciais. Esta informação adicional produz, portanto, um direcionamento no entendimento do enunciatário, gerando um efeito de sentido de “realidade”, em que

está mais para o lado do “acreditar ser verdadeiro” do que para o do “ser verdadeiro”. Surge da subjetividade do sujeito em sua relação com o mundo, criando uma adesão ao que pode ser julgado verdadeiro pelo fato de que é compartilhável com outras pessoas, e se inscreve nas normas de reconhecimento do mundo (CHARAUDEAU, 2007, p. 49).

Observamos, por exemplo, que as expressões das três mulheres qualificadas como “indignada”, “preocupada” e “ameaçadora” mostram-se na imagem como revoltadas. Consequentemente, estes adjetivos nas três imagens podem ser intercambiáveis, considerando que sua relação semântica com a leitura dos rostos é coerente em qualquer um dos casos. Normalmente, as fotografias são utilizadas para dar credibilidade à notícia e podem funcionar como âncoras do texto verbal. O contrário também é verdadeiro: as legendas definem o que aparece na imagem e restringem as possibilidades de interpretação. Este é o caso desta série de fotos das mulheres em movimentos faciais. Esta relação entre

enunciador e enunciatário faz parte do contrato de comunicação ou fiduciário de veridicção, em que o primeiro modaliza o *fazer-criar* no discurso para o enunciatário:

(...) esse patamar modal subjacente do /criar verdadeiro/, que sustenta por meio do contrato enuciativo o reconhecimento comum de um “mundo” na leitura (...) institui o espaço fiduciário que assegura a um só tempo a variação e a junção entre os diferentes níveis de apreensão e interpretabilidade reclamados pelas isotopias figurativas: os efeitos de realidade, mas também de surrealidade ou irreabilidade, os efeitos de sensibilização, abstração e argumentação, etc. (BERTRAND, 2003, p. 235).

Segundo a reportagem no *Rosário de Lamentações* da página 2 (2º caderno), as mulheres lideraram a maioria dos protestos:

As mulheres tomaram conta, por assim dizer, da Tendinha de Reclamações. E suas palavras foram torrentes de protestos contra a constante elevação dos preços de gêneros de primeira necessidade. “É revoltante, sr. repórter! Por que o governo autoriza aumentos? O arroz está custando 10 cruzeiros e do tipo “agulha”; feijão está a 7,00 o “chumbão”; banha custa 24,00 desde sábado. Não se pode mais viver. Qual é a solução para tanta roubalheira?”

Portanto, a aproximação dos políticos populistas nos bairros periféricos, de baixa renda, também era realizada pela *Tendinha da Última Hora*, que igualmente praticava um tipo de jogo populista, trazendo os agentes da população esquecida no anonimato para transformar-se em gente com viva voz na capa da segunda seção do jornal. Neste caso, a barganha do contrato de comunicação era que os enunciatários prestigiarão o periódico, a ele consolidariam sua fidelidade, a tiragem aumentaria, e as reportagens seriam difundidas entre todas as comunidades que queriam ficar “visíveis” para os políticos, ampliando cada vez mais o espaço comercial de venda da *Última Hora*.

Um dos ônibus da empresa *Vila dos 40*, utilizado pela população local, conforme foto à esquerda abaixo da imagem do improvisado locutor, estava num lastimável estado de conservação, além de não ter sequer uma porta, amassado em toda sua carroceria externa. Não era possível utilizá-lo com segurança, devido a seu estado precário, como diz a legenda: “Com razão o povo de N. S. das Mercês queixa-se dos ônibus. Eis um exemplar, sem a parte anterior da latria e sem porta.” Na página 2 (2º caderno), os moradores do bairro, que pagavam Cr\$ 2,00 de tarifa, disseram que “a empresa devia lhes pagar para viajarem nos calhambeques”.

O jornal denuncia que o grupo escolar foi construído “a três quilômetros do bairro para favorecer interesses pessoais”, desprezando a região onde é maior a concentração de habitantes. Na Vila das Mercês, segundo a equipe do jornal, “uma aldeia onde não se faz a barba nem se corta o cabelo” (os habitantes eram extremamente religiosos), o padre Joaquim Horta da igreja local acusava principalmente a Sociedade Amigos do Bairro<sup>20</sup> pelos descabros daquele local sem iluminação nas ruas, sem telefone público, sem calçamentos e quase sempre falta de água. Um fato interessante é que este vigário, conhecedor dos principais pontos turísticos da Europa e dos Estados Unidos, fazia exposições na igreja com fotos destes locais com a finalidade de proporcionar aos moradores que não tinham condições financeiras de viajar ao exterior oportunidades de apreciar aqueles lugares e ampliar seu conhecimento. Conta a reportagem:

O dinâmico padre transformou praticamente sua igreja numa assembleia do povo e o pulpito numa tribuna de combate. Lá do alto ele ergue sua voz corajosa para verberar com palavras de fogo a conduta dos políticos demagogos que tudo prometem e nada cumprem.

A equipe de reportagem da *Última Hora* constatou que a comunidade da região do Moinho Velho é a “mais religiosa de São Paulo”. Os moradores assistiam à missa das 10 horas aos domingos, transmitida por um alto-falante e o repórter referiu-se a eles como a “multidão” passando pela rua Danúbio como se fosse a rota para o Monte Golgotha, onde Jesus Cristo foi crucificado:

(...) a rua Danúbio é o caminho de Golgotha, por onde a multidão se dirige, todos os Domingos ao Calvário simbólico, para assistir às lembranças do sacrifício d’Aquele que morreu lutando contra o Demônio e o Imperialismo Romano.

A expressão “demônio e imperialismo romano” pode constituir uma metáfora do enunciador para os “políticos demagogos”. Deduzimos que o texto verbal *Traído pela sociedade o povo de Moinho Velho* é a manchete principal na página, em função dos formantes eidéticos (referentes à forma) de dimensão, cromáticos (referentes à cor) e topológicos (referentes à especialidade da página). Semioticamente chamamos de formantes os elementos do plano de expressão que também produzem sentido, como o tipo

---

<sup>20</sup> Jânio Quadros utilizava as Sociedades Amigos do Bairro para ser instruído sobre as demandas do bairro. Eram as organizações populares que estrategicamente alavancavam suas campanhas.

e tamanho das fontes utilizadas na manchete ou na reportagem, as cores, a forma quadrada, as cores ou a área ocupada na página.

Um *box* com um pequeno título na metade da página, um pouco à esquerda, faz uma crítica à estética das bancas de jornais que enfeiam a cidade e afirma que este problema deveria ter uma solução até as comemorações do IV Centenário de São Paulo, dentro de um ano. O jornal lembra que os jornaleiros são seus “mais eficientes e indispensáveis colaboradores” na circulação do periódico, mas devem ser padronizadas com um visual que seja “mais bonito”. Sugere que as modificações sejam financiadas pela municipalidade ou pelos bancos, com prazos longos e a juros baixos. Com isto, o enunciador faz mais uma crítica à Prefeitura da cidade. É interessante que esta crítica foi topologicamente inserida entre a foto de Jatobá e o conjunto de mulheres, dois críticos dos pretensos descuidos da prefeitura. Observamos também, coincidentemente ou intencionalmente, que o editor posicionou Jatobá olhando para as moradoras rotuladas cada qual de “indignada” e “preocupada”, em uma possibilidade de interação visual, como se estivessem dialogando.

Nesta edição, a coluna *Forem eles!* apresenta a lista dos algozes sem mencionar explicitamente os motivos como em outras edições: a Câmara Municipal, a Prefeitura Municipal, a Repartição de Águas e Esgotos, o Departamento de Correios e Telégrafos, a Sociedade de Amigos do Bairro, o Convênio Escolar, a Empresa de Ônibus São Bernardo, o Serviço de Coleta de Lixo, o Serviço de Higiene, o Serviço de Assistência Médica e Hospitalar. Na mesma linha, o *Rosário das Lamentações* apenas dá a chamada para a página interna.

Observamos que a população da comunidade é convocada para dentro do jornal desde o momento em que este anuncia previamente que irá visitar o bairro. A mobilização do povo está clara nos temas e figuras da página. A *Última Hora* convida as pessoas a participarem de reivindicações, sem mencionar explicitamente que se trata de um ato político ou ideológico, mas é exatamente o que os habitantes de N. Sra. das Mercês estão fazendo, ao se reunirem em assembleia, reclamarem e criticarem, participando de um ato de protesto direcionado às autoridades políticas (locais, não em nível federal). Nesta barganha do contrato de comunicação, o jornal permite que o povo se expresse livremente, para que o benefício retorne no aumento de tiragem. Ao mesmo tempo, para esta comunidade, é uma forma de fazerem com que a municipalidade conheça as lamúrias dos que sofrem.

**Figura 24**

Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo



Na edição de quarta-feira, 14/01/1953 (Figura 24), a *Tendinha* visitou a Vila Brasilândia e apresentou como manchete principal *Quilombo dos negros batidos pela miséria*, comparando os negros do século XVII que viviam em quilombos à comunidade da Brasilândia, em condições miseráveis, na maioria de etnia negra, como menciona a legenda da foto à esquerda: “Embora tenha diminuído é ainda bem visível a predominância do elemento de cor sobre o branco”. Os moradores, para obterem água,

subiam e desciam morros até que encontrassem uma bica de água para suas necessidades mais prementes. A pobreza impedia-os de morarem em bairros com melhores condições de vivência. A mestiçagem de brancos e negros unidos em uma situação de muita pobreza tornava a população local sem preconceitos raciais, unidos por uma situação social de precariedade, como informa o título no topo da página: *“Tendinha” visita um Bairro Preto que já está se tornando amulutado*. A reportagem denuncia que os negros são mais vitimizados:

Expulsos pelos altos aluguéis os negros são pioneiros dos loteamentos em São Paulo – Clima suíço e bombardeio de pedras – Nem ao menos um telefone – Condução direta para o centro e estrada com asfalto, eis as duas maiores reivindicações – Texto de Mauro Contador, fotos de Hildo Passos – (Leia na 2ª. página deste caderno)



Dificuldades dos meios de transporte, água corrente só de bicas naturais, falta de serviço médico, de luz nas ruas e nas casas, fossas com detritos fecais, tornava a vida precária para os seres humanos deste local e daquela época. Uma das matérias da seção desta *Tendinha* com o título *Quando a cárie no dente faz um pobre dar urros!* mostra mais uma vez a solidariedade da equipe de jornalistas da *Última Hora* ao socorrer, a pedido do marido, sua mulher com um grave problema dentário e sentindo muita dor. Parte da equipe, utilizando a perua para as reportagens, ajudou-a a encontrar, depois de procurar muito, um dentista disponível naquele dia de domingo. Esta notícia está ilustrada com fotos seriadas sobre as ações na busca de um odontologista que resolvesse o problema dentário da sofrida senhora, que foi uma preocupação louvável dos componentes da equipe de reportagem do enunciador. Veremos alguns trechos da matéria na página 2 (2º caderno):

Temos procurado nessas reportagens mostrar ao vivo as dificuldades do povo. Não basta que digamos: Falta transporte, falta assistência e assim por diante. As autoridades infelizmente não entendem mensagens telegráficas. E daí a iniciativa desta reportagem documentada através de uma série de fotografias. O caso foi assim. Trabalha o Gurgel [que datilografava as demandas] pacientemente na TENDINHA ouvindo o rosário de lamentações do povo, quando se acercou da mesma um senhor desesperado que trazia pela mão, sua esposa, vítima de uma terrível dor de dente.

#### ODISSÉIA

Acontece que era domingo e o consultório da dentista, dona Araci Cruz Cunha, que reside na Freguesia do Ó, estava com as portas fechadas. Mas não havia taxis no ponto e aliás nunca existe. Além do mais, o operário que nos procurava ganhava apenas 1.800 cruzeiros mensais e não pode ter esses luxos. A mulher no entanto gemia. Que fazer? Enfiamos o casal no furgão e rumamos para o mais próximo dentista em Itaberaba. Acontece, porém, que a porta estava também fechada, pois esse odontólogo reside também na Freguesia. Sem esmorecer, informados por alguns populares dirigimo-nos à saída de Itaberaba onde situamos um outro dentista, dr. Levino Cunha, na rua Monte Claro, que não conseguiu abrir a boca da infeliz, tal a agudeza das dores, aconselhando-nos anestesia geral para a paciente, coisa só realizável por um médico.

#### O MÉDICO

Pusemos outra vez a doente no furgão e rumamos para o consultório do dr. Manoel Munhoz. Este facultativo considerando que não devia imiscuir-se em assunto de outra profissão obsequiosamente concordou em levar-nos até o dentista de Itaberaba, que reside na Freguesia. Fomos afinal para aquele bairro retornando a Itaberaba com o odontólogo dr. Paulo Claro Cunha que afinal, pôs um ponto final nas dores da doente extraíndo-lhe o dente.

Estes eventos, anunciados depois no jornal, fizeram com que as comunidades pobres cada vez mais respeitassem a equipe da *Tendinha* e a procurassem quando sua visita estava programada.

Figura 25

Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo



Na publicação da *Tendinha* realizada no bairro Butantã (Figura 25) de quarta-feira, 28 de janeiro de 1953, na época um dos extremos na cidade de São Paulo, como em outros bairros periféricos, verificou-se que o abandono pelo poder público era uma constante nessa cidade em crescimento. Tal desenvolvimento, na época, esbarrava nos limites naturais impostos pelo rio Pinheiros. Os cidadãos moradores na região ou viajantes a caminho das cidades de Sorocaba e Itu em

seus deslocamentos para alcançar a avenida Vital Brasil contemplavam neste local, o descaso com que esta região era encarada pelos poderes públicos da cidade de São Paulo. *Última Hora*, em sua reportagem, constatou que a população local não dispunha de água, de luz e de esgoto para suas necessidades cotidianas. Os moradores ainda utilizavam bicas para ter água, os poços estavam salobros. O intenso movimento de carros na região, como é mostrado na foto acima da manchete, *Butantã descampado na Beira da Estrada*, provoca um ofuscamento perigoso de poeira para o trânsito local de pessoas ou veículos. Na margem direita superior do jornal aparecem duas fotos, obtidas nos dias 1º e 10 de agosto, de desastres ocorridos com veículos neste local. Totalmente amassados e possivelmente, conforme mostra a imagem, desastres com gravidade. Não faltaram protestos contra os possíveis responsáveis pela situação caótica da região. Uma garota foi mordida no braço por aranhas (neste caso, responsabilizando o serviço de coleta do lixo que, por não cumprir “com o seu dever”, favorece o desenvolvimento de ninhos de “insetos peçonhentos”), uma mãe com filho no colo queixa-

se da “água salobra” dos poços, um morador diz que quem tem importância mesmo no bairro são só as cobras, outras moradoras, conforme atestam as fotos, protestam contra o serviço público “que nada faz contra as inundações na estrada de Itu”, atual avenida Corifeu de Azevedo Marques.

Como de hábito, nesta reportagem da *Tendinha de Reclamações*, o lado pitoresco do bairro também é apresentado. Abaixo do logotipo do jornal, uma foto de homem em fundo negro segurando um sapo e texto em recorte branco "O sapo chorão, que vive com a boca aberta a gritar como criança de peito também chorou na *Tendinha*". Neste texto, temos uma prosopopeia<sup>21</sup> do sapo que “grita como um bebê” e uma relação metafórica<sup>22</sup> entre o sapo e o bebê em que ambos emitem sons quando reclamam de algo. Esta humanização do sapo produz um sentido de patemização no enunciatário, ou seja o leitor se comove quando o enunciador o *faz-criar* que até o sapo está indignado com o descaso das autoridades e em conjunção com os moradores do Butantã trazidos para dentro do jornal na seção *Tendinha de Reclamações*, aceitando o contrato de comunicação proposto pelo enunciador *Última Hora*. Neste contrato, lembramos que o enunciador divulga na mídia impressa os problemas que afligem a comunidade em troca da fidedignidade por parte dos enunciatários comprando e prestigiando o jornal. Na base deste contrato, subjaz a estratégia do jogo populista da *Última Hora* ao “negociar” que os reclamos da população sejam direcionados ao conhecimento dos políticos, fazendo com que o enunciador se mostre competente e, em consequência, a tiragem do jornal aumente.

No alto à esquerda, uma seta negra com texto em branco apresenta uma funcionária do Instituto do Butantã segurando diversas cobras com as mãos. Um dos redatores da *Tendinha* fez uma assertiva divertida: *Promovido um encontro sensacional, com a manchete Um tratado de amizade da mulher com a cobra*. Na chamada: "Nem toda jararaca é sogra, mas toda sogra é jararaca - A serpente na história e na lenda. - A vara de Moisés virou cobra e se mudaram em serpentes os cabelos de Medusa"; e na legenda: "AFINAL JUNTAS, ela e a cobra, inimigas desde a criação do mundo. A mulher demonstra uma certa preocupação pela nova amizade. Quanto tempo durará o armistício?". Abaixo desta imagem uma foto na relva local, um sapo engole uma cobra: "O SAPO, por sua vez, se

<sup>21</sup> Quando se dá traços humanos a um objeto ou animal que não os tem (FIORIN, 2005 B, p. 118).

<sup>22</sup> Quando uma palavra é substituída por outra, em que ambas se relacionam por um ou mais elementos similares (FIORIN, 2005 B, p. 118).

vinga e come uma cobra, formando assim o círculo vicioso do engole-engole na natureza". O texto do "tratado de amizade da mulher com a cobra" e do sapo que contribui para o "engole-engole na natureza" formam um conjunto semântico com a intencionalidade de humoristicamente compor uma sequência narrativa das duas imagens. O primeiro texto verbal remete a Adão e Eva, quando a cobra consegue convencê-la de comer a maçã do pecado, e em função das nefastas consequências, tornam-se a mulher e a cobra arquiinimigas. Também nas palavras "demonstra uma certa preocupação" está implícita a dita "fragilidade" feminina: as mulheres são, segundo a tradição machista, consideradas mais medrosas e menos preparadas para enfrentar um ofídio, produzindo um estranhamento segundo os padrões convencionais de leitura, gerando um humor inusitado. No segundo texto, o sapo, que poderia ser um príncipe enfeitiçado, "se vinga" pelo mal que a cobra causou à mulher "descendente de Eva" e devora o ofídio. Como uma fábula, o final da narrativa conclui, em forma de provérbio, que esta história resultou na lei da natureza, em que os seres vivem no mesmo espaço e alimentam-se uns dos outros para sobreviver em prol do equilíbrio ecológico. O efeito de sentido humorístico foi produzido pela criação de um conto de ficção a partir de fatos reais independentes um do outro registrados fotograficamente, mas com uma relação de contiguidade entre si. O efeito de realidade, de *fazer-criar*, neste caso, foi intencionalmente substituído pelo efeito ficcional, remetendo a temas simbólicos que já pertenciam à cultura nacional. Por outro lado, o humor alivia a negatividade gerada pelas condições precárias da urbanização, do saneamento, da saúde da população apresentadas na seção.

Abaixo da imagem do sapo que engolia a cobra, outra foto mostra visitantes contemplando outra cobra deslizando e se alimentando de pequenos animais sobre a relva com a legenda: "COMO NUM CIRCO, o público aprecia o almoço da cobra com a mesma tranquilidade, com que antigamente assistia-se à besta-fera engolir alguns cristãos." O humor, neste caso, que contribui para o alívio dos elementos disfóricos na página da *Tendinha*, provém da comparação dos espectadores romanos que se divertiam vendo com a desgraça alheia (os cristãos sendo trucidados pelos leões) e a população do Butantã que assistia à cobra se alimentando de outro ser. Apesar de humor negro, em algum grau, o enunciador sinaliza que este seria o entretenimento daquela comunidade esquecida pelas

autoridades públicas que tinha muito poucas condições de infraestrutura para lhes proporcionar qualidade de vida.

As fotos, dinamizadas, com pessoas gritando, protestando, braços estendidos, mostram a indignação dos reclamantes. Numa configuração visual cromática alternando o azul com o preto, gradações em cinza, a utilização do espaço em branco e letras vazadas, a abundância de fotografias ocupando quase toda a espacialidade do suporte impresso e o texto verbal das legendas e chamadas circunscritas em *boxes* produzem movimento no olhar do enunciário. O título da seção *Tendinha de Reclamações* se encontra topologicamente localizada no centro em posição inclinada para cima, e o logotipo do jornal centralizado horizontalmente, diferenciando-se de edições anteriores: havia sempre a preocupação de inovar no grafismo visual.

No *Rosário das Lamentações*, os repórteres fizeram uma síntese das queixas dos moradores do bairro. Inicia o texto verbal com um resumo sobre a fundação do bairro Butantã:

O surgimento do bairro de Butantã foi determinado, indiretamente por um surto de peste bulbônica que, nos últimos anos do século passado, atingiu a vizinha cidade de Santos. Com a finalidade de acomodar a cavahada que se destinava à produção do soro, o governo adquiriu a fazenda Butantã – palavra que, em liguagem indígena, significa “vento forte”. Depois, alarmadas as autoridades com o grande número de mortes por ofidismo que se registravam anualmente no Brasil, resolveram organizar um instituto antiofídico, instalando-se naquele lugar de Pinheiros o primeiro laboratório de pesquisas, sob a direção do dr. Vital Brasil, que até aquela época colaborara com o dr. Adolfo Lutz, no Instituto Bacteriológico que se fundaram em 1892.

Diz a reportagem que, apesar de o Butantã ter um Instituto que “é motivo da visitação diária de turistas do mundo inteiro”, está completamente abandonado e parece servir somente como passagem de viajantes “que tomam a direção de Sorocaba ou Itu, ou que regressam por esses caminhos”, somente por esse motivo, não em consideração aos moradores, as vias Vital Brasil e antiga Estrada de Itu (atual avenida Corifeu de Azevedo Marques) foram asfaltadas.

Na coluna *Foram eles!*, além de serem apontados os costumeiros algozes (a Prefeitura, a Câmara Municipal, o D.S.T., o Departamento de Correios e Telégrafos, a Empresa de Auto e Ônibus N. S. Aparecida), o enunciador acrescenta “todos aqueles que, sentando-se constantemente neste banco dos réus, desta vez tiveram a sorte de não serem pilhados em flagrantes.” Isto pode configurar uma ameaça do enunciador que, no contrato

de comunicação estabelecido com a população, mostra posicionar-se solidário com esta: quem não agir corretamente, será divulgado na coluna *Foram eles!* e nas reportagens da *Tendinha*.

**Figura 26**

Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo



A *Tendinha de Reclamações* de 19 de fevereiro de 1953, excepcionalmente em uma quinta-feira, foi realizada no bairro da Barra Funda (Figura 26), com a manchete principal *Inundações e porteiras a praga da Barra Funda*, em que o sujeito “a praga da Barra Funda” está colocado depois do predicado oculto “são”, e não antes, com a intencionalidade de destacar as palavras disfóricas “inundações e porteiras”. Esta reportagem foi realizada durante

o Carnaval de 1953, abordando, junto aos moradores, os principais problemas que afligiam a população local. As inundações e porteiras fechadas por doze horas para passagens dos trens nos seus ir e vir a partir da estação Sorocabana foram, dentre outros, os grandes problemas cuja solução não vinha há muito tempo. Um morador, registrado em uma foto recortada acima e à esquerda do logotipo da *Última Hora*, diz que as inundações e porteiras são a “desgraça” da Barra Funda. Há poucos minutos do centro da cidade, estas várzeas despovoadas com alagamentos durante as chuvas não podiam se desenvolver com novas moradias e novos moradores. Às vezes, os poucos habitantes locais eram assediadas por arruaceiros. Um velho morador na região da Vila Sorocabana, “seu” Damiani, mostra com tristeza um projeto de melhorias que há muito deveria ter sido realizado pelo Convento Escolar da região. Idosas e jovens

moradoras queixaram-se da grande concentração de moscas neste bairro. No lado direito da página, junto da manchete principal da matéria, vemos a imagem fotográfica de inúmeros carros parados à espera da passagem do trem. Comentava-se, na época, que as porteiras eram como “uma corda apertada no pescoço da população”.

A reportagem da *Tendinha* apresentou também, como o fez em outras edições, o lado criativo da população deste maltratado bairro. Abaixo da foto com os carros parados à direita, vê-se um sambista fazendo alegorias corporais, como se estivesse em um evento carnavalesco. Diz o texto verbal: “A Barra Funda possui tradicionais cordões carnavalescos, pois existe muito ‘brasileiro’ por aquelas bandas. Eis alguns dançando no largo da Banana, em pleno domingo, às 7 horas da manhã, embora a chuva”. Observamos que havia a preocupação de mostrar, sempre que possível, algo criativo, interessante, que enaltecesse ou orgulhasse a população local. Na sequência de apresentação verticalizada das imagens laterais, um conjunto de quatro fotos apresentam uma oposição temática: uma delas, eufórica, apresenta os *Profissionais da "Pernada"*, “dois ‘esportistas’ da Barra Funda em um espetáculo no largo da Banana”; as outras três, disfóricas, na parte inferior da página, mostram a vila do Macuco e suas favelas, onde há muita poeira nos dias secos sem chuvas, e muito barro quando chove. Portanto, nas imagens da exibição de capoeira e dos cordões carnavalescos, encontramos novamente a estratégia de aliviar a tensão da negatividade mostrada nas figuras e temas da página da *Tendinha*.

Em seu contrato de comunicação dentro da categoria “finalidade” e na competência modal “incitativa” (CHARAUDEAU, 2007, p. 69), o enunciador *Última Hora* modalizava o *fazer-criar* aos enunciatários moradores do bairro e leitores em geral que se importava com eles, dignificando suas particularidades ou qualidades que deveriam ser preservadas e bem cuidadas. Isto resultava em um saldo positivo na venda do jornal em uma época em que a grande imprensa dava pouco valor às baixas camadas sociais. Os aglomerados de moradores apresentados verbalmente (nem sempre visualmente) nas *Tendinhas* da *Última Hora* podem ser considerados massa em nossas análises, pelo fato que, embora não estivessem todos os moradores ali presentes ao mesmo tempo (alguns chegavam de manhã e permaneciam até o final, outros chegavam mais tarde ou voltavam para casa mais cedo) estavam previamente organizados, como o “público” de Gabriel Tarde (2005) e a massa de Elias Canetti (1995). Estas manifestações coletivas nos bairros, que adquirem visibilidade na

página do jornal aderem, como enunciatários da *Última Hora*, ao “jogo populista” de troca de benefícios. Ressaltamos mais um vez, como já dissemos anteriormente, que não se trata de um ponto de vista unilateral, em que o enunciador “manipula” o enunciatário, pois é necessária a vontade de ação deste último para que o contrato se realize.

Na seção *Foram Eles!*, o povo da Barra Funda aponta seus algozes, desta vez expondo os motivos: a Prefeitura, “que não providencia o calçamento das velhas ruas, não trata de sanear as várzeas, nem resolve o problema das porteiras e das enchentes”; o Convênio Escolar, que tinha prometido aos ferroviários da Sorocabana a construção de um parque infantil, uma escola vocacional, e outras melhorias para as crianças que a frequentavam; a Delegacia Distrital, que não instalou “um posto policial na Barra Funda” e “nem reforça o policiamento” para por fim aos frequentes crimes e brigas; a Empresa de Ônibus, que improvisou uma oficina precária de veículos prejudicando o trânsito local. Em um tom divertido, a reportagem de *Última Hora* continuou: “E todos os demais algozes que conseguiram conservar suas máscaras, graças ao Carnaval”, não se descuidando de apresentar a seus leitores, como já dissemos, seu contraste, o lado positivo da população deste maltratado bairro. Armando de Arruda Pereira (01/02/1951 a 07/04/1953), nomeado pelo governador estadual Lucas Nogueira Garcez eleito (31/01/1951 a 31/01/1955) do PSP, era o prefeito da cidade de São Paulo antes do eleito Jânio Quadros, que assumiu em 8 de março de 1953. Independentemente de o prefeito paulistano ser partidário de um governador aliado ao partido do poder central, o PTB, o enunciador *Última Hora* apresentava-se como denunciante da ineficiência das autoridades públicas, mas cauteloso, como já vimos, quando se tratava de Getúlio Vargas. A coluna *Foram Eles!* constitui uma das estratégias do enunciador em mostrar a verdade e os culpados. Este é o contrato de comunicação entre a *Última Hora* e os enunciatários moradores do bairro e leitores do jornal, que aparecem nas imagens em variadas situações e posições corporais ligadas às faltas das autoridades responsáveis e apontadas no jornal. O enunciador utiliza-se, na categoria “finalidade” do contrato comunicativo, do “pathos” (CHARAUDEAU, 2007, p. 69), modalizando um *querer fazer sentir* para, num percurso passional, provocar emoção no enunciatário. Na página 2 (2º caderno), a equipe de reportagem declara:



Visitamos algumas famílias e ficamos penalizados vendo a situação em que vivem. Mosquitos aos milhares pretejam as paredes da casa num suplício indescritível para aquela pobre gente. Com as chuvas as águas sobem e inundam as casas.

Os léxicos “ficamos penalizados”, “num suplício indescritível” e “aquela pobre gente” identificam a intencionalidade da estratégia patêmica, ou do “pathos”. O título *Gente imita sapo na várzea da Barra Funda* refere-se à chamada “Lagoa do Sapo”, que levou este nome por causa da grande proliferação de sapos devido à sujeira dos igapós nas águas, “um excelente ‘habitat’ para batráquios”. O título compara os habitantes do bairro aos sapos pelo elemento comum a ambos: a sujeira e a falta de saneamento em que se encontram os moradores no bairro e os sapos no lago. O apelo à afetividade está ratificado em outros trechos da reportagem em palavras como “natureza morta”, “aqui jaz a varzea da Barra Funda” e a cidade que “se recusa a estender a mão à judiada Barra Funda”. Assim, vejamos:

E como um enorme painel de natureza morta, ali jaz a varzea da Barra Funda: às suas costas, o legendário Tietê a cobrar o progresso pelo qual tanto lutaram os bandeirantes de antanho: à frente, no último plano, a cidade dos edifícios colossais, que se recusa a estender a mão à judiada Barra Funda, que além de “Escola de samba” e mercado de bananas, é também uma escola de trabalho, pátio de manobras da maior ferrovia estadual, berço dos “chapas” e “camelos” que carregam às costas a comida com que São Paulo mata a fome.

A reportagem da página 2 (2º caderno) conclui com a situação “informativa” do *querer fazer saber* (fazer as autoridades tomarem conhecimento) no contrato de comunicação, para mostrar ao enunciatário seu envolvimento atuante em prol de melhorias na qualidade de vida para a massa de moradores/leitores:

De qualquer maneira, é desolador o aspecto que oferece a varzea da Barra Funda, foco de insetos e de doenças, atestado vivo de moléstia ainda mais grave, qual seja a incúria de que padecem as autoridades públicas desta “urbe” que, segundo se proclama, “precisa ser uma cidade limpa”.

**Figura 27**

Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo



A edição da *Tendinha de Reclamações* de terça-feira, 24 de fevereiro de 1953 (Figura 27), traz na manchete principal uma metáfora: *Limão: Bairro azedo com a Prefeitura!* O bairro está azedo (os moradores estão zangados) como a fruta limão, que é azeda. O título no topo da página, *Mulheres pegam na pá e na picareta sob as vistas da Tendinha de Reclamações*, mostra, com as fotos efetuadas pela equipe de *Última Hora* na sua primeira visita a este bairro em crescimento inusitado, o esforço, principalmente das

mulheres, que além de cuidar dos afazeres domésticos, sem preconceitos, pegam pás, picaretas, e suprem trabalhos que seriam função do governo municipal, no aterramento da av. Mandaqui. No centro da página, a legenda da foto com uma multidão em volta da *Tendinha de Reclamações* afirmou que a quantidade de pessoas reclamando aumenta na proporção direta dos problemas sociais e de infraestrutura do bairro:

Quanto pior a situação do bairro, maior a afluência de pessoas na TENDINHA. Essa é a melancólica experiência que nos dá quase uma centena de reportagens dominicais.

Mais uma vez, no contrato de comunicação, a ineficiência do poder público reclamada pela multidão ao enunciador é mostrada na *Tendinha*, denunciando a verdade e pedindo a melhoria da qualidade de vida dos moradores do “Limão azedo”. Esta multidão

é o “público” leitor do jornal (TARDE, 2005, p. 12), a massa no momento da “descarga” (todos se sentiam “iguais” na luta por reivindicações sociais e de infraestrutura) (CANETTI, 1995, p. 16). Quando o enunciador jornal avisava os habitantes do bairro que a *Tendinha* estaria lá em determinado domingo, os moradores preparavam-se para apresentar sua lista de reclamações. Esta congregação de pessoas estimulada pelo enunciador, que fazia parte de seu contrato de comunicação com a população local leitores do jornal, aumentava à medida que esta iniciativa era divulgada. A massa de reclamantes, por sua vez, preparava-se cada vez mais para reivindicar; aparecia, gesticulava, falava com maior desenvoltura. Este acordo de fidedignidade entre o periódico e a comunidade do bairro tinha a característica populista da “negociação” em que os dois lados pretendiam se beneficiar. O jornal comunicava o *querer fazer saber* e o “pathos” direcionado ao poder público, o *querer fazer crer* e o “pathos” para o enunciatário. Na instância da recepção, o enunciador leva em conta os alvos “intelectivo” e “afetivo”, com a predominância do último em seus discursos. Na legenda *O bairro está crescendo sem plano algum, de modo inteiramente anárquico. A prefeitura não oficializa as ruas, que por sua vez vão sendo invadidas pelas construções*, novamente a prefeitura está sendo responsabilizada e o enunciador apela para o alvo receptor intelectual. Igualmente, vários trechos verbais demonstram o alvo afetivo tanto na capa da *Tendinha* quanto na página 2 (2º caderno): “vida intolerável”, “um morador da av. Mandaqui disse-nos com revolta: - Se a sede da Prefeitura fosse mais perto, eu carregava todo esse lixo e ia atirá-lo em sua porta!”, “O gesto destas donas de casa é uma bofetada no rosto da Prefeitura” e as fotografias de mulheres trabalhando com pá e picareta. Nesta edição, o enunciador deixa claro na página 2 (2º caderno) que o principal responsável pelo descaso é a prefeitura: “Gente a clamar com indignação contra o incompreensível desprezo da Prefeitura.”

O padre Vitorino Gandara Mendes, que fez o recenseamento da comunidade local, com a finalidade de planejar a assistência religiosa, descobriu dados interessantes, que foram anunciados na *Tendinha*; o jornal enunciador ratifica a ineficácia das autoridades políticas, mostrando que se o vigário não tomasse a iniciativa de tentar organizar sua comunidade, a população ficaria no abandono. Vejamos o que o religioso apurou:

192 casas fechadas ou vazias, 113 lojas de negócio, 36 famílias largadas, 68 famílias “amigadas”, 463 pessoas só casadas no civil, 309 famílias protestantes, 75 famílias espíritas, 12 famílias budistas, 6 famílias ortodoxas,

1 família pagã, 3 famílias judias, 20.770 católicos. Num total de 4.775 casas visitadas o serviço de estatística da igreja descobriu mais de 20.000 habitantes no Limão.

Não havia telefone público, correio, posto de saúde, condução direta para a cidade e no local a iluminação em diversas casas é de lampião a gás. No contrato comunicativo entre um jornal e seu enunciário, o enunciador deseja priorizar a credibilidade, o *fazer crer*, fundamental para que o leitor adquira fidelidade à sua leitura. Para isso, a *Última Hora* utiliza-se de vários expedientes com valor documental: imagens fotográficas, declarações de moradores, testemunhos da equipe de reportagem.

Na parte superior da página à esquerda, a jovem moradora do local, ao perceber que poderia ser fotografada, quis arrumar suas tranças. A vontade de sair bonita na foto mostra que não se abateu diante das péssimas condições sociais desse bairro infectado. Esta imagem produz um sentido trágico-poético:

O “Espelho” da Lama – A jovem mira-se no espelho da lama ajeitando suas tranças. Eis aí um quadro de poesia em meio ao lixo do Limão...

Outra imagem mostra a longa espaçosa avenida de terra com construções, que, segundo informações de moradores, invadem ruas que não foram oficializadas pela prefeitura:

O bairro está crescendo sem plano algum, de modo inteiramente anárquico. A Prefeitura não oficializa as ruas, que por sua vez vão sendo invadidas pelas construções.

Continuam aguardando a conclusão de uma ponte nova já prometida, a retificação do rio Tietê, o conserto e a iluminação adequada das ruas, o recolhimento do lixo, a instalação de telefones públicos e de uma agência do Correio, a instalação de uma rede de água e esgoto pela RAE, maior número de ônibus para facilitar o transporte dos trabalhadores deste bairro e a implantação, nesta região, de um posto de saúde mais adequado, com médicos permanentes e mais remédios, etc. Como não havia eleições para prefeito, este não tinha motivação para se empenhar em melhorias nos bairros periféricos da cidade. Um prefeito nomeado era como um funcionário burocrático da prefeitura e pouco se interessava em criar projetos para melhorar os bairros pobres. As constatações na visita do jornal *Última Hora* aos bairros periféricos são uma prova de que os prefeitos não tinham fortes razões para se empenharem na melhoria dos bairros periféricos onde era maior o

numero de pessoas. Mas eram justamente os bairros mais populosos onde os políticos populistas buscavam apoio: aqueles mais carentes de justiça social constituíam a melhor e mais numerosa fonte de apoio em termos de votos diante das promessas ou realizações de projetos sociais e de infraestrutura. Desse modo, os principais algozes são novamente a Prefeitura, a RAE, o Departamento de Correios e Telégrafos, a Empresa de Auto Ônibus Vila Santa Maria, o DST (os ônibus circulam em alta velocidade), o Posto de Saúde. Nos temas da *Tendinha*, o contrato de comunicação ainda apresenta a oposição entre os algozes responsáveis pelas faltas à população, que é vitimizada, mas, ao adquirir visibilidade, sente-se prestigiada e mais fortalecida em suas demandas. O enunciador mostra a comunidade como vítima, mas não despolitizada. Existem indícios nas declarações do vigário,

O vigário verberou veementemente o descaso da Prefeitura para com o bairro. Reduziu a situação do bairro a esta frase: “Sujeira, desprezo e recolhimento de impostos.”

comprovando que os moradores sentem que têm o direito a uma vida de melhor qualidade. Recordemos que um morador tinha a intenção de jogar todo o lixo na porta da Prefeitura. Os proprietários de imóveis também estão incluídos nos algozes, pois dificultam as construções de novas vias importantes. Observamos que do lado dos “vilões” relacionados com o poder público, agora estão identificados aqueles das camadas mais altas, que possuem imóveis. Em seu contrato de comunicação, o enunciador jornal está se posicionando, na *Tendinha*, de modo solidário às camadas pobres, em oposição às autoridades de serviços públicos junto com as *elites*. Isto não significa que a *Última Hora* estivesse oposta às camadas sociais mais elevadas, inclusive porque contemplava seções no periódico exclusivas para estas, como o turfe, temas políticos, determinadas crônicas e colunas. Entretanto, na *Tendinha*, o enunciador criava um espaço junto às massas pobres, procurando constituir seus públicos de periferias. Com esta estratégia populista, a *Última Hora*, através desta seção, ao posicionar-se de modo favorável aos trabalhadores explorados e aos excluídos, conseguia destes o aceite do contrato fiduciário.

O Rio Tietê, conforme especificado no título *Tietê, o Inimigo do Povo do Limão* e ilustrado com uma foto de ponte e de um barco com moradores, era um sério problema de locomoção para os moradores deste bairro que dependendo do local a ser atravessado, necessitava do uso de barco a remo, que também era útil nas enchentes. A ponte já

construída e ainda não inaugurada, supostamente por obstáculos impostos por dois moradores proprietários de terrenos na localidade, causava ansiedade e revolta na população local. Esta era uma das reclamações mais sentidas dos moradores do Limão. A declaração do redator que constantemente participava destas reportagens, Mauro Contador, ao pé da foto da *Tendinha de Reclamações* acrescentou sua própria observação: "Quanto pior a situação do bairro, maior a afluência de pessoas na *Tendinha*. Essa é a melancólica experiência que nos dá quase uma centena de reportagens dominicais".

### Figura 28

Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo



A edição da *Tendinha de Reclamações* de terça-feira, 17/03/1953 (Figura 28), mostra a recepção da equipe de jornalistas responsável pelas reportagens efetuadas aos domingos, em que as mais diversas reivindicações da população, especialmente na periferia, são expostas na 2ª. seção do jornal às terças ou quartas-feiras. Neste caso, a situação do bairro da Vila Alpina na época também não era condizente com a qualidade de vida que mereciam os

trabalhadores fabris, que constituíam a maioria da população. Grande parte desses moradores era descendente de eslavos e conservava os hábitos e a religiosidade de seus ascendentes. As crianças loiras, de olhos azuis e pele clara, marcavam suas figuras originárias do norte da Europa. Não por acaso, estas pessoas escolheram para moradia os altos morros da Vila Alpina. As missas dominicais eram celebradas pelo patriarca, segundo a tradição da religião ortodoxa. Mostra o jornal que o rito religioso era ricamente

ornamentado. O título da tomada fotográfica à direita da página *Grandeza Imperial na rua sem esgoto*, constitui um paradoxo em que a ordem imperial não poderia estar situado em uma área pobre, sem rede de esgoto.

Nessa sua visita ao bairro, a reportagem da *Tendinha* foi informada pelos moradores de que naquele mesmo dia, domingo, todos estavam também esperando a visita do governador Garcez, juntamente com os candidatos a prefeito e a vice-prefeito, Francisco Antonio Cardoso e Nobre Filho, que viriam inaugurar uma nova linha de ônibus da C.M.T.C. que atenderia não somente a Vila Alpina, mas também os bairros vizinhos, ligando entre si também a Vila Industrial e a Vila Prudente, facilitando o acesso aos moradores que necessitassem chegar ao Parque D. Pedro I. Esta era a esperança que os moradores de toda aquela região acalentavam. Esperavam também os habitantes da Vila Alpina que os problemas de suas ruas empoeiradas em dias ensolarados e lamacentas em dias chuvosos, sem iluminação nas ruas e nas residências, pudessem algum dia serem resolvidos. Na rua Dr. Jacalini, onde fica a farmácia e reside um médico, não há luz elétrica. Para telefonar, o morador tem que tomar um ônibus e se deslocar até S. Caetano ou Vila Prudente. As ruas do bairro têm calçamento parcial e a lama das áreas restantes cobre os paralelepípedos dos trechos asfaltados, daí a manchete principal *Ilha de calçamento no oceano de lama*. Somente o largo Nossa Senhora do Carmo era totalmente calçado, portanto uma ilha cercada de lama por todos os lados. Existem apenas três galpões escolares e nenhum parque infantil. A opção era recorrer à escola paga das freiras, mas poucos tinha condições financeiras para arcar com as mensalidades escolares.

Os problemas sociais, financeiros e de infraestrutura do bairro são mais uma vez apontados pela *Tendinha* e seus algozes, relacionados na coluna *Foram eles!* No contrato de comunicação entre o enunciador *Última Hora*, através da *Tendinha*, e a multidão ou comunidade do bairro visitado, o jornal posiciona-se ao lado dos moradores e acusa a ineficiência das autoridades, ganhando cada vez mais o apoio dessas populações. A visita programada do governador Garcez para apresentar à população os candidatos Cardoso e Nobre para prefeito e vice reforça a tese de que naquele momento havia preocupação em realmente melhorar os bairros, pelo fato de que o próximo prefeito seria eleito, portanto a necessidade futura seria de votos.

Retomando o contrato de comunicação, segundo Charaudeau (2007), os dados externos (identidade, finalidade, propósito, dispositivo), os dados internos (locução, relação, tematização), bem como os alvos intelectual e afetivo, são encontrados na relação entre o enunciador *Última Hora*, através de sua representação *Tendinha de Reclamações*, e o enunciatário moradores do bairro visitado. O perfil identitário de ambos é conhecido, o jornal procurava os bairros mais populosos e mais carentes, cujos habitantes, que já sabiam o tipo de divulgação realizado pelo periódico na 2ª seção, às terças ou quartas-feiras, organizavam-se para o evento. Dentro da categoria *finalidade*, estão explícitas as situações: 1) *prescritiva* (querer fazer fazer) – quando o jornal anuncia previamente a visita a um determinado bairro, procura convencer seu enunciatário a preparar-se para receber a *Tendinha*; 2) *informativa* (querer fazer saber) – quando anuncia no jornal as faltas e os algozes para que todos tomem conhecimento da realidade; 3) *incitativa* (querer fazer crer) – quando a *Tendinha* apresenta imagens e declarações de moradores que lhe conferem *credibilidade*; daí incita a população a assumir uma posição discursiva mais exigente, a demandar; 4) *pathos* ou *patêmica* (querer fazer sentir) – a *Tendinha* apresenta fatos e situações que atingem o alvo *afetivo*.

Quanto aos dados internos, os três momentos se encontram nos discursos da *Tendinha*, conforme as análises que apresentamos. Na “locução”, o enunciador comunicou suas pretensões, assumiu que precisava denunciar as injustiças sociais, descasos das autoridades, problemas da urbe, etc. Na passagem para a “relação”, a *Tendinha* determinou suas relações de aliança com os explorados e a relação de exclusão para aqueles que nada faziam para ajudar as comunidades. Na “tematização”, o enunciador tomou sua posição, dependendo do caso, como já observamos nas edições analisadas, explicitando melhor os problemas da comunidade e as demandas respectivas.

Na instância da recepção, o enunciador *Tendinha* direcionou suas estratégias discursivas ora para o “alvo intelectual” (mais politizado, de nível educacional superior, como as autoridades públicas, contestador ou conhecedor de seus direitos, como determinados indivíduos moradores do bairro visitado), ora para o “alvo afetivo” (como o caso da dor de dente, o atropelamento da criança, a miséria da população, etc.).

Percebemos que, a exemplo dos líderes populistas, a *Tendinha de Reclamações* também procurava sempre visitar os bairros mais populosos, que, naturalmente, haveriam



de trazer maior retorno em termos de venda de jornal e de fidelidade de seus leitores (um propósito do contrato de comunicação). O enunciador *Tendinha* recorreu à praça pública, para agitar em pequena aglomerações, uma característica do populismo, dando à população a chance de comunicar-se com um veículo de massa para reivindicar melhorias nas suas condições de vida, contra as condições precárias da sua vivência diária, etc. Suas demandas, certamente, através de um meio de comunicação, teriam muito mais repercussão junto às autoridades do que uma reclamação, enfadonhamente demorada, junto a qualquer repartição pública da Prefeitura local. Naturalmente, em contrapartida, a população, ao ver o encaminhamento de suas justas aspirações, por gratidão, seu dever moral lhe ditava que deveria prestigiar e comprar o jornal. Acreditamos que a barganha da democracia populista, por parte do jornal já estava instalada.

A *Tendinha de Reclamações* ficou na capa da 2ª Seção até 20 de outubro de 1953 e passou para a contracapa da mesma seção a partir da semana seguinte. Em 25 de agosto de 1953, teve seu nome mudado para *Tendinha de Última Hora* e acrescentou mais diversidade cromática na espacialidade da página. Em 13 de outubro do mesmo ano, retornou à configuração visual anterior com cromatismo em azul/preto/tons de cinza. Na semana seguinte, 20 de outubro de 1953, voltou a chamar-se *Tendinha de Reclamações*. Em 27 de outubro foi editada na contracapa da 2ª seção e na semana seguinte o nome da seção perdeu destaque, em fontes muito pequenas no topo da página. Nas semanas seguintes, foi publicado outro formato de reportagem de bairro, sem nome específico.

A *Tendinha* foi complementada por diversas colunas e reportagens que lhe deram suporte. Algumas efêmeras, outras mais duradouras. A coluna *Foram eles!*, que denuncia os responsáveis pelos problemas nas comunidades foi publicada até 12.05.1953. Na edição deste mesmo dia, foi criado o *Crediaro da Tendinha*, publicado até 07.07.1953, em que o signatário “povo” do bairro visitado pelo jornal dá ao prefeito Jânio Quadros um “aviso de cobrança” das promessas de campanha não cumpridas. A coluna *Doa em quem doer*, iniciada em 18.08.1953, apresentou uma reportagem sobre um tema específico com depoimentos dos moradores, solicitando solução das autoridades, tendo sobrevivido à *Tendinha* e continuou sendo apresentada na nova reportagem de bairro até 29 de dezembro de 1953. Em algumas edições (24 de fevereiro, 14 de abril, 19 de maio, 28 de julho, 4 e 11 de agosto de 1953) publicou-se uma coluna chamada *Problema do dia* (descontinuada

depois), que tratava de um único tema de ordem geral, como a desorganização das instituições públicas ou a falta de educação de taxistas e motoristas de ônibus que serviam à população.

De 19 de maio a 30 de junho de 1953, a reportagem dicotômica *Fala um grego e Fala um troiano*, apresentava duas opiniões em oposição referindo-se normalmente a questões político-partidárias. A edição da *Tendinha* no Tremembé, em 2 de junho de 1953, publicou um informe sobre o “troiano” Dr. Pedro de Moraes Victor, presidente da Sociedade de Amigos de Tremembé e Zona da Cantareira, que trabalhou pelo candidato Cardoso à prefeitura. Ao lado, no espaço para o “grego”, a equipe da *Última Hora* declarou que não encontrou nenhum morador do Tremembé que apoiasse Jânio, que venceu com dois terços dos votos, explicado pelo fato de que os eleitores simplesmente preferiram votar na oposição para “ver no que dava a coisa”. O *Rosário das Lamentações*, com a chamada na capa da 2ª. seção e as declarações reivindicatórias dos moradores na página interna, acompanhou a *Tendinha* até outubro de 1953. A *Coluna da Cidade*, publicada na 2ª. seção do jornal em outros dias da semana, apareceu na *Tendinha* a partir de novembro de 1952, sem regularidade, contendo um tema específico sobre a cidade paulistana em geral, como estacionamentos para automóveis, literatura, aniversário da cidade ou dificuldade dos pedestres para circular em determinadas regiões. A partir de 19 de maio de 1953, esta matéria foi assinada por Afonso Schmidt até 21 de julho do mesmo ano e publicada com maior frequência. Depois desta data, *A Coluna da Cidade* saiu da *Tendinha*.

Outro momento em que as multidões se manifestaram, desta vez em nível nacional, foi logo após o suicídio de Getúlio Vargas. O grande movimento de massas foi uma resposta da população, principalmente urbano-industrial das grandes cidades, vanguarda contestadora dos trabalhadores naquela época, ao ato de suicídio do presidente eleito democraticamente pelo povo brasileiro. O sentimento de revolta foi noticiado nos principais jornais de modo diferenciado. Seguindo no estudo sobre a maneira como a *Última Hora* deu visibilidade às multidões em suas páginas e o contrato comunicativo estabelecido com o enunciatório, justifica-se uma análise das manifestações populares após o tiro no coração desferido pelo próprio Vargas. No próximo capítulo, veremos como a revolta popular foi apresentada pela *Última Hora*, estabelecendo um paralelo com o jornal *O Estado de S. Paulo* e os periódicos do grupo *Folhas*.

## CAPÍTULO 4 – DA *TENDINHA* AO SUICÍDIO

O retorno de Getúlio Vargas através do sufrágio em 1951 representou uma derrota especialmente da União Democrática Nacional (UDN), dos interesses das empresas estrangeiras, das elites e Forças Armadas direitistas:

A volta de Vargas ao poder assinala uma interrupção e um retrocesso no desenvolvimento da reação conservadora, onde se aliavam a tradição liberal de uma ala udenista e a tendência pan-americanista, se não os interesses confessáveis e inconfessáveis das multinacionais (SILVA, H., 2004 B, p. 27).

O desígnio do ministério do Trabalho para o PTB, no segundo governo Vargas, demonstra a importância que o presidente dava a esta pasta para desenvolver a industrialização com o apoio “da classe operária urbana, enquanto força política decisiva (FAUSTO, 2007, p. 299). Apesar de conceder alguns ministérios aos partidos oposicionistas, suas posições políticas contrárias aos interesses econômicos das facções dominantes favoráveis aos interesses estrangeiros e ao imperialismo norte-americano desencadearam, desde o início de seu mandato, uma série de tentativas para sua deposição, especialmente por parte da União Democrática Nacional (UDN), através da mídia impressa:

A UDN, sua tradicional inimiga, tentou, logo de início, impedir a posse de Getúlio, reclamando ao Superior Tribunal Eleitoral, instigando o Exército a intervir, e lançando uma campanha pela imprensa (na qual se destacavam os Mesquitas, diretores do jornal *O Estado de S. Paulo* e o agora famoso jornalista Carlos Frederico Werneck de Lacerda) na qual acusava de premeditar uma retração à política ditatorial do Estado Novo. Mas os principais líderes militares, que se constituíam afinal nos principais responsáveis pela manutenção da legalidade (...) reagiram a essas insinuações de forma insofismável: os Generais Góes Monteiro, Zenóbio da Costa, Estillac Leal e até mesmo Dutra mantiveram-se na posição de garantir a posse do Presidente eleito (FAUSTO, 2007, p. 299).

No Clube Militar havia a ala nacionalista à “esquerda”, representada pelos generais Estillac Leal e Horta Barbosa, e a ala de “ideologia ‘anticomunista’, americanófila e entreguista” (FAUSTO, 2007, p. 300) representada pelo general Cordeiro de Farias. Os primeiros defendiam a posição de preservação das riquezas nacionais com desenvolvimento independente e antiimperialista, também apoiada pelos

partidos de esquerda e pelos trabalhistas, enquanto os últimos queriam o desenvolvimento com dependência do capital estrangeiro, mesmo nos setores básicos como o petróleo, que era também a bandeira de udenistas, oposicionistas e de classes dominantes como banqueiros e industriais.

Vargas, atrelado a suas promessas de campanha, manteve sua política nacional desenvolvimentista e de aproximação com as massas operárias, a base de sua política populista. Os problemas com o custo de vida no início de 1953, que desencadeou várias greves, como a dos 300 mil, já vista no capítulo 2, estava afastando o apoio dos trabalhadores ao governo getuliano. O presidente decidiu tomar algumas medidas para reverter o quadro. Em junho de 1953, reformou o Ministério: João Goulart assumiu a pasta do Trabalho e Osvaldo Aranha a da Fazenda. A escolha de Jango, com grande prestígio nas áreas sindicais, constituía um “temor” para as elites e militares direitistas, especialmente os que pertenciam à “Cruzada Democrática” (FAUSTO, 2007, p. 304):

A UDN, através de seu principal prosélito, Carlos Lacerda (um dos fundadores do jornal carioca *Tribuna da Imprensa*), dos Mesquitas de *O Estado de S. Paulo*, da cadeia dos *Diários Associados*, pertencente a Assis Chateaubriand, não perdeu a oportunidade para criticar acerbamente a nomeação de Jango, responsabilizando-o inclusive pela quantidade de greves ocorridas no segundo semestre de 1953 (FAUSTO, 2007, p. 304).

Aos ataques udenistas, o presidente respondeu criticando os “poderosos” (FONSECA, 1999, p. 448). A notícia nos jornais, no início de 1954, confirmada publicamente em 22 de fevereiro de 1954 (no mesmo dia em que o ministro foi destituído) pelo próprio Jango sobre a pretensão de aumentar o salário mínimo em 100%, caiu como uma bomba nos setores de oposição ao governo, empresários e nas classes conservadoras. Os militares, insatisfeitos com seus soldos e com falta de novos equipamentos, publicaram o *Manifesto dos Coronéis* em fevereiro do mesmo ano, dispendo que esse aumento empobreceria a classe média, além de causar a equivalência salarial entre um operário sem qualificação e um profissional com nível universitário (FONSECA, 1999, p. 449).

O historiador José Augusto Ribeiro (2001 B, p. 276), reproduzindo um trecho da declaração de Tancredo Neves, entrevistado por Moniz Bandeira, relata que a “*Tribuna da Imprensa*, de Carlos Lacerda, orquestrava o coro, possivelmente financiada pela CIA, acusando-o [a Jango] de pretender, com Vargas, implantar no Brasil uma República Sindicalista, ao estilo de Perón”. Estas “supostas articulações de Goulart, em

nome de Vargas”, foram anunciadas, em junho de 1953, pelo jornal *O Estado de S. Paulo* (FONSECA, 1999, p. 446). Para abrandar os conflitos com os oposicionistas, Goulart foi substituído em 22 de fevereiro de 1954 por Hugo de Faria. Entretanto, durante o discurso nas comemorações do 1º de Maio daquele ano, o próprio Vargas, após elogiar o desempenho de Goulart no Ministério do Trabalho, anunciou a elevação do salário mínimo em 100%, entre outras medidas que beneficiavam os trabalhadores (FONSECA, 1999, p. 451). A nova legislação visava recuperar a boa relação entre o presidente e as massas trabalhadoras prejudicada após a greve dos 300 mil em São Paulo:

Aquilo seria a gota d’água para os oposicionistas de todos os matizes: udenistas, militares, industriais, banqueiros. Ativaram-se as conspirações nos quartéis. Lacerda, das páginas da *Tribuna da Imprensa*, invectivava Vargas. Os empresários tentaram lutar contra o novo salário mínimo nos tribunais, sendo derrotados. As acusações de corrupção dos auxiliares de Getúlio sucediam-se através da imprensa (FAUSTO, 2007, p. 307).

Segundo Nelson Werneck Sodré (1999, p. 405), o processo que culminou no suicídio de Vargas, no dia 24 de agosto de 1954, foi planejado e desenvolvido em três etapas: 1) a campanha publicitária contra a ala nacionalista das Forças Armadas, do Clube Militar e da sua Revista, em 1951 e 1952; 2) o processo da Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) contra o jornal *Última Hora*, em 1953; e os ataques contra o governo Vargas até agosto de 1954. Sodré afirma que, por trás das estratégias para “liquidar” a política nacionalista varguista, estavam as empresas estrangeiras que, através das agências publicitárias, pressionaram a grande imprensa para promover uma campanha desmoralizante do jornal oficioso que o apoiava:

Apesar da política de conciliações e das concessões feitas ao imperialismo por Vargas – particularmente sua omissão quando da liquidação policial do grupo nacionalista militar – tornava-se urgente debilitá-lo para que cedesse tudo ou, em último caso, fosse destituído do governo. A campanha de 1951 a 1952 visara o grupo militar; tratava-se agora de liquidar a imprensa que o apoiara, representada quase que tão somente pelo vespertino oficioso *Última Hora*. Toda a imprensa concentrou-se, então, em demonstrar o óbvio: que esse jornal só se tornara possível pela concessão de grandes empréstimos nos estabelecimentos oficiais de crédito. Foi a “operação” que ocupou a grande imprensa em 1953 e que se arrastaria por alguns meses: era necessário pôr a descoberto os empréstimos levantados pelo vespertino oficioso, esquecendo aqueles levantados, nas mesmas condições, ou piores, pelos outros jornais (SODRÉ, 1999, p. 401).

Portanto, os interesses dos setores estrangeiros através das agências de publicidade, segundo Sodré (1999, p. 403) teriam sido responsáveis pelo poder de influência que exerceram sobre a mídia impressa brasileira durante o segundo governo getulista. Em 1954, um estudo que valorizava o rentável negócio da propaganda apresentou o crescimento das inserções publicitárias de 750 milhões, em 1947, para 3.500 milhões em 1953 (SODRÉ, 1999, p. 405). A grande maioria das empresas que investiam em publicidade nos jornais e revistas era estrangeira,

como estrangeiras eram as agências de publicidade que canalizavam para jornais, revistas, emissoras de rádio e de televisão essas enormes quantias, e que essa canalização obedecia a uma política e, pelo seu vulto e origem, como pelos processos, era, praticamente, o sistema de financiamento de jornais, revistas, emissoras de rádio e de televisão, porque as mantinha e lhes permitia realizar lucros, logo, as condicionava. Aos jornais, em 1953, foram destinados, pelas agências estrangeiras, cerca de 1200 milhões; às emissoras de rádio, cerca de 870 milhões; às revistas, cerca de 480 milhões de cruzeiros (SODRÉ, 1999, p. 405).

O contexto político-social aqui exposto foi necessário para compor o momento em que desencadearam as reações populares após o suicídio de Vargas e apresentar o regime de visibilidade destas aglomerações nos periódicos *Última Hora* (sucursal de São Paulo), *Folha da Manhã*, *Folha da Tarde*, *Folha da Noite* e *O Estado de S. Paulo*. A seguir, estudaremos algumas páginas dos jornais citados, a partir de 24 de agosto de 1954, a fim de estabelecer uma comparação de figuras e temas das multidões apresentadas na mídia impressa, bem como o funcionamento do contrato de comunicação nesses veículos. Seleccionamos para análise nesta tese três modalidades de aglomerações com objetivos coletivos: antes e durante a greve dos 300 mil em São Paulo (Capítulo 2), as edições da *Tendinha de Reclamações* (Capítulo 3) e as multidões reunidas logo após o suicídio de Getúlio Vargas. Estes constituem momentos em que a *Última Hora* deu visibilidade às multidões e as incorporou como atores em seu contrato de comunicação. Nos dois capítulos anteriores, o estudo ficou mais circunscrito a nosso corpus, *Última Hora* de São Paulo, especialmente no caso da *Tendinha*, uma seção criada por este veículo. Para que nossas análises tenham validade, é fundamental uma comparação mais detalhada com os outros periódicos da época nos dias do pós-suicídio, que apresentaram manifestações populares anunciadas na mídia impressa em graus e modos diferenciados. As páginas das edições referentes aos dias que se seguiram ao suicídio de Getúlio Vargas foram selecionadas em função do grau de espetacularidade

visual e temática com que foram apresentadas as multidões de brasileiros emocionados com a tragédia.

**Figura 29**

Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo



A capa da *Última Hora* de terça-feira, 24/08/1954 (Figura 29), 2ª edição (duas estrelas), com a tiragem de 77.120 exemplares, traz, em destaque, a última mensagem de Vargas, sua Carta-testamento dirigida aos brasileiros, circunscrita em tarja cinza em um *box* centralizado, ocupando uma grande área da página, contendo a foto do rosto em meio-perfil e sua assinatura embaixo. A grande manchete em cromatismo azul interpreta parte de sua carta: *Dou a vida e o sangue*

*pela libertação do Brasil*. Ao pé da página à direita, ao lado do título em azul, *O povo chora a morte do seu grande líder*, uma foto mostra, em aproximação, populares chorando por sua morte, acompanhada da legenda:

AS PRIMEIRAS notícias sobre a morte do presidente da República provocaram no povo a maior e mais dramática emoção. Logo afixado às 8,45 hs. em nossa porta a notícia do suicídio de Getúlio Vargas, populares se quedaram estarelecidos enquanto chefes e mães de família não podiam conter as suas lágrimas. O povo perde o seu líder, mas o líder morreu pelo seu povo.

Sob a foto, envolvido numa tarja azul retangular, com o título bem dimensionado em preto, possivelmente remetendo a luto, foi publicado o último bilhete do presidente: “À sanha dos meus inimigos deixo o legado de minha morte. Levo o pesar de não ter podido fazer pelos humildes tudo aquilo que eu desejava.”

A maneira como foi publicada a Carta-testamento, o último bilhete e, na legenda, os léxicos “a maior e mais dramática emoção”, “populares se quedaram estarecidos”, “não podiam conter suas lágrimas” e “o líder morreu pelo seu povo” produzem efeitos de sentido de extrema patemização no enunciatório-leitor.

**Figura 30**

Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo



A composição visual da contracapa do mesmo dia, terça-feira, 24/08/1954 (Figura 30) inclui uma grande aglomeração popular, “no clichê abaixo ao lado dos trabalhadores”. Toda a mancha em preto indiciando o luto, destaca ao pé da página, em fontes grandes, na cor azul, a repetição do último bilhete de Vargas. Uma grande foto estilizada do busto do presidente, usando óculos, sério, em posição ativa, foi complementada com traços de desenho: um lenço envolvendo o pescoço que remete ao gaúcho, e linhas retas partindo dos ombros em

perspectiva, abrindo-se para o céu, apontando para um endeusamento do líder. Junto à foto, a tomada de uma enorme massa de populares participando de um dos comícios de Getúlio Vargas que está à direita, sorridente. Com os formantes eidéticos e cromáticos, tipologia bem dimensionada em negrito bastão, remetendo a sobriedade, e na cor preta, apontando para o luto, confirmando a relevância do tema, a grande manchete no topo, *De luto a nação*, está em relação temática com a mensagem contida no último bilhete do presidente, repetido nesta contracapa, reiterando o efeito emocional no enunciatório “alvo afetivo”. A legenda abaixo da ilustração é uma apologia ao líder:



Desaparece, hoje, da vida brasileira a figura de Getúlio Vargas. Líder incansável de seu povo durante mais de vinte anos, tendo chegado ao poder através de uma revolução popular, dominou o cenário político do Brasil pelas suas raras qualidades de homem público e de estadista renovador. Sua ação foi projetada no futuro e a História lhe será reconhecida. Dominado pelo desejo de construir uma grande Nação, inspirado pelo sentimento de justiça social, nem sempre foi compreendido pelos seus contemporâneos. Combatido quanto os que mais o foram neste País, Vargas imola sua vida agora à sanha e ao ódio de seus adversários. Diante do grande morto inclina-se a Pátria e a ele rendamos o preito de nossa homenagem e de nossa gratidão.

Quanto aos dados internos do contrato de comunicação entre o enunciador *Última Hora* e o enunciatário-leitor brasileiro, no discurso verbal acima, os léxicos “líder incansável”, “raras qualidades de homem público”, “estadista renovador”, “desejo de construir uma grande nação”, “sentimento de justiça social”, “diante do grande morto inclina-se a Pátria” e “a ele rendamos o preito de nossa homenagem e de nossa gratidão”, mostram uma seleção de elementos textuais, em que no nível da “locução” o enunciador comunica as qualidades do líder, presumindo que conhece seu enunciatário; no nível da “relação” o enunciador determina uma “aliança” com as massas e, no nível da “tematização”, relata o tema do contrato, posicionando-se na defesa da política social varguista e em suas boas intenções para com os brasileiros. A multidão mostrada na fotografia que acompanha o discurso do ex-presidente é uma massa aberta, eufórica, em momento de descarga (com os mesmos propósitos) e atuante. A própria figurativização dessa massa atua como uma materialização do tema da perda de um grande líder. Esta fotomontagem, com recorte da figura de Vargas como se estivesse discursando para a imensa multidão, produz um efeito de poder sobre a população. Percebe-se que se trata de uma colagem fotográfica pelo recorte do contorno alongado do presidente. Na realidade, essa multidão poderia estar escutando Vargas ou qualquer outra pessoa. Esta composição do enunciador jornal indicia o *fazer-criar* da força e prestígio do presidente morto ao enunciatário. No dia 24 de agosto, em função das manifestações populares, que tentavam impedir a circulação dos jornais opositores, o jornal *Última Hora* ficou praticamente com o monopólio informativo da mídia impressa:

Mas foi impossível impedir que a massa fiel a Vargas extravasasse seu ódio aos que haviam provocado a morte do líder. Naquele 24 de agosto, multidões exasperadas atacaram praticamente todos os grandes jornais, bloqueando sua saída às ruas. O único a circular foi a *Última Hora*, que vendeu quase 800.000 exemplares. A oficina não parou de trabalhar, foram vinte horas rodando edições sucessivas. O povo nem sequer esperava que os exemplares chegassem às bancas – arrancava-os dos caminhões distribuidores, ávido por notícias sobre a tragédia (WAINER, 1998, p. 205).

Outro autor, Dulles (1992, p. 190), que escreveu a biografia de Carlos Lacerda, confirma o fato de que o jornal *Última Hora* foi um dos poucos que conseguiu circular no dia do suicídio de Vargas:

Mauricinho Lacerda, Hermano Alves, Amaral Neto, Nilson Viana, Valter Cunto e outros da Tribuna assinaram cópias da edição histórica anunciando o suicídio de Vargas, mas a circulação, como a de outros jornais cariocas da oposição, foi limitada pelos manifestantes, deixando a *Última Hora* praticamente com o monopólio (DULLES, 1992, p. 190).

### Figura 31

Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo



A capa da *Última Hora* de quarta-feira, 25/08/1954 (Figura 31), primeira edição (uma estrela), com a manchete patemizante no topo, em tipologia grande, negrito e preta, *Chora o povo a morte de seu presidente*, apresenta grandes fotografias de manifestações e protestos populares distribuídas por toda a mancha. No centro, o texto verbal sob o título *UM HOMEM*, constitui uma apologia à sua vida política, seus objetivos obtidos e os frustrados, como relata o texto: “(...) grande líder popular do povo brasileiro,

ganha neste momento outro sentido, com o fato de haver ele tombado vítima daqueles inimigos que não lhe perdoaram jamais seu amor pelo povo e a confiança desse mesmo povo em sua pessoa.” O sacrifício de Vargas é comparado a famosos mártires da história do Brasil e transformado pelo enunciador em símbolo de lutador justiceiro em prol do povo brasileiro: “ (...) Mas sua morte, autenticando a pureza de seus ideais nacionalistas e populares, vem colocá-lo naqueles lugares especiais que a História reserva para os grandes idealistas que reafirmam com a própria vida o sentido de sua ação, lugares onde já se encontram Tiradentes, Frei Caneca e Felipe dos Santos.” Neste

mesmo discurso, o enunciador jornal, ratificando sua aliança com o enunciatório-leitor, apresenta os que se opunham ao governo varguista como “inimigos do Brasil”, “traidores”, “agitadores”, “demagogos” e “opressores dos humildes”:

Seu sacrifício ratifica toda a sua vida de combate pelas causas do bem-estar e da emancipação dos brasileiros e demonstra, ao mesmo tempo, que suas promessas nada tinham da hipocrisia comum às promessas eleitorais dos que se lembram do povo apenas nos momentos em que ele significa votos. Sua carta – que é um dos testamentos mais comovente já deixados por um homem público, e que desde já figura com destaque entre as grandes cartas que são patrimônio da humanidade – vem mostrar ao povo brasileiro que seu líder indiscutível jamais se esqueceu de seus interesses e que se não pode realizar o que havia planejado é que os inimigos do Brasil não lhe deixaram fazer o que pretendia, desencadearam sobre sua pessoa a sanha alugada de agitadores e demagogos desclassificados, sempre prontos a servir a seus propósitos de traição nacional e opressão dos humildes.

A configuração visual do enunciador também enfatiza a comoção popular, contribuindo com a aliança no contrato com o enunciatório. As duas fotos acima mostram multidões de populares próximas ao Catete, manifestando “seu pesar pelo desaparecimento trágico daquele que criou no Brasil a legislação social, o salário mínimo, o salário-família e todas as garantia sociais”. Estas multidões atuantes, como conjunto de singularidades, eram apresentadas pelo enunciador como as vítimas injustiçadas pelos inimigos do presidente morto. Os que se revoltaram a propósito do desfecho dos embates políticos que culminaram no suicídio do presidente invadiram sedes de jornais e uma estação radiofônica da oposição, investiram contra empresas norte-americanas, inclusive do ramo do petróleo, contra a Agência de Informações dos Estados Unidos e a embaixada norte-americana:

Em Porto Alegre, quatro pessoas foram mortas durante a depredação das instalações de dois jornais da oposição e do estúdio de uma estação de rádio, também da oposição, e durante as investidas ao consulado americano e às sedes locais do Partido Libertador e da companhia Coca-Cola. A polícia paulista impediu que uma massa humana, estimada em 20 mil pessoas depredasse o prédio dos *Diários Associados*. Motins em Belo Horizonte danificaram as instalações da Agência de Informações dos Estados Unidos. No Rio, Afonso Arinos conseguiu que a Polícia Militar protegesse seu lar após receber mensagens de que seria invadido. No centro da cidade, a polícia feriu três pessoas quando atirava no povo que tentava atacar os prédios da embaixada dos Estados Unidos e da Standard Oil. Na Cinelândia, onde se localizava a sede do PTB, uma grande multidão ouviu a leitura da Carta Testamento. Em seguida, após gritar “Vivas” a Vargas e xingar seus inimigos, exclamaram “Abaixo a Aeronáutica”, “Abaixo os Americanos” e “Morram” Lacerda, Eduardo Gomes e Roberto Marinho, de *O Globo*. Incendiaram duas camionetes da Rádio Globo e decidiram avançar contra as sedes da Rádio Globo e da *Tribuna da Imprensa* (DULLES, 1992, p. 190).

À esquerda, duas tomadas mostram a fachada do jornal *Tribuna da Imprensa*, de propriedade de Carlos Lacerda, que fez intensa campanha contra a *Última Hora* e o Presidente Vargas: na primeira, populares invadiram a sacada da sede do jornal e, na segunda, estão hasteando uma bandeira em sinal de luto nacional. Segundo Dulles (1992, p. 190), até componentes da Polícia Especial se aliaram aos populares:

Membros da Polícia Especial não ajudaram em nada. Uniram-se ao povo e exigiram que a Tribuna abrisse a porta principal e hasteasse a bandeira nacional. Como a porta resistia fechada, eles entraram num prédio ao lado e, de suas janelas, apontaram metralhadoras para dentro das janelas da redação da Tribuna. Alguns passaram por uma varanda para entrar no jornal e hastear a bandeira (DULLES, 1992, p. 190).

As três fotos à direita mostram manifestações da massa popular. Uma delas, envolvida em tarja azul, com o título *Símbolo da Dor*, traz a legenda:

ESTA SENHORA separada do Catete pelo cordão de isolamento não esconde sua dor. Seu ríctus fisionômico é de quem perdeu um ente muito querido. A espontaneidade do gesto simboliza bem o sentimento da mulher trabalhadora pela morte de Vargas.

Os textos verbais “não esconde sua dor”, “perdeu um ente muito querido” e “sentimento da mulher trabalhadora” apresentam o enunciador solidarizando-se com seu enunciatário e direcionando seu discurso para um leitor “afetivo”. A imagem ao pé da página, à direita, em que populares estão destruindo propaganda política de candidatos que “fizeram a mais forte campanha contra Vargas”, constitui mais uma evidência de que as manifestações das massas tinham fundamento ideológico, como informa a legenda:

POPULARES MANIFESTAM sua dor e pesar pela perda do seu Presidente inutilizando cartazes de propaganda eleitoral daqueles que fizeram a mais forte campanha contra Vargas. A dolorosa surpresa se manifestava de forma violenta.

**Figura 32**

Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo



Na contra-capa da mesma edição (Figura 32), a mancha toda coberta de fotos mostra o sofrimento das pessoas. Ao pé da página, homens em expressão de dor que, por suas vestes, parecem ser da classe média. Merece destaque a imagem ao pé da página em que populares estão destruindo faixas de propaganda política pertencentes à União Democrática Nacional (UDN), partido ao qual Carlos Lacerda, o grande inimigo de Vargas, pertencia. Estas multidões inseridas na página do enunciador *Última*

*Hora* são agentes sociais atuantes, manifestantes, massas abertas e de inversão, que se revoltaram contra determinados “dominadores”. O enunciador, em seu contrato de comunicação, segue em solidariedade com as massas patemizadas, apresentando os fatos em textos visuais e verbais. Sob o título em azul, *As ruas pequenas para tanto sofrimento*, mais um texto verbal prestigia o presidente em vida, chamando a atenção para a comoção do enunciatário:

EM NENHUMA FASE de nossa história política um homem público gozou de tanto prestígio, de tanta simpatia popular como Vargas. As últimas eleições presidenciais disso foram prova, como prova haviam sido as anteriores, quando mais de um Estado desta Pátria imensa levou-o ao Senado. É natural portanto que todos aqueles que foram beneficiados pela legislação social e que aplaudiram as medidas de caráter nacionalista de público evidenciassem seu sofrimento e sua dor.

**Figura 33**

Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo



Continuando a recorrer ao “alvo afetivo”, na segunda edição da mesma quarta-feira, a *Última Hora* (Figura 33), com a tiragem de 125.300 exemplares, apresenta na capa uma grande foto, topologicamente bem colocada ao olhar do enunciatório (com o corpo do presidente dentro do esquife e populares prestando suas homenagens), acompanhada da manchete principal *Todo o Brasil chora a morte do presidente*: neste discurso, o enunciador apresenta as palavras com efeito patriótico, “Brasil chora”, substituindo “todo

o povo brasileiro chora”. Na metade inferior, três imagens apresentam a população enfileirada para dar seu último adeus. À esquerda, foi publicada uma longa coluna com o título em letras na cor preta sobre fundo vermelho, remetendo a sangue, contendo um comunicado comovente para seu enunciatório-leitor. Destacamos alguns trechos:

Getúlio Vargas extinguiu, ontem, a sua vida limpa e útil, a vida que devotara aos humildes, aos que têm fome e sede de justiça social. Extinguiu-a para servi-los, oferecendo-se em holocausto às iras e apetites dos servos do capitalismo internacional. (...) As lágrimas de cinquenta milhões de brasileiros acariciam de gratidão e de respeito o seu esquife. Mas, esse é o eterno. (...) Nacionalista intransigente, os rumos da sua política econômica o constringem a se indispor com os que visam sugar o nosso petróleo, as nossas fontes de energia elétrica.(...) Que as sombras definitivas lhes sejam meigas e suaves, ouvindo as preces que latejam nos corações brasileiros. (...) Repousa em paz, Getúlio Vargas!

No topo desta página, observamos o anúncio de uma ação política determinada pelos sindicatos: *Mobilização operária contra o entreguismo*. Como já comentamos, o

“entreguismo” ao qual se refere o título trata da economia capitalista brasileira dependente da economia norte-americana, que contrariava os interesses do capital nacional defendido por Vargas.

**Figura 34**

Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo



Na contracapa da segunda edição de quarta-feira, 25/08/1954 (Figura 34), vemos imagens de populares paulistas marchando em luto pela praça da Sé, pela Assembleia Legislativa, Avenida São João, carregando faixas. Uma enorme foto, ocupando toda a metade superior da página, hiperboliza a comoção em São Paulo. São multidões de singularidades, pacíficas, em respeito ao presidente morto. As imagens e o texto verbal encabeçado pelos títulos *Vargas vive no coração do povo*, *São Paulo inteiro cobriu-se de luto*, *Os soluços*

*da multidão*, “*Silêncio – Morreu um grande brasileiro*”, formam um conjunto em que o enunciador novamente alia-se ao pesar das multidões e comunica-se com um enunciatário caracterizado predominantemente como alvo afetivo. À esquerda, abaixo, um título em azul, com a intencionalidade de chamar a atenção, aponta para a grande circulação do dia anterior: *248.350 Exemplares de Última Hora vendidos ontem*. A nota explica que 248.350 foi a tiragem em São Paulo e, no Rio de Janeiro, aproximadamente 450.000 exemplares. Conforme já comentamos, Wainer (1998, p. 205) informou que naquele dia 24 a tiragem chegou a quase 800.000 exemplares em edições sucessivas. Era comum, quando o jornal vendia muito, devido a fatos de relevância, rodar novas edições no mesmo dia, que poderiam conter maior número de estrelas ou aparecerem como “edição extra”.

**Figura 35**

Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo



Na capa da edição de quinta-feira, 26/08/1954 (Figura 35), segunda edição, com a tiragem de 100.000 exemplares, o enunciador *Última Hora* continua sua estratégia de hiperbolização da tragédia em sua configuração visual, apresentando, na metade superior da página, uma grande massa popular manifestando-se na despedida do esquife entrando no avião. No topo, em preto, remetendo a luto, o título *Vargas aponta à nação o rumo do seu destino – Luta contra a*

*espoliação da pátria e do povo*, e impresso em letras vermelhas, indiciando sangue, impresso sobre a grande imagem, *Esse povo de quem fui escravo não mais será escravo de ninguém* (trecho da Carta-testamento) integram um contrato comunicativo em que o enunciador jornal confirma sua solidariedade ao povo. Abaixo, foi apresentada a foto de um rapaz morto a tiros pela polícia, ação, naturalmente, duramente criticada pelo jornal:

Morreu quando voltava o povo da despedida ao seu Presidente, tiroteado por violência excessiva contra a massa desarmada que por mais exaltada que estivesse, por mais imprecações que proferisse não justificava um ato de guerra, que é como se compreende o gesto de disparar as armas por parte da tropa regular, em serviço normal. Ninguém pode concordar com a violência e muito menos aqueles que apresentam como justificativa de seu procedimento público a condenação a um ato de criminoso violência, como criminoso foi esta de que a objetiva focaliza o fatal efeito. Não é a qualidade da vítima que absolve ou condena o agressor e seus mandantes.



**Figura 36**

Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo

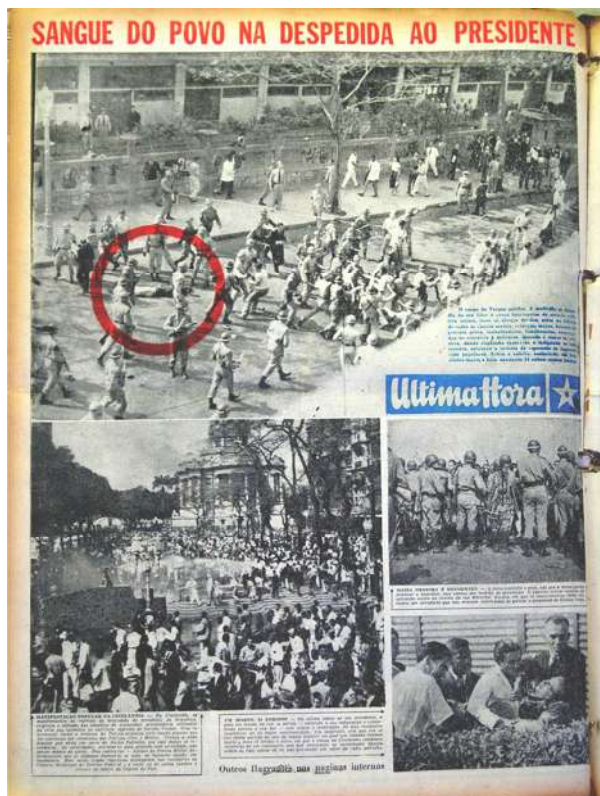


A página interna do mesmo dia, 26 de agosto de 1954 (Figura 36), também está coberta de fotos com grandes multidões de populares em choro, prestando homenagens. Toda a metade superior está ocupada pela imagem da população acompanhando o esquife do presidente, encabeçada pelo título *Último encontro do povo com o grande presidente*. O enunciador *Última Hora*, em seu contrato de comunicação com seu enunciatário, prestigia as multidões de brasileiros, que nas fotos estão mostradas como pacíficas, mas atuantes ao demonstrar

na esfera pública sua comoção pela morte de Vargas.

**Figura 37**

Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo



A contracapa de outra edição do mesmo dia (Figura 37 [26/08/1954]), com o título em tipografia vermelha, remetendo a sangue, *Sangue do povo na despedida ao presidente*, apresenta uma imagem que cobre toda a metade superior, em que um morto caído está destacado com um círculo vermelho. Aqui o cromatismo também conota a violência sangrenta. Na legenda, o enunciador define o tipo de indivíduos que compõe a multidão, um conjunto de singularidades (homens, mulheres,

crianças, de “todas as classes sociais”) e os apresenta atuantes (“indignados”) ao praguejarem (“imprecações”), provavelmente contra os opositores a Vargas, porém vitimados pela repressão policial:

O corpo de Vargas partiu. A multidão se despedia do seu líder e cenas lancinantes de emoção coletiva uniam, num só abraço de dor, mãos de família de todas as classes sociais, crianças, moças, homens de gravata preta, trabalhadores, funcionários, empregados no comércio e militares. Quando a massa se retirava, dando expansão comovida e indignada ao luto recente, estourou o tiroteio de repressão às imprecações populares. Sobre o asfalto, (...) um brasileiro morto a bala enquanto 34 outros estavam feridos.

Outras três imagens cobrem o restante da página com o mesmo tema. Todas as notícias se referem a manifestações na região da Cinelândia, no Distrito Federal da época. O saldo da violência foi de um morto e 34 feridos. Na legenda ao pé da página, à esquerda, os populares “exigiram a retirada das tabuletas de conhecidos provocadores utilizados na crise que culminou no sacrifício supremo de Getúlio Vargas”. O enunciador justifica o motivo da queima de um carro da polícia provocada por populares: “Uma intervenção inábil e violenta da Polícia provocou forte reação popular que foi reprimida por elementos das Polícias Civil e Militar. Tornou a onda popular que virou um carro da Rádio Patrulha, que logo depois se incendiara”. Na legenda da foto ao lado, o enunciador informa que a massa “se portou – contendo a sua indignação e expandindo apenas a sua dor – com ordem e moderação”, condenando dois atos de violência por parte da polícia “sem que um só tiro tenha partido do seio da massa popular”. A legenda de outra foto à direita define a multidão como “massa ordeira e desarmada”.

### Figura 38

Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo



Outra página interna do mesmo dia (Figura 38 [26/08/1954]) inicia-se com o título *Violência contra o povo na despedida ao grande líder*, em que o enunciador posiciona-se na defesa do enunciatário massa de brasileiros:

BOMBAS de gases lacrimogêneos foram utilizadas contra o povo que foi ao aeroporto dar o seu derradeiro adeus ao Presidente. Trabalhadores, homens e mulheres do povo – o mesmo povo que levou Vargas ao Poder – foram violentamente dispersados.

No texto verbal acima, o enunciador *Última Hora* recorda ao enunciatário que Vargas foi eleito por uma expressiva maioria de votantes brasileiros e que o movimento golpista (SODRÉ, 1999, p. 405) pretendeu derrubar um presidente eleito democraticamente. Por toda a página, são apresentadas outras imagens sobre os mesmos temas: violência policial, protestos populares e comoção: as mulheres que desmaiaram “emocionadas com o espetáculo comovente do povo em prantos”; os militares que atiraram “contra o povo” e mancharam “com sangue o adeus que a multidão foi dar ao seu grande líder”; e “o sofrimento do povo foi de dor e de revolta”, sob o título *Dor e vibração para a resistência*, em que o enunciador lembra que as multidões atuantes, organizadas, podem oferecer resistência contra as injustiças sociais, um antipoder (NEGRI, 2003, p. 132).

**Figura 39**

Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo



A capa da *Última Hora* de sexta-feira, 27/08/1954 (Figura 39), com a tiragem de 115.000 exemplares, continua a relevar o tema do suicídio do presidente Vargas. O título em vermelho, no topo da página, circunscrito por uma tarja da mesma cor, *O tiro que deste no coração é sinal do movimento de libertação da Pátria*, está em conjunção temática com a manchete principal na tipologia preta mais dimensionada, *Juramos continuar tua luta*, ambas as mensagens atribuídas

ao Ministro da Fazenda na época, Osvaldo Aranha. Seguindo com a patemização espetacularizada na configuração sincrética visual-verbal, ao lado do depoimento em destaque, observamos uma foto recortada do ministro, à direita, abaixando-se, como se estivesse falando com o presidente morto, confirmado pela legenda à sua direita, em letras pretas sobre fundo azul: “No túmulo de Vargas: Getúlio! Aqui estamos para empunhar a espada que você legou ao povo de nossa terra!”. Em outro título, o enunciador jornal destaca que o aumento de salário do funcionalismo será “torpedeado”. Em outras palavras, está implícito que, na falta de Getúlio no poder, iniciaram-se os movimentos para retroceder nas medidas em benefício dos trabalhadores.

Uma grande fotografia, ocupando quase metade da página, apresenta, em primeiro plano, o esquife de Getúlio Vargas acompanhado por sua esposa Darcy, sua filha Alzira, familiares e amigos. A legenda correspondente tem o título *Último Adeus*. A multidão desta imagem está composta principalmente de parentes e amigos do presidente morto, pacífica, comovida, pertencente às classes sociais mais elevadas.

Abaixo, um recado *AO POVO*, em que os candidatos às eleições para governador estadual de São Paulo, Prestes Maia e Cunha Bueno, informam que adiarão seus comícios em respeito à morte do presidente. Novamente o enunciador *Última Hora* chama a atenção para as possibilidades de intervenção estrangeira na economia do país, aproveitando-se da ausência de um presidente que favorecia a política nacionalista: *O imperialismo estrangeiro investe contra o café*. Nesta capa, notamos uma pequena publicidade das Casas Murano ao pé da página, à direita. É muito raro encontrar alguma propaganda nas capas do jornal *Última Hora*: a publicidade era geralmente publicada nas páginas internas.

### Figura 40

Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo



No mesmo dia (Figura 40 [27/08/1954]), outra página apresenta, em quatro fotografias que ocupam quase a totalidade da mancha impressa, a violência da população enfurecida de Porto Alegre. A manchete, no topo, na tipografia serifada, cor preta, *Fogo nas ruas de Porto Alegre*, antecipa para o enunciário-leitor a violência como uma represália da população porto-alegrense àqueles que contribuíram para o ato de suicídio. Lembramos que Getúlio

Vargas era natural da cidade de São Borja, Rio Grande do Sul (antes de 1930, Vargas foi três vezes deputado estadual, duas vezes deputado federal e governador do Rio Grande do Sul). Como relata a legenda da foto acima à direita: “... entre lágrimas e imprecações, uma massa humana estava na rua, ansiosa em demonstrar a sua reprovação aos caluniadores do grande líder popular. Esta condenação assumiu, por vezes, aspectos

de agressividade, como se pode verificar através dos efeitos causados.” Na imagem, a sede do Partido Social Democrático (PSD) gaúcho está destruída, em chamas. A foto acima, à esquerda, mostra a depredação de uma empresa comercial estrangeira, que também era o foco dos manifestantes. Abaixo, à esquerda, um ataque à fachada do Consulado norte-americano e, ao lado, outra foto mostra a depredação à Rádio Farroupilha, que serviu como importante meio de comunicação dos opositores de Getúlio Vargas. Conforme já comentamos neste capítulo, estas multidões, ao atacarem pontualmente entidades e empresas estrangeiras, especialmente as norte-americanas, a estação radiofônica e sedes de partidos políticos de oposição a Vargas, demonstram uma revolta que tem um caráter eminentemente político e ideológico, portanto estas multidões não podem ser definidas como inocentes ou manipuladas, ao contrário, estão conscientes do processo que ajudou a vitimar o presidente brasileiro eleito. Na reportagem *Doze horas de debates com os generais do ar*, na página 3 da edição de 23 de agosto de 1954, o jornal reproduziu a nota oficial dos militares, resultado de longas discussões. Segundo a reportagem, a maioria dos brigadeiros era favorável à manutenção do regime da legalidade, que era a mesma posição do Alto Comando das Forças Armadas. Contudo, decidiram levar em conta os sentimentos de solidariedade de grupos de oficiais em virtude do assassinato do major Vaz:

Armava-se, em suma, para os generais do Ar, um dilema: O sentido da legalidade e da disciplina, essência mesma da condição militar, em choque com os efeitos da exploração política e justos sentimentos de revolta em face da morte do major Vaz.

Às 9 horas, iniciou-se a assembleia dos generais da Aeronáutica, mais tarde foi suspensa. O brigadeiro Eduardo Gomes saiu da reunião em direção à residência do Marechal Mascarenhas de Moraes para outra conferência. Retornando ao Clube da Aeronáutica, a reunião foi retomada às 17h50. A redação ficou pronta somente às 19h50 e mais tarde divulgada em estações de rádio e nos jornais. Vejamos a nota e o final da reportagem:

#### A NOTA OFICIAL

“Os oficiais-generais da FAB, identificados com os sentimentos da sua corporação, ante a evolução dos fatos criminosos revelados em inquérito policial-militar exprimem, mais uma vez, o seu agradecimento à solidariedade recebida do Exército e da Marinha e a certeza de que as Forças Armadas, dentro da ordem, da disciplina e fiéis à Constituição, não faltarão à confiança nelas depositada, para que a presente crise nacional tenha solução definitiva e digna, convieram, também, que o sr. tenente-brigadeiro Eduardo

Gomes, oficial mais graduado presente à reunião, comunicasse aos srs. ministros das pastas militares e ao sr. marechal chefe do Estado-Maior das Forças Armadas, uma determinada decisão unânime que foi ali tomada como capaz de restaurar a tranquilidade no País”. (...)

Logo após a leitura desse comunicado, se sabia que determinada proposta a que aludia o comunicado oficial era mesmo a renúncia do sr. Getúlio Vargas à presidência da República. Afastavam-se, assim, os oficiais-generais da posição anteriormente deliberada, de cumprimento estrito de seus deveres constitucionais. A divulgação, embora velada, da resolução adotada e a sua ciência aos ministros militares constituía uma forma de pressão em favor do afastamento do primeiro magistrado da Nação, do posto para o qual foi eleito.

A reportagem *Mobilização das forças operárias para rechaçar o golpe do entreguismo*, da *Última Hora* de 25 de agosto, página 5, o presidente da Federação Nacional dos Jornalistas, Freitas Nobre, declarou que “o golpe foi vibrado contra os interesses populares.”

Uma série de fatores engrossou os setores descontentes com a política do governo varguista. Desde a eleição do presidente, a UDN tentou sua derrubada: não se conformava que um ex-ditador voltasse ao poder e seu candidato, o brigadeiro Eduardo Gomes fosse derrotado duas vezes, em 1945 e em 1950. O partido recorreu ao exército para impedir sua posse, mas os oficiais militares garantiram a manutenção da constitucionalidade (FAUSTO, 2007, p. 300). A partir daí, o governo foi alvo de ataques de todas as formas possíveis, utilizando todos os meios de comunicação ao seu alcance, como jornais e um horário no canal televisivo de Assis Chateaubriand, à disposição do udenista Carlos Lacerda. Como já mencionamos, a *Última Hora*, veículo oficioso de Vargas, também foi intensamente atacada em uma CPI instalada no Congresso, acusada de ter sido privilegiada com fundos de empresas financeiras do governo. Em termos econômicos, o Brasil estava confortável com o aumento da receita com a alta dos preços nas exportações de café desde 1949, mas também angariou dívidas com importações adicionais, esperando dificuldades decorrentes da guerra na Coreia. O estímulo à industrialização encontrava problemas na infraestrutura de transporte e de energia, resultando em elevação dos preços do produto final. Com isso, a inflação diminuía o poder aquisitivo da população, resultando em menos apoio das massas trabalhadoras. Ao renovar os ministros das pastas do Trabalho e da Fazenda, conforme já dissemos, Getúlio tentou, com Jango, resolver os problemas de salário e da carestia, reatando seu pacto populista com os operários e, com Osvaldo Aranha, tentou melhorar a situação econômica do país e apaziguar os descontentes. Em 1953, Aranha implantou a Instrução nº 30 da Superintendência da Moeda e do Crédito (Sumoc), que

era praticamente um confisco cambial: consistia em fixar “um valor mais baixo para o dólar recebido pelos exportadores de café, ao ser convertido em cruzeiros” (FAUSTO, 1996, p. 411). O objetivo do governo era ter mais recursos para investir em projetos que considerava prioritários. Para agravar a situação, os consumidores norte-americanos boicotaram o café brasileiro devido aos altos preços. Em 1953, nos Estados Unidos, o general Eisenhower, recém-empossado, decidiu descontinuar a ajuda aos países em desenvolvimento e priorizar investimentos de empresas privadas (FAUSTO, 1996, p. 411), deixando o Brasil com dificuldades para conseguir cobrir déficits da balança comercial e investir em infraestrutura. A onda de greves em função da carestia agravou a situação e Jango decidiu por um aumento de 100% do salário mínimo, que foi concretizado pelo próprio Getúlio, no dia 1º de maio, provocando descontentamento de empresários, industriais, banqueiros e militares, estes insatisfeitos com seus soldos. A política nacionalista também desagradava às empresas estrangeiras que queriam investir e lucrar no país, especialmente na exploração do petróleo. A legislação que beneficiou os trabalhadores foi a justificativa da oposição para declarar que estava sendo criada uma “ditadura sindicalista”, como já mencionamos. Dos opositores, Carlos Lacerda, com sua facilidade de oratória, era o que mais perturbava o governo e “alguns amigos e correligionários de Vargas resolveram afastá-lo do caminho. Um deles, o General Mendes de Moraes, incumbiu o guarda-costas presidencial, Gregório Fortunato, de organizar um atentado contra o jornalista, sem que o Presidente nada soubesse, ao que tudo indica” (FAUSTO, 2007, p. 307). Carlos Lacerda foi ferido no pé, mas para seu acompanhante da Aeronáutica, como já dissemos, foi fatal, repercutindo mal também entre os militares. Quando as suspeitas se aproximaram da presidência e foi apurado que Fortunato estava ligado a criminosos e vendia “proteção” a alguns deles (FAUSTO, 2007, p. 308), militares, com o apoio de udenistas e de setores da sociedade descontentes com os rumos do poder central, tentaram uma maneira de destituir Vargas. Daí a reunião dos militares já comentada que culminou no suicídio do presidente.

O enunciador apresenta na legenda, sob o título *Dor e revolta dos gaúchos*, as massas indignadas com os “caluniadores do grande líder popular”, continuando a aliança com seu enunciatório no contrato de comunicação, confirmado pelas palavras “em todos nossos corações”:

Depois, a divulgação dos termos da mensagem-libelo do presidente da República recém-falecido despertou em todos nossos corações a reação mais contrastadora, enquanto incendiava a exaltação de espíritos. O fato é que em



pouco tempo entre lágrimas e imprecções, uma massa humana estava na rua ansiosa em demonstrar a sua reprovação aos caluniadores do grande líder popular. Esta condenação assumiu, por vezes, aspectos de agressividade como se pode verificar através dos efeitos causados.

**Figura 41**

Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo



Na capa de sábado, 28 de agosto de 1954 (Figura 41), observamos que a *Última Hora* continua publicando o tema do suicídio. Os formantes eidéticos, cromáticos e a topologia no plano de expressão apontam destaque para a manchete *Pela constituição, contra a desordem, pela lei e por eleições democráticas* como a mais relevante. No topo da página, o título *Nenhum pretexto para o adiamento do pleito: o povo, pelo voto, vai ditar sua sentença!* está em segundo lugar na hierarquia temática,

com letras vazadas sobre fundo vermelho, que agora indiciam a urgência do assunto. As duas notícias se completam e enfatizam no enunciatário as liberdades democráticas, reivindicação que esteve constantemente presente no operariado organizado. Duas grandes fotografias à esquerda e à direita constituem tomadas do enterro na cidade-natal do presidente, São Borja, Rio Grande do Sul, apresentando mais multidões de pessoas que aparentam pertencer às classes médias. As legendas produzem uma enunciação que patemiza seu enunciatário-leitor:

O INSTANTE DERRADEIRO. A multidão, que guardava um profundo e grave silêncio, começou a prorromper em altos soluços de dor, pois estava próximo o momento da eterna despedida. Abriu-se a terra dos pampas para receber o corpo do filho muito querido. Adeus, bom amigo. Teus irmãos de todo o Brasil não choram de pena, choram também de orgulho – orgulho pela

tua vida, pelos teus exemplos pela tua grandeza, pela certeza que teu sacrifício não será inútil e que a história te fará justiça.

EM TORNO DO ESQUIFE DE VARGAS, molhando-o com as suas lágrimas, uniu-se toda a família brasileira, representada ali, no campo santo de São Borja, pela própria família do Grande Presidente. Em suas expressões de dor estava refletido o sofrimento de todo um povo, para quem o nome de Vargas ultrapassara já a simples identificação de um homem para simbolizar a concretização de suas esperanças.

A exaltação não se restringe à pessoa do presidente, mas a ultrapassa, evocando a simbologia que sua vida e sua morte perpetuará na mente do povo brasileiro. A espetacularização da configuração gráfica complementa este impacto: o grande conglomerado de pessoas nas duas imagens maiores, outras três pequenas fotos no canto inferior esquerdo complementando um equilíbrio visual e uma diversidade cromática na página, produzindo dinamismo no olhar do enunciatário.

### Figura 42

Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo



A página interna da mesma data (Figura 42 [28/08/1954]), 1ª edição, segue com a configuração sincrética de figuras e temas com a intencionalidade de sensibilizar o enunciatário-leitor. Com quase toda a mancha impressa coberta de fotos sobre o mesmo tema, alterna o cromatismo das fontes e a tipologia, vermelho sobre a foto, vermelho (remetendo a sangue) sobre fundo branco, azul sobre fundo branco, letras vazadas sobre fundo branco, com e sem serifa, de dimensão variada. Na imagem superior à esquerda, Osvaldo Aranha, Ministro da Fazenda do governo getulista,

dircurso exaltado e uma massa humana escuta-o atentamente, alguns cabisbaixos: trata-se de uma multidão aberta, estável, atenta, respeitosa. Nas fotos restantes foram

registradas cenas do velório e do enterro em São Borja com a população ao redor, chorando, em expressões de dor. Ao pé da página, junto ao logotipo, foi publicada parte da derradeira carta: “ ‘Serenamente dou o primeiro passo no caminho da eternidade e saio da vida para entrar na História’ – GETÚLIO VARGAS.” A legenda a seguir confirma como o enunciador recorre à categoria do “pathos” para um enunciatário afetivo aceitar seu contrato comunicativo:

A DOR E A REVOLTA. Em São Borja, o desfile dos homens e mulheres de povo cobriu de lágrimas de saudade e de revolta o túmulo do maior de seus filhos. Na pequena Prefeitura da cidade gaúcha, massa humana jamais ali reunida, composta de brasileiros de todos os quadrantes da Pátria, foi dar a despedida derradeira àquele que deu sua vida em holocausto aos direitos e às liberdades do seu povo.

Os léxicos “homens e mulheres do povo”, “composta de brasileiros”, “de todos os quadrantes da Pátria”, “aos direitos e às liberdades do seu povo” constituem claras remissões não somente à política nacionalista defendida por Vargas, mas também à defesa da soberania democrática do país. O discurso também clama implicitamente por uma união das “singularidades” das multidões que, em decorrência de conflitos ideológicos, poderiam dividir a nação. Podemos concluir, neste aspecto, que o jornal *Última Hora* contribuiu de modo relevante para enfatizar e consolidar os sentimentos de Pátria e de nacionalidade. O periódico também informava o leitor sobre os rumos da política e economia do país, apresentando todos os lados dos conflitos, mas estas reportagens mais detalhadas eram publicadas geralmente nas páginas internas, como o plano da emboscada ao jornalista Carlos Lacerda, narrado por Alcino, que participou do atentado, publicado na *Última Hora* em 18 de agosto de 1954, na página 2 do primeiro caderno.

Figura 43

Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo



A capa da *Última Hora* da segunda-feira, 30/08/1954 (Figura 43), com a tiragem de 135.400 exemplares, permanece com a mesma agenda temática. Sua composição visual exalta o olhar do enunciatório com o jogo cromático nos títulos, tarjas e planos de fundo. Pelas características eidéticas, topológicas e cromáticas, a hierarquização das manchetes coloca, na relevância temática, em primeiro lugar, “*Meu pai não se suicidou* [em fontes bastão sem serifa vazadas sobre fundo azul] *Deu seu sangue para que não corresse mais sangue do povo brasileiro*” (mantendo a imagem do pai dentro do contrato

de comunicação populista com as massas) em letras bastão sem serifa, vermelhas (novamente remetendo a sangue) sobre fundo branco. Em segundo, *A verdade mais forte do que a calúnia*, em fontes serifadas na cor preta sobre fundo branco, refere-se a Adhemar de Barros, que mais se parece com propaganda política. No topo da página, a mensagem verbal em letras vazadas sobre fundo preto, *Alzira, filha de Getúlio Vargas, em seu primeiro depoimento, para a História*; acima e à esquerda, uma foto da esposa e da filha do presidente, Darci e Alzira Vargas, mostra o pesar da família. Um *box* com a revelação da filha complementa a notícia principal. São apresentados a mensagem do presidente à filha antes de matar-se e de trechos das revelações da filha interpretando o ato de suicídio do pai (circunscrito num *box*, em fontes vazadas sobre fundo vermelho):

Vargas a sua filha Alzira:

“Não quero o sacrifício de ninguém. Pretendo – num protesto – resistir sozinho. Não te preocupes mais, minha filha. Vá dormir tranquila”.

Declarações de Alzira:

Meu pai deu a sua vida em holocausto para que o povo brasileiro, que ele amava mais do que a si próprio, mais do que sua própria família, extraísse de

seu sacrifício novas forças para continuar lutando pela emancipação econômica e política do Brasil.

Como vimos, a extensa cobertura do suicídio de Vargas, com abundância de imagens e mensagens geralmente apaziguadoras, de alento ao sofrimento popular, estimulando a continuação do regime democrático para o devir da política brasileira, assim como o bem-estar da comunidade trabalhadora, a apologia ao líder morto, definem *Última Hora* como um jornal que se apresenta ao enunciário preocupado em retratar e interpretar o cotidiano da vida nacional e estabelecendo um contrato comunicativo em que o enunciário massa humana brasileira tem prioridade na visibilidade deste meio impresso, que constitui uma estratégia do jogo populista. O fator patemizante na rica e dinâmica configuração sincrética comoveu e consolidou o sentimento patriótico de seu enunciário-leitor, que aceitou e ratificou seu contrato comunicativo.

Outros periódicos que analisamos mostraram uma configuração de temas e figuras bem diferente do que observamos na *Última Hora*. No dia 24 de agosto, a *Folha da Manhã* informa sobre as reuniões e pronunciamentos militares e anuncia que Vargas “repele a decisão dos chefes da Aeronáutica, que se manifestaram por sua renúncia. Sob o título *Define-se o exército pela renúncia*, o texto verbal apresenta a mensagem do exército entregue ao presidente à 1h20, bem como a resposta de Vargas às 2h05:

#### Zenobio e Mascarenhas em Palácio

O general Zenobio da Costa, acompanhado do marechal Mascarenhas, entrou no palácio do Catete à 1 h 20, levando a palavra do exército em favor do imediato afastamento do sr. Getúlio Vargas, com a posse do sr. Café Filho na Presidência da República.

O general Mendes de Moraes foi buscar na residência do sr. Ivo de Aquino o sr. Café Filho para dar-lhe ciência da alta decisão.

O general Odílio Denis, que partira do Palácio da Guerra com o general Zenobio da Costa, tomou outra direção – foi para a Vila Militar comunicar à tropa a decisão.

O presidente pede tempo

O sr. Getúlio Vargas antes de tomar uma decisão solicitou tempo para uma conferência com o general Caiado de Castro. Neste momento o chefe do governo mantém uma conferência reservada com o chefe de sua Casa Militar.

No dia 23, Vargas afirmou: “Só morto sairei do Catete”. Sua escolha era sair do palácio derrotado vivo ou vitorioso morto. Neste impasse, não estava disposto a renunciar nem a licenciar-se. Na *Última Hora* daquele dia, foi publicada sua resposta ao vice-presidente Café Filho quando este o informou sobre as recentes movimentações político-militares:

“Só morto sairei do Catete. Não cederei a quaisquer provocações, nem à violência, nem ao golpe. Sou um presidente da República eleito legalmente, pelo povo de meu País, e só este poderá me retirar a confiança que em mim depositou. Não fui eleito pela UDN, nem pelo pequeno grupo de políticos derrotados que estão querendo subverter a ordem e destruir as instituições. Confio nas Forças Armadas que, como eu, estão em defesa da lei e da Constituição. Estou pronto a defender a ordem, mesmo que isto me custe a própria vida.”

Estas palavras foram proferidas antes da reunião de brigadeiros, iniciada às 10 h da manhã; a resposta sobre a decisão dos militares quanto ao destino do presidente foi divulgada somente após às 19 horas, em uma nota publicada pelo jornal na mesma edição, à qual nos referimos anteriormente. Segundo o enunciador, a reunião representou o “climax” do movimento que pretendia a renúncia do presidente, com a participação de elementos da UDN, de alguns agrupamentos setORIZADOS e da ala militar conservadora sob a liderança do brigadeiro Eduardo Gomes e os generais Cordeiro de Farias e Juarez Távora.

#### Figura 44

Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo



A capa da *Folha da Manhã* de quarta-feira, 25 de agosto de 1954 (Figura 44), aborda o tema do suicídio pela primeira vez. À manchete principal, *O presidente Café Filho organiza o novo governo*, com uma foto recortada de Café Filho ao alto, sobrevém a morte de Vargas com um título bem menor, *Suicida-se no Palácio do Catete o presidente Getúlio Vargas*, com sua foto de rosto e um pequeno e denso texto à direita. Ao pé da página, há uma chamada para as *Graves agitações populares no Rio Grande do Sul*. Acima da chamada, uma foto, não das massas,

mas de políticos, acompanhada da legenda:

Compungido, o sr. Lourival Fontes, chefe da Casa Civil do Catete, exhibe aos jornalistas o bilhete contendo as últimas palavras escritas pelo sr. Getúlio Vargas.

Sua Carta-testamento está publicada na parte inferior da página, à esquerda. Em seu contrato de comunicação, este enunciador privilegia o enunciatário “intelectivo”, de nível educacional superior, apresentando reportagens explicativas e interpretativas, sob o ponto de vista deste enunciador, sobre os principais fatos que podem ter culminado no suicídio, o luto da Câmara dos Deputados, a organização do novo governo de Café Filho e a constituição do novo Ministério. Os dois últimos temas projetam os novos rumos da política, colocando o fato do suicídio no tempo passado. O jornal dá mais cobertura a este fato nas páginas internas com texto verbal, sem imagens.

### Figura 45

Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo



Em uma das contracapas da mesma data (Figura 45 [25/08/1954]), o enunciador dá grande cobertura aos acontecimentos populares, com duas imagens. A manchete acima e centralizada, *Após períodos de certa agitação, provocados pela massa popular, voltou à calma o dia de ontem nesta capital* (referindo-se a São Paulo), complementado pelo olho abaixo da manchete: *Depredações no centro da cidade, praticados por desordeiros – Ação serena da polícia, no desenrolar dos acontecimentos – Disparos de revólver na praça da Sé atingiram várias pessoas.*

A matéria, em denso texto verbal, vem acompanhada, à direita, da foto de uma multidão num comício na praça da Sé. Outra foto mais abaixo mostra uma cena em que são acionadas bombas de efeito moral. Veremos parte da notícia sobre o comício e as legendas:

Às 15 h 35 chegou o grupo componente da passeata trabalhista, trazendo numerosos retratos de Getúlio e bandeiras do Brasil e do P.T.B. Um dos dísticos empunhados por trabalhadores dizia: “Abaixo o imperialismo norte-americano”. Em seguida, teve início o comício, reunindo-se em torno do automóvel que, junto às escadarias da Catedral, servia de palanque, diversos proceres do P.T.B. em São Paulo, entre os quais, os srs. Vladimir de Toledo Pisa, Canuto Mendes de Almeida, André Nunes Jr., Eusebio da Rocha, Araripe Serpa, José Duarte e Mario Aprile.

Legendas das duas fotos:

- 1) O povo na praça da Sé assiste ao primeiro comício.
- 2) Assim foi dissolvida a massa exaltada, junto ao Palácio Nove de Julho: bombas de gás lacrimogenio e de efeito moral.

Os léxicos “desordeiros”, “ação serena da polícia”, “certa agitação”, “passeata trabalhista”, “Abaixo o imperialismo norte-americano”, a menção do PTB, partido ao qual pertencia Vargas, e de André Nunes Jr., apoiado pelo PCB durante a campanha eleitoral para a prefeitura de São Paulo, em 1953, “Assim foi dissolvida a massa exaltada”, apontam para uma linha ideológica direitista apresentada pelo enunciador. No entanto, as palavras “retratos de Getúlio” e “bandeiras do Brasil” convergem para elevar Getúlio Vargas a um símbolo de identidade nacional.

### Figura 46

Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo



A capa da edição de quinta-feira, 26/08/1954 (Figura 46), coloca como principal assunto em sua agenda temática a substituição de ministros: *Em marcha a reforma do governo*. Ao lado da notícia, uma foto mais dimensionada mostra a imagem de uma grandiosa multidão de populares acompanhando o cortejo, com a legenda: “O Rio despede-se de Vargas – Aspecto da passagem do cortejo fúnebre pela avenida Beira-Mar, na transladação dos restos mortais do sr. Getulio Vargas para São Borja.” Três fotos

menores foram publicadas. Na área inferior, o detalhe de uma brasileira observando o



presidente morto e a legenda: “Visitação ao corpo do presidente Vargas.” O discurso deste enunciador apresenta os fatos excluindo expressões e léxicos com sentidos de afetividade, diversamente da *Última Hora*. Os comentários estão mais circunscritos ao decorrer dos acontecimentos, evitando adjetivações emotivas. Não encontramos mensagens políticas explícitas dirigidas ao enunciário-leitor com a finalidade de, por exemplo, preservar o sistema democrático. Vejamos alguns trechos da notícia que acompanha a fotografia da multidão seguindo o cortejo do presidente morto:

Durante 13 horas consecutivas – desde as 17 da terça-feira às 8 de hoje – milhares de pessoas desfilaram ininterruptamente ante o corpo do presidente Getúlio Vargas na câmara ardente armada na sala do gabinete civil da presidência da República. Grande número de populares, no entanto, deixou de ver o presidente morto porque a premência do tempo – devido à hora marcada para o seu embarque para São Borja – determinou fosse o ataude fechado e transportado para o aeroporto antes que diante dele desfilassem todos os que aguardavam nas longas filas a sua vez.

O velório noturno

Depois do natural reboleço surgido quando da entrada do caixão na câmara ardente, em virtude do excessivo número de pessoas que o aguardava, o desfile durante a noite foi feito com serenidade e silêncio, cortado apenas pelas frequentes crises nervosas principalmente de mulheres, que diante dos restos mortais do presidente caíam em choro convulso, necessitando ser socorridas.

À direita, uma imagem da esposa e familiares de Vargas mostra-os dirigindo-se ao aeroporto e, mais abaixo, a fachada do jornal *Diário de Notícias* de Porto Alegre, “empastelado por populares enfurecidos.” Ao contrário da *Última Hora*, que procura justificar a exaltação dos populares e apresenta-os como vitimados pelos inimigos de Vargas, a *Folha da Manhã* utiliza uma seleção de palavras que parece responsabilizar os populares pelo ato de violência. A partir da edição do dia seguinte, este tema passa a ter pouca relevância na capa do periódico. O enunciador não inclui, em seu contrato de comunicação, as multidões trabalhadoras, nem tenciona mostrar que se solidariza com a dor da perda com o enunciário-povo admirador de Vargas. A noticiabilidade foi cumprida com objetividade e parece-nos que não houve interesse em dar demasiado destaque ao assunto.

O jornal *Folha da Tarde*, embora tivesse publicado mais imagens sobre o suicídio e as manifestações populares, também tratou o tema com um foco maior na organização governamental pós-suicídio, embora com uma composição visual mais diversificada do que na *Folha da Manhã*. No dia 24 de agosto, dia do suicídio de Vargas, a *Folha da Tarde* circulou com a manchete principal *Dramático desenvolvimento da crise nacional: Getúlio deixa o governo por noventa dias*,

informando sobre as reuniões militares e suas decisões. Informa também que o presidente renunciou oficialmente às 4h45 (certamente naquele dia o jornal não conseguiu circular outra edição informando o suicídio do presidente) e o policiamento do palácio do Catete seria reforçado com tropas do exército; no Estado e na cidade de São Paulo haveria rondas policiais. A notícia sob o título *Reforçado o sobre-aviso em São Paulo* sinaliza uma arquitetura golpista:

Após receber a comunicação da sucursal das *Folhas* no Rio de Janeiro, de que o presidente renunciaria oficialmente às 4 h 45, a reportagem da *Folha da Tarde* percorreu novamente as sedes dos quartéis-generais da 2ª Região e da Aeronáutica, onde foi informada de que os respectivos comandantes, em vigília permanente, haviam decidido reforçar o sobreaviso de todas as tropas aquarteladas em nosso Estado.

Na polícia civil

Quanto à polícia civil, o secretário da Segurança Pública, sr. Plínio Cavalcanti de Albuquerque também permaneceu toda a madrugada em seu gabinete de trabalho, na expectativa dos acontecimentos. Ciente da renúncia, s. exa., depois de comunicar-se com os comandantes da 2ª. Região Militar e da Aeronáutica, determinou ao diretor do DOPS, delegado-auxiliar Ribeiro da Cruz, que reforçasse o plantão extraordinário que se mantinha, bem como a ronda da cidade, esta por meio de peruas e guarnições da Radio Patrulha, conduzindo investigadores e policiais fardados.

Figura 47

Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo



Na edição de quarta-feira, 25/08/1954 (Figura 47) a *Folha da Tarde* traz, como notícia principal, que Café Filho já se encontra no exercício da presidência com uma chamada para a página interna, que apresenta os dados biográficos do novo presidente, acompanhada de um retrato recortado. À direita, no *box* com o título *O legado de Vargas* apresenta o seguinte conteúdo:

A morte do presidente Getúlio Vargas pós termo, de maneira trágica, aos 20 dias de crise político-militar, decorrentes do atentado da rua Toneleros, no Rio, contra o jornalista

Carlos de Lacerda e de que saiu morto o major-aviador Rubens Florentino

Vaz. Quando tudo parecia indicar, nas últimas horas da madrugada de ontem, uma solução pacífica e constitucional, com o licenciamento do presidente ou mesmo a sua renúncia, não se poderia imaginar que houvesse mais sangue e traumas nestas dolorosas semanas que o Brasil atravessa. O desaparecimento do homem que concentrou as maiores atenções da opinião pública brasileira dos últimos 25 anos relega para segundo plano os motivos da crise que determinou tão trágico desfecho. O inquérito policial deverá apurar convenientemente o atentado da rua Toneleros, que tenderá a perder assim a carga emocional de que se revestia, já que não vive mais o presidente cuja guarda pessoal se envolveu no crime. O que conta agora, no ambiente nacional, é a morte do sr. Getúlio Vargas, em virtude das condições especialíssimas em que ocorreu. O seu bilhete, a carta que lhe é atribuída e que não teria sido escrita durante a inquietada madrugada de ontem, mas sim antes – pois supõe longa meditação – deram ao suicídio do ex-presidente da República um conteúdo dramático sem precedentes na vida política brasileira. Nunca, um nosso homem público morrera, até aqui, deixando um testamento político de tanta força emocional, como o constante das declarações póstumas ontem divulgadas. Não será preciso ler a carta de despedida, justificação e acusação; o lacônico bilhete que Vargas escreveu nos minutos derradeiros contem toda uma bandeira política, capaz de desfraldar-se intensamente nos dias futuros e desencadear movimentos de relevo imprevisível na vida do país. Como se comportarão os nossos homens públicos, de todos os partidos e tendências, em face dessa mensagem que veio das fronteiras da morte e que repercutirá na mente do povo como a última e implacável palavra de um líder popular, que contagiou consideráveis camadas da opinião nacional? Como se comportarão sobretudo os que se dizem sucessores de Vargas e que tentarão por certo recolher no sangue e na legenda do velho presidente o estímulo para suas campanhas? E como reagirá o novo governo, formado em circunstâncias excepcionalmente graves, diante da sede de justiça social que o testamento político do morto incentivará e que terá efeitos poderosos inclusive nos próximos pleitos? A morte trágica do homem mais discutido do Brasil nos últimos 25 anos abriu uma série de problemas, desvendou caminhos ousados e exige dos nossos líderes uma capacidade de ação e compreensão que, infelizmente, está bem acima da média de nossos chefes de partido. Getúlio morto, como personagem de uma grande tragédia política, adquire a força que nunca em vida conseguiu possuir. Transformar essa força em fator positivo para o progresso econômico e social do Brasil, para a incorporação esclarecida das grandes massas em nossa vida política, para o afastamento da simples e pura demagogia como técnica de ação pública – eis a grande tarefa que o suicídio de Vargas legou ao novo governo e às elites brasileiras.

Vejamos o que diz o jornal *Última Hora* do mesmo dia, 25 de agosto, na coluna Barômetro Econômico, com mesmo título, *O Legado de Vargas*:

Mesmo os maiores inimigos do sr. Getúlio Vargas devem ter-se sentido emocionados em face da extrema e corajosa decisão do homem a quem coube o destino de traçar a história do Brasil no último quarto de século. Em 1930, com a deposição dos velhos políticos da 1ª. República, após o malogro dos pronunciamentos militares de 1922 a 1924 – de Copacabana e de São Paulo – abriu-se nova fase para a economia nacional. Até então, éramos um país semicolonial e feudal, que dispunha de uma indústria leve, constituída sobretudo de fábricas obsoletas. Nossa dependência econômica do estrangeiro era patente. Importávamos quase tudo, desde o ferro e o aço até o carvão. Vargas, logo depois de ter assumido o poder, levado na crista do maior movimento revolucionário jamais ocorrido em nossa Pátria, principiou a enorme tarefa de cavar os alicerces da indústria pesada. Começou, então, a extraordinária luta do líder nacionalista com os grupos econômicos estrangeiros: tarefa ingente que a morte acaba de interromper. Essa obra

ciclópica não pode ser julgada neste instante trágico, em meio às paixões desencadeadas. Os adversários de Vargas tentarão, por certo, diminuir-lhe a profunda significação, que o tempo não faz senão crescer. Os patriotas, aqueles que não vêem em Getúlio apenas o homem, mas o realizador, sabem que o presidente morto leva consigo a glória de ter sido o pioneiro da autonomia econômica do Brasil. Autonomia que ele edificou sobre fundamentos insdestrutíveis. Muitos dos que se colocam agora em campo oposto reconhecem nele o construtor da nossa atual grandeza, Volta Redonda – queiram ou não os seus detratores – é e será pelos anos afora o símbolo da política econômica nacionalista de Getúlio Vargas. A guerra de 1939-45 privou o Brasil de suprimentos vitais à manutenção de atividades econômicas. Essa verificação compeliu-nos a acelerar a utilização de recursos que só lentamente iríamos dispor, decorridos esses 15 anos mais recentes. Não fora, contudo, a ereção da usina da Companhia Siderúrgica Nacional, nenhum plano de fortalecimento econômico seria exequível. A base tinha sido plantada firmemente em solo fluminense. Minério de ferro das montanhas de Minas Gerais e carvão de Santa Catarina, eis o binômio que colocou o Brasil no caminho da industrialização. Ninguém, antes de Vargas, lograra concretizar tão portentoso empreendimento. Ele o fez e sabe Deus com que esforços e com que pertinácia. A infra-estrutura necessitava de reforços. Volta Redonda serviu de exemplo e estimulou outras iniciativas semelhantes. Ela não bastava para impedir “o domínio e a espoliação dos grupos econômicos e financeiros internacionais”. O capital estrangeiro exigia participação nos empreendimentos, quando não os sabotava ora franca, ora veladamente. “A CAMPANHA SUBTERRÂNEA DOS GRUPOS INTERNACIONAIS ALIOU-SE À DOS GRUPOS NACIONAIS” – escreve Getúlio no seu testamento político. “QUIS CRIAR A LIBERDADE NACIONAL, NA POTENCIALIZAÇÃO DAS NOSSAS RIQUEZAS ATRAVÉS DA “PETROBRÁS”, E MAL COMEÇA ESTA A FUNCIONAR, A ONDA DE AGITAÇÃO SE AVOLUMA. A “ELETROBRÁS” FOI OBSTACULADA ATÉ O DESESPERO”.

“NÃO QUEREM QUE O POVO SEJA LIVRE”

No derradeiro documento assinado pelas suas mãos, que a morte, horas depois imobilizaria para sempre, Vargas assinalou convictamente: “NÃO QUEREM QUE O POVO SEJA LIVRE”. Não é uma simples frase. É uma advertência. Como é possível a liberdade da nossa gente, se o fruto do seu trabalho se escoia para o Exterior? “OS LUCROS DAS EMPRESAS ESTRANGEIRAS ALCANÇAVAM ATÉ 500% AO ANO”. As fraudes constatadas ascendiam a mais de 100 milhões de dólares por ano. E no que toca ao café, vulnerabilíssima riqueza de São Paulo e do Brasil? “PENSAMOS DEFENDER O SEU PREÇO E A RESPOSTA FOI UMA VIOLENTA PRESSÃO SOBRE A NOSSA ECONOMIA, A PONTO DE SERMOS OBRIGADOS A CEDER.” Ora, não está evidente nessas manobras dos grupos nacionais e estrangeiros, que se enriquecem à custa do suor e do sangue do povo brasileiro, o desejo de esmagar-nos e de impedir que sejamos economicamente livres? Quais os adversários de Getúlio Vargas que o podem julgar com isenção de ânimo, ligados como estão quase todos, a grupos econômicos nacionais, europeus ou norte-americanos, a cujos interesses ele opunha os interesses supremos do Brasil e a sobrevivência da nacionalidade? “LUTEI CONTRA A ESPOLIAÇÃO DO BRASIL” – exclamou, antes de penetrar na eternidade. O legado de Vargas está consubstanciado no seu testamento político, que é também, um programa de reivindicação econômica. BARÔMETRO ECONÔMICO norteou-se e continuará a orientar-se precisamente no sentido da libertação econômica do Brasil. A marcha para a auto-suficiência econômica foi empreendida por Getúlio Vargas. Negá-lo é cometer uma injustiça que a história saberá reparar.

A *Folha da Tarde* lamenta o desfecho da crise político-militar que envolveu o presidente Getúlio Vargas, em consequência do atentado da rua Toneleros. Apresenta o licenciamento e a renúncia do presidente como uma solução “constitucionalista”. Afirma também que a morte de Vargas encobriu com a “carga emocional” a apuração dos culpados do caso da rua Toneleros que envolvia a guarda pessoal do presidente. Define o conteúdo da Carta-testamento como “despedida, justificação e acusação” (sem mencionar os que foram acusados). Coloca em dúvida a competência dos políticos no enfrentamento dos problemas das massas populares, fortalecidas com a derradeira mensagem do presidente morto. Admite que Vargas ganhou muito mais força após a morte e, com ela, seu legado é justamente a possibilidade de transformar positivamente esta força em prol do “progresso econômico e social do Brasil”. Para a *Folha da Noite*, tais incumbências foram delegadas ao governo do recém empossado Café Filho e às “elites” brasileiras que, no entender deste enunciador, devem possuir este “saber” e “conhecimento”.

A *Última Hora* traça um panorama da situação do país na primeira República, “semicolonial e feudal” com dependência econômica dos países estrangeiros, em que quase tudo era importado. Mostra como Vargas iniciou uma nova fase de desenvolvimento econômico-industrial com a criação da indústria pesada, como a Companhia Siderúrgica Nacional, bem como descreve sua luta contra as forças antagônicas que queriam a permanência da dependência econômica de grupos estrangeiros, especialmente norte-americanos. Citando trechos de seu testamento, interpreta a frase “não querem que o povo seja livre” como uma advertência ao enunciatório. Este deve cuidar para que siga a luta contra monopólios de outra origem que não a nacional, que “enriquecem à custa do suor e do sangue do povo brasileiro”. O enunciador afirma que o legado de Vargas, cujo conteúdo está em seu próprio testamento, constitui a orientação da coluna *Barômetro Econômico* em suas críticas e observações direcionadas para a independência econômica brasileira.

Uma grande foto à direita e centralizada mostra o esquife de Vargas rodeado por populares, sob o título *O corpo de Getúlio na câmara ardente*. Numa configuração visual cromatizada, alternando o preto e o vermelho, há também várias chamadas para notícias referentes às manifestações das massas, mas sob outro viés. Veremos duas:

Título: Ligeiros tumultos, agitação e depredações ontem em São Paulo

Olho: Desordeiros infiltraram-se entre os manifestantes e chegaram a depredar algumas vitrinas – Intervenção serena da polícia – Tiroteio na praça da Sé – Comícios improvisados

Título: Graves agitações em Porto Alegre

Olho: Incendiados pelo povo os edifícios de um jornal, duas emissoras, um partido político, uma coligação, um banco, e uma firma comercial – Incidente entre dois deputados – Choque entre populares e forças do exército – Luto oficial.

Os léxicos “ligeiros tumultos”, “depredação”, “desordeiros infiltraram-se entre os manifestantes”, “depredar algumas vitrinas”, “intervenção serena da polícia”, demonstram que o enunciador, em seu contrato de comunicação, seleciona os dados internos do espaço de “relação”, efetuando uma aliança com a polícia, as classes dominantes, bem como com empresas e instituições estrangeiras, excluindo em algum grau as multidões compostas especialmente por trabalhadores, mas cauteloso ao culpar “desordeiros” que podiam ter incitado a massa humana. Quanto ao texto verbal sobre as manifestações em Porto Alegre, o enunciador informa que a sede de um jornal, duas emissoras, um partido político e uma empresa foram incendiados mas não explicou que o jornal, as emissoras e o partido político faziam campanha contra o presidente Vargas e que a empresa era estrangeira.

### Figura 48

Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo



Na contracapa da mesma edição da *Folha da Tarde* (Figura 48 [25/08/1954]), sob o título principal, *Os acontecimentos de ontem em fotografias*, praticamente toda a página está coberta de imagens com pequenas legendas e o único texto verbal de maior amplitude é uma inserção de propaganda política. Vejamos as legendas: “No viaduto do Chá, soldados do Corpo de Bombeiros descem as grandes bandeiras ali hasteadas em funeral.”; “Apedrejamento na avenida São João.”; “A praça da Sé literalmente tomada.”; “Tropas da Força Pública no pátio do Colégio.”; “Correria na praça da

Sé, logo de manhã.”; “Prisão de um apedrejador.”; “No largo São Francisco, nos postes em frente ao edifício da Faculdade de Direito, a edição extra da *Folha da Tarde* é disputada.” (este caso constitui uma auto-publicidade do jornal); “Muitos arruaceiros e malandros tiraram proveito da situação.”; “Na avenida Ipiranga, próximo da avenida São João, uma casa comercial apedrejada.”; “Uma casa comercial apedrejada na avenida São João. Assinalado, um dos manifestantes ao atirar uma pedra.” (a equipe do jornal imprimiu uma flecha indicando o atirador); “Correria ao lado do Palácio 9 de Julho.”; “Manifestantes descem a av. São João.” Como vimos pela seleção dos dados internos do discurso como “arruaceiros”, “malandros” e a “praça da Sé literalmente tomada”, as notícias parecem ter sido apresentadas destacando um comportamento violento por parte da população revoltada, vitimizando os estabelecimentos atacados. Não se tentou, como na *Última Hora*, verificar se o edifício apedrejado pertencia à rádio Farroupilha, por exemplo, que se tornou um veículo poderoso contra o governo Vargas.

A praça da Sé, marco zero da cidade de São Paulo, em seu imenso espaço utilizado especialmente para saída e chegada de meios de transporte para diversos bairros populosos, onde residia um grande número de trabalhadores, através da av. Rangel Pestana, a Catedral da Sé, tornou-se, principalmente na década de 1950, uma área utilizada por grandes concentrações de trabalhadores com a finalidade de valorizar e demonstrar a força e prestígio de suas categorias profissionais. Dessa maneira, os maiores movimentos de protesto contra mazelas e descuidos das autoridades, principalmente quanto às leis que regem o funcionamento da municipalidade e sua relação com os munícipes, eram realizados nesta praça. Assim aconteceu com as manifestações de paredistas, como na grande greve dos 300 mil, que constituiu uma experiência dos trabalhadores fabris para apropriarem-se da teia de ruas ao redor da praça e poderem tornar públicas suas reivindicações. No dia do suicídio de Vargas, uma imensa quantidade de pessoas, principalmente operários, ali se concentraram e se espalharam pelas ruas e avenidas próximas, tais como a Barão de Itapetininga e a Sete de Abril, onde era a sede dos *Diários Associados* de Assis Chateaubriand, um dos principais opositores de Vargas na imprensa local.

Figura 49

Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo



Na capa da *Folha da Tarde*, edição de quinta-feira, 26/08/1954 (Figura 49), a agenda temática principal segue com a reforma ministerial, apresentando chamadas e fotos dos conflitos e do sepultamento de Vargas. Entre os títulos, relata que a situação voltou ao normal em Porto Alegre, no Rio de Janeiro e São Paulo. Na edição do dia seguinte, a capa traz uma pequena notícia sobre a visita de um Cardeal a Vargas em seus últimos dias de vida. O tema do suicídio do presidente perde espaço para o governo do novo presidente, Café Filho.

A *Folha da Noite* de terça-feira, 24/08/1954 (Figura 50), traz o suicídio do presidente como manchete principal: *Final dramático da crise política* e uma série de notícias e chamadas para o mesmo assunto, com duas fotos de rosto recortadas, uma de Vargas e outra de Café Filho, o novo presidente da República. As imagens sobre o velório com populares serão publicadas na edição de quarta-feira, 25/08/1954 (Figura 51), com as legendas: “Vargas é morto. Ei-lo exposto à visitação no palácio de onde não quis sair com vida. Lágrimas e protestos se vêem ao fundo.”; “Dois flagrantes da câmara ardente, no Palácio do Catete.”; “A massa humana que desfilou diante do corpo do ex-presidente, no Palácio do Catete.” As multidões que aparecem nas fotos mostram os populares despendendo-se no velório (massa pacífica) e em duas imagens na metade inferior da página com as legendas: (foto superior) “Durante as manifestações de ontem à tarde, em frente à Assembleia Legislativa.”; (foto inferior) “Manifestantes conduzem a bandeira brasileira, na rua 15 de novembro.” A bandeira nesta última simboliza a luta pela defesa das riquezas nacionais que era o principal objetivo de Getúlio e, neste ato,



os manifestantes demonstraram seu apoio a esta política. Diferente da *Última Hora*, a seleção dos dados internos no discurso figurativo e temático não tem o propósito de focalizar um “alvo afetivo” em seu contrato de comunicação. O discurso da legenda “O edifício da embaixada americana, no Rio ontem, durante as manifestações de rua, fortemente guardado pelo Exército” evidencia a preocupação do enunciador com as instituições estrangeiras. As manifestações de massa são lembradas em quatro chamadas: 1) “Sangrentos conflitos no Rio”; 2) Teme-se que assumam caráter grave as manifestações na Capital Federal”; 3) “Incidentes e correrias na cidade com a notícia da morte de Vargas”; 4) “Graves incidentes em Aracaju”.

**Figura 50**

Fonte: Banco de Dados de São Paulo Ltda., Empresa do Grupo *Folha*



**Figura 51**

Fonte: Banco de Dados de São Paulo Ltda., Empresa do Grupo *Folha*



Sob estes títulos, a notícia sobre o ataque ao carro da Rádio Patrulha está apresentada com um discurso diferente do que vimos antes na *Última Hora*: “O povo, nesse instante, atacou na Cinelândia um carro da Rádio Patrulha, incendiando-o”. Aqui, o povo atacou e incendiou o carro sem maiores explicações. Na *Última Hora* de 26 de agosto, os populares tomaram o carro, que se incendiou, e o enunciador declara que o

fizeram como reação à violência praticada pela polícia. Outros textos verbais “Início de quebra-quebra e um incidente grave diante da embaixada americana”, “Em perigo o jornalista Carlos Lacerda”, “as autoridades encarregadas de zelar pela ordem”, “Populares exaltados depredam edifícios e improvisaram comícios”, “Agredido um jornalista”, apresentam o agressor do lado das multidões e as autoridades como responsáveis para restabelecer a ordem.

**Figura 52**

Fonte: Banco de Dados de São Paulo Ltda., Empresa do Grupo *Folha*



A capa da edição da *Folha da Noite* de quinta-feira, 26/08/1954 (Figura 52), repete a foto do cortejo fúnebre já publicada na *Folha da Manhã* da mesma data, porém com outra legenda: “Este flagrante, fixado na avenida Beira-Mar, mostra as proporções grandiosas da massa popular que acompanhou a transladação do corpo do presidente ao aeroporto Santos Dumont”. Neste texto verbal, o enunciador apresenta um discurso diferenciado, voltado para a multidão de “grandiosas proporções”, provavelmente por

sentir o poder que esta massa simbolizava naquele momento e o “antipoder” que poderia representar na política. Com um cromatismo alternando azul, preto e gradações de cinza, duas manchetes principais estão em destaque: *Getúlio previa seu trágico fim* e *Imponente espetáculo os funerais de Getúlio*. Na primeira, o enunciador publicou declarações do presidente que podiam ser uma premonição da tragédia:

“Tenho plena certeza de que serei eleito, mas sei, também, que, pela segunda vez, não chegarei ao fim do meu governo.”

“Procurarei desmanchar alguns erros de minha administração anterior e empenhar-me-ei a fundo em fazer um governo eminentemente nacionalista.”

“– procurarão, atingindo minha pessoa e o meu governo, evitar a libertação nacional e prejudicar a organização do nosso povo. Terei que lutar. Até onde resistirei? Se não me matarem, até que ponto meus nervos poderão aguentar? Uma coisa lhe digo: não poderei suportar humilhações.”

Estas declarações demonstram que Vargas, ainda candidato à presidência, tinha plena consciência das forças políticas antagônicas da época e sabia como as frentes direitistas e os udenistas, amparados por interesses estrangeiros especialmente norteamericanos, iriam longe para conseguir liquidar a política nacional desenvolvimentista, de sustentação populista pelas massas operárias representadas nas organizações sindicais atreladas ao poder público. Também sabia que as forças de direita e de esquerda estavam cada vez se radicalizando nos enfrentamentos políticos. Vargas sempre considerou os comunistas inimigos, mas sua preocupação em aproximar o trabalhador de seu governo para manter o vínculo populista levava muitos a definir sua política com tendência para a esquerda.

Outras notícias referentes à repressão de manifestantes publicadas na contracapa da *Folha da Noite*, neste diário, foram colocadas em páginas internas. À esquerda, vemos uma imagem de Vargas com Miguel Costa Jr., outra da Fazenda de Itu, onde Getúlio permaneceu após ser deposto em 1945. À direita, a foto da moça observando o esquife também está repetida aqui, seguida por uma imagem em que a “urna funerária, tomada pelo povo é conduzida a caminho do avião.” No centro, duas tomadas da revolta popular em Porto Alegre com a seguinte legenda:

*O drama em Porto Alegre – A capital gaúcha assistiu aos acontecimentos mais graves ocasionados pela morte de Vargas. Conflitos e incêndios foram o epílogo das manifestações extremadas. Jornais e sedes de partidos foram empastelados e incendiados. No clichê, a sede do P.S.D. em chamas. Embaixo, o fogo consome bobinas de papel e móveis de um jornal.*

Aqui também as palavras “manifestações extremadas” no discurso da legenda apresentam a massa em fúria, disfórica, irracional. Não foram mencionados quais sedes de jornal ou de partido foram destruídas, o motivo do ataque ao PSD, fechando a questão em torno da barbárie. Não que as depredações pudessem ser justificadas, é que parte dos fatos foram omitidos e a ausência da explicação também produz um sentido de fazer crer que as multidões são violentas. Após esta edição, a *Folha da Noite* deu menos relevância à morte de Vargas.

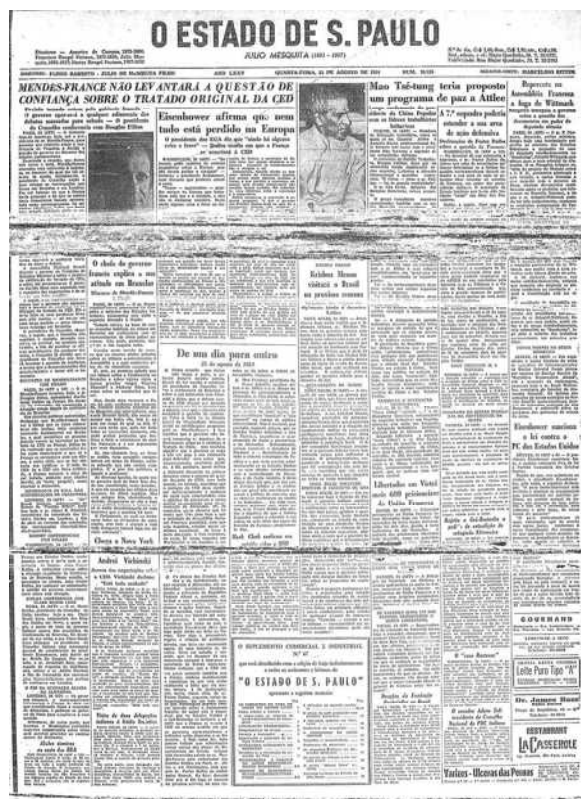
Figura 53

Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo



Figura 54

Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo



Quanto ao jornal *O Estado de S. Paulo*, seu paradigma de dar predominância ao noticiário internacional, neste tema, não foi diferente. As capas da terça-feira, 24 e da quarta-feira, 25/08/1954 (Figura 53 e Figura 54), com quase toda a área coberta por texto verbal, entrelinhamento denso, visual compactado, apresentaram, como manchetes de maior relevância, *Mendes-France não levantará a questão de confiança sobre o tratado original da CED e Mendes-France avista-se com Churchill*. A questão do suicídio tem bastante cobertura na página 2 da edição do dia 25/08/1954, sem fotos (Figura 55). Na capa da quinta-feira, 26/08/1954 (Figura 56), seguem as notícias internacionais na agenda temática, não há notícias nacionais na primeira página.

Figura 55

Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo

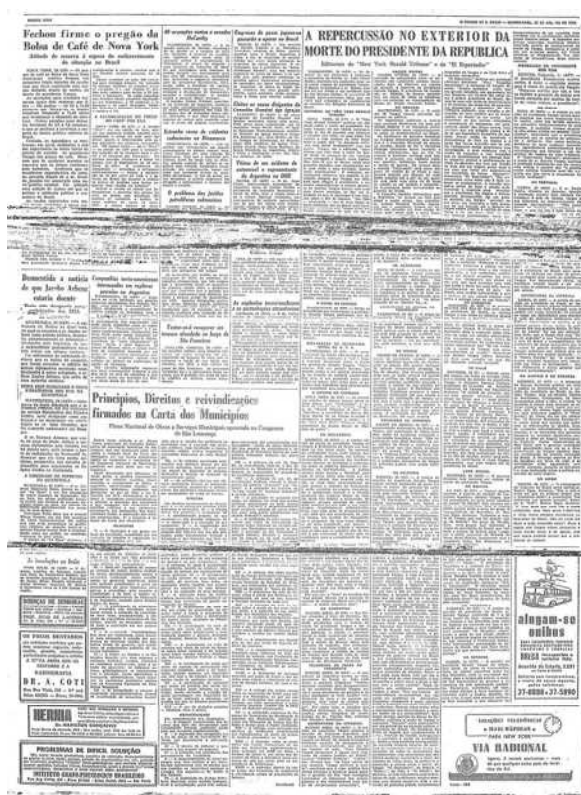
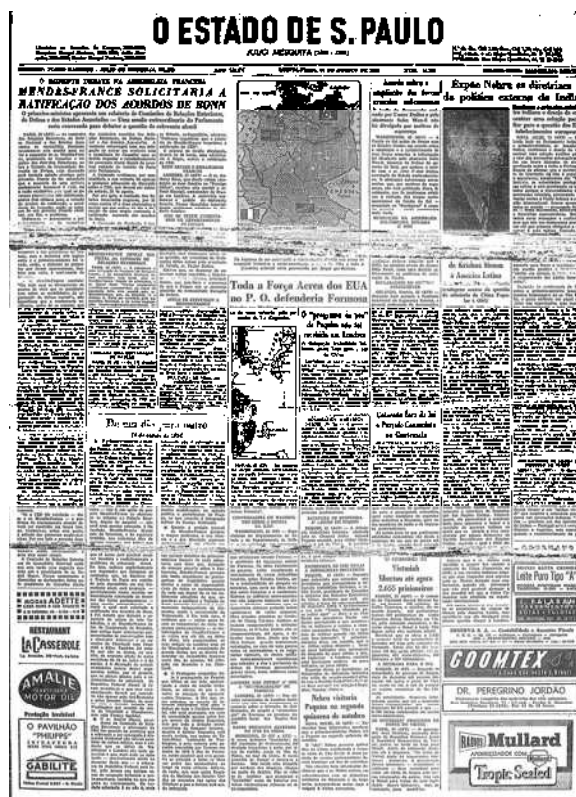


Figura 56

Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo



Como observamos, *O Estado de S. Paulo*, cuja configuração visual e temática visava mais ao interesse das elites que preferiam o modelo econômico menos nacionalista e mais dependente dos norte-americanos, parece que relegou a segundo plano esta importante questão nacional.

A *Última Hora* estabeleceu um contrato comunicativo com o enunciatário-leitor brasileiro com a finalidade de contemplar, na medida do possível e em diversos graus, todas as camadas sociais, mas sempre preocupada com o cotidiano da massa popular brasileira, aproveitando-se estrategicamente dos momentos de mobilização social e política em que os atores brasileiros desempenharam um papel mais participativo. Esta intencionalidade não se evidencia nos demais periódicos examinados.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nosso objetivo de pesquisa era examinar como as massas, as multidões, foram configuradas no jornal *Última Hora*, e como essa temática ficou entrelaçada com o projeto editorial e gráfico do jornal. O enunciatório da *Última Hora* era uma figura que ia além do simples leitor projetado a partir dos textos do jornal, constituindo-se nas próprias pessoas que eram trazidas para dentro das reportagens, como as comunidades periféricas das edições da *Tendinha de Reclamações*, os operários em greve, os líderes sindicais e as multidões que choraram a morte de Getúlio. O contrato de comunicação construído pelo enunciador do jornal inscrevia um enunciatório a partir de várias modalizações: um *querer fazer-fazer* (situação prescritiva), quando estimulava os moradores de um bairro a declararem suas reivindicações; um *querer fazer saber* (situação informativa), quando apresentava as notícias na chamada da capa e detalhadas na página interna, por exemplo nos momentos que antecederam o suicídio de Vargas; um *querer fazer crer* (situação incitativa), ao acompanhar os fatos com muitas imagens e reprodução de mensagens e depoimentos, dando à noticiabilidade o poder documental; e um *querer fazer sentir* (situação do *pathos*), em relação, por exemplo, ao modo como noticiou os fatos que se seguiram à morte do presidente. Todas essas estratégias foram encontradas nas páginas da *Última Hora*, mas a comunicação patêmica teve predominância quando as multidões e massas estavam presentes nas reportagens, conforme vimos no decorrer de nossas análises.

Mostramos também que o enunciador apropriou-se do regime discursivo populista adotado não somente por Getúlio Vargas, mas também por Ademar de Barros, e Jânio Quadros. Vimos que a relação enunciador-enunciatório apresenta características populistas. Conforme já vimos, o populismo caracteriza-se por um “pacto”, da ordem de um contrato de comunicação, em que o político (candidato a um cargo ou já eleito) apresenta propostas para atender as demandas das massas trabalhadoras (especialmente as urbanas, no caso do segundo governo Vargas). Estas, por sua vez, progressivamente mais organizadas, aceitando o acordo, votam no candidato. Se o político já está eleito, este adota a estratégia para manter-se no poder público. Neste caso, se as expectativas das massas urbano-industriais foram atendidas, elas conferem ao político fidelidade nas urnas do pleito seguinte. O enunciador *Última Hora* adotou as mesmas estratégias, ao solidarizar-se com os operários em greve, os pobres da periferia na *Tendinha de Reclamações* e com as multidões pacíficas ou enfurecidas nos dias posteriores ao

suicídio de Vargas. Em seu contrato de comunicação, o enunciador *fez crer* ao enunciatório da *Última Hora* que também estava indignado ou sofrendo. Seus leitores, ao aceitar o contrato, prestigiaram o jornal e permaneceram leais à sua aquisição.

No caso da greve dos 300 mil, os operários aparecem como vítimas do alto custo de vida, justificando suas manifestações (Figura 14), embora o jornal não estimulasse a violência. Nessa edição, o governo posicionou-se ao lado do povo para juntos “lutarem contra a carestia”, informado pela manchete principal. A fotografia do tecelão com a cabeça enfaixada na Figura 18, que foi espancado pela repressão, mais uma vez mostra o povo vitimizado pela violência policial.

Sem mostrar explicitamente tendências ideológicas, conforme já vimos, a *Tendinha de Reclamações* era montada em alguma praça principal do bairro, as pessoas previamente informadas aproximavam-se dos repórteres, apresentavam suas demandas sociais e os casos mais contundentes eram noticiados na terça ou quarta-feira seguinte em seção específica. No depoimento prestado a mim, o repórter fotográfico Passos, da *Última Hora*, confirmou que a equipe de reportagem da *Tendinha* não era orientada para tomar uma posição política, como apoiar as ações de Getúlio Vargas, etc. A orientação da chefia era escutar a comunidade local, enfatizar o que faltava para que o povo sáísse daquela condição social inferior. O indivíduo era chamado a participar, mas o fazia obedecendo um certo modo de participação; havia regras. Era realizado um espetáculo, depois transportado para o jornal, narrativizado: em suas mensagens, o enunciador se apresentava a serviço das massas. Estas estratégias são características do populismo em que o jornal convoca a população para participar da publicação, prometendo encaminhar suas demandas às autoridades públicas e, em seu contrato de comunicação, uma vez proposto ao enunciatório e aceito, consegue maior divulgação, tiragem e consequente aumento na inserção de publicidade.

A configuração visual, com muitas fotos, pouco texto nas capas (as reportagens eram mais adensadas nas páginas internas), espaços em branco e equilíbrio dos elementos, em cores, assimétricos, dinamizava o olhar circular do enunciatório. Essa visualidade estava diretamente relacionada ao modo de apresentar as massas. Na *Tendinha*, por exemplo, as fotos de alguns moradores em posições diversificadas e em movimento eram recortadas e destacadas sobre fundo branco. Nas capas do primeiro caderno, as reportagens sobre acidentes com morte traziam a cor vermelha nas fontes ou no plano de fundo. Títulos invadiam fotografias e as palavras sobre a imagem eram vazadas. Apesar dessa variedade de estratégias no plano de expressão, os elementos

gráficos ficavam equilibrados e havia hierarquização das manchetes: o título principal geralmente era apresentado em fontes grandes sem serifa, na cor preta, posicionado na metade superior da página, geralmente centralizado. Abaixo, apresentamos mais algumas imagens mostrando com nossa seta indicadora, na cor laranja, a circularidade do olhar a partir da manchete principal, em fontes grandes, sem serifa e na cor preta (Figura 57), fotos recortadas, setas indicadoras, (Figura 58) e a cor vermelha em conotação de tragédia ou fato que remete a derramamento de sangue (Figuras 59 e 60):

**Figura 57**

Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo



**Figura 58**

Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo





Figura 59

Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo



Figura 60

Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo



O enunciador criava seções que tivessem comunicação direta com “o povo”. A coluna “Dia do Presidente”, na página 3, era outro exemplo deste tipo de contrato comunicativo com o público leitor, uma maneira eficaz de convencimento de que Vargas pensava em governar junto com seu povo, como num Conselho, no qual as decisões tomadas tinham representatividade popular, especialmente quando se convocava a participação de líderes sindicais: uma característica do jogo populista, em que o líder político, como já vimos, propõe soluções com a certeza de que terão repercussão entre seus eleitores, pois ele já tem a identificação dos problemas que mais preocupam a população. Tais problemas eram informados através do contato com os trabalhadores, nas reivindicações em greves e através de líderes sindicais, como os “pelegos” (D’ARAÚJO, 2007, p. 230).

Na apresentação das manifestações populares na *Última Hora*, depois do suicídio do presidente, a relação visual/verbal convergia especialmente para a patemização. Na instância da recepção, o enunciatário-alvo era o “afetivo”. Expressões como “de luto a nação”, “chora o povo a morte de seu presidente”, “ruas pequenas para tanto sofrimento”, “violência contra o povo na despedida do grande líder” são exemplos

de como o enunciador se mostrava solidário, em conjunção com as massas. Este constitui um tipo de populismo de um *fazer crer* na paixão, pela afetividade: o enunciador faz crer que sente a dor de seu enunciatário e este, ao aceitar o contrato comunicativo, sente-se no dever de manter a fidelidade ao jornal, em outras palavras, sua fideducía.

Vimos a diferença do contrato comunicativo da *Última Hora* em relação aos jornais *O Estado de S. Paulo* e do grupo *Folhas*, especialmente nas manifestações populares, em função da morte do presidente. A notícia sobre a tragédia aparece somente a partir de 25 de agosto, nos jornais *Folha da Manhã*, *Folha da Tarde* e *O Estado de S. Paulo*. A *Folha da Noite*, que circulava à tarde, teve tempo de anunciar a morte do presidente no mesmo dia. O tipo de contrato comunicativo com as massas, nesses periódicos, como demonstramos nas análises, direciona as mensagens do enunciador para um alvo, em várias medidas, mais “intelectivo” e direitista do que “afetivo” e esquerdizante.

A *Folha da Manhã* mostrou os manifestantes como “desordeiros”, a polícia como “serena”, insinuou que as esquerdas eram prováveis insufladores das revoltas (“próceres do PTB” e “André Nunes Jr.” apoiado pelo PCB nas eleições para a prefeitura paulistana) e também culpou “populares enfurecidos” pela violência.

A *Folha da Tarde* noticiou o novo governo empossado e o trágico evento, procurando minimizar sentidos de paixão, imbuindo implicitamente Café Filho e as elites do *saber* “para o progresso econômico e social do Brasil”, como vimos na notícia do jornal (Figura 47). Na *Folha da Noite*, o enunciador também discursiviza os fatos com objetividade e o mínimo de sentido emocional. Os populares revoltados também são definidos como “depredadores” (“populares exaltados depredam edifícios e improvisaram comícios”). Sua linha antigetulista também está implícita: os jornais e sedes de partido “empastelados” não foram identificados como opositores ao presidente morto. *O Estado de S. Paulo* continuou priorizando os temas internacionais. A temática do suicídio foi comentada na página 2 do dia 25 de agosto como *A repercussão no exterior da morte do presidente da República*. Na página 2 do dia seguinte, publicou mais uma reportagem com o título *Como repercutiu no exterior a morte do presidente da República* e, no dia 27, página 2, mais uma notícia da série: *A morte do presidente da República – a repercussão no exterior*. Parece-nos que, para este periódico, apresentar a opinião estrangeira dava maior valor ao noticiário.

Morto o mentor político da *Última Hora*, Getúlio Vargas, o jornal ficou livre do compromisso em acautelar-se com relação ao poder central, porém mensagens e ações de Vargas são retomadas em edições seguintes. No dia 7 de março de 1955, o enunciador alerta o enunciatório com o título *Café prepara o golpe da própria sucessão*, afirmando que o editorial tinha o sentido de “advertência aos que não se iludiram com a monstruosa farsa de 24 de agosto”, referindo-se ao suicídio de Vargas.

A partir de 1955, a visualidade da página ficou mais colorida, com maior número de formantes: fotos em diversos tamanhos, circulares, quadradas, retangulares, títulos maiores em cores e tipologias mais diversificadas. A configuração gráfica ficou mais contrastante, contundente e dinâmica. O enunciador continuou com sua estratégia populista, protegendo e alertando o enunciatório com denúncias sobre os altos preços e dava visibilidade a questões que envolviam sindicatos e trabalhadores. Como em 1955 não havia mais a *Tendinha de Reclamações*, a *Última Hora* incluiu uma seção na contracapa do segundo caderno, às quintas-feiras, chamada *A cidade denuncia*, em que noticiava os problemas locais, como a crise de leitos em hospitais, a falta d’água, de luz e de policiamento. Nessa seção, alguns moradores eram entrevistados e suas penúrias publicadas, mas era um formato diferente. Não se montava mais a *Tendinha*, que reunia a coletividade de um bairro específico da periferia como antes, nem eram apontados os responsáveis pelos problemas da população. Além disso, as denúncias se originavam de moradores de diversos bairros.

A edição de sexta-feira, 18 de março de 1955, sob o chapéu *Três anos de reivindicações nacionais* e o título “*Última Hora*”: *uma arma do povo em luta pelo progresso do Brasil*, fez uma retrospectiva de suas importantes reportagens acompanhadas de fotos, das quais destacamos duas. A primeira recordava a cobertura da greve dos 300 mil em São Paulo com a foto do operário fugindo desesperadamente do policial armado com cassetete. A segunda reportagem mostrava uma foto da *Tendinha de Reclamações* com a seguinte legenda:

“TENDINHA DE RECLAMAÇÕES” foi um fato novo na imprensa de São Paulo. Graças a ele o povo pode opinar, sugerir e criar. Um ano mais tarde, quando Jânio se guindou à Prefeitura de São Paulo, a maioria de suas realizações baseou-se em problemas levantados por *Última Hora*.

Como já mencionamos no Capítulo 4, a revolta popular no dia 24 de agosto manifestou-se furiosa em tentativas de ataques e depredações a várias instituições e

pessoas pertencentes à ala oposicionista ao presidente Vargas. No Rio de Janeiro, massas de trabalhadores, armados com paus e pedras, percorreram as ruas à procura de símbolos e propaganda política principalmente da UDN. Tentaram invadir o prédio de *O Globo*, apedrejaram a frente do edifício, incendiaram dois caminhões prontos para distribuir os jornais (FERREIRA, 2008 B, p. 310); invadiram a sacada da sede da *Tribuna da Imprensa* e os exemplares da edição daquele dia foram incendiados; foram apedrejadas as vidraças da empresa Standard Oil, da Light & Power, da Companhia Telefônica, um estabelecimento da Helena Rubinstein (RIBEIRO, 2001 C, p. 241); e vaiaram a Embaixada dos Estados Unidos, começando a jogar paus e pedras (FERREIRA, 2008 B, p. 310). O saldo da revolta no Rio foi de “nove agremiações políticas, onze firmas diversas, o consulado americano, três jornais e duas emissoras foram seriamente atingidos pela fúria popular, enquanto os bombeiros chegavam sempre atrasados para apagar os incêndios (...)” (RIBEIRO, 2001 C, p. 245).

Em Porto Alegre, massas de manifestantes “empunhando grandes retratos de Getúlio Vargas e a bandeira nacional com uma tarja negra” (FERREIRA, 2008 B, p. 311) atacaram a sede da UDN, atirando para fora da janela fotografias, material de propaganda, móveis, alto-falantes; invadiram o jornal *Estado do Rio Grande*, do Partido Libertador, destruindo móveis e equipamentos; foram atacados o *Diário de Notícias* pertencente aos Diários Associados, as emissoras de rádio Farroupilha e Difusora; depredaram e incendiaram as sedes do Partido Libertador, do Partido da Representação Popular, do Partido Social Democrático, do Partido Social Progressista, do Partido Socialista Brasileiro, da Frente Popular e da Frente Democrática (FERREIRA, 2008 B, p. 312); após a leitura da Carta-testamento, a multidão destruiu o Consulado dos Estados Unidos (RIBEIRO, 2001 C, p. 246), o National City Bank of New York, “símbolo do capital estrangeiro” (FERREIRA, 2008 B, p. 312), a Importadora Americana S.A. (importadora de automóveis dos Estados Unidos), a Importadora de Máquinas Agrícolas e Rodoviárias, a Cervejaria Brahma e uma casa noturna chamada American Boite. Foram ameaçadas de depredação a Cia. Telefônica Nacional e a Coca-Cola (RIBEIRO, 2001 C, p. 246).

Em São Paulo, grande parte dos trabalhadores soube da notícia quando estava dentro de seus locais de trabalho. Próximo da hora do almoço, muitos operários decretaram greve e se dirigiram aos sindicatos:

Ao meio-dia, as suas organizações estavam lotadas com manifestantes portando faixas e cartazes à espera do início das atividades de protesto. A passeata começou às 13 horas, saindo dos sindicatos dos metalúrgicos e dos têxteis, além dos diretórios distritais do PTB. Na sede do Partido Trabalhista, ponto final da manifestação, os operários realizaram um comício. (...) Muitos participaram do ato público da Praça da Sé, onde o PTB e o PCB promoveram uma manifestação em conjunto. Enormes faixas que aludiam ao “imperialismo e aos trusts norte-americanos” eram carregados por trabalhistas e comunistas. Estes últimos, na verdade, foram pegos de surpresa no episódio do suicídio de Vargas. Se até a noite anterior faziam pesados ataques ao presidente, na manhã seguinte tentavam reverter mais um de seus “desvios”, para usar a linguagem partidária (FERREIRA, 2008 B, p. 312).

As manifestações tomaram conta da praça da Sé, viaduto do Chá, largo São Francisco, rua Sete de Abril, onde ficava a sede dos *Diários Associados*, e arredores, também arrancando faixas de propaganda política de candidatos opositoristas ao getulismo e atacando estabelecimentos. Houve vários feridos, reportados na edição da *Última Hora* de 25 de agosto de 1954. Populares tentaram invadir a Faculdade de Direito, onde estudavam os chamados “moços ricos” (*Última Hora* de 25/08/1954), alguns dos quais pertenciam à polícia. O espancamento de um repórter-fotográfico da *Última Hora* por elementos daquela faculdade foi noticiado nesse dia. Vejamos a manchete, a chamada e parte da reportagem:

#### MOÇOS RICOS DA FACULDADE DE DIREITO ESPANCAM COVARDEMENTE UM JORNALISTA

Mais de vinte estudantes, no largo de São Francisco, agridem um fotógrafo de *Última Hora* – Alguns dos agressores ostentavam distintivos policiais na lapela do paletó – Os estudantes de Direito espancavam o povo com cacetes e foram fotografados, motivo pelo qual se insurgiram contra o jornalista – “Amanhã incendiaremos o jornal de Getúlio” – Aviso ao povo: se nos atacarem, já se sabe de quem partiu a agressão.

Trecho da notícia:

Covarde agressão foi sofrida pelo nosso repórter-fotográfico Carlos Provenzano, ontem, à noite, por parte de um numeroso grupo de estudantes de Direito alguns dos quais trabalham para a Polícia. Eram mais de 20 os “valentões” irresponsáveis. Viram nosso companheiro colher um flagrante em que apareciam eles a espancar, selvagememente, um rapazola, que se envolvera nas escaramuças verificadas nas proximidades da Faculdade do largo São Francisco. Aí, abandonaram a primeira vítima para investir contra o nosso companheiro, arrancando-lhe, brutalmente a máquina, que, em seguida, foi atirada ao chão. Não estavam satisfeitos os desordeiros, tipos de homens que se tornam valentes quando em bandos. Voltaram novamente a atacar nosso fotógrafo, derrubando-o com socos e pontapés.

Como vimos, estava demarcada uma linha divisória entre os nacionalistas favoráveis à política social getulista e os direitistas “entreguistas”, como eram denominados por aqueles. Os estudantes declararam na reportagem que iriam incendiar a *Última Hora*, “que é um jornal getulista”.

Outra reportagem do mesmo dia informou que, na cidade de Santos, as agremiações partidárias, estações de rádio e sedes de jornais da oposição foram reforçados por policiamento, os estabelecimentos comerciais, os bancos, repartições públicas e a Bolsa Oficial de Café fecharam as portas, o cais foi paralisado, os bondes pararam de funcionar e somente alguns ônibus continuaram transitando. A partir das 13 horas, não havia movimento comercial na cidade. Foram realizados comícios nas praças da cidade e uma grande passeata, em silêncio, às 20 horas do dia 24. Todo tipo de propaganda de candidatos da UDN foi arrancado das ruas pelo “povo enfurecido”.

Em Belo Horizonte, houve reações semelhantes: multidões, especialmente de trabalhadores, saíram às ruas e arrancaram faixas de propaganda de candidatos oposicionistas, principalmente da UDN; parte concentrou-se no centro da cidade e outros destruíram a sede do Instituto Brasil-Estados Unidos, além de invadirem o consulado norte-americano “quebrando móveis, armários, vidraças e rasgando livros e documentos” (FERREIRA, 2008 B, p. 313). Outros grupos tentaram destruir o jornal *Correio da Manhã*, que apoiava a UDN. Os bondes pararam e o comércio baixou as portas.

As revoltas e manifestações populares após o suicídio de Vargas mostraram que, em seu percurso, o jornal *Última Hora* foi vitorioso no funcionamento de seu contrato de comunicação com os leitores: atendeu às expectativas de grande parte dos trabalhadores, que aceitaram e mantiveram os termos contratuais, ao contrário das instituições oposicionistas, que foram alvos de furiosos ataques. O avanço político das massas operárias, que viram no jornal uma comunicação que defendia seus direitos como cidadãos brasileiros, não só na legislação trabalhista, mas para terem uma justa troca de valores no sistema de produção capitalista: trabalho por remuneração condizente com suas necessidades de uma vivência digna. A tiragem substancial do jornal, para a época, como já vimos na Introdução, foi outro indicativo do sucesso de seu contrato de comunicação. Além das notícias sobre fatos policiais, conjugais ou passionais e grandes desastres, que já se encontravam em outros jornais, teve um importante valor agregado: fazer crer que se solidarizava com as questões trabalhistas e demandas para uma vida social mais justa, temas priorizados em suas edições. A primeira edição da *Última Hora* de São Paulo, em 18 de março de 1952 (apud GOLDENSTEIN, 1987, p. 45) traz uma mensagem ao enunciário-leitor. Vejamos um trecho:

(*Última Hora*, surgida para) “impedir o desvirtuamento dos princípios e das esperanças que inspiraram o resultado das urnas, não poderia em seu primeiro número deixar de se dirigir à classe trabalhadora, para lhe afirmar sua finalidade e o propósito de a servir, servindo, por seu intermédio, ao progresso e à completa emancipação da terra brasileira (...) um jornal é uma arma pacífica de conquista (...) será um órgão reivindicador (...) para a conquista da grande e maior reivindicação: a da elevação do nível de vida de quantos vivem no Brasil (*Última Hora*, 18/03/1952, GOLDENSTEIN, 1987, p. 45)

A *Tendinha de Reclamações* confirmou a intencionalidade deste tipo de contrato, diferenciando-se por constituir um instrumento das comunidade pobres na divulgação de suas reivindicações e luta por direitos sociais. Como observamos no desenvolvimento desta tese, os demais periódicos estudados não apresentaram este tipo de contrato comunicativo com bairros da periferia. A mensagem contida em sua primeira edição, já citada, confirma esta intencionalidade.

A criação do jornal *Última Hora* de São Paulo, com sua composição visual (ver Anexo) e temática diferenciada, imbuída de seus novos modelos de contrato comunicativo, “sacudiu” a imprensa paulista da época, que se encontrava confortavelmente estável em sua configuração editorial e gráfica. Ao mesmo tempo, as estratégias de comunicação contratual, adotando o jogo populista com o enunciatório da *Última Hora*, conforme observamos, contribuíram para reforçar a luta da ala nacionalista e esquerdizante da sociedade brasileira.

## 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### 6.1 Fontes Primárias

- ARQUIVO DO ESTADO. *Arquivo em imagens - Última Hora*. São Paulo : Imprensa Oficial, 1997. v. 1.
- ARQUIVO DO ESTADO. *Arquivo em imagens - Última Hora. Série Futebol*. São Paulo: Imprensa Oficial, 1997. v. 2.
- ARQUIVO DO ESTADO. *Arquivo em imagens - Última Hora. Série Ilustrações*. São Paulo: Imprensa Oficial, 1999. v. 3.
- ARQUIVO DO ESTADO. *Arquivo em imagens - Última Hora. Série Política*. São Paulo: Imprensa Oficial, 1999. v. 4.
- ARQUIVO DO ESTADO. *Arquivo em imagens - Última Hora. Série Artes*. São Paulo : Imprensa Oficial, 2001. v. 5.

### 6.2 Bibliografia

- ADORNO, Theodor W., HORKHEIMER, Max. A Indústria Cultural - O Iluminismo como mistificação de massa. In: LIMA, Luiz Costa, (org.). *Teoria da Cultura de Massa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- AMES, Steven E. *Elements of newspaper design*. New York: Praeger, 1989.
- ANDRADE, Rosane de. *Fotografia e antropologia: olhares fora-dentro*. São Paulo: EDUC, 2002.
- AQUARONE, Alberto. A Itália de Mussolini. In: *História do Século 20*. São Paulo: Abril Cultural, 1968, v.3.
- AQUINO, Rubim, et al. *Brasil, uma história popular*. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- ARGAN, Giulio Carlo. *Walter Gropius e a Bauhaus*. Trad. Joana Angélica d'Avila Melo. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.
- AUMONT, Jacques. *A Imagem*. Campinas, SP: Papirus, 1995.
- BARTHES, Roland. *A Câmara Clara*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- \_\_\_\_\_. *Elementos de semiologia*. São Paulo: Cultrix, 1964.
- \_\_\_\_\_. A Mensagem Fotográfica. In: LIMA, Luiz Costa, (org.). *Teoria da Cultura de Massa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de. *Teoria do discurso: fundamentos semióticos*. São Paulo: Humanitas, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Teoria semiótica do texto*. São Paulo: Ática, 2005.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de, FIORIN, José Luiz (orgs.). *Dialogismo, Polifonia, Intertextualidade: em torno de Bakhtin*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.
- BAUDRILLARD, Jean. *Simulacros e Simulação*. Trad. Maria João da Costa Pereira. Lisboa : Relógio D'Água Editores, 1991.
- \_\_\_\_\_. *A sociedade de consumo*. Trad. Artur Morão. Rio de Janeiro: Elfos Ed.; Lisboa: Edições 70, 1995.
- BAUMAN, Zygmunt. *Em busca da política*. Trad. Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.
- BELTRÃO, Luiz. *Iniciação à Filosofia do Jornalismo*. Rio de Janeiro: Agir, 1960.
- BENJAMIN, Walter. A Obra de Arte na Época de sua Reprodutibilidade Técnica. In: LIMA, Luiz Costa, (org.) *Teoria da Cultura de Massa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- BERCITO, Sonia de Deus Rodrigues. *O Brasil na década de 1940: autoritarismo e democracia*. São Paulo: Ática, 1999.



- BERTRAND, Denis. *Caminhos da Semiótica Literária*. Bauru: EDUSC, 2003.
- BEZERRA, Sônia Joia. *O jornal Última Hora nas eleições de 1955 – um estado-maior intelectual*. 229 p. Dissertação (Mestrado em História Social da Cultura) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1994.
- BRACHER, K. D. A arrancada nazista. In: *História do Século 20*. São Paulo: Abril Cultural, 1968, v.3.
- BRANDÃO, Darwin *et al.* *Reportagens que abalaram o Brasil*. Rio de Janeiro: Edições Bloch, 1973.
- BUCCI, Eugênio, KEHL, Maria Rita. *Videologias*. São Paulo: Boitempo, 2004.
- BULLOCK, Alan. A Alemanha de Hitler. In: *História do Século 20*. São Paulo: Abril Cultural, 1968, v.4.
- BURKE, P. *Hibridismo cultural*. Trad. Leila Souza Mendes. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2003.
- CALVINO, I. Visibilidade. In: *Seis Propostas para o Próximo Milênio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- CAMARGO, Isaac Antonio. O uso da fotografia e a construção do objeto noticioso na edição da mídia impressa. In: PRADO, José Luiz Aidar *et al.* (Orgs.). *Práticas midiáticas e espaço público*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001, Coleção Comunicação 10. Compós, v. 1.
- \_\_\_\_\_. *Modos de presença da imagem na enunciação da mídia jornalística impressa*. 2002. 169 p. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- CAMPOS, Fátima Cristina Gonçalves. *Visões e vozes – o governo Goulart nas páginas da Tribuna da Imprensa e Última Hora*. 191 p. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 1996.
- CANETTI, Elias. *Massa e poder*. Trad. Sérgio Tellaroli. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- CAPELATO, Maria Helena. O Estado Novo: O que trouxe de novo?. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. (Org.). *O Brasil Republicano, v. 2. O tempo do nacional-estatismo: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007 (O Brasil Republicano, v.2).
- CAPELATO, Maria Helena, PRADO, Maria Lígia. *O bravo matutino: imprensa e ideologia: o jornal O Estado de S. Paulo*. São Paulo: Alfa-Omega, 1980.
- CARVALHO, Aloysio Henrique Castelo de. *A opinião pública e a CPI da Última Hora – o governo Vargas (1951-54)*. 354 p. Tese (Doutorado em História Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.
- CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas.: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Cia. das Letras, 1990.
- \_\_\_\_\_. *Forças Armadas e Política no Brasil*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- \_\_\_\_\_. *Cidadania no Brasil: o longo caminho*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- CARVALHO, Nelly de. *Publicidade: a linguagem da sedução*. São Paulo: Ática, 2000.
- CHALHUB, Samira. *A metalinguagem*. 4ª ed. São Paulo : Ática, 2001.
- CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das Mídias*. Trad. Angela S. M. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2007.
- CHAUÍ, Marilena. *O que é ideologia*. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- COHN, Gabriel. Vargas e a política do petróleo. In: *História do Século 20*. São Paulo: Abril Cultural, 1968, v.5.
- D'ARAUJO, Maria Celina. Estado, classe trabalhadora e políticas sociais. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. (Org.). *O Brasil Republicano, v. 2. O tempo do nacional-estatismo: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007 (O Brasil Republicano, v.2).
- DEBORD, Guy. *A Sociedade do Espetáculo*. Trad. Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- DEWEY, John. *A arte como experiência*. In: *Os Pensadores*. São Paulo : Abril, 1974. v. 40.
- DISCINI, Norma. *A comunicação nos textos*. São Paulo: Contexto, 2005.
- \_\_\_\_\_. *O estilo nos textos: história em quadrinhos, mídia, literatura*. São Paulo: Contexto, 2004.

- DONDIS, Donis A. *Sintaxe da linguagem visual*. Trad. Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- DULLES, J. W. F. *Carlos Lacerda - A Vida de um Lutador*. Trad. Wanda Meno Barreto de Andrade. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992, v. 1.
- EAGLETON, Terry. *Ideologia. Uma introdução*. Trad. Silvana Vieira, Luís Carlos Borges. São Paulo: Editora UNESP, 1997.
- ECO, Umberto. *A Estrutura Ausente*. São Paulo : Perspectiva, 1991.
- \_\_\_\_\_. *Apocalípticos e integrados*. São Paulo: Perspectiva, 2001.
- FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e Mudança Social*. Coord. da Trad. Izabel Magalhães. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2001.
- FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fundação para o Desenvolvimento da Educação, 1996.
- FAUSTO, Boris [et al.]. *História Geral da Civilização Brasileira, tomo 3, v. 10. O Brasil Republicano, v.10: sociedade e política (1930-1964)*. Introdução geral de Sérgio Buarque de Holanda. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007 (História Geral da Civilização Brasileira, t.3, v.10).
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves. (Org.). *O Brasil Republicano, v. 2. O tempo do nacional-estatismo: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007 (O Brasil Republicano, v.2).
- \_\_\_\_\_. *O Brasil Republicano, v. 3. O tempo da experiência democrática: da democratização de 1945 ao golpe civil-militar de 1964*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008 (O Brasil Republicano, v.3).
- FERREIRA, Jorge. A democratização de 1945 e o movimento queremista. In: FERREIRA, Jorge, DELGADO, Lucília de Almeida Neves. (Org.). *O Brasil Republicano, v. 3. O tempo da experiência democrática: da democratização de 1945 ao golpe civil-militar de 1964*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008 A (O Brasil Republicano, v.3).
- FERREIRA, Jorge. Crises da República: 1954, 1955 e 1961. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves. (Org.). *O Brasil Republicano, v. 3. O tempo da experiência democrática: da democratização de 1945 ao golpe civil-militar de 1964*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008 B (O Brasil Republicano, v.3).
- FERREIRA Jr., José. *Capas de Jornal: a primeira página e o espaço gráfico visual*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2003.
- FIORIN, José Luiz. *Linguagem e ideologia*. São Paulo: Ática, 2005 A.
- \_\_\_\_\_. *Elementos de análise do discurso*. São Paulo: Contexto: 2005 B.
- FLOCH, Jean-Marie. *Semiótica, marketing y comunicación. Bajo los signos, las estrategias*. Trad. Maria del Rosario Lacalle e Maria Francisca Fernández. Barcelona: Paidós, 1993.
- \_\_\_\_\_. *Petites Mythologie de l'oil et de l'esprit pour une sémiotique plastique*. Paris: Hades-Benjamins, 1985.
- \_\_\_\_\_. *Identités visuelles*. Paris: Presses Universitaires de France, 1995.
- FLUSSER, Vilém. *Ensaio sobre a Fotografia - Para uma filosofia da técnica*. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 1998.
- \_\_\_\_\_. *Filosofia da Caixa Preta*. São Paulo : Hucitec, 1985.
- FONSECA, Pedro Cezar Dutra. *Vargas: o capitalismo em construção*. São Paulo : Brasiliense, 1999.
- FONTANILLE, Jacques. *Significação e visualidade: exercícios práticos*. Trad. Elizabeth B. Duarte e Maria Lilia D. de Castro. Porto Alegre: Sulina, 2005.
- FONTANILLE, Jacques, ZILBERBERG, Claude. *Tensão e significação*. Trad. Ivã Carlos Lopes, Luiz Tatit e Waldir Bevidas. São Paulo: Humanitas, 2001.
- FORTES, Alexandre; NEGRO, Antonio Luigi. *Historiografia, trabalho e cidadania no Brasil*. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves (Org.) *O Brasil Republicano, v. 2. O tempo do nacional-estatismo: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007 (O Brasil Republicano, v.2).
- FORBES, Jorge. Jacques Marie Émile Lacan, o Analista do Futuro. *Revista Viver Mente & Cérebro, Coleção Memória da Psicanálise*. São Paulo, v. 4, 2007.
- FRANCISCATO, Carlos Eduardo. A atualidade no jornalismo. In: PRADO, José Luiz Aidar, [et

- al], (Orgs.). *Práticas midiáticas e espaço público*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001, Coleção Comunicação 10. Compós, v. 1.
- FREUD, Sigmund. *On dreams*. Transl. M. D. Eder. New York: Dover Publications, Inc., 2001.
- \_\_\_\_\_. *Totem and taboo*. Transl. A. A. Brill. New York: Dover Publications, Inc., 1998.
- FROST, Chris. *Designing for newspapers and magazines*. New York: Routledge, 2003.
- GALBRAITH, John Kenneth. *O Colapso da Bolsa*. Trad. Oswaldo Chiquetto da 5ª ed. da edição americana baseada na tradução de Carlos Nayfeld da 3ª edição americana. 6ª ed. São Paulo: Pioneira, 1988
- GIDDENS, Anthony. *Para além da esquerda e da direita*. Trad. Álvaro Hattner. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1996.
- GOLDENSTEIN, Gisela Taschner. *Do Jornalismo político à indústria Cultural*. São Paulo: Summus, 1987.
- GORZ, André. *O imaterial: conhecimento, valor e capital*. Trad. Celso Azzan Júnior. São Paulo: Annablume, 2005.
- GREIMAS, Algirdas Julien. *Da Imperfeição*. Trad. Ana Claudia de Oliveira. São Paulo: Hacker Editores, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Semântica Estrutural: pesquisa de método*. Trad. Haqira Osakabe e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1966.
- GREIMAS, Algirdas Julien, COURTÉS, Joseph. *Dicionário de semiótica*. São Paulo: Cultrix, 1979.
- \_\_\_\_\_. *Semiótica: diccionario razonado de la teoría del lenguaje*. Madrid: Gredos, 1991.
- GUIMARÃES, Luciano. *A Cor como Informação: a construção biofísica, linguística e cultural da simbologia das cores*. São Paulo: Annablume, 2000.
- \_\_\_\_\_. *As Cores na Mídia: a organização da cor-informação no jornalismo*. São Paulo: Annablume, 2003.
- HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. *Império*. Trad. Berilo Vargas. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- HAMMAD, Manar. *Expressão espacial da enunciação*. Documentos de Estudo do Centro de Pesquisas Semióticas - 4. São Paulo: Edições CPS, 2005.
- HISTÓRIA do Século 20. São Paulo: Abril Cultural, 1968, 6 v.
- HJELMSLEV, Louis. *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*. Trad. J. Teixeira Coelho Neto. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- HOHLFELDT, A., BUCKUP, C. *Última Hora - Populismo nacionalista nas páginas de um jornal*. Porto Alegre : Sulina, 2002.
- \_\_\_\_\_. Samuel Wainer: a aventura gaúcha. In: MELO, José Marques de (Org.). *Imprensa brasileira: personagens que fizeram história*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo; São Bernardo do Campo, SP: Universidade Metodista de São Paulo, 2005.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- HURLBURT, Allen. *Layout: o design da página impressa*. Trad. Edmilson O. Conceição, Flávio M. Martins. São Paulo: Nobel, 2002.
- IANNI, Octavio. *O colapso do populismo no Brasil*. Civilização Brasileira, 1978.
- \_\_\_\_\_. *A sociologia e o mundo moderno*. São Paulo: EDUC, 1988.
- JANSSEN, K. H. Hitler e seus adeptos. In: História do Século 20. São Paulo: Abril Cultural, 1968, v.3.
- JOLY, Martine. *Introdução à análise da imagem*. Trad. Marina Appenzeller. Campinas : Papyrus, 1996.
- KERKHOVE, D. Ciberespaço. In: *A Pele da Cultura*. Lisboa: Relógio D'Água, 1995.
- LACERDA, Carlos. *Rosas e pedras de meu caminho*. Brasília : Editora Universidade de Brasília, 2001.
- LANDOWSKI, Eric. *Presenças do outro: ensaios de sociosemiótica*. Trad. Mary A. L. Barros. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- \_\_\_\_\_. *A sociedade refletida: ensaios de sociosemiótica*. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: EDUC/Pontes, 1992.
- \_\_\_\_\_. *Aquém ou além das estratégias, a presença contagiosa*. Trad. Dílson F. C. Júnior. São Paulo: Edições CPS, 2005.
- LAURENZA, A. M. A. *Lacerda X Wainer - O Corvo e o Bessarabiano*. 2ª. ed. São Paulo : Senac São Paulo, 1998.

- LE BON, Gustave. *Psicología de las multitudes*. Buenos Aires: Albatros, 1895.
- LICHTENSTEIN, Jacqueline. *A cor eloquente*. Trad. Maria Elizabeth Chaves de Mello e Maria Helena de Melo Rouanet. São Paulo: Siciliano, 1994.
- LOPES, Edward. *Discurso, texto e significação*. São Paulo: Cultrix, 1978.
- MACHADO, Arlindo. *A ilusão especular*. São Paulo : Brasiliense, 1984.
- \_\_\_\_\_. *Pré-cinemas & Pós-cinemas*. Campinas: Papyrus, 1997.
- MANGUEL, Alberto. *Lendo imagens*. São Paulo : Cia. das Letras, 2001.
- MARTÍN-BARBERO, J. *Ofício de Cartógrafo - Travesías Latinoamericanas de la comunicación en la cultura*. Santiago de Chile: Fondo de Cultura Económica, 2002.
- MATTELART, Armand. *Diversidade cultural e mundialização*. Trad. Marcus Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2005.
- MATTELART, Armand e Michèle. *História das teorias da comunicação*. Trad. Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: Edições Loyola, 2002.
- MELO, José Marques de. (Org.). *Imprensa brasileira: personagens que fizeram história*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo; São Bernardo do Campo, SP: Universidade Metodista de São Paulo, 2005.
- \_\_\_\_\_. *Teoria do jornalismo: identidades brasileiras*. São Paulo: Paulus, 2006.
- MERLEAU-PONTY, M. *Textos Estéticos*. IN *Os Pensadores*. São Paulo : Abril, 1974. v. 41.
- MORIN, Edgar. *O método 1: a natureza da natureza*. Trad. Ilana Heineberg. Porto Alegre: Sulina, 2005.
- \_\_\_\_\_. *O método 4: as ideias*. Trad. Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 2002.
- MOTA, Carlos Guilherme. *Ideologia da cultura brasileira (1933-1974)*. São Paulo: Ática, 2002.
- NATALI, João Batista. *Jornalismo internacional*. São Paulo: Contexto, 2004.
- NEGRI, Antonio. *Cinco lições sobre Império*. Trad. Alba Olmi. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- NEIVA Jr, Eduardo. *A imagem*. São Paulo : Ática, 1994.
- NOVAES, Adauto, et al. *O olhar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- OLIVEIRA, Ana Claudia de (org.). *Semiótica Plástica*. São Paulo: Hacker Editores, 2004.
- ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e identidade nacional*. São Paulo: Brasiliense: 2005.
- PAULA, Christiane Jalles de. *Imprensa, Nacionalismo e Radicalização no Brasil (1961-1964)*. 68 p. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) – Instituto Universitário de Pesquisa do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1999.
- PENA, Felipe. *Teoria do jornalismo*. São Paulo: Contexto, 2006.
- PEREIRA, Lauro Ávila. *Imprensa e populismo: Última Hora no segundo governo Vargas 1951-1954*. 182 p. Dissertação (Mestrado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1996.
- PIETROFORTE, Antonio Vicente. *Semiótica Visual: os percursos do olhar*. São Paulo: Contexto, 2004.
- PRADO Jr., Caio. *A cidade de São Paulo: geografia e história*. São Paulo: Brasiliense, 1998.
- \_\_\_\_\_. *História econômica do Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- \_\_\_\_\_. *História e desenvolvimento: a contribuição da historiografia para a teoria e prática do desenvolvimento brasileiro*. São Paulo: Brasiliense, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Evolução política do Brasil: colônia e império*. São Paulo: Brasiliense, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Clássicos sobre a revolução brasileira*. São Paulo: Expressão Popular, 2005.
- PRADO, José Luiz Aidar, DUNKER, Christian (org.). *Zizek crítico: política e psicanálise na era do multiculturalismo*. São Paulo: Hacker Editores, 2005.
- QUELER, Jefferson José. *Democracia e desenvolvimento: os políticos do Jornal a Última Hora no governo Kubitschek (1957-1960)*. 169 p. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.
- RIBEIRO, José Augusto. *A era Vargas, volume I : 1882-1950 : o primeiro governo Vargas*. Rio de Janeiro : Casa Jorge Editorial, 2001 A.
- \_\_\_\_\_. *A era Vargas, volume II : 1950-1954 : o segundo governo Vargas*. Rio de Janeiro : Casa Jorge Editorial, 2001 B.
- \_\_\_\_\_. *A era Vargas, volume III : agosto 1954 : a crise e a morte do presidente*. Rio de Janeiro : Casa Jorge Editorial, 2001 C.
- RICCIU, Francesco. Salazar. In: *História do Século 20*. São Paulo: Abril Cultural, 1968, v.4.
- ROMANCINI, Richard, LAGO, Cláudia. *História do Jornalismo no Brasil*. Florianópolis: Insular, 2007.

- ROUSSEAU, René-Lucien. *A linguagem das cores: a energia, o simbolismo, as vibrações e os ciclos das estruturas coloridas*. São Paulo: Pensamento, 2004.
- RÜDIGER, Francisco. *Theodor Adorno e a crítica à indústria cultural: comunicação e teoria crítica da sociedade*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.
- SALECL, Renata. *Sobre a felicidade: ansiedade e consumo na era do hipercapitalismo*. Trad. Marcelo Rezende. São Paulo: Alameda, 2005.
- SALLES, C. A. *Gesto inacabado: processo de criação artística*. São Paulo: Annablume, 2004.
- \_\_\_\_\_. *Crítica genética: uma (nova) introdução*. São Paulo: EDUC, 2000.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. São Paulo: Cortez, 2005.
- \_\_\_\_\_. *A gramática do tempo: para uma nova cultura política*. São Paulo: Cortez, 2006.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. Org. por Charles Bally e Albert Sechehaye. São Paulo: Cultrix, 2004.
- SCHAEFFER, Jean-Marie. *A imagem precária. A imagem precária: sobre o dispositivo fotográfico*. Trad. Eleonora Bottmann. Campinas: Papyrus, 1996.
- SENNA, José Júlio. *Os parceiros do rei: herança cultural e desenvolvimento econômico no Brasil*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1995.
- SERRA, Sonia. A produção de notícias e a esfera pública internacional. In: PRADO, José Luiz Aidar, [et al], organizadores. *Práticas midiáticas e espaço público*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001, Coleção Comunicação 10. Compós, v. 1.
- SILVA, Fernando Teixeira da; NEGRO, Antonio Luigi. Trabalhadores, sindicatos e política (1945-1964). In: FERREIRA, Jorge, DELGADO, Lucília de Almeida Neves. (Org.). *O Brasil Republicano, v. 3. O tempo da experiência democrática: da democratização de 1945 ao golpe civil-militar de 1964*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008 (O Brasil Republicano, v.3).
- SILVA, Hélio. *Vargas: uma biografia política*. Porto Alegre: L&PM, 2004A.
- \_\_\_\_\_. *1954: um tiro no coração*. Porto Alegre: L&PM, 2004B.
- SILVA, Rafael Sousa. *Diagramação: o planejamento visual gráfico na comunicação impressa*. São Paulo: Summus, 1985.
- SILVA, Tomaz Tadeu da (org.), HALL, Stuart, WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007 A.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.), HALL, Stuart, WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007 B.
- SILVERSTEIN, Louis. *Newspaper design for The Times*. New York: Van Nostrand Reinhold, 1990.
- SOARES, Gláucio Ary Dillon. *A democracia interrompida*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Síntese de história da cultura brasileira*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- SOUSA, Jorge Pedro. *Uma história crítica do fotojornalismo ocidental*. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2000, p. 20.
- \_\_\_\_\_. *Fotojornalismo - Introdução à história, às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa*. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2004.
- SUTTON, Albert A. *Design and makeup of the newspaper*. New York: Prentice-Hall, Inc., 1948.
- TARDE, Gabriel. *A opinião e as massas*. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- TASCHNER, Gisela. *Folhas ao vento: Análise de um conglomerado jornalístico no Brasil*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- VERÓN, E. *Fragmentos de um Tecido*. Trad. Vanise Dresch. São Leopoldo: Unisinos, 2004.
- VIANNA, Marly de Almeida G. Vianna. O PCB, a ANL e as insurreições de novembro de 1935. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves. (Org.). *O Brasil Republicano, v. 2. O tempo do nacional-estatismo: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007 (O Brasil Republicano, v.2).
- VILCHES, Lorenzo. *La lectura de la imagen - Prensa, cine, televisión*. Barcelona: Paidós, 1983.
- VIRILIO, P. A Arquitetura Improvável. In: *O Espaço Crítico*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.
- \_\_\_\_\_. As Perspectivas do Tempo Real. In: *O Espaço Crítico*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.
- VIRNO, Paolo. *A grammar of the multitude: for an analysis of contemporary forms of life*. New

- York: Semiotext(e), 2004.
- WAINER, S. *Minha razão de viver: memórias de um repórter*. 16<sup>a</sup>. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- WEFFORT, Francisco Corrêa. *O populismo na política brasileira*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.
- WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.), HALL, Stuart, WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- ZIZEK, Slavoj. *Looking Awry*. Cambridge: The MIT Press, 1991.
- \_\_\_\_\_. *Todo lo que Usted siempre quiso saber sobre Lacan y nunca se atrevió a preguntarle a Hitchcock*. Buenos Aires: Manantial, 1994.

### 6.3 Páginas da Web

- ALMANAQUE – FOLHA ONLINE. Folha de S. Paulo – Jornalistas contam a história – 5. *Estado Novo e o Getulismo: Depoimento de Joel Silveira ao repórter Gilberto Negreiros*. Capturado em 16/06/08 às 16:20. Disponível em <[almanaque.folha.uol.com.br/memoria\\_5.htm](http://almanaque.folha.uol.com.br/memoria_5.htm)>
- ARAÚJO, Rejane. Verbetes Temático da FGV. CPDOC – Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. *DIP: um instrumento de censura e propaganda do Estado Novo: antecedentes*. Capturado em 21/02/07. Disponível em <[www.cpdoc.fgv.br/dhbb/verbetes\\_htm/7791\\_1.asp](http://www.cpdoc.fgv.br/dhbb/verbetes_htm/7791_1.asp)>
- ARAÚJO, Rejane. Verbetes Temático da FGV. CPDOC – Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. *Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP): o DIP e sua atuação (1939-1945)*. In: CPDOC - Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. Capturado em 21/02/07. Disponível em <[www.cpdoc.fgv.br/dhbb/verbetes\\_htm/7791\\_2.asp](http://www.cpdoc.fgv.br/dhbb/verbetes_htm/7791_2.asp)>
- ARAÚJO, Rejane. CPDOC – Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. *DIP: um instrumento de censura e propaganda do Estado Novo*. Capturado em 21/02/07. Disponível em <[www.cpdoc.fgv.br/nav\\_fatos\\_imagens/htm/fatos/dip.htm](http://www.cpdoc.fgv.br/nav_fatos_imagens/htm/fatos/dip.htm)>
- BANCO DE DADOS DA FOLHA. *O movimento grevista de São Paulo conta com a adesão dos tecelões*. Capturado em 19/01/08 às 00:24. Disponível em <[almanaque.folha.uol.com.br/cotidiano\\_11mai1932.htm](http://almanaque.folha.uol.com.br/cotidiano_11mai1932.htm)>
- BARNHURST, Kevin G. 1991. *The Great American Newspaper*. Capturado em 20/07/04 às 19:10. Disponível em <[tiger.uic.edu/~kgbcomm/longnews/pdf/1BarAmSc.pdf](http://tiger.uic.edu/~kgbcomm/longnews/pdf/1BarAmSc.pdf)>
- BARNHURST, Kevin G., NERONE, John C. 1991. *Design Changes in U.S. Front Pages, 1885-1985*. Capturado em 20/07/04 às 19:46. Disponível em <[tiger.uic.edu/~kgbcomm/longnews/pdf/3Bar&Ner.pdf](http://tiger.uic.edu/~kgbcomm/longnews/pdf/3Bar&Ner.pdf)>
- BARNHURST, Kevin G., NERONE, John C. Visual Mapping and Cultural Authority: Design Changes in U.S. Newspapers, 1920 -1940. In: *Journal of Communication* 45.2 (Spring 1995). Capturado em 20/07/04 às 20:01. Disponível em <[tiger.uic.edu/~kgbcomm/longnews/pdf/3Ner&Bar.pdf](http://tiger.uic.edu/~kgbcomm/longnews/pdf/3Ner&Bar.pdf)>
- BARNHURST, Kevin G., NERONE, John C. 1999. *The President is dead: American News Photography & the New Long Journalism*. Capturado em 20/07/04 às 19:20. Disponível em <[tiger.uic.edu/~kgbcomm/longnews/pdf/4Bar&Ner.pdf](http://tiger.uic.edu/~kgbcomm/longnews/pdf/4Bar&Ner.pdf)>
- BIONDI, Luigi. (1998). Anarquistas italianos em São Paulo. O grupo do jornal anarquista “La Battaglia” e a sua visão da sociedade brasileira: o embate entre imaginários libertários e etnocêntricos. In: *La Stampa anarchica italiana in Brasile. 1904-1915*. Disponível em <[www.ifch.unicamp.br/ael/website-ael\\_publicacoes/cad-8/Artigo-4-p117.pdf](http://www.ifch.unicamp.br/ael/website-ael_publicacoes/cad-8/Artigo-4-p117.pdf)>
- BRANCO, Celso. *Quem tem medo da música popular no Brasil? A música como arma ideológica*. Capturado em 17/06/08 às 05:58. Disponível em <[www.tempopresente.org/index.php?option=com\\_content&task=view&id=2390&Itemid=124](http://www.tempopresente.org/index.php?option=com_content&task=view&id=2390&Itemid=124)>
- BUONICORE, Augusto. *73 anos da batalha antifascista da Praça da Sé. (27/10/07)*. Texto retirado do livro *A Batalha da Praça da Sé*, de Eduardo Maffei, Editora Philobiblion. Capturado em 15/01/09 às 17:45. Disponível em <[www.midiaindependente.org/pt/blue/2007/10/400252.shtml](http://www.midiaindependente.org/pt/blue/2007/10/400252.shtml)>
- CARVALHO, José Murilo de. Cidadania: tipos e percursos. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: CPDOC, 1996, n. 18. Capturado em 12/06/08 à 01:01. Disponível em

<[www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/199.pdf](http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/199.pdf)>

CONSTITUIÇÃO DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL de 18/09/1946. *Presidência da República, Casa Civil, Subchefia para Assuntos Jurídicos*. Capturado em 16/01/09 às 23:41. Disponível em <[www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/Constitui%C3%A7ao46.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/Constitui%C3%A7ao46.htm)>

CPDOC – Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. *Última Hora*. Capturado em 10/11/02 às 00:24. Disponível em <[www.cpdoc.fgv.br/dhbb/verbetes\\_htm/6400\\_1.asp](http://www.cpdoc.fgv.br/dhbb/verbetes_htm/6400_1.asp)>

CPDOC – Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. *Diretrizes do Estado Novo (1937-1945): educação, cultura e propaganda. Em síntese*. Capturado em 21/02/07. Disponível em <[www.cpdoc.fgv.br/nav\\_historia/htm/anos37-45/ev\\_ecp001.htm](http://www.cpdoc.fgv.br/nav_historia/htm/anos37-45/ev_ecp001.htm)>

CPDOC – Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. *Diretrizes do Estado Novo (1937-1945): educação, cultura e propaganda. Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP)*. Capturado em 21/02/07. Disponível em <[www.cpdoc.fgv.br/nav\\_historia/htm/anos37-45/ev\\_ecp\\_dip.htm](http://www.cpdoc.fgv.br/nav_historia/htm/anos37-45/ev_ecp_dip.htm)>

CPDOC – Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. *Diretrizes do Estado Novo (1937-1945): educação, cultura e propaganda. Imprensa*. Capturado em 21/02/07. Disponível em <[www.cpdoc.fgv.br/nav\\_historia/htm/anos37-45/ev\\_ecp\\_imprensa.htm](http://www.cpdoc.fgv.br/nav_historia/htm/anos37-45/ev_ecp_imprensa.htm)>

CPDOC – Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. *Diretrizes do Estado Novo (1937-1945): educação, cultura e propaganda. Cultura política*. Capturado em 21/02/07. Disponível em <[www.cpdoc.fgv.br/nav\\_historia/htm/anos37-45/ev\\_ecp\\_culturapolitica.htm](http://www.cpdoc.fgv.br/nav_historia/htm/anos37-45/ev_ecp_culturapolitica.htm)>

CPDOC – Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. *Diretrizes do Estado Novo (1937-1945): educação, cultura e propaganda. “Hora do Brasil”*. Capturado em 21/02/07. Disponível em <[www.cpdoc.fgv.br/nav\\_historia/htm/anos37-45/ev\\_ecp\\_horabrasil.htm](http://www.cpdoc.fgv.br/nav_historia/htm/anos37-45/ev_ecp_horabrasil.htm)>

CPDOC – Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. *Diretrizes do Estado Novo (1937-1945): educação, cultura e propaganda. Cultura Política*. Capturado em 17/06/08. Disponível em <[www.cpdoc.fgv.br/nav\\_historia/htm/anos37-45/ev\\_ecp\\_culturapolitica.htm](http://www.cpdoc.fgv.br/nav_historia/htm/anos37-45/ev_ecp_culturapolitica.htm)>

DEGRELLE, Leon. *How Hitler consolidated power in Germany and launched a social revolution*. In: JOURNAL OF HISTORICAL REVIEW. Volume 12, Number 3 (outono de 1992). Este artigo foi transcrito manualmente pelo Operador de Sistemas do extinto BBS (Bulletin Board System). Capturado em 02/01/2009 às 17:34. Disponível em <[www.library.frawlesslogic.com/soc\\_rev2.htm](http://www.library.frawlesslogic.com/soc_rev2.htm)>

DUARTE, Adriano, FONTES, Paulo. *O Populismo visto da periferia: Adhemarismo e Janismo nos Bairros da Mooca e São Miguel Paulista, 1948-1953*. (2007). Texto de VPR (Visiting Resource Professor) divulgado no site da LANIC – Latin American Network Information Center from University of Texas in Austin. Capturado em 30/10/08 às 15:14. Disponível em <[www1.lanic.utexas.edu/project/etext/llilas/vrp/fontes.pdf](http://www1.lanic.utexas.edu/project/etext/llilas/vrp/fontes.pdf)>

FETEC-CUT. 1932: *A primeira greve dos bancários*. (11/07/2007). Capturado em 15/01/09 às 14:00. Disponível em <[www.feteccn.com.br/index.php?option=com\\_content&task=view&id=2532&Itemid=0](http://www.feteccn.com.br/index.php?option=com_content&task=view&id=2532&Itemid=0)>

FÓRUM SINDICAL DOS TRABALHADORES. *Carta del Lavoro*. Extraído do Livro “História



- Sindicalista”, de Jeferson Barbosa da Silva. Editora CEPROS - Centro de Estudos e Projetos Sindicais, 2001. Capturado em 02/01/09. Disponível em <[www.arquivos.fir.br/disciplinas/001TRA8\\_cartalavoro.pdf](http://www.arquivos.fir.br/disciplinas/001TRA8_cartalavoro.pdf)>
- FRANKLIN MARTINS – Conexão Política. *Dever de um brasileiro*. Capturado em 17/06/08 às 05:02. Disponível em <[www.franklinmartins.com.br/som\\_na\\_caixa\\_gravacao.php?titulo=dever-de-um-brasileiro](http://www.franklinmartins.com.br/som_na_caixa_gravacao.php?titulo=dever-de-um-brasileiro)>
- GIL, Rosângela. *Vermelho, vermelhou: a campanha salarial dos bancários*. NPC – Núcleo Piratininga de Comunicação. (15-31/08/2003). Capturado em 15/01/09 às 14:40. Disponível em <[www.piratininga.org.br/novapagina/boletim\\_show.asp?boletim\\_num=27](http://www.piratininga.org.br/novapagina/boletim_show.asp?boletim_num=27)>
- JUNCKES, Ivan Jairo. *A trajetória de adesão e resistência dos trabalhadores bancários à modernidade corporativista no Brasil*. In: Revista de História Regional, Vol. 13, Nº 1, 2008. Capturado em 14/01/09 às 22:00. Disponível em <[www.revistas.uepg.br/index.php?journal=thr&page=article&op=viewFile&path%5B%5D=353&path%5B%5D=266](http://www.revistas.uepg.br/index.php?journal=thr&page=article&op=viewFile&path%5B%5D=353&path%5B%5D=266)>
- LEAL, Carlos Eduardo. *Última Hora*. In: CPDOC - Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. Capturado em 28/02/09. Disponível em <[www.cpdoc.fgv.br/dhbb/verbetes\\_htm/6400\\_5.asp](http://www.cpdoc.fgv.br/dhbb/verbetes_htm/6400_5.asp)>
- MARÔPO, Lidia. *Construções identitárias dos jornalistas: uma análise comparada entre Brasil e Portugal*. Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho. Publicado na Internet em 2008. Capturado em 13/01/2009 às 21:14. Disponível em <[lasics.uminho.pt/ojs/index.php/5sopcom/article/viewFile/40/41](http://lasics.uminho.pt/ojs/index.php/5sopcom/article/viewFile/40/41)>
- MAYER, Jorge Miguel, XAVIER, Libânia. *Jânio Quadros*. Verbetes Biográfico da FGV. In: CPDOC – Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. Capturado em 05/07/06. Disponível em <[www.cpdoc.fgv.br/dhbb/verbetes\\_htm/4387\\_1.asp](http://www.cpdoc.fgv.br/dhbb/verbetes_htm/4387_1.asp)>
- MENÉNDEZ, Fernanda Miranda. *Salazar ou a conquista discursiva do poder*. Revista de Estudos Linguísticos Veredas da Universidade Federal de Juiz de Fora. Publicado na Internet em 2007. Capturado em 13/01/2009 às 21:33. Disponível em <[www.revistaveredas.ufjf.br/volumes/veredas\\_portugal/artigo11.pdf](http://www.revistaveredas.ufjf.br/volumes/veredas_portugal/artigo11.pdf)>
- MESQUITA FILHO, Ruy. *Correspondência de Marina e Júlio de Mesquita Neto*. (04/07/2006). In: OBSERVATÓRIO DA IMPRENSA. Capturado em 23/03/2009 às 17:53. Disponível em <[observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?cod=388AZL004](http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?cod=388AZL004)>
- MONITOR DE MÍDIA. *Sensação nas páginas de um jornal*. Capturado em 12/07/04 às 22:03. Disponível em <[www.cehcom.univali.br/monitordemidia/paginas/materias.php?id=7812](http://www.cehcom.univali.br/monitordemidia/paginas/materias.php?id=7812)>
- OLIVEIRA, Ana Lucia. *IAPB e Sindicato: Duas estruturas interligadas*. In: Revista de Sociologia e Política. (1999, novembro, Nº 013). Capturado em 15/01/09 às 17:20. Disponível em <[redalyc.uaemex.mx/redalyc/pdf/238/23801311.pdf](http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/pdf/238/23801311.pdf)>
- OBSERVATÓRIO DA IMPRENSA. *Quando a Folha se tornou Folha*. Capturado em 14/04/08 às 00:38. Disponível em <[observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?cod=336MCH001](http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?cod=336MCH001)>
- PLANETA EDUCAÇÃO – De olho na história. *Vargas contra os “Inimigos da Batente”*. Capturado em 17/06/08 às 05:32. Disponível em <[www.planetaeducacao.com.br/novo/impressao.asp?artigo=225](http://www.planetaeducacao.com.br/novo/impressao.asp?artigo=225)>
- PRESTES, Anita Leocadia. *70 anos da Aliança Nacional Libertadora (ALN)*. In: Leituras Cotidianas. Nº 195. (09/09/05). Capturado em 15/01/09 às 20:09. Disponível em <[br.geocities.com/mcrost07/20050909a\\_70\\_anos\\_da\\_alianca\\_nacional\\_libertadora.htm#\\_ednref28](http://br.geocities.com/mcrost07/20050909a_70_anos_da_alianca_nacional_libertadora.htm#_ednref28)>

SENADO FEDERAL - Subsecretaria de Informações. *DECRETO-LEI nº 7.586 DE 28/05/1945*.

Capturado em 16/01/1945 às 23:36. Disponível em

<[www6.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=26767](http://www6.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=26767)>

SIQUEIRA, Carla. *O sensacional, o popular e o populismo nos jornais Última Hora, O Dia e Luta Democrática*, no segundo governo Vargas (1951-1954). Trabalho apresentado no Núcleo de

Jornalismo, XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Belo Horizonte/MG, 02 a 06

de setembro de 2003. Capturado em 15/10/2003 às 15:35. Disponível em

<[www.intercom.org.br/papers/nacionais/2003/www/pdf/2003\\_NP02\\_siqueira.pdf](http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2003/www/pdf/2003_NP02_siqueira.pdf)>

STEFSP. Sindicato dos Trabalhadores em Empresas Ferroviárias de S. Paulo. *História do sindicato*.

Capturado em 15/01/09 às 15:32. Disponível em

<[www.stefsp.org.br/diretoria/diretoria.html#sindicato](http://www.stefsp.org.br/diretoria/diretoria.html#sindicato)>

STEPHENS, Mitchell. *History of Newspapers*. In: New York University. Capturado em 21/06/08.

Disponível em <[www.nyu.edu/classes/stephens/Collier's%20page.htm](http://www.nyu.edu/classes/stephens/Collier's%20page.htm)>

Verbetes Biográfico da FGV: *Ademar de Barros*. In: CPDOC - Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. Capturado em 06/07/06. Disponível em

<[www.cpdoc.fgv.br/nav\\_jk/htm/biografias/Ademar\\_de\\_Barros.asp](http://www.cpdoc.fgv.br/nav_jk/htm/biografias/Ademar_de_Barros.asp)>

Verbetes Biográfico da FGV: *João Goulart*. In: CPDOC - Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. Capturado em 05/07/06. Disponível em

<[www.cpdoc.fgv.br/nav\\_jgoulart/htm/Biografias/Joao\\_Goulart.asp](http://www.cpdoc.fgv.br/nav_jgoulart/htm/Biografias/Joao_Goulart.asp)>

#### 6.4 Fontes das Imagens:

Figura 1 – *Última Hora* de quarta-feira, 20/06/1953. Fonte: Acervo do Arquivo Público do Estado de São Paulo.

Figura 2 – *Última Hora* de quarta-feira, 22/10/1952. Fonte: Acervo do Arquivo Público do Estado de São Paulo.

Figura 3 – *Última Hora* de terça-feira, 24/02/1953. Fonte: Acervo do Arquivo Público do Estado de São Paulo.

Figura 4 – *Última Hora* de segunda-feira, 23/03/1953. Fonte: Acervo do Arquivo Público do Estado de São Paulo.

Figura 5 – *Última Hora* de quinta-feira, 06/01/1955. Fonte: Acervo do Arquivo Público do Estado de São Paulo.

Figura 6 – *Folha da Noite* de quarta-feira, 05/01/1955. Fonte: Acervo do Banco de Dados de São Paulo Ltda., Empresa do Grupo Folha.

Figura 7 – *Folha da Tarde* de segunda-feira, 10/01/1955. Fonte: Acervo do Banco de Dados de São Paulo Ltda., Empresa do Grupo Folha.

Figura 8 – *Folha da Manhã* de sexta-feira, 04/02/1955. Fonte: Acervo do Banco de Dados de São Paulo Ltda., Empresa do Grupo Folha.

Figura 9 – *O Estado de S. Paulo* de quinta-feira, 06/01/1955. Fonte: Acervo da Biblioteca Mario de Andrade.

Figura 10 – *Última Hora* de quarta-feira, 16/02/1955. Fonte: Acervo do Arquivo Público do Estado de São Paulo.

Figura 11 – *Folha da Noite* de sexta-feira, 14/01/1955. Fonte: Acervo do Banco de Dados de São Paulo Ltda., Empresa do Grupo Folha.

Figura 12 – *Última Hora* de segunda-feira, 16/03/1953. Fonte: Acervo do Arquivo Público do Estado de São Paulo.

Figura 13 – *Última Hora* de segunda-feira, 16/03/1953. Fonte: Acervo do Arquivo Público do Estado de São Paulo.

Figura 14 – *Última Hora* de quinta-feira, 19/03/1953. Fonte: Acervo do Arquivo Público do Estado de São Paulo.

Figura 15 – *Última Hora* de terça-feira, 24/03/1953. Fonte: Acervo do Arquivo Público do Estado de São Paulo.

Figura 16 – *Última Hora* de quarta-feira, 25/03/1953. Fonte: Acervo do Arquivo Público do Estado de São Paulo.

Figura 17 – *Última Hora* de quinta-feira, 26/03/1953. Fonte: Acervo do Arquivo Público do Estado de São Paulo.

Figura 18 – *Última Hora* de sexta-feira, 27/03/1953. Fonte: Acervo do Arquivo Público do Estado de São Paulo.

Figura 19 – *Última Hora* de quinta-feira, 02/04/1953. Fonte: Acervo do Arquivo Público do Estado de São Paulo.

Figura 20 – *Última Hora* de terça-feira, 21/10/1952. Fonte: Acervo do Arquivo Público do Estado de São Paulo.

Figura 21 – *Última Hora* de quarta-feira, 29/10/1952. Fonte: Acervo do Arquivo Público do Estado de São Paulo.

Figura 22 – *Última Hora* de quarta-feira, 12/11/1952. Fonte: Acervo do Arquivo Público do Estado de São Paulo.

Figura 23 – *Última Hora* de quarta-feira, 07/01/1953. Fonte: Acervo do Arquivo Público do Estado de São Paulo.

Figura 24 – *Última Hora* de quarta-feira, 14/01/1953. Fonte: Acervo do Arquivo Público do Estado de São Paulo.

Figura 25 – *Última Hora* de quarta-feira, 28/01/1953. Fonte: Acervo do Arquivo Público do Estado de São Paulo.

Figura 26 – *Última Hora* de quinta-feira, 19/02/1953. Fonte: Acervo do Arquivo Público do Estado de São Paulo.

- Figura 27 – *Última Hora* de terça-feira, 24/02/1953. Fonte: Acervo do Arquivo Público do Estado de São Paulo.
- Figura 28 – *Última Hora* de terça-feira, 17/03/1953. Fonte: Acervo do Arquivo Público do Estado de São Paulo.
- Figura 29 – *Última Hora* de terça-feira, 24/08/1954. Fonte: Acervo do Arquivo Público do Estado de São Paulo.
- Figura 30 – *Última Hora* de terça-feira, 24/08/1954. Fonte: Acervo do Arquivo Público do Estado de São Paulo.
- Figura 31 – *Última Hora* de quarta-feira, 25/08/1954. Fonte: Acervo do Arquivo Público do Estado de São Paulo.
- Figura 32 – *Última Hora* de quarta-feira, 25/08/1954. Fonte: Acervo do Arquivo Público do Estado de São Paulo.
- Figura 33 – *Última Hora* de quarta-feira, 25/08/1954. Fonte: Acervo do Arquivo Público do Estado de São Paulo.
- Figura 34 – *Última Hora* de quarta-feira, 25/08/1954. Fonte: Acervo do Arquivo Público do Estado de São Paulo.
- Figura 35 – *Última Hora* de quinta-feira, 26/08/1954. Fonte: Acervo do Arquivo Público do Estado de São Paulo.
- Figura 36 – *Última Hora* de quinta-feira, 26/08/1954. Fonte: Acervo do Arquivo Público do Estado de São Paulo.
- Figura 37 – *Última Hora* de quinta-feira, 26/08/1954. Fonte: Acervo do Arquivo Público do Estado de São Paulo.
- Figura 38 – *Última Hora* de quinta-feira, 26/08/1954. Fonte: Acervo do Arquivo Público do Estado de São Paulo.
- Figura 39 – *Última Hora* de sexta-feira, 27/08/1954. Fonte: Acervo do Arquivo Público do Estado de São Paulo.
- Figura 40 – *Última Hora* de sexta-feira, 27/08/1954. Fonte: Acervo do Arquivo Público do Estado de São Paulo.
- Figura 41 – *Última Hora* de sábado, 28/08/1954. Fonte: Acervo do Arquivo Público do Estado de São Paulo.
- Figura 42 – *Última Hora* de sábado, 28/08/1954. Fonte: Acervo do Arquivo Público do Estado de São Paulo.
- Figura 43 – *Última Hora* de segunda-feira, 30/08/1954. Fonte: Acervo do Arquivo Público do Estado de São Paulo.
- Figura 44 – *Folha da Manhã* de quarta-feira, 25/08/1954. Fonte: Acervo do Arquivo Público do Estado de São Paulo.
- Figura 45 – *Folha da Manhã* de quarta-feira, 25/08/1954. Fonte: Acervo do Arquivo Público do Estado de São Paulo.
- Figura 46 – *Folha da Manhã* de quinta-feira, 26/08/1954. Fonte: Acervo do Arquivo Público do Estado de São Paulo.
- Figura 47 – *Folha da Tarde* de quarta-feira, 25/08/1954. Fonte: Acervo do Arquivo Público do Estado de São Paulo.
- Figura 48 – *Folha da Tarde* de quarta-feira, 25/08/1954. Fonte: Acervo do Arquivo Público do Estado de São Paulo.
- Figura 49 – *Folha da Tarde* de quinta-feira, 26/08/1954. Fonte: Acervo do Arquivo Público do Estado de São Paulo.
- Figura 50 – *Folha da Noite* de terça-feira, 24/08/1954. Fonte: Acervo do Banco de Dados de São Paulo Ltda., Empresa do Grupo Folha.
- Figura 51 – *Folha da Noite* de quarta-feira, 25/08/1954. Fonte: Acervo do Banco de Dados de São Paulo Ltda., Empresa do Grupo Folha.
- Figura 52 – *Folha da Noite* de quinta-feira, 26/08/1954. Fonte: Acervo do Banco de Dados de São Paulo Ltda., Empresa do Grupo Folha.
- Figura 53 – *O Estado de S. Paulo* de terça-feira, 24/08/1954. Fonte: Acervo do Arquivo Público do Estado de São Paulo.
- Figura 54 – *O Estado de S. Paulo* de quarta-feira, 25/08/1954. Fonte: Acervo do Arquivo Público do Estado de São Paulo.

- Figura 55 – *O Estado de S. Paulo* de quarta-feira, 25/08/1954. Fonte: Acervo do Arquivo Público do Estado de São Paulo.
- Figura 56 – *O Estado de S. Paulo* de quinta-feira, 26/08/1954. Fonte: Acervo do Arquivo Público do Estado de São Paulo.
- Figura 57 – *Última Hora* de terça-feira, 04/05/1954. Fonte: Acervo do Arquivo Público do Estado de São Paulo.
- Figura 58 – *Última Hora* de quarta-feira, 03/12/1952. Fonte: Acervo do Arquivo Público do Estado de São Paulo.
- Figura 59 – *Última Hora* de sábado, 21/03/1953. Fonte: Acervo do Arquivo Público do Estado de São Paulo.
- Figura 60 – *Última Hora* de sábado, 05/02/1955. Fonte: Acervo do Arquivo Público do Estado de São Paulo.
- Figura 61 – *Folha da Noite* de quinta-feira, 09/08/1951. Fonte: Acervo do Banco de Dados de São Paulo Ltda., Empresa do Grupo Folha.
- Figura 62 – *Folha da Manhã* de quarta-feira, 02/02/1955. Fonte: Acervo do Banco de Dados de São Paulo Ltda., Empresa do Grupo Folha.
- Figura 63 – *Folha da Noite* de sexta-feira, 02/03/1951. Fonte: Acervo do Banco de Dados de São Paulo Ltda., Empresa do Grupo Folha.
- Figura 64 – *Folha da Noite* de segunda-feira, 01/10/1951. Fonte: Acervo do Banco de Dados de São Paulo Ltda., Empresa do Grupo Folha.
- Figura 65 – *Folha da Noite* de sexta-feira, 05/10/1951. Fonte: Acervo do Banco de Dados de São Paulo Ltda., Empresa do Grupo Folha.
- Figura 66 – *Folha da Noite* de segunda-feira, 08/10/1951. Fonte: Acervo do Banco de Dados de São Paulo Ltda., Empresa do Grupo Folha.
- Figura 67 – *Folha da Noite* de segunda-feira, 03/12/1951. Fonte: Acervo do Banco de Dados de São Paulo Ltda., Empresa do Grupo Folha.
- Figura 68 – *Folha da Noite* de sexta-feira, 21/12/1951. Fonte: Acervo do Banco de Dados de São Paulo Ltda., Empresa do Grupo Folha.
- Figura 69 – *Folha da Noite* de segunda-feira, 24/12/1951. Fonte: Acervo do Banco de Dados de São Paulo Ltda., Empresa do Grupo Folha.
- Figura 70 – *Folha da Noite* de terça-feira, 08/01/1952. Fonte: Acervo do Banco de Dados de São Paulo Ltda., Empresa do Grupo Folha.
- Figura 71 – *Folha da Noite* de quarta-feira, 09/01/1952. Fonte: Acervo do Banco de Dados de São Paulo Ltda., Empresa do Grupo Folha.
- Figura 72 – *Folha da Noite* de sexta-feira, 01/02/1952. Fonte: Acervo do Banco de Dados de São Paulo Ltda., Empresa do Grupo Folha.
- Figura 73 – *Folha da Noite* de segunda-feira, 18/02/1952. Fonte: Acervo do Banco de Dados de São Paulo Ltda., Empresa do Grupo Folha.
- Figura 74 – *Folha da Noite* de terça-feira, 19/02/1952. Fonte: Acervo do Banco de Dados de São Paulo Ltda., Empresa do Grupo Folha.
- Figura 75 – *Folha da Noite* de terça-feira, 04/03/1952. Fonte: Acervo do Banco de Dados de São Paulo Ltda., Empresa do Grupo Folha.
- Figura 76 – *Folha da Noite* de terça-feira, 04/03/1952. Fonte: Acervo do Banco de Dados de São Paulo Ltda., Empresa do Grupo Folha.
- Figura 77 – *Folha da Noite* de sexta-feira, 27/06/1952. Fonte: Acervo do Banco de Dados de São Paulo Ltda., Empresa do Grupo Folha.
- Figura 78 – *Folha da Noite* de sexta-feira, 30/06/1952. Fonte: Acervo do Banco de Dados de São Paulo Ltda., Empresa do Grupo Folha.
- Figura 79 – *Folha da Noite* de terça-feira, 01/02/1955. Fonte: Acervo do Banco de Dados de São Paulo Ltda., Empresa do Grupo Folha.
- Figura 80 – *Folha da Noite* de terça-feira, 01/02/1955. Fonte: Acervo do Banco de Dados de São Paulo Ltda., Empresa do Grupo Folha.
- Figura 81 – *Folha da Noite* de segunda-feira, 07/02/1955. Fonte: Acervo do Banco de Dados de São Paulo Ltda., Empresa do Grupo Folha.
- Figura 82 – *Folha da Noite* de segunda-feira, 03/01/1955. Fonte: Acervo do Banco de Dados de São Paulo Ltda., Empresa do Grupo Folha.

- Figura 83 – *Folha da Noite* de terça-feira, 04/01/1955. Fonte: Acervo do Banco de Dados de São Paulo Ltda., Empresa do Grupo Folha.
- Figura 84 – *Folha da Noite* de sexta-feira, 21/01/1955. Fonte: Acervo do Banco de Dados de São Paulo Ltda., Empresa do Grupo Folha.
- Figura 85 – *Folha da Tarde* de segunda-feira, 12/11/1951. Fonte: Acervo do Banco de Dados de São Paulo Ltda., Empresa do Grupo Folha.
- Figura 86 – *Folha da Tarde* de terça-feira, 13/11/1951. Fonte: Acervo do Banco de Dados de São Paulo Ltda., Empresa do Grupo Folha.
- Figura 87 – *Folha da Tarde* de quarta-feira, 14/11/1951. Fonte: Acervo do Banco de Dados de São Paulo Ltda., Empresa do Grupo Folha.
- Figura 88 – *Folha da Tarde* de terça-feira, 27/11/1951. Fonte: Acervo do Banco de Dados de São Paulo Ltda., Empresa do Grupo Folha.
- Figura 89 – *Folha da Tarde* de sexta-feira, 30/11/1951. Fonte: Acervo do Banco de Dados de São Paulo Ltda., Empresa do Grupo Folha.
- Figura 90 – *Folha da Tarde* de quinta-feira, 29/11/1951. Fonte: Acervo do Banco de Dados de São Paulo Ltda., Empresa do Grupo Folha.
- Figura 91 – *Folha da Tarde* de sábado, 19/01/1952. Fonte: Acervo do Banco de Dados de São Paulo Ltda., Empresa do Grupo Folha.
- Figura 92 – *Folha da Tarde* de quarta-feira, 16/01/1952. Fonte: Acervo do Banco de Dados de São Paulo Ltda., Empresa do Grupo Folha.
- Figura 93 – *Folha da Tarde* de terça-feira, 01/04/1952. Fonte: Acervo do Banco de Dados de São Paulo Ltda., Empresa do Grupo Folha.
- Figura 94 – *Folha da Tarde* de segunda-feira, 03/01/1955. Fonte: Acervo do Banco de Dados de São Paulo Ltda., Empresa do Grupo Folha.
- Figura 95 – *Folha da Tarde* de segunda-feira, 03/01/1955. Fonte: Acervo do Banco de Dados de São Paulo Ltda., Empresa do Grupo Folha.
- Figura 96 – *Folha da Tarde* de segunda-feira, 03/01/1955. Fonte: Acervo do Banco de Dados de São Paulo Ltda., Empresa do Grupo Folha.
- Figura 97 – *Folha da Manhã* de quinta-feira, 06/01/1955. Fonte: Acervo do Banco de Dados de São Paulo Ltda., Empresa do Grupo Folha.
- Figura 98 – *Folha da Manhã* de terça-feira, 04/01/1955. Fonte: Acervo do Banco de Dados de São Paulo Ltda., Empresa do Grupo Folha.
- Figura 99 – *Folha da Manhã* de terça-feira, 04/01/1955. Fonte: Acervo do Banco de Dados de São Paulo Ltda., Empresa do Grupo Folha.
- Figura 100 – *Folha da Manhã* de domingo, 09/01/1955. Fonte: Acervo do Banco de Dados de São Paulo Ltda., Empresa do Grupo Folha.
- Figura 101 – *Folha da Manhã* de domingo, 09/01/1955. Fonte: Acervo do Banco de Dados de São Paulo Ltda., Empresa do Grupo Folha.
- Figura 102 – *Folha da Manhã* de quinta-feira, 17/02/1955. Fonte: Acervo do Banco de Dados de São Paulo Ltda., Empresa do Grupo Folha.
- Figura 103 – *O Estado de S. Paulo* de sexta-feira, 25/03/1955. Fonte: Acervo da Biblioteca Mario de Andrade.
- Figura 104 – *O Estado de S. Paulo* de domingo, 09/01/1955. Fonte: Acervo da Biblioteca Mario de Andrade.
- Figura 105 – *O Estado de S. Paulo* de domingo, 27/03/1955. Fonte: Acervo da Biblioteca Mario de Andrade.
- Figura 106 – *O Estado de S. Paulo* de quarta-feira, 12/01/1955. Fonte: Acervo da Biblioteca Mario de Andrade.
- Figura 107 – *O Estado de S. Paulo* de sexta-feira, 25/02/1955. Fonte: Acervo da Biblioteca Mario de Andrade.
- Figura 108 – *O Estado de S. Paulo* de terça-feira, 11/01/1955. Fonte: Acervo da Biblioteca Mario de Andrade.
- Figura 109 – *O Estado de S. Paulo* de terça-feira, 11/01/1955. Fonte: Acervo da Biblioteca Mario de Andrade.

- Figura 110 – *Última Hora* de quarta-feira, 22/10/1952. Fonte: Acervo do Arquivo Público do Estado de São Paulo.
- Figura 111 – *Última Hora* de terça-feira, 24/02/1953. Fonte: Acervo do Arquivo Público do Estado de São Paulo.
- Figura 112 – *Última Hora* de segunda-feira, 23/03/1953. Fonte: Acervo do Arquivo Público do Estado de São Paulo.
- Figura 113 – *Última Hora* de quinta-feira, 06/01/1955. Fonte: Acervo do Arquivo Público do Estado de São Paulo.
- Figura 114 – *Última Hora* de quarta-feira, 16/02/1955. Fonte: Acervo do Arquivo Público do Estado de São Paulo.
- Figura 115 – *Folha da Noite* de quarta-feira, 05/01/1955. Fonte: Acervo do Banco de Dados de São Paulo Ltda., Empresa do Grupo Folha.
- Figura 116 – *Folha da Noite* de sexta-feira, 14/01/1955. Fonte: Acervo do Banco de Dados de São Paulo Ltda., Empresa do Grupo Folha.
- Figura 117 – *Folha da Tarde* de segunda-feira, 10/01/1955. Fonte: Acervo do Banco de Dados de São Paulo Ltda., Empresa do Grupo Folha.
- Figura 118 – *Folha da Manhã* de sexta-feira, 04/02/1955. Fonte: Acervo do Banco de Dados de São Paulo Ltda., Empresa do Grupo Folha.
- Figura 119 – *O Estado de S. Paulo* de quinta-feira, 06/01/1955. Fonte: Acervo da Biblioteca Mario de Andrade.

## 7. ANEXO

### 7.1. A VISUALIDADE DOS JORNAIS *ÚLTIMA HORA*, *FOLHA DA NOITE*, *FOLHA DA TARDE*, *FOLHA DA MANHÃ* E *O ESTADO DE S.PAULO*

Neste anexo, apresentaremos a visualidade dos jornais *Folha da Noite*, *Folha da Tarde*, *Folha da Manhã*, *O Estado de S. Paulo*, a partir de julho de 1951, que serão comparados à *Última Hora* sucursal de São Paulo, com o objetivo de observar as transformações daqueles periódicos na composição diagramática visual-verbal, as alterações de logotipo, inserção ou não de imagens e a cromatização, após o lançamento da *Última Hora* no Rio de Janeiro em 12 de junho de 1951. Análises de página inteira de todos os periódicos serão realizadas na parte 2 deste anexo.

#### 7.1.1 *Última Hora*

A *Última Hora*, em seus primeiros anos, normalmente era editada com dois cadernos, com oito a doze páginas no primeiro e geralmente oito páginas no segundo. Quando havia algum evento especial, como eleições, era editado um terceiro caderno. Como o jornal *Última Hora* já foi analisado nesta tese em diversos aspectos, restou um estudo de outras páginas com elementos específicos da configuração visual-verbal (capas de primeiro, segundo e terceiro cadernos) realizado na parte 2 deste anexo, bem como um resumo de sua composição temática, que apresentaremos neste momento. Em 16 de março de 1953, *Última Hora* informou que, a partir do dia 18, a sucursal de São Paulo teria duas edições diárias: uma às 9 horas, identificada por uma estrela, e outra às 13 horas, com duas estrelas. Quando havia acontecimentos de muita repercussão, era comum sair mais de duas edições no mesmo dia. Neste caso, a quantidade de estrelas vazadas sobre fundo azul, junto ao logotipo, indicava o número de edições. Tomando como exemplo, aquela edição de segunda-feira, 16 de março de 1953, observamos as seguintes seções: na capa do primeiro caderno, notícias nacionais e do Brasil no exterior, uma internacional sobre temas políticos, futebol, turfe e crime; na página 2, coluna *7 dias em São Paulo*, de Honorio de Stylos, visita de autoridades brasileiras aos Estados Unidos, outras notícias políticas e anúncios; na página 3, informe sobre a circulação de duas edições diárias; na página 4, notícias internacionais, um grande



anúncio da Isnard e outras propagandas menores; na página 5, notícias políticas nacionais; na página 6, notícias políticas, policiais e anúncios; na página 7, notícias policiais e um enorme anúncio das Lojas Garbo; na página 8, notícias políticas (entre elas o apoio de Getúlio Vargas aos candidatos Cardoso e Nobre Filho à prefeitura paulistana) e anúncios; na página 9, notícias policiais, um grande anúncio do Mappin e classificados; na página 10, coluna *Na Ronda das ruas* (crime, polícia, acidentes), filmes em cartaz e anúncios; na página 11, tentativas de assalto à Caixa Econômica e de sequestro da esposa do prefeito, anúncios; na página 12, *Última Hora no Turfe*. No segundo caderno, temos: na capa, *Última Hora Esportiva*; na página 2, diversas modalidades esportivas (cestobol, basquete, futebol, polo aquático) e anúncios; na página 3, futebol e anúncios; na página 4, futebol, natação e anúncios; na página 5, mais futebol e anúncios; na página 6, futebol, salto com vara, vólibol e anúncios; na página 7, turfe e anúncios; na página 8, novamente *Última Hora Esportiva*. Em 1955, o jornal publicava geralmente três cadernos, com seção de esportes e cinema/teatro/variedades.

### 7.1.2 *Folh d Noite*

Em agosto de 1951, a impressão da *Folha da Noite* ainda era totalmente em preto e branco, com uma ou duas manchetes se destacando com fontes maiores, o logotipo do jornal em letra serifada bastão não tinha lugar fixo na espacialidade da página e tão pequeno que ficava difícil localizá-lo (Figura 61 [09/08/1951]). As edições se diferenciavam pela quantidade de fotos, pelas diversas tipologias de títulos e posicionamento na espacialidade da página; parece que buscavam a definição de um padrão diagramático. O texto verbal ocupava uma grande área da mancha, porém com títulos maiores e mais espaços em branco e imagens do que na *Folha da Manhã* de 1955 (Figura 62 [02/02/1955]). Na *Folha da Noite*, as histórias em quadrinhos, como Charlie Chan e Roy Rogers (Figura 63 [02/03/1951]), situavam-se nas páginas internas, geralmente de autores estrangeiros (a *Última Hora* priorizava as histórias em quadrinhos de autoria nacional). Não era editada aos sábados e domingos. Às vezes, a *Folha da Noite* era distribuída com dois cadernos, o primeiro com dez páginas e o segundo com oito, ou seis páginas cada, não havendo definição também quanto ao número de páginas. Circulavam também edições com um único caderno de cerca de dez páginas.

Figura 61

Fonte: Banco de Dados de São Paulo Ltda., Empresa do Grupo *Folha*



Figura 62

Fonte: Banco de Dados de São Paulo Ltda., Empresa do Grupo *Folha*



Figura 63

Fonte: Banco de Dados de São Paulo Ltda., Empresa do Grupo *Folha*



Figura 64

Fonte: Banco de Dados de São Paulo Ltda., Empresa do Grupo *Folha*



Figura 65

Fonte: Banco de Dados de São Paulo Ltda., Empresa do Grupo *Folha*



Figura 66

Fonte: Banco de Dados de São Paulo Ltda., Empresa do Grupo *Folha*



A *Folha da Noite* mudou seu logotipo em outubro de 1951: adotou a posição centralizada no cabeçalho da página, em tipologia grande serifada e inclinada para a direita (Figura 64 [01/10/1951]). O subtítulo "O Vespertino dos Lares" também foi alterado na diagramação: em letras vazadas do tipo bastão, inserido em uma faixa preta, curvilínea. Era a primeira tentativa de mudança da visualidade da página deste jornal. O

dia 5 de outubro de 1951, sexta-feira, é o último dia em que o logotipo do jornal saiu em preto e branco (Figura 65 [05/10/1951]). A partir da segunda-feira, 8 de outubro de 1951, o mesmo logotipo bem dimensionado adquiriu a cor azul (Figura 66 [08/10/1951]). O subtítulo "O Vespertino dos Lares" permaneceu em fundo preto. Na edição de 3 de dezembro de 1951, segunda-feira, observamos que na contracapa o logotipo do jornal também adquiriu a cor azul, diferente de edições anteriores (Figura 67 [03/12/1951]). Nos números seguintes, outros detalhes da página eram destacados em azul, como manchetes, ilustrações, auto-propaganda, mas parece ainda não existir um padrão na diagramação; às vezes aparecia uma manchete ou ilustração em azul, às vezes a página toda em preto e branco, com exceção do logotipo. O número da sexta-feira, 21 de dezembro de 1951 ainda apresentava o logotipo e alguns detalhes em azul (Figura 68 [21/12/1951]).

**Figura 67**

Fonte: Banco de Dados de São Paulo Ltda., Empresa do Grupo *Folha*



**Figura 68**

Fonte: Banco de Dados de São Paulo Ltda., Empresa do Grupo *Folha*



**Figura 69**

Fonte: Banco de Dados de São Paulo Ltda., Empresa do Grupo *Folha*



Ainda na *Folha da Noite*, na véspera de Natal, segunda-feira, 24 de dezembro de 1951, a página foi ornamentada com uma generosa ilustração natalina impressa em vermelho, azul, verde, amarelo e preto (Figura 69 [24/12/1951]). A partir de 26 de dezembro de 1951, voltou o paradigma visual anterior: o título do jornal em azul e o restante da página em preto e branco. Manchetes e outros detalhes em azul apareciam novamente na edição de terça-feira, 8 de janeiro de 1952 (Figura 70 [08/01/1952]). Aqui confirmamos que não havia padrão diagramático; as páginas pareciam improvisadas,

ora tudo colorido, ora preto-e-branco, ora manchetes em azul, ora em preto e branco. No jornal da quarta-feira, 9 de janeiro de 1952 (Figura 71 [09/01/1952]), encontramos uma novidade: é a primeira vez que percebemos uma manchete com letras vazadas em fundo azul, invertendo a visualidade cromática.

**Figura 70**

Fonte: Banco de Dados de São Paulo Ltda., Empresa do Grupo *Folha*



**Figura 71**

Fonte: Banco de Dados de São Paulo Ltda., Empresa do Grupo *Folha*



**Figura 72**

Fonte: Banco de Dados de São Paulo Ltda., Empresa do Grupo *Folha*



A partir da sexta-feira, 1º de fevereiro de 1952, sua capa recebeu, além de manchetes e outros detalhes em azul, a adição da cor vermelha e uma foto colorida (Figura 72 [01/02/1952]). Confirmando a irregularidade no padrão da construção visual, na segunda-feira seguinte a foto colorida desapareceu e retornou na quinta-feira, 7 de fevereiro de 1952. No dia seguinte, foi impressa uma ilustração em várias cores. Ora havia a predominância de detalhes em azul, ora uma foto ou ilustração em quatro cores, ou ambos, ora detalhes em outras cores, como vermelho e amarelo; ainda parecia não haver um planejamento para configurar a visualidade da página. Na edição da segunda-feira, 18 de fevereiro de 1952, uma ilustração em fundo amarelo, ponteiro azul e relógio branco, mostrava os horários em que os diversos jornais das *Folhas* chegavam ao público (Figura 73 [18/02/1952]). Naquela época, o logotipo da capa do segundo caderno, quando havia (às vezes era editado somente um caderno), era impresso em preto e branco. A edição de terça-feira, 19 de fevereiro de 1952, comemorou 32 anos de existência da *Folha da Noite*, com uma grande ilustração colorida (Figura 74

[19/02/1952]). Parece que a utilização da cor era como uma exceção, um acréscimo à visualidade da página, ao contrário da *Última Hora*, em que a cor já fazia parte da composição editorial.

### Figura 73

Fonte: Banco de Dados de São Paulo Ltda., Empresa do Grupo *Folha*



### Figura 74

Fonte: Banco de Dados de São Paulo Ltda., Empresa do Grupo *Folha*



### Figura 75

Fonte: Banco de Dados de São Paulo Ltda., Empresa do Grupo *Folha*



A partir de março de 1952, o jornal *Folha da Noite* era acompanhado de um suplemento em quatro cores dirigido ao público feminino, inclusive com páginas internas coloridas e na contracapa uma HQ, do mesmo nome do jornal, publicado de terça a sexta-feira (Figura 75 [04/03/1952] e Figura 76 [04/03/1952]). Na sexta-feira, 7 de março de 1952, a capa continha uma foto colorida e uma ilustração com predominância do amarelo, e na outra sexta-feira, 14 de março de 1952, além do logotipo em azul, observamos uma foto colorida com recorte circular, e alguns pequenos detalhes em azul e vermelho. A construção visual da capa do jornal continuava sem um projeto definido: na quinta-feira, 20 de março de 1952, havia três fotos coloridas da bomba atômica; nos dois dias seguintes, apareceu uma ilustração colorida substituindo a foto (a edição de 21/03/52 possuía um único caderno com dez páginas e a de 24/03/52, um caderno com 8 páginas); a edição de sexta-feira, 27 de junho de 1952 apresentava, além de uma ilustração colorida, o logotipo em azul (Figura 77 [27/06/1952]), mas a edição de sexta-feira, 30 de junho de 1952, mostrava o mesmo logotipo em preto e branco, e uma ilustração com predominância do vermelho (Figura 78 [30/06/1952]).

Figura 76

Fonte: Banco de Dados de São Paulo Ltda., Empresa do Grupo *Folha*



Figura 77

Fonte: Banco de Dados de São Paulo Ltda., Empresa do Grupo *Folha*



Figura 78

Fonte: Banco de Dados de São Paulo Ltda., Empresa do Grupo *Folha*



Em 1955, era editado geralmente com dez páginas no primeiro caderno e seis a oito no segundo, totalizando dezesseis ou dezoito páginas, ainda sem circular aos sábados e domingos. Quanto a seu conteúdo temático, a *Folha da Noite* apresentava os problemas da cidade paulistana na contracapa do primeiro caderno, entretenimento na capa do segundo caderno e *Folha da Noite nos Esportes* na contracapa do segundo caderno. Tomando como exemplo a edição da segunda-feira, 3 de janeiro de 1955, verificamos as seguintes seções: política nacional e internacional na capa do primeiro caderno; a coluna *São Paulo em 1930* com notícias daquela década, e matérias nacionais diversas na página 2; coluna *Crônica do dia*, por Osny Oliveira, *Trabalhos extraordinários da Assembleia Legislativa*, notícias diversas (política, carestia, policial), na página 3; notícias internacionais e nacionais de temas diversos na página 4; *Teatro por dentro e por fora* na página 5; *Notas econômicas*, sobre inflação, política cafeeira, imigrantes na página 6; *Vida escolar*, toda a página sobre cursos, escolas, universidades, vestibulares, formaturas no Brasil, exceto uma notícia sobre problemas de moradia na Holanda, na página 7; turfe, sem título de seção, na página 8; *Histórias de Sherlock*, notícias nacionais de polícia e do cotidiano (acidentes, furtos, afogamentos) na página 9; *Vida dramática da cidade na polícia e nas ruas* – sobre crimes na cidade de São Paulo na página 10. No segundo caderno, verificamos: entretenimento (circo e reveillon no Automóvel Clube) na capa; *Cartaz: Cinema-Teatro-Televisão-Circo* na página 2;

*Sociedade, Este canto é meu, Feirinha noturna, Atacado e varejo*, sobre a alta sociedade brasileira, noivados, casamentos, aniversários na página 3; futebol, lista de boates, bares e restaurantes, *Ferroada do dia* (sobre futebol) e *Boa Viagem* (sobre turismo) na página 4; atletismo na página 5; *Folha da Noite nos Esportes*, sobre futebol, atletismo e turfe na página 6.

### Figura 79

Fonte: Banco de Dados de São Paulo Ltda., Empresa do Grupo *Folha*



### Figura 80

Fonte: Banco de Dados de São Paulo Ltda., Empresa do Grupo *Folha*



### Figura 81

Fonte: Banco de Dados de São Paulo Ltda., Empresa do Grupo *Folha*



Quanto à visualidade naquele ano de 1955, a *Folha da Noite* apresentou alterações especialmente nas capas. O logotipo, ainda azul, com letras do tipo bastão, não possuía localização fixa, variava conforme a edição, mas o azul seguia predominando na construção visual das capas. Ilustrações com quatro cores eram mais frequentes, a quantidade de fotos na capa do jornal foi ampliada (Figura 79 [01/02/1955]), geralmente com dois cadernos. A seção *Folha da Noite nos Esportes* situava-se na contracapa do segundo caderno e era bastante colorida (Figura 80 [01/02/1955]), às vezes utilizando o recurso *picture story*<sup>23</sup> (Figura 81 [07/02/1955]). Ainda não havia edições aos sábados e domingos. A capa do segundo caderno já apresentava detalhes como manchetes ou molduras em azul e vermelho, ou vazadas em fundo azul ou vermelho (Figura 82 [03/01/1955]), com maior número de fotografias, às

<sup>23</sup> O recurso *picture story* ou *photo story* foi originalmente produzido no fotojornalismo alemão nas décadas de 1920 – 1930. Trata-se de uma série de fotografias juntas, apresentando sequências, como se fosse contada uma história, ou um trecho de filme apresentado quadro por quadro (SOUZA, 2000, p. 79-83).

vezes incluindo detalhes em amarelo. As páginas internas continuavam acromáticas. Nesta fase, a presença das cores azul e vermelha, às vezes incluindo a amarela, nas capas, era mais estável (Figura 83 [04/01/1955]). Na capa de 17 de janeiro de 1955, segunda-feira, além de uma manchete com letras pretas em fundo vermelho e títulos em azul, um anúncio do produto Mentol incluía uma planta e títulos na cor verde, remetendo ao produto. Na edição de sexta-feira, 21 de janeiro de 1955, a *Folha da Noite nos Esportes*, contracapa do segundo caderno, era ilustrada com um jogador caricaturado, recortado, em cor, e títulos em vermelho, vazados em fundo azul e letras pretas sobre fundo amarelo (Figura 84 [21/01/1955]). É importante ressaltar que a seleção das páginas estudadas em todos os jornais foi realizada em razão das mudanças apresentadas após a fundação do jornal *Última Hora*, até 1955.

**Figura 82**

Fonte: Banco de Dados de São Paulo Ltda., Empresa do Grupo *Folha*



**Figura 83**

Fonte: Banco de Dados de São Paulo Ltda., Empresa do Grupo *Folha*



**Figura 84**

Fonte: Banco de Dados de São Paulo Ltda., Empresa do Grupo *Folha*



### 7.1.3 *Folha da Tarde*

O processo de construção visual e temático da *Folha da Tarde* teve um percurso diferenciado. Iniciaremos pelo padrão estético do jornal em 1951. Até o dia 12 de novembro de 1951, segunda-feira, toda a página era configurada em preto e branco. O logotipo era elaborado com letras do tipo bastão e vazados sobre fundo preto, e não apresentava uma posição fixa, variando a cada edição (Figura 85 [12/11/1951]). Seu subtítulo "O Vespertino das Multidões" ficava logo abaixo do nome do jornal. Terça-



feira, 13 de novembro de 1951 foi o primeiro dia em que o logotipo ganhou cor: letras vazadas em fundo vermelho, porém ainda mantinha as características do formato anterior, tipologia bastão, variando sua localização na página (Figura 86 [13/11/1951]). A edição da quarta-feira, 14 de novembro de 1951, foi a primeira em que o logotipo mudou de formato: centralizado no topo da página, com letras serifadas sem inclinação, bem dimensionadas, na cor vermelha (Figura 87 [14/11/1951]). O restante da página permanecia em preto e branco. Na edição da terça-feira, 27 de novembro de 1951, foi a primeira vez que, além do logotipo, uma manchete era impressa em vermelho (Figura 88 [27/11/1951]). Naquela época, havia normalmente dois cadernos, com cerca de oito páginas cada.

**Figura 85**

Fonte: Banco de Dados de São Paulo Ltda., Empresa do Grupo *Folha*



**Figura 86**

Fonte: Banco de Dados de São Paulo Ltda., Empresa do Grupo *Folha*



**Figura 87**

Fonte: Banco de Dados de São Paulo Ltda., Empresa do Grupo *Folha*



**Figura 88**

Fonte: Banco de Dados de São Paulo Ltda., Empresa do Grupo *Folha*



**Figura 89**

Fonte: Banco de Dados de São Paulo Ltda., Empresa do Grupo *Folha*



**Figura 90**

Fonte: Banco de Dados de São Paulo Ltda., Empresa do Grupo *Folha*



Em dezembro de 1951, a *Folha da Tarde*, quase sempre com o logotipo vermelho, alternava a construção da visualidade da capa, às vezes com manchetes na cor vermelha, ou toda a página em preto e branco, exceto o logo (Figura 89 [30/11/1951]), e esporadicamente acrescentava uma ilustração em vermelho (Figura 90 [29/11/1951]). Na edição de sábado, 19 de janeiro de 1952, por exemplo, a capa inteira voltou ao preto e branco (Figura 91 [19/01/1952]). A partir de meados de janeiro de 1952, as manchetes em vermelho foram mais frequentes na capa, e houve um aumento na quantidade de ilustrações com predominância da mesma cor, acrescentando algum dinamismo à página (Figura 92 [16/01/1952]). Em janeiro de 1952, o jornal passou a circular aos sábados. Em abril de 1952, a quantidade de imagens fotográficas aumentou e estas ficaram maiores (Figura 93 [01/04/1952]). A impressão do logotipo não obedecia a um critério sistemático. Numa edição, o logotipo era impresso em preto e branco, na outra as fontes e a faixa inferior em vermelho, depois voltava para o preto e branco. Parecia ainda não haver um padrão estético de diagramação.

**Figura 91**

Fonte: Banco de Dados de São Paulo Ltda., Empresa do Grupo *Folha*



**Figura 92**

Fonte: Banco de Dados de São Paulo Ltda., Empresa do Grupo *Folha*



**Figura 93**

Fonte: Banco de Dados de São Paulo Ltda., Empresa do Grupo *Folha*



Em 1955, a *Folha da Tarde* publicava, de segunda a sábado, geralmente dez páginas no primeiro caderno e oito no segundo, os esportes ficavam na capa do segundo caderno. Na contracapa do primeiro caderno havia notícias gerais e na do segundo matérias policiais. Tomando como exemplo a edição da segunda-feira, 3 de janeiro de 1955, observamos as seguintes seções: a capa do primeiro caderno fez uma

retrospectiva dos fatos importantes em 1954, como eleições ao governo paulista, tragédias e crimes, turfe, futebol, inflação, produções cinematográficas, acontecimentos internacionais, a crise do governo getulista e o suicídio do presidente; na página 2, coluna *Trabalhismo* e notícias de crimes; na página 3, *Câmara Pitoresca* (temas sobre o que acontece na Câmara Municipal), a crise e o suicídio de Getúlio Vargas, a “violenta campanha eleitoral” ao governo paulista e diversos fatos internacionais; na página 4, uma retrospectiva da literatura de 1954; na página 5, matérias diversas sobre um abrigo para menores, o planeta Vênus que parecia disco voador, casos de poliomielite e malária, um enorme anúncio da Modas Clipper; na página 6, *Notas econômicas* e as matérias publicadas na *Folha da Noite* daquele dia; na página 7, *Vida escolar*, as mesmas reportagens publicadas na *Folha da Noite*; na página 8, turfe (algumas matérias são parecidas com as da *Folha da Noite*); na página 9, as produções cinematográficas de 1954 e uma lista de boates, bares e restaurantes publicadas na *Folha da Noite*; na página 10, notícias gerais. No segundo caderno, temos: futebol e atletismo na capa; na página 2, futebol e atletismo; na páginas 3, 4, 5, os melhores acontecimentos de 1954 no esporte e no turfe, mês a mês; na página 6, *Cartaz: Cinema-Teatro-Televisão-Circo* (como na *Folha da Noite*); na página 7, as colunas *O crime perante a lei tentativa*, *Boa Viagem*, filmes e notícias diversas e notícias policiais; na página 8, “crimes horrendos” de 1954.

**Figura 94**

Fonte: Banco de Dados de São Paulo Ltda., Empresa do Grupo *Folha*



**Figura 95**

Fonte: Banco de Dados de São Paulo Ltda., Empresa do Grupo *Folha*



**Figura 96**

Fonte: Banco de Dados de São Paulo Ltda., Empresa do Grupo *Folha*



Quanto à configuração visual, naquele ano de 1955, a *Folha da Tarde* seguiu, com predominância do vermelho na capa, alternando entre letras vazadas em fundo vermelho e em letras vermelhas, maior quantidade de fotos e maiores (Figura 94 [03/01/1955]). A capa do segundo caderno acompanhava a construção visual do primeiro caderno, com molduras, tarjas, manchetes e outros detalhes em vermelho (Figura 95 [03/01/1955]). As contracapas do primeiro e do segundo cadernos traziam algumas molduras e manchetes em vermelho, como na Figura 96 (03/01/1955)). O periódico continuava com dois cadernos, geralmente de oito a dez páginas cada um.

### 7.1.4 *Folh d Manhã*

A *Folha da Manhã* apresentou desde o início suas páginas em preto e branco com pouca variação em sua visualidade diagramática, exceto em algum tema específico como a capa de 22 de março de 1953 que apresentava, em uma configuração colorida, os dois candidatos do PSP à prefeitura paulistana. Tematicamente em 1955, o jornal progressivamente incluía mais reportagens sobre assuntos de caráter nacional em suas primeiras páginas do que em anos anteriores (Figura 97 [06/01/1955]). À esquerda do cabeçalho, identificava o tipo de mensagem que continha: "Assuntos Gerais" no primeiro caderno e "Assuntos Especializados" no segundo, nas edições de terça a sexta-feira (Figura 98 [04/01/1955] e Figura 99 [04/01/1955]). Não havia edição às segundas-feiras.

**Figura 97**

Fonte: Banco de Dados de São Paulo Ltda., Empresa do Grupo *Folha*

**Figura 98**

Fonte: Banco de Dados de São Paulo Ltda., Empresa do Grupo *Folha*

**Figura 99**

Fonte: Banco de Dados de São Paulo Ltda., Empresa do Grupo *Folha*



Aos domingos, a *Folha da Manhã* editava sete cadernos em média, incluindo outros temas específicos: "Assuntos Gerais" no primeiro caderno, "Vida Esportiva" no segundo caderno, "Assuntos Especializados I" no terceiro, "Assuntos Especializados II" no quarto, "Vida Social e Doméstica" no quinto, "Atualidades e Comentários" no sexto caderno; nas páginas internas havia um anúncio do Mappin com a logomarca impressa em cor-de-rosa, o único indício colorido em um jornal tradicionalmente monocromático, exceto o suplemento para o público feminino), "Suplemento Feminino da *Folha da Manhã*" (7º caderno), o único caderno impresso em cores na capa, contracapa e páginas internas, com muitas fotos, somente publicado aos domingos (Figura 100 [09/01/1955] e Figura 101 [09/01/1955]). As edições de fevereiro e março do mesmo ano mostravam a tendência à manutenção do mesmo padrão visual, com poucas fotos, grande quantidade de texto verbal ocupando quase toda a mancha, o logotipo do jornal centralizado no topo, letras serifadas (Figura 102 [17/02/1955]).

**Figura 100**

Fonte: Banco de Dados de São Paulo Ltda., Empresa do Grupo *Folha*



**Figura 101**

Fonte: Banco de Dados de São Paulo Ltda., Empresa do Grupo *Folha*



**Figura 102**

Fonte: Banco de Dados de São Paulo Ltda., Empresa do Grupo *Folha*



Tomando como exemplo a edição de terça-feira, 4 de janeiro de 1955, observamos as seguintes seções: na capa do primeiro caderno, matérias políticas, na maioria internacionais; na página 2, *De todo o mundo* e notícias nacionais diversas; na página 3, notícias políticas nacionais e internacionais; na página 4, *Assembleia Legislativa*, *Momento Literário*, *Momento Eleitoral*, *Pecuaría*; na página 5, mais

notícias políticas nacionais e poucas internacionais incluindo uma matéria sobre uma mulher condenada à morte na Índia; na página 6, *Cartaz: Cinema – Teatro – Televisão – Circo*; na página 7, *Artes – Teatro – Cinema – Rádio – Sociais, Museus e Galerias*; na página 8, turfe, *Notas Policiais, Vida Religiosa, Necrologia*; na página 9, futebol, turfe e atletismo; na página 10, notícias nacionais: política, eleição da rainha dos trabalhadores, celebração do Dia da Fraternidade Universal no SESI. No segundo caderno, temos: na capa, notícias nacionais sobre economia e política; na página 2, indicadores econômicos; na página 3, *Engenharia e Arquitetura, Ensino e Magistério, Administração e Funcionalismo, Para os estrangeiros*; na página 4, *Evolução Industrial* e classificados; na página 5, *Processos modernos*, agroeconomia, classificados; na página 6, classificados de imóveis e diversos; na página 7, *Biologia e Medicina, Direito e Justiça*, economia; na página 8, indicadores agrícolas e agronegócios.

#### **7.1.5 O Estado de S. Paulo**

De 1951 a 1955, na construção figurativa e temática do jornal *O Estado de S. Paulo*, aparentemente não houve maiores alterações. Em função disso, faremos nossa análise com base nas páginas de 1955. Suas edições permaneceram em preto e branco (Figura 103 [25/03/1955]). No dia 9 de janeiro de 1955, domingo, trazia um anúncio da Ultragaz na capa do primeiro caderno que ocupava praticamente toda a página (Figura 104 [09/01/1955]), tal a relevância dada pelo jornal aos anunciantes. Isto não significa que os outros jornais, como a *Última Hora*, não se preocupassem com a publicidade, ao contrário. Entretanto, na *Última Hora*, os classificados e anúncios, especialmente os de página inteira, não eram colocados nas capas, mas nas páginas internas, com raríssimas exceções observadas a partir de 1955. Laurenza comenta o avanço deste periódico na aquisição de publicidade:

A *Última Hora* era um concorrente forte que, em pouco mais de dois anos, dobrava sua tiragem inicial. Veiculava publicidade oficial, embora não a monopolizasse, e anúncios de grandes lojas de departamentos, sinal de que havia um consumo interno de produtos de bens duráveis (LAURENZA, 1998, p. 120).

Figura 103

Fonte: Biblioteca Mario de Andrade



Figura 104

Fonte: Biblioteca Mario de Andrade



Figura 105

Fonte: Biblioteca Mario de Andrade



Na edição do jornal *O Estado de São Paulo* de 09/01/1955, o segundo caderno possuía 16 páginas de anúncios classificados e a contracapa continha notícias de literatura. O terceiro, com 16 páginas de anúncios classificados, trazia notícias do interior de São Paulo. O quarto caderno, com 43 páginas de anúncios classificados, colocava informes internacionais em sua mensagem. Foi editado com um total de 100 páginas. Naquela época, os diretores ainda eram Plínio Barreto e Julio de Mesquita Filho, o redator-chefe era Marcelino Ritter, e a empresa estava localizada na rua Major Quedinho, 28 - Cidade de São Paulo.

No ano de 1955, ainda não havia circulação do jornal às segundas-feiras. De terça a sábado, o número de páginas de cada edição variava entre 28, 32 e 40, geralmente em um único caderno. Aos domingos, apresentava mais de 100 páginas distribuídas em vários cadernos (Figura 105 [27/03/1955]). Tomando como exemplo a edição do dia 14 de janeiro de 1955, terça-feira, temos as seguintes seções: política internacional nas duas primeiras páginas; política nacional na página 3 intitulada *O Momento Político*; *Tribunais* na página 4; notícias diversas de caráter nacional na página 5; *A Sociedade* na página 6; entretenimento, teatro, literatura, na página 7; artes, bibliografia de livros recomendados, página 8; anúncio de página inteira na página 9; *Notícias do Interior*, página 10; *Do Rio*, página 11; outras notícias internacionais, página 12; *Notícias Diversas* nas páginas 13 e 14; *Vida Esportiva* - futebol, página 15; *Vida Esportiva* - turfe, página 16; *Vida Esportiva* - diversos e tiras em quadrinhos,

página 17; *Parte Comercial*, páginas 18 e 19; *Indicador Médico*, página 19; anúncios e obituários, página 20; *Índice dos Anúncios Classificados*, página 21; anúncios classificados diversos ordenados por assunto, até a página 39; contracapa com notícias diversas, página 40. No dia 20 de janeiro de 1955, quinta-feira, encontramos também a seção *Sentença* (questões jurídicas) com cerca de quatro páginas, encabeçando a sequência de classificados.

Às quartas-feiras, o jornal publicava "O Suplemento Agrícola", em preto e branco, geralmente com oito páginas (Figura 106 [12/01/1955]), e às sextas-feiras, "O Suplemento Feminino", também em preto e branco, com cerca de oito páginas (Figura 107 [25/02/1955]). A edição de terça-feira, de 11 de janeiro de 1955 (Figuras 108 e 109), com 36 páginas, é um exemplo de como os esportes, neste caso futebol e o turfe, eram apresentados, nas páginas internas monocromáticas, diferentemente da *Última Hora* que dava a estas duas modalidades esportivas destaque na configuração visual e temática, multicromática, especialmente aos sábados, com muitas ilustrações, chamadas de destaque, textos verbais diversificados, com depoimentos e comentários.

**Figura 106**

Fonte: Biblioteca Mario de Andrade



**Figura 107**

Fonte: Biblioteca Mario de Andrade



**Figura 108**

Fonte: Biblioteca Mario de Andrade



**Figura 109**

Fonte: Biblioteca Mario de Andrade





## **7.2. SÍNTESE DAS FIGURAS E TEMAS PRESENTES NOS JORNAIS *ÚLTIMA HORA*, *FOLHA DA NOITE*, *FOLHA DA TARDE*, *FOLHA DA MANHÃ* E *O ESTADO DE S.PAULO***

Neste momento, apresentaremos uma análise detalhada, especialmente com relação à visualidade, das páginas da *Última Hora*, *Folha da Noite*, *Folha da Tarde*, *Folha da Manhã* e *O Estado de S. Paulo*, que foram examinadas na Introdução destacando a tematização. Para a *Última Hora*, selecionamos cinco periódicos com a finalidade de estabelecer mais pontos diferenciais entre eles com relação às figuras e aos temas. Mostraremos cinco páginas do jornal *Última Hora*, sucursal de São Paulo (um número maior de páginas que dos demais jornais por tratar-se de nosso *corpus*). Optamos por quatro capas (Figura 110, Figura 111, Figura 112 e Figura 113), selecionadas por sua diversidade temática e por pertencerem a tempos diferentes, a primeira de 1952, a segunda e a terceira do ano seguinte, a última de 1955, após o suicídio de Getúlio Vargas. Finalmente, examinaremos a capa do terceiro caderno (Figura 114) que normalmente tematiza o cinema, teatro e variedades, para estabelecer um estudo comparativo com a página sobre temas semelhantes do jornal *Folha da Noite*.

Para a *Folha da Noite*, selecionamos duas páginas: a primeira (Figura 115), capa do primeiro caderno, por constituir um exemplo que presentifica uma diversidade de elementos visuais e a segunda (Figura 116), capa do segundo caderno, foi selecionada por apresentar a mesma temática que no jornal *Última Hora* – cinema e teatro – auxiliando-nos a estabelecer elementos paralelos no estudo comparativo.

Quanto à *Folha da Tarde*, muitas imagens deste jornal já foram apresentadas, de modo que uma capa deste periódico é suficiente para abordar a recorrência dos elementos do plano de expressão e de conteúdo. Elegemos esta edição (Figura 117) em função da grande diversidade de temas e figuras, permitindo estabelecer maior abrangência de relações sincréticas com nosso *corpus*, o jornal *Última Hora*.

Para a *Folha da Manhã*, do mesmo modo que na *Folha da Tarde*, a quantidade significativa de suas páginas já comentada anteriormente, bem como suas isotopias sígnicas justificam a apresentação de uma única capa (Figura 118), selecionada por constituir uma amostra do padrão utilizado por este periódico até 1955 e em anos

posteriores. Com relação ao jornal *O Estado de S. Paulo*, como já dissemos, sua configuração visual e temática pouco mudou na década de 1950 (a exemplo da *Folha da Manhã*). Por este motivo e, em função de já termos observado, nesta seção, um número significativo de edições deste periódico, veremos apenas uma capa (Figura 119 [06/01/1955]), selecionada por representar elementos visuais e temáticos recorrentes.

**Figura 110**

Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo



A capa da *Última Hora*, da quarta-feira, 22/10/1952 (Figura 110), tiragem de 72.850 exemplares, apresenta a representificação dos elementos visuais e verbais distribuídos de modo assimétrico, porém proporcionando um equilíbrio estético. As notícias são hierarquizadas tematicamente, no plano de expressão, pela categoria eidética (o formato das fontes nos títulos) na dimensão, cromatismo e tipologia das letras, alternando-se entre as cores preto e azul, tipos com e sem serifa, em itálico ou não. A distribuição das

sete imagens fotográficas e a utilização de fios e tarjas separadores em preto e azul, que facilitam a leitura e a remissão dos elementos que acompanham o texto verbal, mostram uma preocupação do enunciador em tornar a informação e/ou interpretação mais clara para o enunciatário. Percebemos um padrão na configuração gráfica, em que os títulos de maior destaque localizam-se na metade superior da página. A manchete principal é impressa normalmente em fontes grandes sem serifa e na cor preta, remetendo à seriedade ou gravidade da notícia.

Nesta página, *Reforma administrativa à vista* aponta para a notícia principal que será detalhada na seção “O Dia do Presidente”, em que Vargas, “posto no corrente da

situação pelo embaixador Lourival Fontes”, deve providenciar os encaminhamentos administrativos. O jornal segue a lógica temática, privilegiando e divulgando as ações do governo federal: as palavras “Reforma administrativa” foram colocadas no início da frase para chamar a atenção do enunciário e avisá-lo de que Vargas está buscando soluções. Por outro lado, os títulos *Renuncia às imunidades para submeter-se a processo-crime* (em fontes azuis no topo da página), *Tombou o ônibus: oito feridos* (no centro à esquerda), e *Transformada a Alemanha na Nova Fronteira entre Ásia e Ocidente* (abaixo à direita) iniciam com o verbo, dando destaque à ação. Na hierarquização temática, as notícias nacionais têm mais importância, especialmente aquelas sobre a administração Vargas, do que as internacionais. Isto está claro na dimensão, cromatismo e topologia dos títulos e das imagens correspondentes.

**Figura 111**

Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo



A capa da *Última Hora*, terça-feira, 24/02/1953 (Figura 111), tiragem de 72.475 exemplares, apresenta maior diversidade cromática no plano de expressão. A manchete principal *Mobilização de São Paulo em favor dos flagelados*, em função de sua tipologia do tipo bastão de maior dimensionamento na cor preta, constitui a notícia principal da página. Observamos aí um recurso visual muito utilizado por este periódico para valorizar o impacto da enunciação, em que

as letras avançam para dentro da fotografia, que mostra, como diz a legenda, a “extrema penúria em que se debatem as populações sertanejas do Polígono das Secas, vivendo a maior tragédia da fome já verificada naquela região do País.” A temática dos flagelados é reforçada por uma ilustração de Edgard Koetz, centralizada e em relação de

contiguidade com a notícia sobre o mesmo assunto, que presentifica esquematicamente a situação de extremo sofrimento que vivem os moradores do sertão do Nordeste, combalidos, magros pela fome, arqueados pelo cansaço, com expressões de tristeza e preocupação. As caveiras e ossos de animais abandonadas no solo, à esquerda das famílias, remetem à impossibilidade de qualquer ser vivo, nesta região, subsistir ao flagelo da seca. A predominância da qualidade cromática da cor vermelha no primeiro plano e no plano de fundo sugere uma caminhada desalentadora sem fim, sem solução, em direção à extinção destes seres humanos, assim como está acontecendo com os animais. A figura da cerca do lado esquerdo remete ao isolamento e esquecimento em que vive esta população. A figura masculina em primeiro plano indicia uma liderança corajosa, de responsabilidade no comando do enfrentamento e sobrevivência em tal condição de penúria.

No lado direito desta ilustração, vemos o contraponto de uma foto de Darci Vargas, esposa de Getúlio, com uma chapéu de “madame”, à frente da entidade assistencial L.B.A., que fez um “emocionante apelo (...) aos sentimentos de solidariedade do povo brasileiro (...)”, solicitando “mobilização de todos, principalmente das chamadas classes privilegiadas” e pediu que não houvesse “interferência de grupos políticos ou partidários”, uma clara manifestação de solidariedade, aparentemente dispensando os frutos de uma fidelidade política ao governo federal, uma ação que compõe as estratégias populistas de que tratamos no corpo da tese. As sete fotos de dimensões e formas diferenciadas, retangulares, ora na vertical, ora na horizontal, ou em círculo, a diversidade cromática nos textos verbais, na ilustração e nas tarjas, todos os elementos dispostos em assimetria, porém planejados graficamente para produzir um sentido dinâmico na observação do leitor enunciatário. Os títulos *Com ligações em todo o País a quadrilha de contrabandistas* (no topo à direita) e *Normalizada a produção de energia para S. Paulo e Rio* (ao pé da página) têm sua sintaxe invertida: na primeira o sujeito foi colocado depois da locução adnominal (a ênfase foi dada às “ligações em todo o país”); o mesmo acontece no segundo caso, o sujeito relegado a segundo plano (com ênfase em “normalizada”, ou seja, não faltará energia para São Paulo.). A lógica das inversões aparece em outra isotopia, neste caso para salientar o adjetivo: *Rumorosa caça nos telhados do Brás a dois ladrões de armas*, ao invés de “caça rumorosa”. O título *Condenaram um inocente*, no alto à direita, dá destaque à ação “condenaram”. O fundo vermelho circunscrito a um retângulo, do qual parte uma longa flecha da mesma cor destinando o olhar do enunciatário para uma foto

ao pé da página também à esquerda, envolvida com tarja vermelha, sugere o sangue do crime cometido no Ibirapuera e a tragédia da condenação de um inocente.

Vemos também um destaque político: André Nunes, candidato à prefeitura de São Paulo, declara “*não sou comunista mas aceito o vosso manifesto*”, uma notícia que comenta os discursos de Nunes, e de seu vice de chapa, Nelson Rustici, apoiados também pelo PCB (Partido Comunista Brasileiro), conforme presentificado na chamada: “Os candidatos dos comunistas, André Nunes e Nelson Rustici, conduzidos pelas mãos do capitão Armando Gutenfreud.” Ou seja, o jornal afirma que os dois são os “candidatos dos comunistas”, mas Nunes diz que “*não é comunista*”, provavelmente para angariar os votos das camadas de ideologia diferente. Coincidência ou não, o caso da candidatura de Nunes está junto a outra reportagem sobre as eleições no sindicato dos bancários. Enfim, nesta página, temos, notícias sobre as ações do governo federal, sobre política, fatos policiais e questões sindicais, temas recorrentes no jornal *Última Hora*.

### Figura 112

Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo



A capa da *Última Hora*, segunda-feira, 23/03/1953 (Figura 112), segunda edição do dia, tiragem de 101.989 exemplares, apresenta onze fotos distribuídas pela página, o logotipo em letras vazadas sobre fundo no centro, dualidade cromática em azul e preto, fios separadores de colunas, tarjas em azul e preto delimitando *boxes*, contribuem para uma configuração visual que provoca a circularidade do olhar. A grande dimensão da tipologia em bastão na qualidade cromática em preto mostra que o título *Ação enérgica e decisiva do PTB em benefício*

*dos trabalhadores* é a manchete principal. O texto verbal está acompanhado de uma

foto de João Goulart, “reeleito Presidente do Diretório Nacional”, ao lado do correligionário Frota Moreira. Com o emblema do partido PTB (Partido Trabalhista Brasileiro) na camisa branca, Goulart está fazendo anotações ou assinando algum documento. Segundo a legenda, “João Goulart está abrindo os trabalhos da Convenção histórica ao lado do Sr. Frota Moreira.” A relação das figuras na foto com o tema da manchete modaliza a intenção de mostrar uma ação política, decisiva. Neste momento, o enunciador-editor do jornal procura estabelecer com o enunciatário um contrato comunicativo pela manipulação por sedução: para conquistar novos militantes, tendo à frente o presidente Getúlio Vargas, que já sofria, nesta data, muitas pressões da oposição.

O modo como o tema trabalhista está apresentado ratifica o apoio da *Última Hora* ao governo Vargas. Recordemos que no final deste mês iniciar-se-ia a grande greve dos 300.000 em São Paulo, que reuniu várias categorias de trabalhadores, à qual retornaremos mais tarde. Logo abaixo, a chamada “*Nada deterá a marcha da emancipação econômica e social de nossa Pátria*” refere-se à fala de Getúlio Vargas, relatada na seção, criada por Wainer, “Dia do Presidente”. Esta chamada constitui um reforço à notícia principal da capa, contribuindo para garantir que o contrato comunicativo pretendido seja aceito sem ressalvas pelo enunciatário-leitor. O título *Foi adiado por 24 horas o pronunciamento dos partidos* refere-se a uma notícia envolvendo o governador do estado de São Paulo na época, Lucas Nogueira Garcez, do PSP, na ocasião aliado ao partido do governo federal, o PTB. Apesar de constituir um pequeno *box*, foi, em algum grau valorizado, por ter sido colocado logo abaixo e colado à foto de João Goulart.

Em segundo lugar na hierarquia temática, em função da configuração no plano de expressão, a chamada *Gastaram os Partidos 200 milhões no pleito* acima à esquerda, na tipologia bastão na cor preta, em itálico, remete a um valor que poderia assumir a característica de denúncia. Praticamente no mesmo nível de relevância, a manchete na tipologia azul, em bastão e itálico *Não arredaram pé da Água Branca os fiscais eleitorais*, no topo à direita, encontra-se em relação de contiguidade cromática vertical com o título “*O Brasil é um dos mais seguros Baluartes da civilização latina*”, centralizado ao pé da página, mediado pelo azul do logotipo do periódico. Os primeiros dois títulos valorizam a ação, portanto o verbo está colocado em primeiro lugar. No terceiro, foi mantida a ordem – sujeito, predicado, complemento – por tratar-se de um tema que exige um tom de afirmação contundente, evitando os exageros no estilo.

A notícia internacional, em um *box* pequeno, fica ofuscada. As isotopias dos elementos do plano de expressão ratificam um enunciador que valoriza as questões nacionais, especialmente as políticas e, se possível, favoráveis a Getúlio. Os temas policiais seguem presentes, como nas três reportagens *Meia centena de detetives no encalço do esquartejador*, *Rolou da escadaria do viaduto*, e *Tombou morto abatido pelos golpes do rival*, valorizando, no primeiro, a dificuldade da polícia para prender o suposto bandido (“meia centena de detetives”) e, nos dois últimos, o verbo em primeiro lugar prioriza a ação.

Em 1955, os elementos visuais na configuração das páginas da *Última Hora*, acrescidos aos temas, fazem a diferença deste jornal, estão mais acirrados: cores mais vivas e diversificadas, assimetria mais acentuada de imagens e textos verbais, mantendo um equilíbrio estético, combinação de fontes vazadas e coloridas sobre fundos de tonalidades variadas. Saía com dois ou três cadernos na mesma edição, dependendo do dia e dos fatos noticiados.

**Figura 113**

Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo



A edição da *Última Hora*, quinta-feira, 06/01/1955 (Figura 113), tiragem de 79.300 exemplares, foi selecionada por constituir mais um exemplo de como o enunciador gráfico relaciona os temas e as figuras produzindo um sentido de circularidade visual, que leva o olhar do enunciatário a percorrer diversos pontos de vista, gerando dinamismo à página. A partir de 3 de agosto de 1953, Luis Fernando Bocayuva Cunha passou a assumir a direção do jornal 1954 e Wainer, formalmente, se afastou (PEREIRA, 1996, p. 43), com a finalidade de minimizar os

ataques da oposição ao jornal durante a CPI, instalada em março de 1953. A CPI

questionava as transações realizadas entre o Banco do Brasil e Wainer, e alegava que o último não era brasileiro – segundo as leis do país, estaria proibido de ser proprietário de qualquer meio de comunicação.

Na capa, o logotipo do jornal está acompanhado das informações sobre o corpo diretivo: Oscar Pedroso Horta (diretor), Samuel Wainer (fundador), L. F. Bocayuva Cunha (diretor super-intendente), ano (III) número de edição, local e data. A maioria das fotos não são posadas, nem previamente planejadas, são realizadas de improviso, com o máximo possível de movimentação das pessoas entrevistadas, como a o Getúlio lendo seu discurso e a imagem da senhora falando e gesticulando. A diversidade de cores, tipologias em destaque, textos verbais em fundo preto e em *box*, a distribuição assimétrica das imagens, pouca área de texto verbal, torna a página leve e digerível para o enunciário-leitor. As isotopias pictóricas de movimento, destaques em cor, tipologias diferenciadas, assimetria dos elementos, notícias menos extensas orientadas para a chamada nas páginas internas, produzem uma modalização de querer-saber no público leitor.

Existem onze reportagens nacionais e não há notícias internacionais na capa. A maioria é de caráter político, outras sobre acidentes/desastres, e policiais, em que a manchete principal, *Os frigoríficos monopolizam o gado*, tem um caráter denunciativo. Nesta manchete, não há troca dos elementos na sintaxe, talvez para reforçar o sentido da gravidade do assunto. Cinco títulos têm a estratégia do verbo antes do sujeito, induzindo à ação. O fundo vermelho da reportagem *Velocidade excessiva, Causa do Desastre*, remete ao sangue derramado.



**Figura 114**

Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo



A capa do terceiro caderno da *Última Hora*, quarta-feira, 16/02/1955 (Figura 114), foi selecionada em função do modo diferenciado que apresenta as temáticas cinema, teatro e moda, com uma profusão de elementos visuais coloridos posicionados em interface, assimétricos, em movimento, angulação irregular das figuras carnavalescas. Em toda a página estão espalhadas estrelas de diversos tamanhos em azul e vermelho, salientando os artistas de quem se fala.

Vemos fotos recortadas de personagens

fantasiados ou não, em pé, inclinados em direções opostas, um misto de colorido com branco e preto. A figura de um homem moreno no topo à esquerda, vestido com terno de gala branco, como se fosse maestro prestes a mandar tocar o samba carnavalesco preferido do público, pergunta: *Que preferem? O grande general da banda, o Maria Escandalosa, ou ainda, O boa boca?* O logotipo em fundo azul localizado no topo da página e a informação "3º Caderno" no rodapé, topologicamente distantes, diferenciam-se dos padrões usuais em que os dois elementos caminham juntos. Uma construção figurativa e temática que não encontramos nos outros periódicos do mesmo período.

**Figura 115**

Fonte: Banco de Dados de São Paulo Ltda., Empresa do Grupo *Folha*



Observaremos agora a *Folha da Noite*. Nesta capa de quarta-feira, 05/01/1955 (Figura 115), seis fotos em preto e branco (quatro maiores e duas pequenas) estão intercaladas com matérias com alguns títulos em plano de fundo azul e letras vazadas, uma ilustração colorida com a caricatura do General Canrobert Pereira da Costa, outra caricatura na metade inferior do ex-deputado estadual que não foi reeleito, Péricles Rolim, criticando o legislativo paulista, com várias tarjas azuis e vermelhas. O logotipo do jornal em azul, varia sua localização na

página, segundo a edição. Logo abaixo do logotipo, uma faixa preta com a mensagem em letras vazadas: "O vespertino dos lares", e, mais abaixo, o ano de publicação, o número da edição e as informações espaciais e temporais. Entre as fotos, temos a imagem do acidente que matou uma senhora, e duas outras que apresentam maior movimento: um grupo de pessoas andando, e uma tomada externa de pessoas sofrendo com as consequências da chuva. Seis das manchetes apresentam uma abertura que auxilia no entorno da notícia. Duas matérias são de caráter policial, quatro trabalhistas e sociais, quatro políticas. Todas nacionais. A ilustração colorida, assinada por NELO (José Nelo Lorenzon), apresenta a entrevista de um foca (jornalista principiante) e o General Canrobert Pereira da Costa. Aquele quer saber se este será candidato, utilizando a divertida linguagem própria do então eleito governador Jânio Quadros:

“FOCA – O senhor nunca foi candidato e não o é atualmente. Muito bem. Mas se-lo-á no futuro?  
 CANROBERT – Creio que não o serei.  
 FOCA – E sê-lo-ia se fosse convidado?”

CANROBERT – Mas, afinal, isto aqui é uma entrevista ou uma aula de conjugação de verbos?”

Não há notícias internacionais nesta capa. O único título que utiliza a inversão dos elementos sintáticos é *"Perfeitos ditadores é o que são os motoristas de taxi"*. Os restantes mantêm a ordem convencional da sintaxe: sujeito, verbo ou predicado, complemento. No nível temático, aparecem notícias sobre a UDN e os integralistas. Não está claro qual é a mensagem principal desta edição. Há quatro anúncios na capa: do Banco Hipotecário Lar Brasileiro, da Eternit, do Expresso Brasileiro e da Isnard. O Banco e a Isnard (loja de departamentos) podem induzir a um leitor-enunciário da classe média. No entanto, a tipologia dos títulos e manchetes diferenciada na dimensão e na cor, o sincretismo visual e verbal, a dominância da temática policial e social, indica que o destinador-manipulador também pretende efetuar um contrato de leitura através da sedução, modalizado para um enunciário-apreciador de notícias impactantes, irreverentes, pertencente a uma classe de nível educacional inferior.

### Figura 116

Fonte: Banco de Dados de São Paulo Ltda., Empresa do Grupo *Folha*



Na página da *Folha da Noite*, sexta-feira, 14/01/1955 (Figura 116), são apresentados informes sobre cinema, teatro e literatura, com seis fotos de artistas e cenas fílmicas em preto e branco, e três ilustrações em cor referentes a contos. A página está dividida em três partes, cinema, teatro e literatura: *Essa estranha e divertida gente do cinema...*, *O teatro da vida apresenta* e a seção "Folhinha". Todas as reportagens são internacionais. Os dois contos da seção "Folhinha" (*Lenda das Amendoeiras*, *Notinhas de calças curtas*) são contextualizados em Portugal e em Londres. Diferentemente da *Última Hora*, que procura contextualizar suas reportagens e histórias no ambiente brasileiro, como vimos na Figura 114. Os temas e os contos

internacionais presentes nesta página da *Folha da Noite* atendem um enunciário-leitor das classes medianas e altas.

**Figura 117**

Fonte: Banco de Dados de São Paulo Ltda., Empresa do Grupo *Folha*



Quanto à *Folha da Tarde*, a capa da segunda-feira, 10/01/1955 (Figura 117), apresenta o logotipo em letras vermelhas, serifadas, sem inclinação, e a mensagem verbal "O vespertino das multidões" logo abaixo, local e data. Acima à esquerda, a razão social e a diretoria: *Folha da Manhã S.A.*, diretor-presidente Alcides Ribeiro Meirelles, diretor-superintendente José Nabantino Ramos, diretor-comercial Clóvis Medeiros de Queiroga, redator-chefe Ruy Bloem, secretário da redação Mário de Araújo Lobo, o endereço da sede e telefone. Esta

capa de primeiro caderno alterna títulos em vermelho e em P/B, organizada em oito colunas, com duas fotos ocupando a extensão de duas colunas à esquerda, e cada uma das colunas restantes tem uma foto inserida. Exceto a fotografia de Marilyn Monroe, num plano de fundo em vermelho, todas as outras foram impressas em preto e branco.

No total, são oito fotos, dezesseis notícias internacionais e nove nacionais. De 25 notícias, 11 pertencem às categorias policial e desastre, quase 50 %, indiciando uma manipulação-sedução do enunciador ao enunciário-leitor através de fatos impactantes. A utilização destas isotopias mostra que a orientação dominante da emissão é atingir especialmente segmentos de público cuja percepção é sensibilizada por tragédias e crimes. Por outro lado, a pluralidade temática de notícias internacionais e nacionais também indicia um enunciador-manipulador que tenta modalizar outros segmentos de

leitores interessados em matérias de cunho político ou econômico, das camadas mais elevadas.

Na capa, encontramos, além de uma auto-publicidade, quatro anúncios: "Super Tinta", "O segredo dos fortes" (remédio para a virilidade), da Isnard (que patrocina o *Placar Esportivo*) e da empresa de transportes Expresso Brasileiro. Este tipo de publicidade também modaliza um enunciatório da classe média. A inversão verbo-sujeito não é observada, exceto nos títulos *Acentua-se a desarmonia entre Costa Rica e Nicarágua*, *Revelam-se agora os motivos que originaram a revolta dos cadetes e Aceleram-se os preparativos para a restituição dos depósitos do B.N.I.*, em que é utilizada a voz passiva sintética para ressaltar o sentido de ação. As fotografias espalhadas pela página causam a impressão de que se pretendia um equilíbrio com o texto, mas aparentemente não havia um *design* pré-estabelecido.

### Figura 118

Fonte: Banco de Dados de São Paulo Ltda., Empresa do Grupo *Folha*



Veremos agora a *Folha da Manhã*. Esta edição da sexta-feira, 04/02/1955 (Figura 118), está toda em preto e branco. O logotipo do jornal centralizado no topo em letras serifadas maiúsculas. No cabeçalho, à esquerda, a referência ao número de cadernos desta edição (2 cadernos), e contíguo a esta o nome do caderno relativo à sua temática: "Assuntos Gerais". À direita, acima, o índice classificatório sugere o conteúdo temático. Logo abaixo do logotipo, a razão social da empresa, cidade, data da publicação, e o número da edição:

9.468. Temos duas fotos pequenas e uma ilustração com a caricatura de Adhemar de Barros, vestindo uniforme militar, repleto de medalhas sobre o peito, fumando um cigarro, segurando um documento de *Habeas Corpus* na mão esquerda, admirando-se

num espelho esférico mais alto que ele, e a legenda: *Ademar - Preciso ir-me preparando. Andam falando tanto em candidatura militar...* A assinatura do cartunista não está clara. Observamos uma crítica do enunciatório ao adhemarismo e à sua pessoa, sugerindo um público leitor elitizado, ou de oposição à política de massas (Esta ilustração foi publicada na *Folha da Noite* do dia anterior e estava sendo repetida na *Folha da Manhã*).

Cerca de 70% de notícias do exterior em média na sua capa sinalizam um enunciatório-leitor cuja percepção sensível se encontra no nível da aparência; é constituído do actante destinatário modalizado pelo querer-saber o que para ele parece mais importante: o estrangeiro, vinculado à competência cognitiva, isto é, quem está bem informado sobre os fatos do exterior parece pertencer a uma classe mais elevada, superior segundo os parâmetros classificatórios capitalistas de entorno. Os 30% restantes de notícias nacionais atendem também a este público, cujo interesse na política nacional provavelmente tem o objetivo de aplicar seu capital adequadamente, e, além disso, ampliando o escopo de enunciatórios para segmentos intelectualizados com interesse na política nacional, ou da classe média.

A manchete considerada principal, no topo da mancha abaixo do cabeçalho, é bem dimensionada, sinalizando alguma hierarquização pela ordem de importância do tema, o que não acontece em relação aos demais títulos, com tamanhos e tipologias diversas.

Dois pequenos anúncios, "Moléstias nervosas" e propaganda do uísque "Old Parr", reforçam a isotopia de um público das classes elevadas. Nos títulos *Reconhece o sr. Salvo de Almeida a inocência do sr. Sales Santos, Rejeitado por Pequim o convite do Conselho de Segurança da ONU, Eleito o Sr. Carlos Luz para a presidência da Câmara Federal, Examinados na conferência da Commonwealth os problemas da defesa do sudeste asiático e Transferido ontem para a penitenciária o ex-tenente-aviador Franco Bandeira*, o verbo foi antecipado para enfatizar a ação. No título *Considera-se imperativo o retorno dos grupos escolares ao regime de dois períodos*, foi utilizada a voz passiva sintética pelo mesmo motivo.

**Figura 119**

Fonte: Biblioteca Mario de Andrade



A capa do jornal *O Estado de S. Paulo*, quinta-feira, 06/01/1955 (Figura 119), de um único caderno de 40 páginas, em preto e branco, o logotipo centralizado no cabeçalho, em letras do tipo bastão sem serifa, com local e data, apresenta, à esquerda, os primeiros diretores do jornal e períodos de seus respectivos mandatos - Americo de Campos 1875 - 1884, Francisco Rangel Pestana 1875 - 1890, Julio Mesquita 1891 - 1927, Nestor Rangel Pestana 1927 - 1932 - e, à direita, os preços do exemplar avulso e da assinatura, a localização da redação, oficinas e publicidade, e telefones

para contato. Logo abaixo do título do jornal, centralizado, destaca-se o nome de Julio Mesquita e datas de nascimento e falecimento, o patriarca da empresa; descendo mais um pouco, os atuais diretores, Plínio Barreto e Júlio de Mesquita Filho, ano da publicação, número da edição, e o redator-chefe Marcelino Ritter.

Simetricamente separado em oito colunas com fios, o suporte impresso está quase todo ocupado por texto verbal, com poucos intertítulos entre as reportagens, dificultando a leitura de um enunciatório de nível educacional inferior. Quatro pequenas fotos estão distribuídas na página. Não está claro qual é a manchete principal. Parece não haver uma preocupação em hierarquizar as notícias segundo sua importância. A tipologia dos títulos parece aleatória, em sua maioria serifada, em caixa alta e baixa. Quanto à tematização, dezenove reportagens da capa (a vitrine desta edição) são internacionais, somente *uma notícia* sobre o Brasil, mesmo assim, proveniente de uma agência norte-americana, a *United Press*.

Os títulos *Instalada a 84ª legislatura do Congresso norte-americano, Realizada em março a visita de Scelba aos EUA, Confirmada a próxima entrevista de Mendes-*

*France com Adenauer, Participará o Japão da conferência afro-asiática e Chegou ontem a Saigon o cardeal Francis Spellman* apresentam o verbo em primeiro lugar privilegiando o sentido de ação. O fato de as notícias nacionais não participarem da primeira capa demonstra hierarquicamente que os assuntos estrangeiros estavam em primeiro lugar nas rodas de debates de uma camada social que vinculava o conhecimento dos fatos do exterior à boa educação, e atitudes elitizadas, embora isto pudesse acontecer somente na superfície, conforme o discurso ideológico capitalista. Podemos deduzir, portanto, que o público-alvo, leitor-enunciário de *O Estado de S. Paulo* era constituído especialmente pelas classes sociais mais altas.

Vários tipos de anúncios estão presentificados nesta capa: "Astrólogo Dorsan" (elabora "horóscopos científicos"), "La Casserole" (restaurante), "L'Amiral" (Casa de Entretenimento), "La Table du Roy" (restaurante francês), "Clínica de doenças de senhoras", "Varizes - Úlceras das Pernas", "Dr. Peregrino Jordão" (médico – "tratamento de moléstias das vias urinárias"), "O Truste - Casa das Cortinas", "Goomtex" (capas de chuva), "A Construtora Tosato Ltda.". Os enunciários destes anúncios precisam dispor de um confortável saldo financeiro para adquirirem tais serviços (dois restaurantes franceses, médico especialista, tratamento de varizes, etc.), concorrendo para a fundamentação de que o público deste periódico pertencia às classes elevadas. Diferentemente da *Última Hora*, que inseria seus anúncios nas páginas internas, a publicidade do jornal *Estado de S. Paulo* estava bastante presente em suas capas.

A construção dos temas e figuras dos periódicos estudados permitiram apontar algumas observações:

Na *Última Hora*: a assimetria nos textos visuais e verbais é constante; há abundância de cores; as notícias são hierarquizadas pela cor, dimensão e posicionamento de seu título; as manchetes de maior destaque localizam-se na parte superior da página; encontramos diversidade de formas nos elementos visuais; fotos e/ou ilustrações retangulares, circulares e quadradas, bem como em ângulos diferentes (na vertical, inclinadas, tombadas ou recortadas) podem estar presentificadas na mesma página, induzindo dinamismo; encontramos recorrência de ilustrações; a distribuição da significativa quantidade de imagens fotográficas na página e a utilização de fios e tarjas separadoras em cores diferenciadas, com a inclusão de flechas orientadoras, tornando a página mais arejada, mostram a preocupação do enunciador em facilitar a leitura para seu público; a maioria das fotos são de improviso e personagens em imagens diferentes



parecem se comunicar; as reportagens nacionais em geral (não apenas as que incluem o governo Vargas) são recorrentes e em quantidade muito maior que as internacionais; as manchetes principais, quando de tema político, são geralmente em letra do tipo bastão, bem dimensionada na largura e na altura, e na cor preta; os títulos que também devem ter destaque, mas de menor importância que a manchete principal, são apresentados em cores diferentes e as fontes no mesmo tamanho ou um pouco menores, às vezes em itálico, e topologicamente ao pé da página, aproveitando a circularidade do olhar do enunciário; frequentemente todas as primeiras palavras de um título são em caixa alta, expediente que pouco aparece nos periódicos concorrentes; muitas vezes as letras das manchetes avançam para dentro das fotos ou ilustrações; os temas de penúria e injustiças sociais estão quase sempre presentes.

Na *Folha da Noite* (na nova configuração visual): os elementos visuais e verbais são distribuídos assimetricamente, porém em linhas retas; possui diversidade de cores; a hierarquização dos títulos é realizada através das cores, da dimensão e do posicionamento dos títulos, mas muitas vezes não está bem definida; normalmente a manchete principal está posicionada no topo da página; as formas dos elementos visuais são quadrados ou retângulos posicionados na vertical e em linhas paralelas; algumas fotos são recortadas; são utilizados separadores como fios e tarjas coloridos; raramente as letras de títulos avançam nas imagens ou mesclam-se com elas; há ilustrações e grande quantidade de fotos nas capas; antes da criação da *Última Hora*, os temas internacionais eram recorrentes; no novo projeto visual, as questões nacionais passaram a ser muito abordadas, mas geralmente do ponto de vista empresarial.

Na *Folha da Tarde* (na nova configuração visual): os elementos visuais e verbais estão distribuídos simetricamente e paralelamente em colunas; assimetria no período de transição para a nova forma visual; as cores utilizadas são o vermelho e gradações de cinza; a hierarquização formante dos títulos não está definida, exceto a manchete principal que geralmente está localizada logo abaixo do nome do jornal; os elementos visuais são quadrados ou retângulos posicionados paralelamente; em 1955, os retângulos são mais recorrentes; a maior parte dos separadores são fios na cor preta, mas também encontramos algumas tarjas vermelhas; o texto verbal e a imagem ficam em áreas separadas (não há integração entre os dois elementos); temos a presença de um número significativo de fotos, porém pequenas, e a grande maioria das pessoas posando; os temas internacionais são majoritários em relação aos nacionais.

Na *Folha da Manhã*: os elementos visuais e verbais são distribuídos simetricamente e paralelamente em colunas; a visualidade da página fica compactada com a grande quantidade de texto verbal; há apenas gradações de branco e preto - muito raramente encontramos alguma cor; a hierarquização formante dos títulos não está definida, exceto a manchete principal que geralmente se localiza logo abaixo do nome do jornal; as formas dos elementos visuais são quadrados ou retângulos posicionados paralelamente; as poucas fotos são geralmente pequenas em relação à página; quando há ilustração, esta é em P/B; as colunas são separadas por fios pretos; o texto verbal e a imagem ficam em áreas separadas (não há integração entre os dois elementos); as notícias, em sua maior parte, são internacionais.

No jornal *O Estado de S. Paulo*: os elementos visuais e verbais estão distribuídos simetricamente e paralelamente em colunas; a visualidade da página é densa devido à grande quantidade de texto verbal; há somente gradações de branco e preto - raramente encontramos alguma cor; há indefinição quanto à hierarquização dos títulos, a manchete principal geralmente está localizada no topo do jornal, à direita ou à esquerda; as formas dos elementos visuais são quadrados ou retângulos posicionados paralelamente; as poucas fotos são geralmente pequenas; as colunas são separadas por fios pretos; o texto verbal e a imagem ficam em áreas separadas (não há integração entre os dois elementos); raramente traz notícias nacionais em suas capas.

# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)